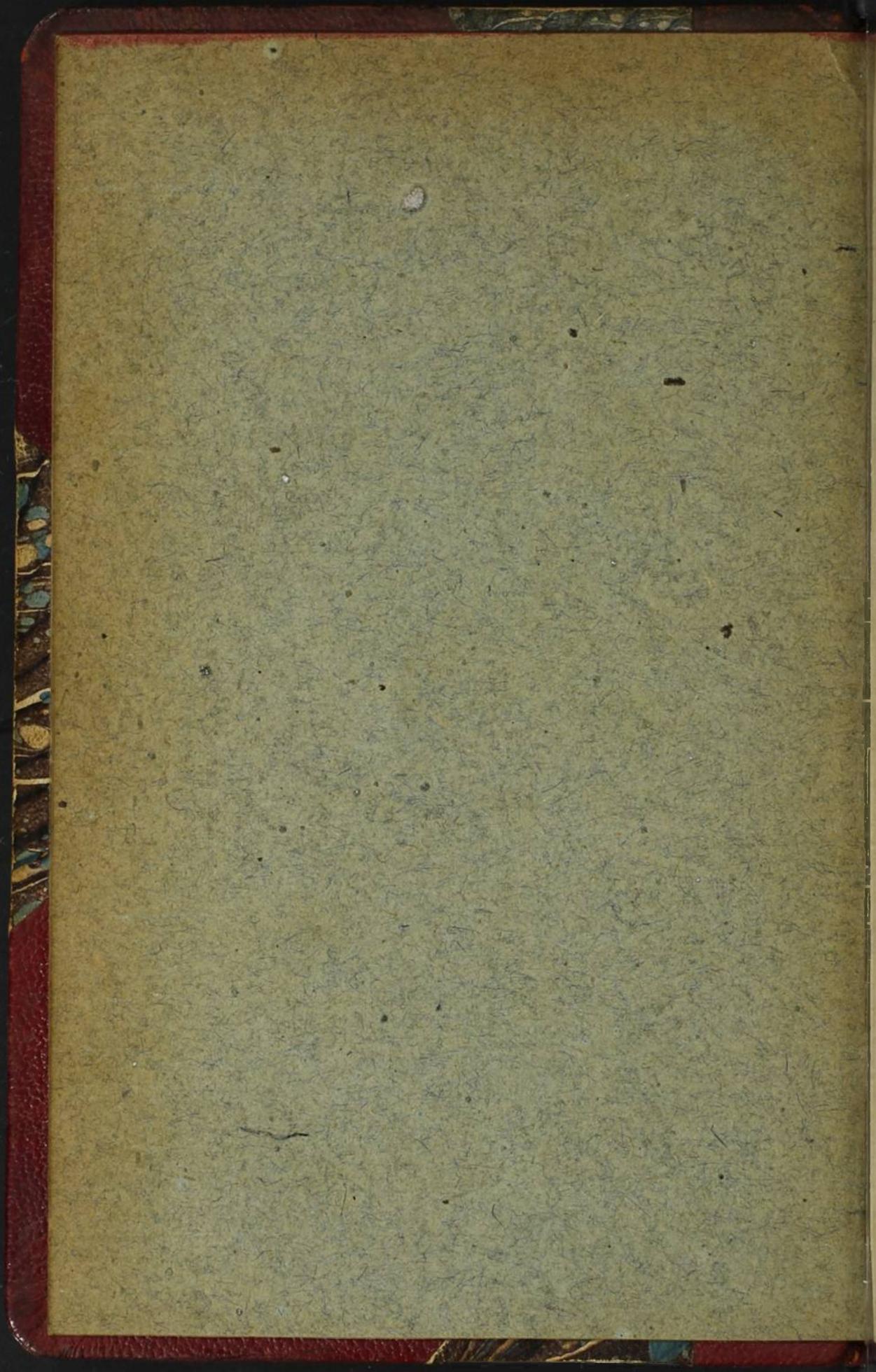




TYPOGRAPHIA, ENCADERNAÇÃO
E DOURAÇÃO

WERNER, LIMA & Cia.

R. Possidonio Ignacio, 4-A
S. PAULO



NOVELLAS

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

OBRAS DIVERSAS

J. de Alencar

- O GUARANY, rom. brasileiro, 4ª edição, 2 v. in-8º enc. 8\$000
 O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª ed. 1 v. br. 1\$500
 MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. br. 2\$000
 VERSO E REVERSO, com. em 2 actos, 2ª ed. 1 v. br.. 1\$000
 AS AZAS DE UM ANJO, com. em 1 prologo, 4 actos e 1 eplio, 2ª edição, 1 v. br.... 2\$000

G. M.

- SENHORA, perfil de mulher,
 DIVA, perfil de mulher, 3ª ed.
 1 v., (no prelo).
 LUCIOLA, perfil de mulher, 3ª ed.
 1 v. enc..... 3\$000

J. M. de Macedo

- OS QUATRO PONTOS CARDEAES.—
 A MYSTERIOSA. Romances, 1 gr. vol. 8º, enc. 3\$. br. 2\$500
 AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão, 2 v. broch. 5\$. enc. 7\$000
 VICENTINA, 3ª edição, 3 v. br. 5\$, enc..... 7\$000
 O FORASTEIRO, romance brasileiro, 2ª ed. 3 v. in-8º, enc. 7\$, br..... 5\$000
 A NEBULOSA, 1 v. enc.. 3\$500
 THEATRO COMPLETO, 3 v. enc. 9\$ encadernação dourada. 12\$000

- CINCINATO QUEBRA LOUÇA, com.
 1 v. in-8º br..... 2\$000
 LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8º br. 2\$000
 LUSBELLA; comedia 1 v. in-8º, br..... 1\$500
 FANTASMA BRANCO, comedia 1 v. in-8º br.. 1\$500
 NOVO OTHELLO, comedia, 1 vol. in-8º br..... \$500
 O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia, 1 v. in-8º br..... 1\$000

Bernardo Guimarães

- O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria de Muquem, na provincia de Goyaz, rom. de costumes nacionaes, 1 v. enc..... 3\$000

J. Norberto de S. e S.

- BRAZILEIRAS CELEBRES, 1 v. in-8º enc. 2\$000
 FLORES ENTRE ESPINHOS, contos poeticos, 1 v. in-8º enc. 2\$000

Eugenio Sue

- A INVEJA, 1 v. in-fo enc. 5\$, brochado..... 4\$000
 A IRA, 1 v. in-fo enc. 3\$, b. 2\$000
 A SOBERBA, 1 v. in-4º enc. 8\$000
 br..... 6\$000

Moreira de Azevedo

- MOSAICO BRAZILEIRO, 1 v. in-8º enc. 3\$000

BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

- Macé (João).—Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina acerca da vida do homem e dos animaes, 1 v. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
 Hugo (Victor).—Noventa e tres, Guerra civil, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
 Verne (Julio).—Vinte Mil Leguas Submarinas, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
 — O Capitao Hatteras, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
 Kardec (Allan).—O Livro dos Espiritos, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
 Debay (A).—Physiologia do Matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados nas suas mais curiosas particularidades, 1 grosso v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000

THEOPHILO GAUTIER

NOVELLAS

TRADUCÇÃO

DE

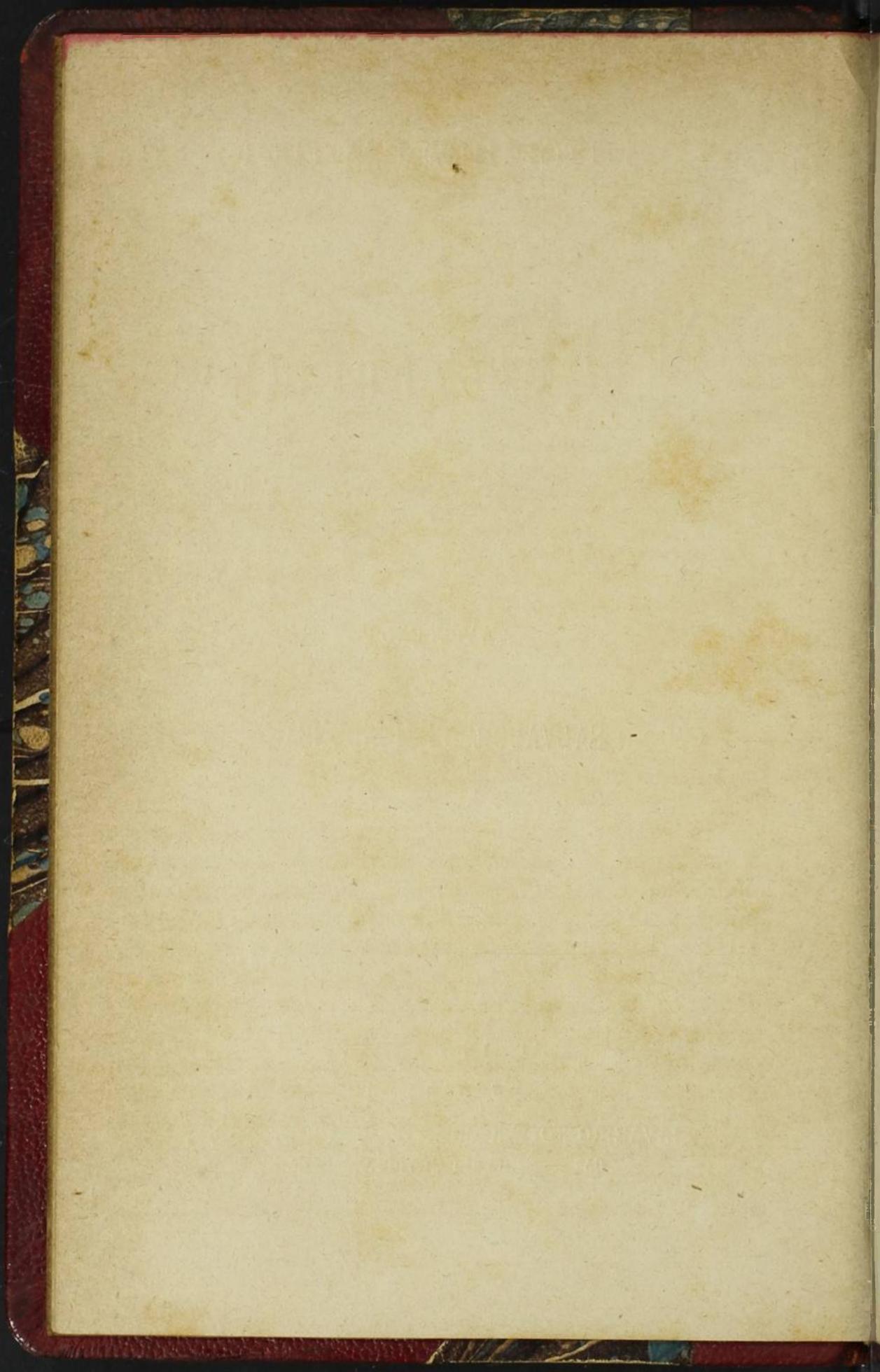
SALVADOR DE MENDONÇA

RIO DE JANEIRO

B. L. GARNIER

LIVREIRO-EDITOR DO INSTITUTO HISTORICO

65 — Rua do Ouvidor — 65



O VELOCINIO

CAPITULO PRIMEIRO

Tiburcio era realmente um moço singularissimo; a sua singularidade tinha principalmente a vantagem de não ser affectada, pois não a deixava, como o chapéu e as luvas, ao entrar em casa: era original entre quatro paredes, sem espectadores, para si só.

Peço-lhes que não supponham que Tiburcio era ridiculo e tinha alguma dessas manias aggressivas, intoleraveis para todos: não comia aranhas, não tocava instrumento algum e a ninguem lia versos; era um rapaz socegado, tranquillo, fallando pouco, escutando ainda menos, e cujos olhos entreabertos pareciam olhar para dentro.

Vivia acocorado na extremidade de um divan, apoiado por cada lado por um monte de almofadas,

importando-se tão pouco com as cousas de seu tempo como do que se passa na lua. Havia muito poucos substantivos que produzissem effeito sobre elle, e nunca houve pessoa menos sensível a palavrões. Não dava nenhuma importancia aos seus direitos politicos, e tinha que o povo é sempre livre na taverna.

As suas idéas sobre todas as cousas eram muito simples: preferia nada fazer a trabalhar; preferia o vinho bom á zurrapa, e a mulher bonita á feia; em historia natural tinha uma classificação muito succinta: o que se come e o que não se come. Tinha demais a mais completo desprendimento de tudo quanto era humano, e era por tal fórma rasoavel que parecia doido.

Não tinha o minimo amôr proprio; não se julgava eixo da criação, e comprehendia perfeitamente que a terra pudesse mover-se sem elle; não se tinha em conta muito superior ao acaro do queijo ou aos infusorios do vinagre; deante da eternidade e do infinito não tinha animo de ser vaidoso; tendo algumas vezes olhado com o microscopio e o telescopio, não exaggerava a importancia do homem; a sua estatura era de cinco pés e quatro pollegadas, mas dizia consigo que os habitantes do sol podiam ter muito bem oitocentas leguas de altura.

Tal era o nosso amigo Tiburcio.

Depois disto, andaria mal quem suppuzesse que Tiburcio não tinha paixão. Debaixo das cinzas desta tranquillidade estava sopitado mais de um tição ardente. No entanto não lhe conheciam amante propriamente dita, e mostrava-se pouco galanteador com as mulheres. Tiburcio, como quasi todos os moços de hoje, sem ser nenhum poeta ou pintor, tinha lido muitos romances e visto muitos quadros; como bom preguiçoso que era, preferia viver na fé de outrem; amava com o amôr do poeta, olhava com os olhos do pintor e

conhecia mais retratos que semblantes; tinha repugnancia á realidade, e, depois de viver continuamente nos livros e nas pinturas, chegára ao ponto de já não achar verdadeira a natureza.

As madonas de Raphael, as cortezãs do Ticiano tornavam para elle feias as bellezas mais notorias; a Laura de Petrarca, a Beatriz do Dante, a Haydêa de Byron, a Camilla de André Chénier faziam-lhe parecer vulgares as mulheres de chapéu, de vestido e de mantelete de que pudesse vir a ser amante; não exigia entretanto nenhum ideal com azas de pennas brancas e uma auréola em torno da cabeça; mas os seus estudos acerca da estatuaria antiga, as escholas da Italia, a familiaridade com as obras primas da arte, a leitura dos poetas tornaram-no em extremo delicado em assumpto de fórma, e ser-lhe-hia impossivel amar a mais bella alma da terra, si não tivesse as espaduas da Venus de Milo. Porisso Tiburcio não andava enamorado de pessôa alguma.

Essa preocupação da belleza trahia-se na quantidade de estatuetas, de gessos moldados, de desenhos e gravuras que enchiam-lhe e forravam-lhe a camara, que um burguez acharia habitação pouco conveniente; pois não tinha outros moveis além do divan supracitado e algumas almofadas de diversas côres espalhadas no tapete. Como não tinha segredos, dispensava facilmente um secretario, e o incommodo das commodidades era para elle facto demonstrado.

Tiburcio raro apparecia na sociedade, não porque fosse rude, mas porque era indolente; recebia muito bem os amigos e nunca lhes pagava a visita. Era Tiburcio feliz? não, mas infeliz não era; desejava, porém, poder vestir-se de vermelho. Os superficialões accusavam-no de insensibilidade, e as mulheres com dono não lhe achavam alma, mas no fundo tinha um coração de ouro e a sua investigação da belleza phy-

sica trahia para olhos observadores amargas decepções no mundo da belleza moral. Em falta da suavidade do perfume, buscava a elegancia do vaso; não se lamentava, não fazia elegias, não mostrava chorar, mas via-se perfeitamente que tinha soffrido n'outro tempo, que fôra enganado, e que não queria amar sinão pensadamente. Como a dissimulação do corpo é muito mais difficil que a da alma, limitava-se á perfeição material; mas, ai! um bonito corpo é tão raro como uma bonita alma. Demais Tiburcio, estragado pelos devaneios dos romancistas, vivendo na sociedade ideal e encantadora creada pelos poetas, com o olhar cheio de obras primas da estatuaria e da pintura, tinha o gosto desdenhoso e soberbo, e o que tomava por amôr não passava de admiração de artista. Achava incorrecções de desenho na amante; sem que o soubesse, a mulherera para elle apenas um modelo.

Um dia, tendo fumado o seu hooka, contemplado a a triplice Leda do Corregio no seu quadro rendilhado, voltado em todos os sentidos a ultima estatueta de Pradier, segurado no pé esquerdo com a mão direita e o pé direito com a esquerda, posto os calcanhares na beira da lareira, Tiburcio, esgotados os seus meios de distracção, viu-se obrigado a concordar consigo mesmo que já não sabia o que fazer, e que as parda-centas aranhas do aborrecimento desciam ao longo das paredes de seu quarto coberto com a poeira da somnolencia.

Perguntou que horas eram; responderam-lhe que era uma hora menos um quarto, cousa que lhe pareceu decisiva e sem réplica. Mandou que o vestissem e começou a vagar pelas ruas; andando, ia reflectindo que tinha o coração vasio e sentiu necessidade de fabricar uma paixão, como se diz em giria pariziense.

Tomada esta louvavel resolução, fez a si proprio as seguintes perguntas: — Amarei uma hespanhola

com tez de ambar, sobancelhas salientes e cabellos de azeviche? uma italiana com lineamentos antigos e palpebras alaranjadas encerrando um olhar de chamma? uma franceza delgada com o nariz a Roxelana e pé de boneca? uma judia vermelha com pelle azul-celeste e olhos verdes? uma negra escura como a noite e luzente como o bronze novo? Terei uma paixão morena, ou uma paixão loura? Perplexidade suprema!

Caminhando com a cabeça baixa ao pensar em tudo isto, deu uma encontroadella n'uma cousa dura que deu um salto para traz, praguejando horrivelmente. Essa cousa era um pintor seu amigo: entraram ambos no Museu. O pintor, grande enthusiastita de Rubens, parava de preferencia deante das telas do Miguel Angelo neirlandez, que louvava com uma furia de admiração totalmente communicativa. Tiburcio, farto da linha grega, do contorno romano, do tom fulvo dos mestres de Italia, deleitava-se com essas fórmulas rechonchudas, com essas cutis assetinadas, com essas carnações expandidas como ramalhetes de flôres, com toda essa saude luxuriante que o pintor de Anvers faz circular sob a pelle das suas figuras em redes azuladas e vermelhas. O seu olhar acariciava com sensualidade complacente essas formosas espaduas nacaradas e essas cadeiras de sereias inundadas de cabellos dourados e de pérolas marinhas. Tiburcio, que possuia poderosissima faculdade de assimilação e que comprehendia egualmente bem os typos mais oppostos, estava nesse momento tão flamengo como si nascêra nos polders e nunca houvera perdido de vista o forte de Lillo e a torre de Antwerpen.

— Estou resolvido, disse consigo ao sahir da galeria, amarei uma flamenga.

Como Tiburcio era o homem mais logico do mundo, fez este raciocinio muito bem cabido, isto é, que as

flamengas deviam ser muito mais communs em Flandres do que em outra qualquer parte, e que era-lhe urgente ir á Belgica á caça do louro. Este Jasão de nova especie, em busca de novo vellocinio, tomou nessa mesma noite a diligencia de Bruxellas com a precipitação de um bancarroteiro cançado do commercio dos homens e sentindo necessidade de deixar a França, terra classica das bellas-artes, dos bellos dotes e dos officiaes de justiça.

Ao cabo de algumas horas, Tiburcio viu apparecer, não sem jubilo, nas taboletas das tavernas o leão belga sob a fórma de um cão d'agua com calças de ganga, seguido inevitavel *Verkoopt men dranken*. No dia seguinte á noite passeiava em Brnxellas na Magdalena-Stras, subia a Montanha de hortaliças, admirava as vidraças de Sancta Gudula e o campanario do palacio da municipalidade, e contemplava com alguma inquietação quantas mulheres passavam.

Encontrou um numero incalculavel de negras, de mulatas, de quarteronas, de mestiças, de mamelucas, de mulheres amarellas, de mulheres côr de cobre, de mulheres verdes, de mulheres côr de canhão de bota, mas nem uma só loura; si fizesse um tanto mais de calôr, suppor-se-hia em Servilha; nada faltava, nem mesmo a mantilha preta.

No entanto, voltando para a sua hospedaria na rua do Ouro, viu uma rapariga que não passava de castanho-escuro, mas era feia; no dia seguinte viu tambem, perto da residencia de Laeken, uma ingleza com cabellos vermelhos côr de cenoura e botinas verdeclaro; mas tinha a magreza de uma rã fechada a seis mezes n'um vaso para servir de barometro, cousa que a tornava assas impropria para realisar um ideal no gosto de Rubens.

Vendo que Bruxellas só era povoada de andaluzas de seio moreno, o que, no fim de contas, explica-se

mui facilmente pela dominação hespanhola que por muito pesou sobre os Paizes Baixos, Tiburcio decidiu-se a ir a Anvers, pensando com alguma rasão que os typos familiares a Rubens e tão constantemente reproduzidos nas suas tellas deviam encontrar-se frequentemente na sua cidade natal e bem-ancada.

Conseguentemente dirigiu-se para a estação do caminho de ferro que vae de Bruxellas a Anvers. O cavallo mecanico tinha já comido a sua areia de carvão, bufava impaciente e soprava pelas narinas inflammadas com rugido estridente espessas bufadas de fumaça branca entremeadas de cristas de faiscas. Tiburcio sentou-se na sua cadeira em companhia de cinco Wal-lons immoveis nos seus logares como conegos no cabido, e o trem sahiu. A marcha a principio foi moderada; não se viajava ainda mais depressa do que em um carro de posta a dez francos por muda; bem depressa o cavallo animou-se e tomou-se de incrível furia de velocidade. Os choupos da entrada fugiam a qma e outra parte como um exercito derrotado, a paizagem tornava-se confusa e esfumava-se com um vapor indeciso; a couve sylvestre e a cravina mosqueavam com as suas estrellas douradas e azues as zonas escuras do solo; de longe em longe o esguio perfil de um campanario surgia entre rôlos de nuvens e desaparecia immediatamente como um mastro de navio no mar cavado; pequenas tavernas côr de rosa ou verde-claro esboçavam-se rapidamente no fundo das suas hortas, debaixo de festões de vinha virgem ou de lupulo; aqui e alli charcos emmoldurados de lama escura luziam como os espelhos das armadilhas de calhandra. No entanto o monstro fundido despedia com rumor sempre crescente a respiração ardente; assobiava como um cachalote asthmatico, quente suor cobria-lhe as ilhargas de bronze. Parecia queixar-se da velocidade insensata de sua carreira e

pedir misericórdia aos negros pestilhões que o espo-reavam com grandes pás de carvão. Um rumor de pára-quédas e correntes que embatiam umas nas ou-tras ouviu-se então: tinha-se chegado.

Tiburcio poz-se a correr para um e outro lado sem plano assentado, como uma lebre que de improviso ti-rassem da coelheira; tomou pela primeira rua que se lhe appresentou deante, depois pela segunda, depois pela terceira, e entranleou-se animosamente no cora-ção da velha cidade, procurando a côr loura com ar-dor digno dos antigos cavalleiros andantes.

Viu grande numero de casas pintadas de pardo côr de rato, de amarello côr de canario, de verdemar, de lilaz claro com tectos em degráus, com empenas de voluta, com portas de bôjo vermiculado, de colum-nas grossas ornadas de braceletes quadrangulares como as do Luxemburgo, com janellas á moda do re-nascimento, com malhas, com carrancas, com vi-gas esculpidas e mil curiosas particularidades de architectura, que em outra occazião te-lo-hiam en-cantado: deitou apenas um olhar distrahido para as madonas coloridas, para os crucifixos em que dependuram-se lanternas nas encruzilhadas, para os sanctos de madeira ou de cêra com os seus enfeites e ouropéis, emblemas catholicos estes tão singulares para um habitante das nossas cidades voltairianas. Outro cuidado o preocupava: os seus olhos procura-vam atravez das côres betuminosas dos vidros enfuma-dos alguma alva apparição feminina, algum bom e calmo semblante brabautino corado com o vermelho colorido do pecego e sorrindo dentro da sua auréola de cabellos de ouro. Não viu sinão velhas fazendo renda, lendo em livros de horas ou escondidas nos vãos das janellas, á espera de que passasse algum raro pas-seiante reflectido nos espelhos do seu espião ou na bola de aço polido suspensa ao tecto.

As ruas estavam desertas e mais silenciosas que as de Veneza; apenas ouvia-se o ruído das horas nos sinos das diferentes igrejas em todos os tons durante cerca de vinte minutos; as calçadas franjadas de matto como as das casas abandonadas mostravam a pouca frequência e o limitado número dos transeuntes. Correndo pela superfície do solo como as andorinhas fugitivas, algumas mulheres, envolvidas discretamente nas dobras sombrias das suas mantas de sêda, deslisavam quasi sem rumo ao longo das casas; seguidas algumas vezes por um menino que lhes carregava o cão. Tiburcio apressava o passo para descobrir-lhes os rostos escondidos na sombra do capuz e deparava cabeças magras e pallidas, com lábios cerrados, olhos circulados de bistro, queixos prudentes, narizes afilados e circumspectos, verdadeiras phisionomias de beatas romanas ou de aias hespanholas; o seu olhar ardente quebrava-se de encontro a olhares mortos, olhares de peixe cosido.

De esquina em esquina, de rua em rua, Tiburcio desemboccou afinal no caes do Escalda pela porta do Porto. Esse espectáculo magnifico arrancou-lhe um grito de surpresa: innumera quantidade de mastros, maçame e vergas simulavam no rio uma floresta despojada das folhas e reduzida a esqueletos. Os gurupés e as antenas apoiavam-se familiarmente no parapetto do caes como cavallos a descaçarem a cabeça sobre o pescoço do companheiro de parrelha; havia ali urcas hollandezas de bojudas pôpas com vellas vermelhas, brigues americanos esguios e negros com maçame fino como fios de sêda; koffis da Noruega côr de salmão exhalando o vivo aroma do pinho lavrado; chalanas, barcas de pescaria, saveiros bretões, carregadores de carvão inglezes, navios de toda a parte do mundo; um odor indefinivel de arenque salgado, de tabaco, de cebo rançoso, de alcatrão derretido reunido ao odor

acre dos navios que entravam de Batavia carregados de pimenta, canella, gengibre e cochorilha, fluctuava no ar em espessas lupadas como a fumaça de um immenso thuribulo aceso em honra do commercio.

Tiburcio, esperando encontrar na classe inferior o verdadeiro typo flamengo e popular, entrou nas tavernas e bodegas; ahi bebeu faro, lambick, cerveja branca de Louvain, Ale, Porter, Wiskey, pois queria aproveitar a occasião para conhecer de perto o Baccho septentrional. Fumou tambem carutos de varias qualidades, comeu salmão, sauer-kraut, batatas amarellas, roast-beef sangrando, e conheceu todos os gozos daquella terra.

Emquanto jantava, allemãs de carões compridos, trigueiras como bohemias, com saias curtas e toucas alsacianas, vieram miar tristemente deante da mesa um lieder lamentoso acompanhado de rabeça e outros instrumentos disgraciosos.

A loura Allemanha, como para injuriar Tiburcio pintára-se toda do time mais carregado; atirou-lhes enraivecido um punhado de soldos que custou-lhe outro lieder de reconhecimento, mais agudo e mais barbaro que o primeiro.

A' noite foi vêr nos lupanares dansarem os marinhos com suas amantes; tinham todas admiraveis cabellos negros, luzidios e brilhantes como a aza do corvo; uma lindissima rapariga das colonias foi até sentar-se juncto delle e mergulhou familiarmente os labios no seu copo, conforme o costume da terra, e procurou travar conversação com elle em muito bom hespanhol, pois era de Havana; tinha olhos uegros tão avelludados, cutis de uma pallidez tão quente e dourada, pé tão pequeno, cintura tão fina, que Tiburcio exasperado mandou-a a todos os diabos, cousa que muito sorprehendeu a triste creatura, pouco habituada a semelhante acontecimento.

Completamente insensível ás perfeições morenas das dansarinas, Tiburcio retirou-se para sua hospedaria das Armas de Brabante. Despiu-se muito descontente e, encolhendo-se como pôde nesses guardanapos lavrados que servem de lençóes em Flandres, não tardou a dormir o somno dos justos.

Teve os sonhos mais louros do mundo.

As nymphas e figuras allegoricas da galeria de Medicis, com o mais galante desalinho, fizeram-lhe uma visita nocturna; contemplavam-no ternamente com as suas grandes pupillas azues, e sorriam-lhe muito amigavelmente com os labios abertos como flôres rubras na alvura côr de leite dos rostos redondos e cheios. Uma dellas, a nereida do quadro da *Viagem da Rainha*, levava a familiaridade até o ponto de passar pelos cabellos do dormente, louco de amor, os formosos dedos afilados tocados de carmim. Um panejamento de brocado de ramagem occultava mui habilmente a deformidade das pernas escanosas que terminavam em cauda bipartida; os cabellos louros eram ornados de algas e coral como cumpre a uma filha do mar; estava adoravel assim. Grupos de creanças e coradas como rosas nadavam em uma atmosphera luminosa segurando grinaldas de flôres de extraordinario brilho e fazendo descer do céu uma chuva perfumada. A um signal que fez a nereida, as nymphas puzeram-se em duas filas e ataram todas a ponta dos longos cabellos louros de modo a formar uma como que rêde de filagrama de ouro para o afortunado; Tiburcio e a sua amante com barbatanas de peixe; entraram com effeito na rêde e as nymphas emballavam-nos, movendo levemente a cabeça com um sythmo suavissimo.

De repente ouviu-se um ruido secco, os fios de ouro romperam-se e Tiburcio cahiu no chão. Abriu os olhos e viu apenas um horrivel carão côr de bronze

que fictava nelle grandes olhos esmaltados de que só apparecia o branco.

— Mein herr, aqui está o jantar do senhor, disse uma velha negra hottentote, creada da hospedaria, depondo em um creado-mudo uma bandeja com rica baixella.

— E então? Creio que devia ter ido á Africa para encontrar gente loura, resmoneou Tiburcio, atirando-se ao beefsteak.

CAPITULO II

Tiburcio, convenientemente farto, sahiu da hospedaria das Armas de Brabante com o intuito consciencioso e louvavel de proseguir na indagação do seu ideal. Não foi mais feliz que na vespera; morenas ironias, desemboccando de todas as ruas, deitavam-lhe sorrisos sorrateiros e motejadores; a India, a Africa e a America desfilaram deante d'elle em amostras mais ou menos cobreadas; dir-se-hia que a digna cidade, sabedora do seu intento, occultava por gracejo no fundo dos seus pateos mais impenetraveis e por traz das suas escuras vidraças todas as suas raparigas que pudessem de perto ou de longe lembrar as figuras de Jordaens e de Rubens: ciosa do seu ouro, prodigalisava o ébano.

Irritado com esta como muda irrisão, para escapar-lhe, visitou Tiburcio os museus e as galerias. O Olympo flamengo irradiou-lhe de novo aos olhos. As cascatas de cabellos despenharam-se de novo em pequenas ondas claras com o tremeluzir do ouro e da luz; as espadas das allegorias avivando a alvura argentea, brilharam mais vivas que nunca: o azul das pupillas tornou-se mais claro, as faces em flôr abriram como ramos de cravos; um vapor côr de rosa aque-

ceu a pallidez azulada dos joelhos, dos cotovellos e dos dedos de todas essas deusas louras; brilhos assestados, chamalotes de luz, reflexos vermelhos correram brincando pelas carnes redondas e cheias; as roupas côr de papo de pombo entumesceram-se com uma aragem invisivel e começaram a fluctuar no ambiente azulado; a fresca e gorda poesia neerlandeza revelou-se inteira ao nosso viajante entusiasta.

Mas essas bellezas sobre tella não lhe bastavam. Viera procurar typos vivos e reaes. Desde muito alimentava-se de poesia escripta e pintada, e tivera oportunidade de notar que o commercio das abstracções não era lá muito substancial. Fôra sem duvida muito mais simples ficar em Pariz, e enamorar-se de alguma mulher bonita ou mesmo feia como fazem todos; mas Tiburcio não comprehendia a natureza e não podia lê-la sinão em traducções. Comprehendia perfeitamente todos os typos realizados nas obras dos mestres, mas não os teria percebido por si mesmo, si os encontrasse na rua ou na sociedade; em summa si fosse pintor, faria vinhetas sobre os versos dos poetas; si fosse poeta faria versos sobre os quadros dos pintores. A arte apoderara-se d'elle muito cedo, corrompera-o e falsificara-o; caracteres desses são mais communs do que se pensa no ineio da nossa extrema civilisação em que se está mais frequentemente em contracto com as obras dos homens do que com as da natureza.

Tiburcio teve por um momento a idéa de transigir consigo mesmo e consigo mesmo disse esta phrase cobarde e malsoante: « É uma linda côr de cabellos a côr castanha. » Chegou até, o sycophanta, o miseravel, o homem sem fé, a confessar que os olhos negros eram muito vivos e agradaveis. Deve-se dizer, para desculpá-lo, que percorrêra em todos os sentidos, e sem o menor resultado, uma cidade que tudo

faria crêr que fosse essencialmente loura. Era justo que estivesse um tanto desanimado.

No momento em que pronunciava interiormente essa blasphemia, um olhar azul e encantador envolto n'uma mantilha, brilhou deante d'elle e desapareceu como um fogo fátuo no angulo da praça de Meir.

Tiburcio apressou o passo, mas já não viu cousa alguma; a rua estava deserta em todo o seu comprimento. A fugitiva visão entrára sem duvida em alguma casa vizinha ou eclipysara-se em alguma passagem desconhecida. Tiburcio enfia lo, depois de haver examinado o poço com volutas de ferro forjado por Quintino Metzys, o pintor serralheiro, teve a phantasia, em falta de melhor, de examinar a cathedral, que achou borrhada de alto a baixo de abominavel amarello côr de canario. Felizmente a cadeira de madeira esculpida de Verbruggen, com as suas folhagens pejudas de passaros, haldas, perús fazendo roda e todo o apetrecho zoologico que cercava Adão e Eva no paraiso terrestre, resgatava esse empastamento geral com a delicadeza de suas arestas e o primor das suas particularidades; felizmente os braços das familias nobres, os quadros de Otto Venius, de Rubens e de Van Dyck occultavam em parte a odiosa pintura tão chara á burguezia e ao clero.

Algumas beatas orando estavam espalhadas pelo recinto da egreja; mas o fervor da devoção inclinava-lhes per tal fórma os rostos sobre os livros de horas com frente vermelha que era difficil distinguirlhes as feições. Demais a sanctidade do logar e o respeito pela edade tiravam a Tiburcio o desejo de levar mais longe as suas investigações.

Cinco ou seis inglezes, cançados de subir e descer os quatrocentos e setenta degráus da torre, a que a neve colombina de que está continuamente coberta dá o aspecto de uma agulha dos Alpes, examinavam os

quadros e, confiando pouco na tagarella erudição do ciceroni, procuravam no seu guia do viajante os nomes dos mestres com receio de admirar uma cousa por outra, e repetiam deante de cada tella com fleugma imperturbavel : *It is a very fine exhibition*. Esses inglezes tinham os rostos quadrados, e a distancia prodigiosa que lhes ia do nariz ao queixo mostrava a pureza da sua raça. Quanto á ingleza que estava com elles, era a mesma que Tiburcio já tinha visto perto da residencia de Laeken ; estava com as mesmas botinas verdes e os mesmos cabellos vermelhos. Tiburcio, desanimado com a côr loura de Flandres, esteve a ponto de atirar-lhe uma olhadella assassina ; mas as coplas comicas contra a perfida Albion vieram-lhe á mente muito a proposito.

Em honra desse grupo tão evidentemente britanico, que se não movia sem o tinir dos guinéus, o sachristão abriu os batentes que occultam, durante tres quartas partes do anno, as duas miraculosas pinturas de Rubens, a *Crucificação* e a *Descida da cruz*.

A *Crucificação* é uma obra original, e ao pintá-la Rubens pensava em Miguel Angelo. O desenho é rude, selvagem, violento como o da eschola romana ; todos os musculos sobresaem a um tempo ; todos os ossos e todas as cartilagens apparecem ; nervos de aço levantam carnes de granito. Já não é o vermelhão alegre com que o pintor de Anvers salpica descuidoso as suas innumeradas producções, é o bistre italiano na sua mais fulva intensidade ; os algozes, collossos com fórmãs de elephante, têm focinhos de tigre e gestos de ferocidade bestial ; o proprio Christo, participando dessa exaggeração, parece-se mais com um Milão de Crotona pregado em um cavallete por athletas rivaes do que um Deus sacrificando-se voluntariamente para resgate da humanidade. Nada ha ahi de flamengo

sinão o immenso cão de Sneyders que late a um canto da composição.

Quando os batentes da *Descida da Cruz* entreabriram-se, Tiburcio experimentou vertiginosa fascinação, como si olhasse para um golphão de luz; a cabeça sublime da Magdalena flammejava victoriosa em um oceano de ouro, e parecia illuminar com os raios de seus olhos a atmosphera pardacenta e baça, coada pelas estreitas janellas gothicas. Tudo apagou-se em redor d'elle; creou para si um vacuo completo, os inglezes qualrados, a ingleza rubra, o sachristão rôxo, nada mais viu.

O aspecto dessa figura foi para Tiburcio uma revelação divina; cahiram-lhe as cataractas dos olhos, achava-se face a face com o seu sonho secreto, com a sua esperanza inconfessavel: a imagem impalpavel que tinha seguido com o ardor de uma imaginação apaixonada e de quem não pudera perceber mais que o perfil ou a ultima dobra do vestido, desappareceu immediatamente; a chimera caprichosa e feroz, sempre prompta a desdobrar as azas inquietas, ali estava deante d'elle, não fugindo mais, immovel no meio da gloria de sua belleza. O grande mestre copiára no seu proprio coração a amante adivinhada e almejada; parecia-lhe ter sido elle quem pintára o quadro; a mão do genio desenhára firmemente e em largos traços o que nelle estava apenas confusamente esboçado, e vestira de côres esplendidas a sua obscura phantasia do desconhecido. Reconhecia essa cabeça, que no entanto nunca tinha visto.

Permaneceu alli mudo, absorto, insensivel, como um homem cataleptico, sem mover com as palpebras e mergulhando os olhos no olhar infinito da sublime arrependida.

Um pé do Christo, branco, com a alvura exangue, puro e baço como uma hostia, fluctuava com a inercia

da morte sobre a loura espadua da sancta, escabelle de marfim collocado ahi pelo grande mestre para descer o divino cadaver da arvore de redempção. Tiburcio teve ciumes de Christo. Por semelhante ventura soffreria de boamente a paixão. A pallidez azulada das carnes mal o tranquillisava. Ficou tambem profundamente offendido de que a Magdalena não volvesse para elle o olhar unctoso e luzente em que a luz punha os seus diamantes e a dôr as suas perolas; a persistencia dolorosa e apaixonada desse olhar que envolvia o corpo bem amado com um sudario de ternura parecia-lhe mortificante e soberanamente injusta. Quizera que o mais imperceptivel movimento lhe dêsse a entender que estava commovida com o seu amor; tinha-se já esquecido de que estava deante de uma pintura, tamanha pressa tem a paixão em comunicar o seu ardor ainda aos objectos incapazes de senti-lo. Pygmalião devia ter se admirado como de uma cousa sorprendedora que a sua estatua não lhe restituísse caricia por caricia; Tiburcio não ficou menos assustado com a frieza da sua amante pintada. Ajoelhada com o seu vestido de setim verde com dobras amplas e potentes, continuava a contemplar o Christo com uma expressão de voluptia dolorosa, como uma amante que quer saciar-se nas feições de um rosto adorado que não deve tornar a vêr; os cabellos cobriam-lhe nos hombros em franjas luminosas; um raio de sol transviado realçava-lhe a quente alvura da roupa branca e dos braços de marmore dourado; ao clarão vacillante o seio parecia entumecer-se-lhe e palpitar como si estivesse vivo; as lagrymas de seus olhos derretiam-se e rolavam como lagrymas humanas.

Tiburcio suppoz que ella ia levantar-se e descer do quadro.

De improviso ficou escuro: a visão apagou-se.

Os inglezes tinham-se retirado, depois de dizerem : *Very well, a pretty picture*, e o sachristão, aborrecido com a longa contemplação de Tiburcio, fechára os batentes e pedia-lhe a retribuição costumada. Tiburcio deu-lhe quanto tinha no bolço ; os amantes costumam ser generosos com as aias ; o sachristão de Anvers era a aia da Magdalena, e Tiburcio, pensando já em outra visita, tractava de torná-lo amigo.

O S. Christovam colossal e o Ermita segurando uma lanterna, pintados na face extrema do entablamento, composições no entanto mui notaveis, não puderam consolar Tiburcio do fechamento do esplendido tabernaculo em que o genio de Rubens brilha como um mostrador carregado de pedraria.

Sahiu da egreja levando no coração a flecha farpada do amor impossivel ; encontrára afinal a paixão que procurava, mas era punido no mesmo ponto em que peccára : amára demasiado a pintura, via-se condemnado a amar um quadro. A natureza despresada pela arte vingava-se de modo cruel ; o amante mais timido juncto da mulher mais virtuosa conserva sempre em um canto do coração uma fugitiva esperanza : quanto a Tiburcio, estava certo da resistencia da amante, e sabia perfeitamente que nunca havia de ser feliz ; porisso a sua paixão era uma paixão verdadeira, extravagante, insensata e capaz de tudo : brilhava principalmente pelo desinteresse.

Não vão agora zombar com o amor de Tiburcio : quanta gente não ha apaixonadissima por mulheres que apenas viram emolduradas em um camarote de theatro, a quem nunca dirigiram a palavra, e cujo metal da voz nem sequer conhecem ? Pois essa gente tem mais senso que o nosso heróe, e o seu idolo impalpavel pôde ser comparado á Magdalena d'Anvers ?

Tiburcio caminhava com gesto imperioso e altivo. como um namor *à la* que volta da primeira entrevista

A vivacidade da sensação que experimentava surpreendia-o agradavelmente; elle que só tinha vivido pela cabeça sentia agora o coração; era um espectáculo novo: porisso entregou-se aos encantos dessa impressão desconhecida; uma mulher verdadeira não o abalára tanto. Um homem artificial não póde ser commovido sinão por uma cousa artificial; existe a harmonia: a realidade seria uma discordancia. Tiburcio, como dissemos, tinha lido muito, visto muito, pensado muito, e sentido pouco; as suas phantasias eram apenas phantasias de cabeça, a paixão nelle nunca descia abaixo da gravata; desta vez estava devéras apaixonado como um estudante de rhetorica; a imagem esplendida da Magdalena pairava-lhe deante dos olhos em manchas luminosas como si tivesse olhado para o sol; a menor dobrasinha, o pormenor mais imperceptivel desenhavam-se-lhe claramente na memoria, para elle o quadro estava sempre presente. Procurava seriamente descobrir o meio de animar essa belleza insensivel e de fazê-la sahir do quadro; pensou em Prometheu, que roubou o fogo do céu para dar uma alma á sua obra inerte; em Pygmalião que soube achar meio de enternecer e aquecer o marmore; lembrou-se de mergulhar-se no oceano sem fundo das sciencias occultas afim de descobrir alguma magia assaz poderosa para dar vida e corpo a esse vão simulacro. Delirava, estava louco: bem se vê que estava apaixonado.

Sem ir até esse gráu de exaltação, nunca vos terá invadido inexprimivel melancholia em alguma galeria de antigos mestres, ao pensar nas bellezas desaparecidas representadas em seus quadros? Não desejaria a gente dar vida a todos esses semblantes pallidos e silenciosos que parecem scismar tristemente debaixo da côr esverdeada ou ennegrecida que lhes serve de fundo? Esses olhos, cuja luz scintilla mais viva sob

o véu da idade, foram copiados dos de alguma princeza moça ou cortezã formosa de quem nada mais resta, nem um só atomo de cinza; essas boccas entreabertas por sorrisos pintados lembram verdadeiros sorrisos que voaram para sempre. Que pena com effeito que as mulheres de Raphael, de Corregio e de Ticiano não passem de sombras impalpaveis! E porque não haviam os seus modelos de ter, como os seus pintores, o privilegio da immortalidade? O serralho do mais voluptuoso sultão pouco valêra ao lado do que se podia compor com as odaliscas da pintura, e é realmente pena que tanta belleza se tenha perdido.

Tiburcio ia todo o dia á cathedral e mergulhava-se na contemplação da sua Magdalena bem amada, e cada noite voltava mais triste, mais apaixonado e mais louco que nunca. Sem amar quadros, mais de um nobre coração tem experimentado o soffrimento do nosso amigo, querendo communicar sua alma álgum frio idolo que da vida tinha apenas o phantasma exterior, e não comprehendia melhor a paixão que inspirava do que si fôra uma figura colorida.

Com o auxilio de lunetas muito fortes, o nosso apaixonado perscrutava a sua beldade até nos tons mais imperceptiveis. Admirava a delicadeza do granulado, a solidez e a flexibilidade da pasta, a energia do pincel, o vigor do desenho, como outros admiram o avelludado da pelle, a alvura e o formoso colorido de uma amante viva: a pretexto de examinar o trabalho de mais perto, obteve uma escada do sachristão seu amigo e, tremulo de amor, ousou collocar mão temeraria na espadua da Magdalena. Ficou muito sorprendido de encontrar, em vez do macio assetinado de uma espadua de mulher, a superficie aspera e rude como uma lima, sulcada e percorrida em todos os sentidos pela impetuosidade do pincel do feroso pintor. Semelhante descoberta entristeceu devêras a

Tiburcio, mas apenas tornou a descer, a illusão apoderou-se delle de novo.

Tiburcio levou assim mais de quinze dias em um estado de lyrismo transcendente, estendendo os braços desvairados para a sua chimera, e implorando algum milagre do céu. Nos momentos lucidos resignava-se a procurar pela cidade algum typo que se approximasse de seu ideal, mas as suas investigações davam em nada, pois não se acha facilmente nas ruas e passeios semelhante joia de belleza.

Uma tarde, entretanto, encontrou ainda no angulo da praça de Meir o seductor olhar azul de que já fallámos: desta vez a visão desapareceu mais devagar e Tiburcio teve tempo de vêr um delicioso semblante emmoldurado em opulentas madeixas de cabellos louros e um sorriso ingenuo nos labios mais frescos do mundo. A moça apressou o passo, apenas viu-se seguida; mas Tiburcio, conservando-se distante, pôde vê-la parar deante de uma boa e velha casa flamenga, de aspecto pobre mas honrado. Como tardassem em abrir-lhe, a moça voltou-se um momento, sem duvida pelo vago instincto de casquilharia feminina, para vêr si o desconhecido não desanimára com o trajecto assaz longo a que o obrigára Tiburcio, como illuminado por subito clarão, notou que a moça parecia-se de modo singular com a Magdalena.

CAPITULO III

A casa em que entrára a esbelta moça tinha um aspecto de bondade flamenga completamente patriarchal; estava pintada de côr de rosa secca com pequenas listras brancas para representar a junctura das pedras; a empena denticulada em fôrma de degraus de escada, o tecto interrompido por trapeiras com volutas, a imposta representando com ingenuidade verdadeiramente gothica a historia de Noé escarnecido pelos filhos, o ninho de cegonha e os pombos enfeitando-se ao sol acabavam de completar-lhe o typo; di-lhiam uma dessas fabricas tão communs nos quadros de Vander-Heyden ou de Teniers.

Alguns raminhos de lupulo minoravam com o seu verdejante enlace o que o aspecto geral da casa podia ter de demasiado stricto e aceiado. Varões bojudos engradavam as janellas inferiores e nos dous primeiros vidros havia cortinas de filó com grandes ramalhetes bordados á moda de Bruxellas; no espaço que ficava vasio com a saliencia das barras de ferro pavoneavam-se dous vasos de fayança da China com alguns craveiros crestados e doentios, apezar do evidente cuidado que com elles tinha a dona, pois os grelos murchos eram sustentados por cartas de jogar e um systema complicadissimo de andaimesinhos de vara de

vime. Tiburcio reparou nesse pormenor que indicava vida casta e recolhida, poema de mocidade e pureza.

Não vendo tornar a sahir, ao cabo de duas horas de espera, a formosa Magdalena de olhos azues, concluiu judiciosamente que devia morar alli; o que era verdade: não se tractava mais que de saber-lhe o nome, a posição na sociedade, travar relações com ella, e de fazer com que o amasse: era realmente pouca cousa. Um Lovelace de profissão não ficaria embaraçado cinco minutos, mas o excellente Tiburcio não era nenhum Lovelace: bem pelo contrario, era audaz no pensamento, timido na acção; ninguem sabia menos do que elle passar do geral ao particulare em questões de amor tinha a mais formal necessidade de um honrado Pandarus que lhe gabasse as perfeições e lhe arranjasse entrevistas. Uma vez a caminho, não lhe faltava eloquencia; recitava com soffrivel desembaraço um discurso sentimental e desempenhava o papel de namorado, pelo menos tão bem como um galan novato de provincia; mas, ao contrario de Joãozinho, o advogado do cão Citron, o que elle menos sabia era começar.

Porisso devemos confessar que o bom Tiburcio nadava em um mar de incertezas, combinando mil estratagemas mais engenhosos que os de Polybio para approximar-se da sua divindade. Não achando cousa que o appresentasse como Don Cleofas do *Diabo Coxo*, lembrou-lhe deitar fogo á casa, afim de ter occasião de arrancar a sua infanta do meio das chaminas e provar-lhe assim o seu valor e dedicação; mas reflectiu que algum bombeiro, mais habituado que elle a correr sobre vigas abrasadas, podia supplantá-lo e quedemais a maissemelhante modo de travar relações com uma bonitamoça estava previsto no codigo.

Enquanto esperava por cousa melhor, gravou bem claramente no fundo do cerebro a configuração da

casa, tomou o nome da rua, e voltou á hospedaria muito contente, pois supuzera vêr desenhar-se vagamente por detraz do filó bordado da janella o vulto encantador da desconhecida e uma mãosinha affastar o canto da trama transparente, sem duvida para certificar-se da virtuosa persistencia do moço em montar guarda, sem esperança de ser rendido, na esquina de uma rua deserta de Antwerpen. Seria fatuidade de Tiburcio, e não lhe succederia o que de ordinario succede aos myopes, que tomam as roupas penduradas nas janellas pela charpa de Julieta debruçada para Romeu, e os vasos de goivo por princezas vestidas de brocado de ouro? O que é verdade é que se retirou muito contente e considerando-se um seductor de primeira marca. A hospedaria das Armas de Brabante e a creada negra ficaram admiradas com os ares de Amilcar e de tambor-mór com que estava o moço. Accendeu o charuto com gesto resolutivo, cruzou as pernas e poz-se a fazer dansar a chinella na ponta do pé com o soberbo desdem de um mortal que despreza completamente a criação e que conhece venturas ignoradas pelo vulgo; tinha afinal encontrado a côr loura. Jasão não foi mais feliz arrancando da arvore encantada o vellocinio maravilhoso.

O nosso heróe está em uma situação admiravel: tem um verdadeiro charuto de Havana na bocca, chinellas nos pés, uma garrafa de vinho do Rheno na mesa com jornaes da semana anterior e uma linda imitaçãozinha das poesias de Alfredo de Musset.

Póde beber um copo e até dous de tockayer, lêr *Namouna* ou a noticia do ultimo dansado: não ha, pois, inconveniente algum em que o deixemos sósinho alguns momentos: damos-lhe com que banir o aborrecimento, si é que um namorado póde estar aborrecido. Voltaremos sem elle, porque não é homem capaz de nos abrir as portas, á casinha da rua Kipdorp, e ap-

presentar-nos-hemos a nós mesmos. Mostraremos ao leitor o que ha por traz dos bordados da janella baixa, pois como primeira informação devemos dizer-lhe que a heroína desta novella mora no andar terreo e chama-se Gretchen, nome que, por não ser tão euphonico como Ethelwina ou Azelia, parece sufficientemente doce aos ouvidos allemães e neerlandezes.

Entre o leitor depois de ter cuidadosamente limpado os pés, pois o aceio flamengo impera aqui despoticamente. Em Flandres ninguem lava o rosto mais de uma vez por semana, mas em compensação os soalhos são lavados com agua quente e raspados duas vezes por dia. O soalho do corredor, como o resto da casa, é feito de taboas de pinho, cuja côr natural é conservada, não havendo nenhum reboco que impeça de vêr as longas veias desbotadas e nós estrellados, está salpicado com uma leve camada de areia do mar, cuidadosamente peneirada, a qual retém o pé e impede os escorregões tão frequentes em nossas salas em que a gente patina mais do que anda. A camara de Gretchen fica á direita, é esta porta de modesta côr parda cujo puxador de cobre areiado com pedra de Tripoli reluz como si fosse de ouro; esfregue o leitor ainda uma vez as sollas neste capacho de junco; o proprio imperador não entraria com botas enlameadas.

Contemple um momento este ameno e tranquillo interior; nada ahi attrahe o olhar; tudo é calmo, sóbrio, abafado; a propria camara de Margarida não é de effeito mais virginalmente melancolico: a serenidade da innocencia preside a todas as pequeninas particularidades de admiravel aceio.

As paredes de côr escura e revestidas até á altura do roda-cadeira de um retabulo de carvalho não têm outro adorno mais que uma Madona de gesso colorido, vestida como uma boneca, com sapatos de setim, corôa de miolo de canna, collar de vidro e dous

vasinhos de flôres artificeias deante de si. No fundo do aposento, no canto mais mergulhado na sombra, ergue-se um leito de columnas de fó:ma antiga com cortinado de sarja verde e sanefas de bicos orlados de galões amarellos; á cabeceira um crucifixo, tendo na base da cruz uma pia, protege com os braços de marfim o somno da casta creatura.

Um bahú, que brilha como um espelho, tão lustrado está; uma mesa de pés retorcidos posta juncto da janella e cheia de bilros, meadas de fio e mais apetrechos para fazer renda; uma ampla poltrona de tapete; algumas cadeiras com costas a Luiz XIII, como se vêem nas velhas gravuras de Abrahão Bosse, compõem a mobilia de simplicidade quasi puritana.

No entanto devemos accrescentar que Gretchen, por mais modesta que fosse, tinha um luxuoso espelho de crystal de Veneza facetado, cercado com uma moldura de ebano incrustada de cobre. E' verdade que, para sanctificar o movel profano, um ramo bento de buxo estava preso á cercadura.

Imagine o leitor Gretchen assentada na ampla poltrona de tapete, com os pés em um banquinho bordado por ella, tecendo e destrinçando com os seus dedos de fada a imperceptivel trama de uma renda começada; a linda cabeça inclinada para a obra é alumada na parte superior por mil reflexos graciosos que prateiam de tons frescos e vaporosos a sombra transparente que a inunda; delicada flôr de juventude avelluda-lhe o sadio colorido um tanto hollaidez das faces, cuja frescura e claro-escuro não póde attenuar; a luz coada frouxamente pelas vidraças superiores assetina-lhe apenas o alto da testa e faz brilhar como espiraes de ouro os cabellinhos soltos que se rebellam contra o pente. Derramae intempestiva claridade na cornija e no bahú, ponde uma fagulha de luz no bojo dos vasos de estanho, torna e mais amarello o crucifixo,

dobrae mais profundamente as dobras duras e direitas da sarja, carregae o embaciado modernamente apagado da vidraça, ponde no fundo do aposento a velha Barbara com a sua vassoura na mão, concentrae toda a claridade na cabeça e nas mãos da moça, e tereis uma tella flamenga dos bons tempos, que Terburg ou Gaspard Netscher não se recusariam a assignar.

Que differença entre este interior tão limpo, tão asseiado, tão facilmente comprehensivel e a camara de uma moça franceza, sempre cheia de trapos, de papel de musica, de aquarellas começadas, onde cada objecto nunca está em seu legar, onde os vestidos desdobrados pendem das costas das cadeiras, onde o gato domestico folhêa com as garras o romance esquecido no chão! Como a agua em que está mergulhada esta rosa meio desfolhada é limpida e crystalina! como a roupa branca é alva, como os vidros são claros! Nem um atomo vòa, nem uma penna ha no chão.

Metzou, que pintava em um pavilhão situado debaixo de um repuxo d'agua para conservar a integridade das suas tintas, houvera trabalhado sem inquietação na camara de Gretchen. A chapa fundida do fundo da lareira reluz como um baixo-relevo de prata.

Agora salteia-nos um receio: será esta a heroína que convém ao rosso heróe? Gretchen será realmente o ideal de Tiburcio? Tudo isto não será minucioso de mais, burguez, positivo! não será esse antes o typo hollandez que o typo flamengo, e acreditaes em consciencia que os modelos de Rubens fossem assim? Não seriam antes raparigas alegres, de boas côres, boas carnes, saude de ferro, modos desconjunctados e comuns, cuja realidade trivial o genio do pintor corrigiu? Os grandes mestres pregam-nos ás vezes destas peças. De um sitio insignificante fazem um panorama

delicioso ; de uma ignobil creada uma Venus ; não copiam o que vêem, mas sim o que querem.

No entanto Gretchen, postoque mais mimosa e delicada, parece-se realmente muito com a Magdalena de Nossa Senhora de Anvers, e a phantasia de Tiburcio póde nella deter-se sem decepção. Ser-lhe-ha difficil achar um corpo mais magnifico para o phantasma da sua amante pintada.

O leitor deseja talvez, agora que conhece tanto como nós Gretchen e sua camara, o passaro e o ninho, ter algumas particularidades ácerca de sua vida e posição. A historia da moça é a mais simples deste mundo : Gretchen, filha de modestos mercadores, que soffreram alguns revezes, é orphan ha alguns annos ; vive com Barbara, velha e fiel creada, de uma pequena renda, destroços da herança paterna, e do producto do seu trabalho ; como Gretchen faz os seus vestidos e as suas rendas e é tida, mesmo entre os flamengos, por um prodigio de zelo e aceio, póde, postoque simples operaria, vestir-se com certa elegancia e em nada differençar-se das filhas dos burguezes : a sua roupa branca é fina, os seus tocados tornam-se sempre notaveis pela alvura ; as botinas são as mais bem feitas da cidade ; pois, embora este pormenor desgraça a Tiburcio, devemos confessar que Gretchen tem um pé de condessa andaluza e calça-se como tal. E', de resto, uma moça bem educada, sabe lêr, escrever bem, conhece quanto ponto ha de bordado, não tem no mundo rival em trabalhos de agulha, e não toca piano. Accrescentemos que em compensação tem um talento admiravel para as tortas de pêra, guisados de carpa e pasteis de massa, pois gaba-se de cosinhar bem como todas as boas donas de casa, e sabe preparar, segundo receitas particulares, mil pequenas golodices mui procuradas.

Estes pormenores hão de parecer, sem duvida, pouco aristocraticos, mas a nossa heroína não é nenhuma princeza diplomatica, nenhuma deliciosa mulher de trinta annos, nenhuma cantora em voga; é pura e simplesmente uma operaria da rua Kipdorp, perto da muralha, em Anvers; mas, como aos nossos olhos as mulheres não têm outra distincção real além da belleza, Gretchen vale tanto como uma duqueza com assento na côrte e contamos-lhe os seus dezeseis annos por dezeseis costados de nobreza.

Qual será o estado do coração de Gretchen? O estado do seu coração é muito satisfactorio; nunca amou sinão pombas côr de café com leite, peixes vermelhos e outros animaesinhos completamente innocentes, com os quaes o mais feroz ciumento não poderia inquietar-se. Todos os domingos vae ouvir a missa conventual na egreja dos jesuitas, modestamente envolvida na sua manta de sêda e acompanhada por Barbara, que lhe leva o livro de horas; depois volta e folhêa uma biblia « em que Deus padre está vestido de imperador, » e cujas imagens gravadas em madeira lhe despertam pela millesima vez a admiracção. Si o tempo está bonito vae passeiar para as bandas do forte de Lillo ou da Cabeça de Flandres, em companhia de uma moça da sua idade tambem operaria de rendas: durante a semana nunca sahe sinão para entregar trabalho; ainda assim Barbara, as mais das vezes, é quem desempenha esta commissão. Uma rapariga de dezeseis annos que nunca pensou em amor fôra pouco provavel em um clima mais quente; mas a atmosphaera de Flandres, carregada pelas incommodas exhalacções dos canaes, acarreta muito poucas parcellas aphrodisiacas: as flôres são ahi tardias e desabrocham cheias, espessas, polposas; o seu perfume carregado de humidade assemelha-se ao odôr de infusões aromaticas; os fructos são aquosos; a terra e o

céu, saturados de humidade, não desprendem vapores que não podem absorver e que o sol tenta em vão beber com os seus pallidos labios; as mulheres, mergulhadas nesse banho de nevoeiro, não têm grande difficuldade em ser virtuosas, pois, segundo Byron, o tractante do sol é um grande seductor e tem feito mais conquistas que Don Juan.

Não admira, pois, que Gretchen em uma atmosphera tão moral tenha-se conservado extranha a toda a idéa de amor, ainda sob a fórma do casamento, fórma legal e permittida, si quizerem. Não leu máus romances, nem bons; não possui nenhum parente macho, primo ou primo segundo. Feliz Tiburcio! Demais, os marinheiros com os seus sarrados cachimbos curtos, os capitães de longo curso, que passeiam emquanto ociosos e os dignos negociantes que dirigem-se para a Bolça movendo com algarismos nas rugas da testa e projectam, passando ao longo da parede, a sombra fugitiva na janella de Gretchen, não são lá muito para inflammar a imaginação.

Confessemos no entanto que, apesar da sua virginea ignorancia, a fabricantesinha de rendas vira em Tiburcio um cavalheiro bem feito e de semblante regular; tinha-o visto muitas vezes na cathedral em contemplação deante da *Descida da Cruz*, e attribuia a sua attitude extatica a um excesso de devoção muito edificante em um moço. Emquanto movia os bilros pensava no desconhecido da praça de Meir e entregava-se a innocentes devaneios.

Um dia até, sob a impressão dessa idéa, levantou-se e, sem ter consciencia do que fazia, dirigiu-se ao espelho e consultou-o longamente; olhou-se de frente, de tres quartos, de todos os modos possiveis, e achou, o que era verdade, que a sua tez era mais sedosa que uma folha de papel de arroz ou um petalo de camelia; que tinha olhos azues de admiravel limpidez, dentes

encantadores em uma boquinha de pecego e cabellos seductoramente louros. Reparava pela primeira vez na sua mocidade e belleza ; tomou a rosa branca, que estava mergulhada no bonito copo de crystal, pô-la nos cabellos e sorriu-se ao vêr-se tão bem adornada com uma simples flôr ; a casquilharia tinha nascido ; o amor ia segui-la de perto.

Mas reparo que ha muito tempo deixámos Tiburcio ; o que terá elle feito na hospedaria das Armas de Brabante enquanto prestavamos estas informações ácerca da fabricante de rendas ? escreveu em uma bonita folha de papel alguma cousa que deve ser uma declaração de amor, a menos que não seja um cartel de desafio ; pois muitas folhas garatujadas e cheias de borrões, espalhadas pelo chão, demonstram que o escripto era de redacção difficilima e importantissima. Tendo acabado, tomou o manto e dirigiu-se de novo para a rua Kipdorp.

A lampada de Gretchen, estrella de paz e de trabalho, brilhava suavemente por traz da vidraça, e o vulto da moça, pendida sobre o seu trabalho paciente projectava-se na transparencia do filó. Tiburcio, mais perturbado que um ladrão que vae dar volta á chave de um thesouro, approximou-se devagarinho da grade, mettem a mão por entre os varões e enterrou na terra fôfa do vaso de cravos o canto da carta dobrada em tres, contando que Gretchen não podia deixar de vê-la ao abrir a janella de manhã para regar os vasos de flôres.

Feito isto, retirou-se com passo tão subtil como si as sollas das suas botas fossem forradas de feltro.

CAPITULO IV

A luz cerulea e fresca da manhã fazia empallidecer a côr amarella desbotada dos lampeões quasi a apagarem-se; o Escalda fumegava como um cavallo suado, e o dia começava a coar-se pelos rasgões do nevoeiro, quando a janella de Gretchen se entreabriu. Gretchen tinha ainda os olhos banhados de languidez, e o sulco impresso na face delicada por uma dobra do travesseiro attestava que a moça dormira sem mudar de logar no seu leitosinho virginal, com esse somno de que só a mocidade possui o segredo. Queria vêr como os seus queridos craveiros tinham passado a noite, e envolvêra-se á pressa na primeira roupa que encontrára; esse gracioso e pudico desalinho assentava-lhe ás mil maravilhas. E si a idéa de uma deusa póde consorciar-se com uma toucassinha de linho de Flandres ornada de rendas e um penteador de fustão branco, diremos que assemelhava-se á aurora *entreabrindo as portas do Oriente*; esta comparação é talvez demasiado magestosa para uma fabricante de renda que vae regar um jardim composto de dous vasos de fayança; mas é fóra de duvida que a aurora era menos fresca e menos corada, principalmente a aurora de Flandres, que tem continuamente os olhos um tanto amortecidos.

Gretchen, armada com uma grande garrafa, dispunha-se a regar os seus craveiros e por pouco que a ardente declaração de Tiburcio não ficou afogada sob um moralizador diluvio de agua fria; felizmente a alvura do papel chamou a attenção de Gretchen, que tirou a carta e ficou muito sorprendida ao vêr o que continha. Não havia mais do que duas phrases, uma em francez, outra em allemão; a phrase franceza era composta de duas palavras: Amo-te; a phrase allemã de tres: *Ich dich liebe*, o que quer dizer exactamente a mesma cousa. Tiburcio cogitára do caso em que Gretchen não entendesse a lingua materna; era, como o leitor está vendo, homem de inteira prudencia.

Realmente valia muito a pena borrar mais papel do que Malherbe gastava para fabricar uma estancia, e beber, a pretexto de exaltar a imaginação, uma garrafa de excellente tochayer, para ir ter o pensamento engenhoso e novo. Pois bem! apezar da sua apparente simplicidade, a carta de Tiburcio era talvez uma obra-prima de velhacaria, a menos que não fosse uma asneira, o que tambem é possível. Entretanto não seria um golpe de mestre deixar cair assim, como uma gotta de chumbo candente, no meio dessa tranquillidade d'alma esta só palavra: Amo-te,—e não deveria a sua quédia produzir, como na superficie de um lago, uma infinidade de irradiações e de circulos concentricos?

Effectivamente, o que contêm todas as mais arden-tes epistolas amatorias? O que fica de todas as empôlas da paixão quando as picamos com o alfinete da rásão? Toda a eloquencia de Saint-Preux reduz-se a uma palavra, e Tiburcio havia realmente chegado ao fundo da questão, concentrando nessa curta phrase a rhetorica florida dos seus primitivos borrões.

Não tinha assignado; o que adeantaria o seu nome? era desconhecido na cidade, não sabia o nome de

Gretchen e, a fallar a verdade, pouco se lhe dava disso. A cousa era mais romântica e mais mysteriosa assim. A imaginação menos fertil podia tirar dahi vinte volumes in-octavo mais ou menos verosimeis. Seria algum sylpho, algum puro espirito, algum anjo enamorado, algum formoso capitão, algum filho de banqueiro, algum moço lord par de Inglaterra com um milhão de renda, algum boiardo russo com um nome em *off*, muitos rublos e uma multidão de gollas de pelle? Taes eram as graves interrogações que essa carta, de eloquencia tão laconica, ia inevitavelmente suscitar. O tractamento por tu, que só se dirige á Divindade, indicava uma violencia de paixão que Tiburcio estava longe de experimentar, mas que podia produzir o melhor effeito no espirito da moça, visto que a exaggeração parece sempre mais natural ás mulheres que a verdade.

Gretchen não hesitou um momento em suppor o moço da praça de Meir auctor do bilhete : as mulheres não se enganam em taes assumptos ; possuem um instincto, um faro maravilhoso, que suppre o uso do mundo e o conhecimento das paixões. A mais prudente entende mais disso que don Juan com toda a sua lista.

Pintámos a nossa heroina como uma rapariga muito ingenua, muito ignorante e muito séria : cumpre no entanto confessar que não mostrou a indignação virtuosa que deve experimentar uma mulher que recebe um bilhete escripto em duas linguas e contendo uma tão formal extravagancia. Sentiu antes tal ou qual prazer, e leve rubor coloriu-lhe o rosto. Essa carta era para ella um como attestado de belleza ; tranquillisava-a acerca de si propria e assignalava-lhe uma cathegoria ; era o primeiro olhar que se mergulhava na sua modesta obscuridade ; a

modicidade da sua fortuna impedia que a procurassem.

Até então haviam-na apenas considerado como uma creança, Tiburcio sagrava-a moça; teve para com elle o reconhecimento que deve ter a pérola para com o mergulhador que a foi descobrir na concha grosseira debaixo do tenebroso manto do oceano.

Passado este primeiro effeito, Gretchen experimentou uma sensação muito conhecida de quantos atravessaram uma infancia guardada severamente, e que nunca tiveram segredo; a carta pesava-lhe como um troço de marmore, não sabia o que fazer della. Parecia-lhe que a sua camara não tinha recantos bastante escuros, escondrijos bastante impenetraveis para occultá-la ás vistas: pô-la no bahu, debaixo de um monte de roupa; mas no fim de alguns momentos tornou a tirá-la; a carta flammejava atravez das taboas do movel como o microcosmo do doutor Fausto na agua forte de Rembrandt. Gretchen procurou outro logar mais seguro; Barbara podia ter necessidade de guardanapos ou toalhas e encontrá-la. Puchou uma cadeira, trepou emcima, e poz a carta sobre a cornija da cama, o papel queimava-lhe as mãos como uma chapa de ferro em braza. Barbara entrou para arrumar o quarto. Gretchen, simulando grande calma, foi sentar-se no logar do costume e continuou o trabalho da vespera; mas cada passo que Barbara dava perto da cama era para a moça um transe horrivel; as arterias batiam-lhe nas fontes, o quente suor da angustia aljofrava-lhe a fronte, os dedos embaraçavam-se nos fios; parecia-lhe que uma mão invisivel apertava-lhe o coração. Affigurava-se-lhe que Barbara tinha um gesto inquieto e sospeitoso que não lhe era habitual. Afinal a velha sahio com uma cesta no braço para ir fazer as compras. A misera Gretchen respirou e tornou a ir burcar a carta, que metteu no bolso; mas

dahi a pouco tornou a tirá-la ; o estallar do papel atemorizava-a, poz a carta no seio ; pois é ahi que as mulheres põem tudo quanto as incommoda. Um collete é um armario sem chave, um arsenal completo de flôres, de tranças de cabellos, de medalhas e de epistolas sentimentaes ; é uma como caixa de correio em que se deita toda a correspondencia do coração.

Porque então não queimava Gretchen esse pedaço de papel insignificante que lhe causava tão vivo terror ? Primeiro, Gretchen nunca em sua vida experimentára tamanha emoção ; estava a um tempo aterrada e encantada ; depois, não nos dirá o leitor porque rasão os amantes obstinam-se em não destruir as cartas que mais tarde podem compromettê-los e deitá-los a perder ? E' que uma carta é uma alma visivel ; é que a paixão atravessou com o seu fluido electrico essa folha vã e communicou-lhe a vida. Queimar uma carta é commetter um assassinato moral ; nas cinzas de uma correspondencia destruida ha sempre algumas parcellas de duas almas.

Gretchen guardou, pois, a sua carta na dobra do collete, ao lado de uma pequena cruz de ouro, que ficou muito admirada com a visinhança do bilhete amoroso.

Como rapaz avisado, Tiburcio deu tempo que a sua declaração operasse. Fingiu-se morto, e não tornou mais a apparecer na rua Kipdorp. Gretchen começava a ficar inquieta, quando uma bella manhã viu na grade da janella um magnifico ramalhete de flôres exóticas.

Tiburcio passára por ahi ; esse era o seu cartão de visita.

Esse ramalhete encheu de satisfação á rapariga, que se affizera á idéa de Tiburcio, e cujo amor proprio resentira-se secretamente da pouca pressa que mostrára depois de tão ardente estréa ; tomou o ramalhete

de flôres, encheu d'agua um dos seus lindos vasos de Saxe realçados com desenhos azues, desatou as hastes e pô-las dentro d'agua para conservá-las mais tempo. Nessa occasião pregou a primeira mentira de sua vida, dizendo a Barbara que o ramalhete lhe fôra dado por uma senhora á casa de quem levára rendas e que sabia quanto ella gostava de flôres.

Nesse dia Tiburcio levou muito tempo parado de frente da casa, a pretexto de tirar o esboço de alguma architectura singular; conservou-se ahi muito tempo, riscando com um lapis sem ponta num pedaço de papel vellino. Gretchen ficou por sua vez como si estivera morta; nem uma dobra de panno moveu-se, nem uma janella abriu-se; a casa parecia adormecida. Recolhida a um angulo da camara, pôde, por meio de um espelho, observar Tiburcio á vontade. Viu que era alto, bem feito, que toda a sua pessoa tinha aspecto distincto, rosto regular, olhar triste e meigo, physionomia melancholica, cousa que a impressionou muito, costumada como estava á saude rubicunda das caras brabantinas; demais, Tiburcio, apesar de não ser nenhum leão e nenhum elegante, não deixava de ter graça natural, e devia parecer um fashionable completo a uma rapariga tão ingenua como Gretchen: no boulevard de Gand parecêra apenas sufficiente, na rua de Kipdorp era magestoso.

Pelo meio da noite Gretchen, com adoravel puerilidade, levantou-se de pés no chão para ir vêr o ramalhete; mergulhou o rosto no meio das flôres e beijou Tiburcio nos labios vermelhos de uma magnifica dhalia; immergiu a cabeça com paixão nas vagas matizadas desse banho de flôres, sorvendo a largos haustos os seus inebriantes perfumes, aspirando com as narinas distendidas até sentir fraquear-lhe o coração e tornarem-se-lhe languidos os olhos. Quando levantou a cabeça, as faces brilhavam-lhe rociadas de gotta-

sinhas d'agua e o narizinho encantador, coberto gentilmente com o pódourado dos estames, estava lindamente amarello. Enxugou a face rindo-se, tornou a deitar-se e adormeceu; o leitor bem póde imaginar que a moça viu Tiburcio em todos os seus sonhos.

No meio de tudo isto, que fim levou a Magdalena da *Descida da Cruz*? Continúa a reinar sem rival no coração do nosso moço entusiasta; tem sobre as mais bellas mulheres vivas a vantagem de ser um impossivel: com ella não póde haver decepção, não póde haver saciedade! com ella não ha desillusões por amor de phrases vulgares ou ridiculas; lá está immovel, conservando religiosamente a linha soberana na qual a encerrou o grande mestre, certa de ser eternamente bella e patenteando ao mundo na sua linguagem silenciosa o sonho de um genio sublime.

A operariasinha da rua Kipdorp é realmente uma encantadora creatura; mas como seus braços estão longe de ter aquelle contorno onduloso e flexivel, aquella potente energia rodeada de graça! Como as suas espaduas têm ainda a delicadeza juvenil! e como a côr loura de seus cabellos empallidece perto dos tons singulares e ricos com que Rubens accendeu os cabellos abundantes da sancta peccadora! Tal era a linguagem de Tiburcio consigo mesmo, passeiando no caes do Escalda.

No entanto, vendo que nada adeantava nos seus amores em pintura, fez os raciocinios mais sensatos ácerca da sua insigne loucura, voltou a Gretchen, não sem soltar um longo suspiro de saudade; não a amava, mas ao menos a moça recordava-lhe o seu sonho, como uma filha recorda a mãe adorada que morreu. Não nos demoraremos nos pormenores destes amores, imagine-os o leitor á ventade. O acaso, o grande intromettido, forneceu aos nossos dous amantes oportunidade naturalissima de fallarem-se. Gret-

chen tinha ido passeiar, conforme costumava, na Cabeça de Flandres, do outro lado do Escalda, com a moça sua amiga. Correram atraz das borboletas, fizeram corôas de centaureas, e rolaram emcima do feno dos moinhos, tanto e tanto que cahira a noite e o barqueiro dera a sua ultima viagem sem que ellas reparassem nisso. Alli estavam ambas muito inquietas, com a ponta dos pés dentro d'agua, a gritarem com toda a força das vozesinhas argentinas que as fossem buscar ; mas a brisa inconstante levava-lhes os gritos, e nada lhes respondia sinão o meigo queixume da agua na areia. Felizmente Tiburcio passeiava no rio em um botesinho de vela ; ouviu-as e offereceu-se para transportá-las ! cousa que a amiga deu-se pressa em aceitar, apezar do embaraço e rubor de Gretchen. Tiburcio levou-a até á casa e tractou de arranjar um passeio de bote para o domingo seguinte com o assentimento de Barbara, que a assiduidade do moço nas egrejas e a sua devoção pelo quadro da *Descida da Cruz* haviam disposto mui favoravelmente.

Tiburcio não achou grande resistencia por parte de Gretchen. A moça era tão pura que se não defendeu, por não saber que a atacavam, e de mais a mais amava a Tiburcio ; pois, apezar d'elle fallar mui jovialmente, e exprimir-se ácerca de tudo com ironica leviandade, a moça adivinhava que elle era infeliz, e o instincto da mulher é consolar : a dor as attrahe como o espelho attrahe as calhandras.

Postoque o moço francez tivesse mil attencões para com ella e a tractasse com extrema doçura, conhecia que o não possuia completamente, e que havia na alma d'elle escondrijos em que ella nunca penetrava. Algum pensamento superior e occulto parecia preoccupá-lo e era evidente que elle viajava frequentes vezes por um mundo desconhecido ; a sua phantasia arrebatada por involuntario bater de azas fazia-o per-

der pé a cada momento, e esvoaçava pelo tecto, procurando como um passaro prisioneiro uma sahida para vôar pelo azul do céu. Muita vez o moço examinava-a com singular attenção durante horas inteiras, mostrando-se ora satisfeito, ora descontente. Esse olhar não era o olhar de um amante. Gretchen não sabia explicar esse proceder, mas, como confiava na lealdade de Tiburcio, não tinha receio algum.

Tiburcio, dizendo que o nome de Gretchen era difficil de pronunciar, chrismara-a com o nome de Magdalena, substituição que a moça acceitára com prazer, achando secreta doçura em ser chamada pelo o amante com um nome mysterioso e differente, como si ella fosse para elle outra mulher. O moço fazia tambem frequentes visitas á cathedral, exacerbando a sua mania com impotentes contemplanções; nesses dias Gretchen era quem soffria com os rigores de Magdalena: o real pagava pelo ideal. Ficava contrariado, enjoado, aborrecido, o que a excellente creatura attribuia a molestia de nervos ou a leituras muito prolongadas.

Entretanto Gretchen é uma encantadora rapariga, que vale a pena de ser amada por si só. Em todas as Flandres, no Brabante e no Hainaut não se encontrava pelle mais alva e fresca e mais formosos cabellos louros; tem a mão a um tempo carnuda e delicada, com unhas de agatha, verdadeira mão de princeza, e, perfeição rara na terra de Rubens, pé pequeno.

Ah Tiburcio! Tiburcio! que queres apertar nos braços um ideal real e beijar na bocca a tua chimera, toma cuidado! as chimeras, apesar dos seus seios redondos, das suas azas de cysne e do sorriso scintillante, têm dentes agudos e garras cortadoras. As malvadas sugarão o sangue puro de teu coração e deixar-te-hão mais secco e mais inane que uma esponja; deixa-te dessas ambições desenfreiadas, não queiras que desçam os marmores de seus pedestaes, e não di-

rijas supplicas a telas mudas : todos os teus pintores e poetas tinham a mesma enfermidade que tu tens ; quizeram fazer uma criação aparte na criação de Deus. Com o marmore, com a côr, com o rythmo traduziram e fixaram o seu ideal da bellesa : as suas obras não são os retratos das amantes que tinham, mas das que desejavam ter, e embalde procurarás na terra os seus modelos. Vae comprar outro ramallete para Gretchen, que é uma formosa e meiga rapariga ; deixa em paz os mortos e os phantasmas, e tracta de viver com a gente deste mundo.

CAPITULO V

Sim, Tiburcio, embora fiques muito admirado, Gretchen te é muito superior. Não leu os poetas e nem sequer conhece os nomes de Homero e de Virgilio; as lamentações do Judeu Errante, de Henriqueta e Damon, impressas em madeira e grosseiramente coloridas, constituem toda a sua litteratura, accrescentando-se-lhe o latim de seu livro de horas, que ella solettra conscienciosamente todos os domingos; Virginia não sabia mais do que isso no fundo do seu paraíso de magnolias e jambos côr de rosa.

Estás, é verdade, ao facto das cousas litterarias. Conheces a fundo a esthetica, a esoterica, a plastica, a architectonica e a poetica; Marphurius e Pancraccio não têm mais bonita lista de conhecimentos em *ica*. Desde Orpheu e Lycophron até o ultimo volume do Sr. de Lamartine, tens devorado quantos metros se têm forjado, quantas rimas se têm alinhado, e quantas estrophes têm sido lançadas em todos os moldes possiveis; nenhum romance te escapou. Tens percorrido de uma a outra estremidade o mundo immenso da phantasia; conheces todos os pintores desde André Rico de Candia e Bizzamano até os Srs. Ingres e Delacroix; tens estudado a belleza nas fontes mais puras: os baixos-relevos de Egina, as frisas do Par-

thenon, os vasos etruscos, as esculturas hieraticas do Egypto, a arte grega e a arte romana, o gothico e o renascimento; tens analysado tudo, tudo escavado; tornaste-te um como adelo de belleza com quem os pintores se aconselham quando querem escolher um modelo, da mesma fórma por que se consulta um picador para comprar um cavallo. E' certo que ninguem conhece melhor do que tu o lado physico da mulher; em taes assumptos vales tanto como um estatuario atheniense; mas, por muito occupado com a poesia, supprime a natureza, o mundo e a vida. As tuas amantes não passaram para ti de quadros mais ou menos felizes; para com as formosas e bonitas o teu amor estava na proporção de um Ticiano para um Boucher ou para um Vanloo; mas nunca te importaste com saber si havia alguma cousa que palpitasse e vibrasse sob essas apparencias. Apezar de teres excellente coração, a dor e a alegria parecem-te duas caretas que perturbam a tranquillidade das linhas: a mulher é para ti uma estatua quente.

Ah infortunado moço! atira teus livros ao fogo, rasga as tuas gravuras, quebra os teus gessos, esquece Raphael, esquece Homero, esquece Phidias, já que não tens animo de tomar um pincel, uma pena ou um cinzel; de que te serve essa admiracão esteril? aonde irão ter esses transportes insensatos? Não exijas da vida mais do que ella póde dar. Só os grandes genios têm direito de não estar contentes com a creação. Esses podem ir contemplar a esphyngue entre os olhos, porque decifram os seus enigmas. Mas tu não és grande genio; sê simples de coração, ama a quem te ama, e, como diz João Paulo, não peças nem luar, nem gondola no lago Maior, nem entrevista em Isolla Bella.

Faze-te advogado philantropo ou guarda-portão; emprega tua ambição em tornar-te eleitor e sargento

na tua companhia; tracta de ter o que na sociedade chama-se uma posição, torna-te um bom burguez. A esta palavra, sem duvida, a longa cabelleira vae-se-te erriçar de horror, porque tens para com o burguez o mesmo desdem que o bursch allemão professa pelo philisteu, o militar pelo pekim, e o brahma pelo pariá. Esmagas com ineffavel desprezo todo o commerciante honrado que prefere uma copla de vaudeville a um terceto do Dante, e a cassa dos pintores de retratos em voga a um esfollado de Miguel Angelo. Semelhante homem está para ti abaixo do irracional; entretanto ha burguezes desses cuja alma (pois têm-na) é rica de poesia, que são capazes de amor e dedicação e que experimentam emoções de que és incapaz, tu, cujo cerebro atrophiou o coração.

Repara em Gretchen, que toda a sua vida não fez outra cousa mais que regar craveiros e cruzar os seus fios; ella é mil vezes mais poetica do que o senhor artista, como agora se diz.

Ella crê, espera, tem sorriso e lagrymas: uma palavra tua produz o sol e a chuva no seu semblante encantador; ella lá está na sua ampla poltrona de tapete, ao lado da janella, debaixo de uma claridade melancolica, desempenhando a sua tarefa habitual; mas como a sua cabecinha trabalha! como a sua imaginação caminha! quantos castellos no ar levanta e derriba! Ei-la a corar e a empallidecer, a sentir calor e frio como a enamorada da ode antiga; a renda escapa-lhe das mãos, ouviu na calçada um passo que distingue entre mil com toda a agudeza de percepção que a paixão dá aos sentidos; apezar de chegares á hora aprazada, ha muito tempo que és esperado. Foste o dia inteiro a sua unica occupação? a si mesmo perguntava a moça: Onde estará agora; o que estará fazendo! pensará em mim como penso nelle? Talvez esteja doente; hontem pareceu-me

mais pallido que de costume, estava triste e preoccupado ao deixar-me; ter-lhe-ha succedido alguma cousa? terá recebido de Pariz noticias desagradaveis? — e quantas interrogações mais faz a paixão na sua inquietação sublime.

Essa misera creança, tão opulenta de coração, deslocou o centro da sua existencia, já não vive sinão em ti e por ti. Em virtude do magnifico mysterio da incarnação do amor, a alma della habita o teu corpo, o espirito desce-lhe sobre ti e visita-te; era capaz de lançar-se deante da espada que ameaçasse o teu peito, o golpe que te ferisse matá-la-hia, e no entanto tomaste-a apenas como um brinco, como um manequim da tua phantasia. Para merecer tamanho amor deitaste-lhe algumas olhadellas, déste-lhe alguns ramalhetes, e recitaste-lhe com tom caloroso logares communs de romance. Quem a soubesse amar melhor teria talvez sido mal succedido; pois, ai! para inspirar amor é preciso não senti-lo. Perturbaste friamente para sempre a limpidez dessa modesta existencia. Realmente, mestre Tiburcio, adorador da côr loura e inimigo da burguezia, commetteste uma feia acção; sentimos muito dizer-to.

Gretchen não era feliz; adivinhava entre si e o amante uma rival invisivel, tomou-se de ciumes: espionou os passos de Tiburcio e viu que apenas ia á sua hospedaria das Armas de Brabante e á cathedral da praça de Meir. Tranquillisou-se.

— Que tanto tem o senhor, disse-lhe uma vez, que olhar a figura de Sancta Magdalena que segura o corpo do Salvador no quadro da *Descida da Cruz*?

— E' que parece-se contigo, respondeu-lhe Tiburcio.

Gretchen corou de prazer e correu para o espelho, afim de verificar a exactidão dessa semelhança; reconheceu que tinha os olhos unctuosos e luzentes, os

cabellos louros, a testa saliente, todo o porte da figura da sancta.

— Então é por isto que me chama Magdalena e não Gretchen ou Margarida, que é o meu verdadeiro nome?

— E', respondeu Tiburcio um tanto embaraçado.

— Nunca supuz que fosse tão bonita, disse Gretchen, e sinto com isso muito prazer, porque assim o senhor ha de amar-me melhor.

Restabeleceu-se a serenidade por algum tempo na alma da moça, e devemos confessar que Tiburcio envidou virtuosos esforços para combater a sua paixão insensata. O receio de tornar-se monomaniaco apresentou-se-lhe ao espirito; e para libertar-se dessa obsessão decidiu-se a voltar para Pariz.

Antes de sahir foi ainda uma vez á cathedral e mandou o seu amigo sachristão abrir os batentes da *Descida da Cruz*.

A Magdalena pareceu-lhe mais triste e desolada que de ordinario; grossas lagrymas deslisavam-lhe pelas faces pallidas, contrahia-lhe a bocca um espasmo doloroso, um circulo azulado rodeiava-lhe os olhos languidos, o raio do sol deixara-lhe os cabellos, e havia em toda a sua attitude um aspecto de desesperação e desanimo; dir-se-hia que já não acreditava na resurreição do seu bem-amado. Comeffeito, o Christo tinha nesse dia tons tão descorados, tão esverdeados que era difficil admittir que a vida pudesse nunca voltar ás suas carnes decompostas. Todos os outros personagens do quadro condividiam esse receio; tinham olhares tristes, semblantes lugubres, e das suas aureolas partiam apenas plumbeos clarões; a lividez da morte estendera-se sobre essa tela antes tão quente e tão viva.

Tiburcio ficou impressionado com a expressão de suprema tristeza derramada na physiognomia da

Magdalena, e a sua resolução de se ir embora ficou abalada. Preferiu attribuir a mudança a uma *sympathia occulta* antes do que a uma mudança de luz. O tempo estava escuro, a chuva cruzava o céu com fios delgados, a uma restea de luz banhada de agua e nevoeiro coava-se difficilmente por entre os vidros inundados e açoutados pela aza da lufada; esta rasão era demasiado plausivel para que Tiburcio a admit-tisse.

— Ah! disse comsigo em voz baixa, servindo-se do verso de um dos nossos novos poetas, « como eu te amára, si amanhã vivêras! » Porque não és mais do que uma sombra impalpavel, presa para sempre na trama desta tela e captiva por traz desta fina camada de verniz? Porque tens o espectro da vida sem poder viver? De que te serve ser bella, nobre e grande, ter nos olhos a chamma do amor terrestre e do amor divino e sobre a cabeça a esplendida aureola do arrependimento, si não passas de um pouco de oleo e de côr estendidos de certo modo? Oh formosa amada, volta um pouco para mim esse olhar a um tempo tão avelludado e tão brilhante; peccadora, tem compaixão de um amor louco, tu a quem o amor abriu as portas do céu; desce do teu quadro, levanta-te com a tua comprida saia de setim verde; pois ha muito tempo que estás ajoelhada deante do poste sublime; as sanctas mulheres guardarão o corpo sem ti, pois bastam para a vigilia funebre.

Vem, vem, Magdalena, não derramaste todos os teus vasos de perfume nos pés do Divino Mestre, deve haver bastante nardo e cynamomo no fundo do vaso de onyx para restituir o lustre aos teus cabellos cobertos com a cinza da penitencia. Terás como outrora laços de perolas, pagens negros e lençóes de purpura de Sidon. Vem, Magdalena, postoque estejas morta ha dous mil annos, eu tenho mocidade e ardor

bastante para reanimar o teu pó. Ah espectro de beleza, cerre-te eu um minuto em meus braços e morra depois!

Um suspiro abafado, fraco e tenue como o gemido de uma pomba mortalmente ferida, soou tristemente no ar. Tiburcio suppoz que a Magdalena tinha-lhe respondido.

Éra Gretchen que, occulta por traz de um pilar, tudo vira, tudo ouvira, tudo comprehendêra. Alguma cousa rompêra-se-lhe dentro do coração: não era amada. A' noite, Tiburcio foi vê-la; estava pallida e desfeita. Gretchen tinha a brancura da cêra. A emoção da manhã fizera cahir-lhe o colorido das faces como o pó das azas de uma borboleta.

— Sigo amanhã para Pariz, queres ir comigo?

— Em Pariz ou noutra parte, onde o senhor quizer, respondeu Gretchen, em quem toda a vontade parecia morta; não serei infeliz em toda a parte?

Tiburcio deitou-lhe um olhar claro e profundo.

— Venha amanhã de manhã, que me achará prompta; dei-lhe o meu coração e a minha vida. Disponha de sua serva.

Foi com Tiburcio ás Armas de Brabante para ajudá-lo nos preparativos de viagem; arrumou-lhe os livros, a roupa e as gravuras, depois voltou para a sua camarazinha da rua Kipdorp; não se deitou e atirou-se vestida no leito.

Invencivel melancholia apoderara-se de sua alma; tudo parecia triste em torno della: os ramalhetes estavam murchos nos seus cartuchos de vidro azul, a lampada bruxoleava e deitava clarões intermitentes e pallidos; o crucificado de marfim inclinava a cabeça desalentada sobre o peito, e o buxo bento parecia um cypreste mergulhado na agua lustral.

A virgemzinha da sua camara contemplava-a de modo estranho com os olhos esmaltados, e a tempes-

tade, apoiando o Joelho nos vidros da janella, fazia gemer e estalar a malha de chumbo.

Os moveis mais pesados, os utensilios mais insignificantes tinham aspecto compassivo e intelligente; estalavam dolorosamente e soltavam sons lugubres. A poltrona estendia os amplos braços ociosos; o lupulo da grade introduzia familiarmente a mãozinha verde por um vidro quebrado; a chaleira lamentava-se e chorava nas cinzas; o cortinado da cama pendia em dobras mais flacidas e mais desoladas; toda a camara parecia comprehender que estava para perder a dona.

Gretchen chamou pela velha creada que chorava, entregou-lhe as suas chaves e os titulos da rendasinha que possuia, depois abriu a gaiola das suas duas pombas côr de café com leite e deu-lhes liberdade.

No dia seguinte dirigia-se para Pariz com Tiburcio.

CAPITULO VI

A habitação de Tiburcio fez ficar muito admirada a moça de Anvers, habituada á rigidez e exactidão flamenga; esse mixto de luxo e de descuido deitava por terra todas as suas idéas. Uma colcha de velludo encarnado claro cobria uma feia mesa côxa; magnificos candelabros de gosto florido, que não assentariam mal no camarim de uma amante de rei tinham pobres assucenas de vidro commum, que a vela fizera reben-tar, queimando até ao fim; um vaso da China de admiravel porcellana e de grande preço recebêra um ponta-pé no bôjo e pontos de sutura de arame de ferro seguravam os pedaços rachados; gravuras rarissimas e antes da inscripção estavam pregadas á parede com alfinetes; um barrete grego toucava uma Venus antiga, e uma multidão de utensilios extravagantes, taes como cachimbos turcos, *narguilés*, punhaes, yatagans, sapatos chinezes, chinellas indianas en-chiam as cadeiras e os aparadores.

A cuidadosa Gretchen não descansou enquanto tudo isso não ficou limpo, pendurado, arrumado; como Deus que tirou o mundo do cahos, a moça tirou dessa confusão um delicioso aposento. Tiburcio, que estava costumado á sua desordem e que sabia perfeitamente

onde as cousa não deviam estar, teve a principio difficuldade em haver-se alli dentro, mas acabou por habituar-se. Os objectos que desarrumava voltavam para o seu logar como por encanto. Compreendeu pela primeira vez o que era confortavel. Como todas as pessoas de imaginação, desdenhava a minuciosidade. A porta de seu quarto era dourada e coberta de arabescos, mas não tinha almofada que interceptasse o frio; como verdadeiro selvagem que era, amava o luxo e não o bem-estar; era capaz de vertir como os orientaes roupas de brocado de ouro forradas de tela grosseira.

No entanto, postoque o moço parecesse ir tomando gosto a esse modo de vida mais humano e mais razoavel, estava ás vezes triste e preocupado; permanecia dias inteiros no seu divan, cercado por dous montes de almofadas, sem dizer palavra, com os olhos fechados e as mãos pendentes; Gretchen não se atrevia a interrogá-lo, tamanho receio tinha da resposta. A scena da cathedral ficara-lhe gravada na memoria em traços dolorosos e indelveis.

O moço continuava a pensar na Magdalena de Anvers; a ausencia tornava-a ainda para elle mais bella: via-a deante de si como uma apparição luminosa. Um sol ideal crivava-lhe os cabellos de settas de ouro, o vestido tinha transparencias de esmeraldas, as espaduas scintillavam como marmore de Paros. As lagrymas haviam seccado, e brilhava lhe a mcci-dade em flôr sob o assetinado das faces coradas; parecia inteiramente consolada da morte do Christo, cujo pé azulado segurava negligente, e voltava a cabeça para o lado do amante terrestre. Os contornos severos da sanctidade transformavam-se em linhas ondulantes e flexiveis; a peccadora reaparecia na arrependida; o panno que lhe envolvia o pescoço fluctuava mais livremente, a saia enchia se de dobras provocadoras

e mundanas, os braços abriam-se amorosamente como prestes a apoderarem-se de alguma presa voluptuosa. A grande sancta tornava-se cortezã e transformava-se em tentadora. Em um seculo mais credulo Tiburcio teria visto nisso alguma sombria machinação daquelle que erra, *quærens quem devoret*; ter-se-hia acreditado com a garra do demonio no hombro e inteira e perfeitamente endemoninhado.

Como se explica que Tiburcio, amado por uma rapariga encantadora, simples de espirito, espirituosa de coração, tendo belleza, innocencia e mocidade, todos os dons reaes que vêm de Deus e que ninguem póde adquirir, teime em correr atraz de uma louca chimera; de um sonho impossivel, e esse engenho tão claro e tão potente pudesse chegar a semelhante gráu de aberração? E' cousa que se vê todos os dias; pois cada um de nós em sua esphera não foi amado obscuramente por algum humilde coração emquanto procuravamos mais ruidosos amores? não calcámos aos pés a pallida violeta de timido perfume, ao caminhar-mos com os olhos fictos na estrella brilhante e fria que nos deitava um olhar ironico do fundo do infinito? pois não tem o abysmo o seu magnetismo, e o impossivel a sua fascinação?

Um dia Tiburcio entrou na camara de Gretchen com um embrulho; tirou d'elle uma saia e um corpinho á moda antiga, de setim verde, uma camisinha de fórmula desusada e um fio de grossas perolas. Pediu a Gretchen que vestisse essas roupas, que deviam assentar-lhe admiravelmente, e que andasse com ellas em casa; deu-lhe como explicação o gostar muito das roupas do XVI seculo, e disse-lhe que, submettendo-se a essa phantasia, dar-lhe-hia extremo prazer. E' facil vêr que uma moça não se faz de rogada para experimentar um vestido novo: tractou logo de ves-

tir-se, e quando entrou na sala. Tiburcio não pôde conter um grito de surpresa e de admiração.

Achou unicamente alguma cousa que observar em relação ao penteado, e libertando-lhe os cabellos presos nos dentes do pente, dispô-los em amplas madeixas sobre as espaduas de Gretchen, como os da Magdalena da *Descida da Cruz*. Feito isso, deu feição diversa á algumas dobras da saia, affrouxou os laços do corpinho, amarrotou o collarinho demasiado duro e esticado, e, recuando alguns passos, contemplou a sua obra.

O leitor terá visto sem duvida, em alguma representação extraordinaria, aquillo que se chama *quadros vivos*. Escolhem-se as mais bellas actrizes do theatro, vestem-nas e collocam-nas de modo a reproduzir alguma piutura conhecida: Tiburcio acabava de fazer uma obra-prima desse genero; dir-se-hia uma figura cortada da tella de Rubens.

Gretchen fez um movimento.

— Não te mexas, que vaes perder a posição; estás tão bem assim! exclamou Tiburcio em tom supplicante.

A misera rapariga obedeceu e ficou immovel durante alguns minutos. Quando a moça voltou-se, Tiburcio notou que ella tinha o rosto lavado de lagrymas.

Tiburcio conheceu que ella sabia de tudo.

As lagrymas de Gretchen corriam-lhe silenciosamente ao longo das faces, sem contracção, sem esforço, como perolas a transbordarem do calice demasiado cheio de seus olhos, deliciosas flôres azues de limpidez celeste: a dor não podia perturbar-lhe a harmonia do semblante, e nella as lagrymas eram mais graciosas que nas outras o sorriso.

Gretchen enxugou as lagrymas com as costas da mão, e, apoiando-se no braço de uma poltrona, disse com voz branda e commovida:

— Oh Tiburcio, como o senhor me fez soffrer ! Um ciúme novo torturava-me o coração ; postoque eu não tivesse rival, estava sendo no entanto trahida : o senhor amava uma mulher pintada, ella era dona dos seus pensamentos, dos seus sonhos, só ella lhe parecia bella, só a ella o senhor via ; immerso nessa louca contemplação, o senhor nem sequer reparava que eu tinha chorado. Eu, que suppuz um instante ser amada, não passava de um molde, de um phantasma da sua paixão ! Bem sei que a seus olhos não sou mais do que uma rapariga ignorante que falla o francez com o sutaque allemão que o faz rir ; o meu semblante agrada-lhe como recordação da sua amante ideal : vê em mim um bonito manequim, que veste á sua vontade ; mas digo-lhe que o manequim soffre e o ama . . .

Tiburcio tentou apertá-la ao coração, mas ella esquivou-se-lhe e continuou :

— O senhor disse-me phrases arrebatadoras de amor, ensinou-me que eu era bella e encantadora, gabou as minhas mãos, e asseverou que uma fada não as tinha mais mimosas, disse que os meus cabellos valiam mais que o manto de ouro de uma princeza, e que os anjos desciam do céu para mirarem-se em meus olhos e que deante delles ficavam tanto tempo que demoravam-se e Deus ralhava com elles ; e tudo isso com voz tão doce e penetrante, com um tom de verdade capaz de enganar ás mais experientes : ai de mim ! a minha semelhança com a Magdalena do quadro accendia-lhe a imaginação e dava-lhe essa eloquencia ficticia ; ella respondia-lhe por minha bocca ; eu emprestava-lhe a vida que lhe falta e servia para completar a sua illusão. Si lhe dei alguns momentos de felicidade, perdôo-lhe o papel que me fez representar. Afinal, não é culpa sua si não sabe amar, si só o impossivel o attrahe, e si só almeja o que não póde alcançar. O senhor tem ambição de amor, engana-se a

si mesmo, nunca ha de amar. Precisa da perfeição, do ideal e da poesia : de tudo quanto não existe. Em vez de amar em uma mulher o amor que ella lhe consagra, de compensar-lhe a sua dedicação e a cessão de sua alma, tracta de vêr si ella parece-se com a Venus de gêsso do seu gabinete. Mal della si a linha da fronte não tem a direcção desejada ! Preoccupava-se com o granulado da sua pelle, com o tom de seus cabellos, com a delicadeza de seus punhos e tornozellos, mas o seu coração, não. O senhor não está apaixonado, meu desditoso Tiburcio, não passa de um pintor. O que suppoz paixão era apenas admiração pela fórma e pela belleza ; estava enamorado pelo talento de Rubens e e não por Magdalena ; a sua vocação de pintor agitava-se-lhe confusa na mente e produzia esses transportes desordenados que não podia dominar. Dahi nascem todas as depravações da sua phantasia. Compreendi porque o amava. O amor é o genio das mulheres ; o espirito dellas não fica absorvido em uma contemplação egoista ! Depois que aqui cheguei, tenho folheado os seus livros, relido os seus poetas, tornei-me quasi sabia. O véu cahiu-me dos olhos. Adivinhei muita cousa de que nunca suspeitaria. Assim pude lêr claramente no seu coração. O senhor outr'ora desenhou, torne a tomar os seus pinceis. Fixará os seus devaneios na tella, e todas estas grandes agitações acalmar-se-hão por si mesmas. Si não posso ser sua amante, serei ao menos o seu modelo.

A moça tocou uma campainha, e disse ao creado que trouxesse um cavallete, uma tella, tinta e pinceis.

Quando o creado acabou de preparar tudo, a casta moça deixou cahir as vestes com um impudor sublime, e, erguendo os cabellos como Aphrodite sahindo do mar, conservou-se de pé sob os raios luminosos.

— Não estou tão bella como a sua Venus de Milo ? perguntou a moça com um momo delicioso.

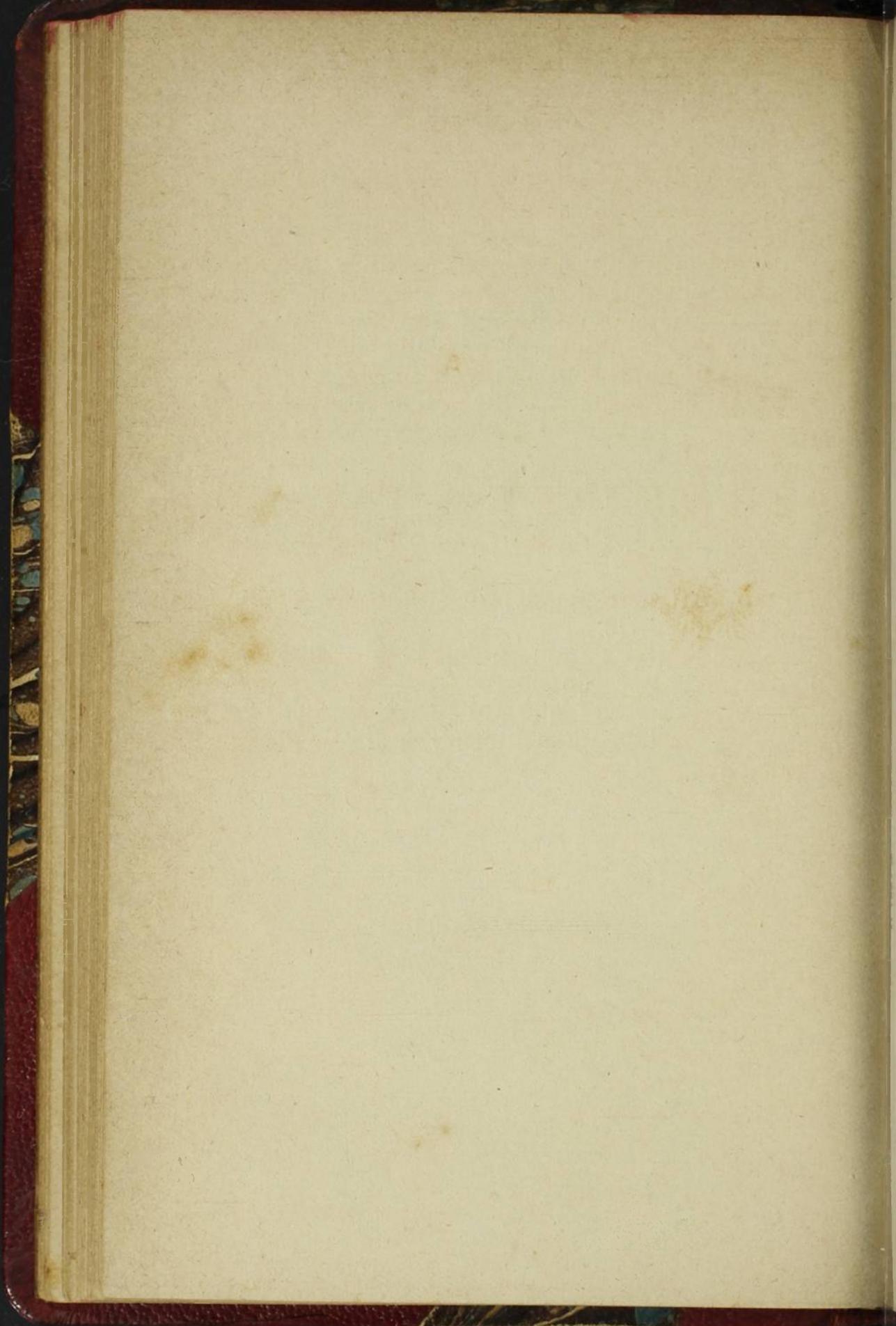
Ao cabo de duas horas, já a cabeça tinha vida e sahia da tella : em oito dias estava tudo acabado. Não era entretanto um quadro perfeito; mas um sentimento peculiar de elegancia e correcção, grande suavidade de tons e nobre simplicidade na disposição tornavam-no notavel, principalmente aos olhos dos conhecedores. A esbelta figura alva e loura destacando-se facilmente do duplo azul do céu e do mar e mostrando-se ao mundo risonha e núa, tinha um reflexo de poesia antiga e lembrava a idade de ouro da escultura grega.

Tiburcio já se não lembrava da Magdalena de Anvers.

— Então ! disse Gretchen, está contente com o seu modelo ?

— Quando queres mandar correr os nossos prérgões ? perguntou Tiburcio.

— Serei mulher de um grande pintor, disse ella, saltando ao pescoço do amante ; mas não se esqueça, meu rico senhor, de que fui eu que descobri o seu genio, esse precioso diamante, eu, a pequena Gretchen da rua Kipdorp !



OMPHALIA

HISTORIA DE MÁU GOSTO

Y
que
rel
An
vel
dis
do
e a
clin
ph
cor
as
tan
Um
to
e p

OMPHALIA

HISTORIA DE MÁU GOSTO

Meu tio o cavalheiro d'... morava em uma casinha que por um lado dava para a tristonha rua de Tournelles e pelo outro para o tristonho boulevard Sancto Antonio. Entre o boulevard e a habitação algumas velhas cercas, devoradas por insectos e musgo, estendiam desgraciosamente os braços descarnados no fundo de um quintal immundo encaixotado entre negros e altos muros. Algumas miseras flôres ressequidas inclinavam languidamente a cabeça como raparigas phtysicas, á espera de que um raio do sol viesse secar-lhes as folhas meio apodrecidas. O matto invadira as alamedas, que difficilmente podiam reconhecer-se, tanto tempo havia que o ancinho por ahi não passára. Um ou dous peixes vermelhos flutuavam mais do que nadavam em um tanque coberto de lentilhas aquaticas e plantas de brejo.

Meu tio chamava a isso o seu jardim.

No jardim de meu tio, além de todas as bonitas cousas que acabamos de descrever, havia um pavilhão soffrivelmente desairoso, ao qual, talvez por antiphrase, déra o nome de *Delicias*. Estava em estado de completa decaencia. As paredes sahiam do prumo; largas porções de rebôco tinham cahido e jaziam no chão no meio das ortigas e da aveia sylvestre; putrido môfo esverdinha as camadas inferiores; a madeira das janellas e das portas estava empenada e estas, ou não fechavam mais, ou fechavam mal. Um caldeirão, donde sahiam exhalações cambiantes, ornava a entrada principal; pois no tempo de Luiz XV, época da construcção das *Delicias*, havia sempre por precaução duas entradas. Ornatos ovaes, conchas e volutas sobrecarregavam a cornija já desmantelada pela infiltração das aguas pluviaes. Consequentemente, era uma construcção triste de vêr-se a das *Delicias* de meu tio o cavalheiro de ***.

Essa triste ruina de hontem, tão estragada como si tivesse mil annos, ruina de barro e não de pedra, toda enrugada, gretada, coberta de lepra, roida de musgo e de salitre, parecia-se com um desses velhos precoces, gastos em tôrpes desregramentos; nenhum respeito inspirava, pois não ha nada tão feio e tão miseravel como um vestido velho de garça e um muro velho de barro, duas cousas que não devem durar, mas que no entanto duram.

Fôra nesse pavilhão que meu tio hospedára-me. O interior não era de melhor gosto que o exterior, posto que mais bem conservado. A cama estufada de sêda amarella com grandes flôres brancas. Um relógio de conchas descansava emcima de uma peanha incrustada de madreperola e marfim. Uma grinalda de rosas de tope circulava casquilhamente em roda de um espelho de Veneza; por cima das portas estavam pintadas, a

uma só côr, as quatro estações. Uma formosa dama empoada, com um collete azul-celeste e uma grade de fitas da mesma côr, um arco na mão direita e uma perdiz na esquerda, um crescente na testa e um galgo aos pés, pavonêava-se e sorria graciosamente em um amplo quadro oval. Era uma das antigas amantes de meu tio, que elle mandára pintar sob a fórma de Diana. A mobilia, como se está vendo, não era das mais modernas. Nada vedava a gente de suppor-se no tempo da Regencia, e os pannos de raz mythologicos que forravam as paredes completavam perfeitamente a illusão.

Os pannos de raz representavam Hercules fiando aos pés de Omphalia. O desenho pretendia imitar a maneira de Vanloo e era no estylo mais Pompadour que é possível imaginar. Hercules tinha uma roca ornada com uma fita côr de rosa; erguia o dedo minimo com uma graça peculiar, como um marquez que toma uma pitada de tabaco, fazendo andar a roda entre o pollegar e o indicador alva maçaroca; o pescoço masculino estava cheio de laços de fita, de rosetas, de fios de pérolas, e de mil adornos femininos. Uma ampla saia côr de peito de pombo com dous grandes pannos regaçados completavam o porte verdadeiramente interessante do heróe veneedor de monstros.

Omphalia tinha as brancas espaduas quasi cobertas com a pelle do leão de Neméa; apoiava a mão debil na nodosa clava do amante; os formosos cabellos louros levemente empoados desciam-lhe negligentemente ao longo do pescoço flexivel e ondulante como um pescoço de pomba; os pésinhos, verdadeiros pés de hespanhola ou de chineza, e que ficariam á larga na chinella de vidro da Corralheira, calçavam cothurnos semi-antigos côr de lilaz claro semeados de pérolas. Era realmente encantadora! A cabeça pendia-lhe para

traz com adoravel temeridade, a bôcca era pequena e fazia um delicioso momo ; tinha as narinas levemente entumescidas e as faces um tanto coradas. Uma pinta habilmente feita realçava-lhe o brilho de modo admiravel, só lhe faltava um bigodinho para dar um perfeito mosqueteiro.

Havia ainda muitas outras personagens no panno de raz, taes como a aia convencional e o Cupido do estylo ; esses, porém, não deixaram na minha lembrança impressão bastante clara para que os possa descrever.

Nesse tempo eu era muito moço, o que não quer dizer que hoje seja muito velho ; mas acabava de sahir do collegio, e estava em casa de meu tio emquanto escolhia uma profissão. Si o bom do homem tivesse previsto que eu havia de abraçar a profissão de auctor de contos phantasticos, é fóra de duvida que me poria na rua e me desherdaria irrevogavelmente ; pois nutria pela litteratura em geral e pelos auctores em particular o mais aristocratico desdem. Como verdadeiro fidalgo que era, desejava mandar enforcar ou desancar pelos creados os ignorantes que mettiam-se a sujar papel e fallavam irreverentemente de pessoas qualificadas. Deus se amercêe do coitado de meu tio ! mas não tinha verdadeira estima sinão para a epistola a Zetulbé.

Como ia dizendo, eu acabava de sahir do collegio. Vinha cheio de sonhos e illusões ; era tão ingenuo, ou talvez mais do que uma camponeza de Salency premiado na festa das rosas. Muito contente por não ter mais lições dobradas que preparar, achei que tudo corria o melhor possivel no melhor dos mundos. Acreditava em uma infinidade de cousas ; acreditava na pastora do Sr. Florian, nos carneirinhos pintados e empoados de branco ; não punha um só momento em duvida todo o rebanho da Sra. Deshoulieres. Pensava

que havia realmente como o affirmava o *appendix de de diis et heroibus* do padre Jouvençy. As minhas recordações de Berquin e de Gessner creavam-me um mundosinho em que tudo era côr de rosa, azul-celeste e verde-gaio. Oh sancta innocencia! *santa simplicitas!* como diz Mephistopheles.

Quando achei-me nessa formosa camara, camara minha, minha só, senti uma alegria a nenhuma outra comparavel. Examinei cuidadosamente desde o primeiro até o ultimo movel, barafustei por todos os cantos e explorei em todos os sentidos. Estava no septimo céu, feliz como um rei ou dous. Depois da ceia (pois em casa de meu tio ceiava-se), excellente costume que perdeu-se com tantos outros não meos excellentes, que lamento com todas as véras, tomei o meu castical e retirei-me, tão impaciente estava por gozar da minha nova habitação.

Emquanto me despedia, pareceu-me que os olhos de Omphalia moveram-se; olhei mais attentamente, não sem algum susto, pois a camara era espaçosa e a fraca penumbra da luz que fluctuava em torno da vela servia apenas para tornar as trevas mais visiveis. Pareceu-me vê-la com a cabeça voltada em sentido contrario. O medo começava a apoderar-se de mim sériamente; apaguei a vela; voltei-me para a parede, cobri a cabeça com o lençol, enterrei o barrete até os queixos e acabei por adormecer.

Levei muitos dias sem atrever-me a olhar para a maldicta tapeçeria.

Talvez não fosse inutil, afim de tornar mais verosimil a inverosimil historia que vou contar, dizer ás formosas leitoras que nessa época eu era realmente um bonito rapaz. Tinha os olhos mais formosos da terra: digo-o porque disseram-mo; uma tez um tanto mais fresca do que tenho agora, verdadeira tez de cravo; cabellos negros e crespos, que ainda tenho, e

dezesete annos, que não tenho mais. Só me faltava uma bonita madrinha para dar um cherubim muito soffri-vel; infelizmente a minha tinha cincoenta e sete annos e tres dentes, o que era muito por uma parte e pouco por outra.

Uma noite, no entanto, animei-me a deitar um olhar á formosa amante de Hercules; ella contem-plava-me com aspecto tristonho e languido. Dessa vez enterrei o barrete até os hombros e metti a cabeça embaixo do travesseiro.

Nessa noite tive um sonho singular, si é que foi sonho.

Ouvi os anneis do cortinado da minha cama ran-gerem nas hastes de ferro, como si tivessem corrido precipitadamente as cortinas. Acordei; ao menos em sonho pareceu-me acordar. Não vi pessoa alguma.

A lua batia nas vidraças e projectava dentro da camara o seu clarão baço e azulado. Grandes sombras de fórmãs singulares desenhavam-se no soalho e nas paredes. O relógio deu um quarto; a vibração custou a cessar; dir-se-hia um suspiro. As pulsações da pendula, que se ouviam perfeitamente, assemelha-ram-se em extremo com o bater do coração de uma pessoa commovida.

Eu não estava lá muito a meu gosto, e não sabia bem o que pensasse.

Uma furiosa rajada de vento fez as janellas baterem e balançou com as vidraças. Os ornatos de madeira estalaram, os pannos de raz ondularam, Abalancei-me a olhar para o lado de Omphalia, suspeitando confu-samente que ella entrava em tudo isso. Não me havia enganado.

A tapeceria agitou-se violentamente. Omphalia sa-hiu da parede e saltou rapidamente no soalho; diri-giu-se para o meu leito, tendo a precaução de voltar a cabeça para outro lado. Creio que não é necessario

narrar a minha estupefação. O velho militar mais intrepido não ficaria muito calmo em taes circumstancias, eu não era velho nem militar. Esperei em silencio o fim da aventura.

Uma vozinha aflautada e argentina scou-me docemente aos ouvidos, com esse ciciar espevitado de que usavam no tempo da Regencia as marquezas e a gente da moda:

— Tens medo de mim, meu filho! E' verdade que ainda és creança; mas não é bonito ter medo das damas, principalmete das que são moças e querem-te bem; isso não é bonito, nem é francez; é preciso que percas esse receio. Vamos, meu selvagemzinho, não faças uma cara tão feia e não escondas a cabeça debaixo das cobertas. Ha de custar muito a educar-te, pois não estás muito adeantado, meu formoso pagem, no meu tempo os cherubins eram mais resolutos do que és.

— Mas, senhora, é que...

— E' que te parece singular vêr-me aqui e não alli, disse ella, mordendo de leve o labio rubro com os dentes alvos, e estendendo para a parede o dedo comprido e afilado. Effectivamente, a cousa não é muito natural; mas ainda quando eu ta explicasse nada adeantarias; basta, pois, que fiques sabendo que não corres perigo algum.

— Receio que a Sra. seja o... o...

— O diabo, digamos a palavra, não é assim? é isto o que querias dizer; ao menos has de concordar que para diabo não sou demasiado negra, e que si o inferno estivesse povoado de diabos como eu, passar-se-hia alli o tempo tão agradavelmente como no paraiso.

Para mostrar que aquillo não era méro gabo, Omphalia deitou para traz a pelle de leão e mostrou-me

umas espaduas e seios de fôrma correcta e alvura offuscadora.

— Então, que dizes? perguntou ella com um arzinho de casquelharia satisfeita.

— Digo que ainla que fosse o diabo em pessoa, eu já não teria medo, Sra. Omphalia.

— Eis o que é fallar; mas não me chame mais nem senhora nem Omphala. Não quero ser senhora para ti e sou tão Omphalia como sou o diabo.

— Então quem é?

— Sou a marquezia de T ***. Algum tempo depois do meu casamento, o marquez mandou fazer esta tapeçeria para o meu aposento e fez me representar sob as vestes de Omphalia; elle tambem alli está sob a fôrma de Hercules. Foi uma idéa singular que elle teve; pois só Deus sabe que no mundo ninguem se parece menos com Hercules do quo o coitado do marquez. Ha muito tempo que esta camara não é habitada. Eu, que gôsto naturalmente de companhia, estava horrivelmente aborrecida e já tinha enxaquecas. Estar com o marido é estar só. Tu vieste, isso alegrou-me; esta camara morta reanimou-se, tive com quem occupar-me. Via-te sahir e entrar, ouvia te dormir e sonhar, acompanhava as tuas leituras. Achava-te engraçado, airoso, agradável: amava-te emfim. Trac-tei de fazer-to comprehender; suspirava, suppunhas que era o vento; fazia-te signaes, deitava-te olhares languidos, apenas conseguia causar-te sustos terriveis. Em desespero de causa resolvi-me a dar o passo inconvenientemente que dou, e a dizer-te francamente o que não podias ouvir com meias palavras. Agora que sabes que te amo, espero que...

A conversação estava nesse ponto quando ouviu-se na fechadura o rumor de uma chave.

Omphalia sobresaltou-se e corou até o branco dos olhos.

— Adeus! disse ella, até amanhã. E voltou para a sua parede recuando, receiosa sem duvida de mostrar-me as costas.

Era Baptista, que vinha buscar-me a roupa para escovar.

— Faz mal, senhor, disse-me, em dormir com o cortinado aberto. Póde apanhar alguma constipação; esta camara é tão fria!

Com effeito, o cortinado estava aberto; eu, que suppunha ter apenas sonhado, fiquei muito admirado, pois estava certo de que o tinham fechado á noite.

Apenas Baptista sahiu, corri para a tapeçeria. Apalpei a de alto a baixo; era uma verdadeira tapeçeria de lã, aspera ao tacto como todas as tapeçerías que existem. Omphalia assemelhava-se ao phantasma encantador da noite como um defuncto parece-se com um ente vivo. Ergui o panno; a parede era inteiriça; não havia postigo encoberto, nem porta secreta. Reparei apenas em uma cousa, que muitos fios estavam rôtos na parte do terreno em que pousavam os pés de Omphalia. Isso deu-me o que pensar.

Passei o dia inteiro muito distraído; aguardava a noite, a um tempo com inquietação e impaciencia. Recolhi-me cedo, resolvido a vêr em que daria tudo isso. Deitei-me; a marquezia não se fez esperar; saltou no chão e veio cair-me exactamente na cama; sentou-se-me á cabeceira, e a conversação começou.

Como na vespera, dirigi-lhe perguntas, pedi-lhe explicações. Iludia umas, respondia ás outras de modo evasivo, mas com tanto espirito que ao cabo de uma hora eu não tinha o menor escrupulo em ligar-me a ella.

Emquanto fallava, passava-me os dedos pelos cabellos, dava-me pancadinhas nas faces, e rapidos beijos na testa.

Papagueava, papagueava de modo escarninho e

engraçado, em estylo a um tempo elegante e familiar, e tão fidalgo como nunca mais tornei a encontrar.

A principio estava sentada na poltrona que ficava ao lado da cama; d'ahi a pouco passou-me um dos braços em volta do pescoço e senti o coração pulsar-lhe com força sobre o meu. Era, na realidade, uma formosa e encantadora mulher, uma verdadeira marquezza que estava a meu lado. Misero collegial de dezete annos! Era para perder a cabeça; perdi-a. Eu não sabia bem o que se ia passar, mas presentia vagamente que o que se ia passar não podia agradar ao marquez.

— E o que dirá o Sr. marquez alli na parede?

A pelle de leão cahira no soalho, e os cothurnos cõr de lilaz claro realçado de prata estavam ao lado das minhas chinellas.

— O que ha de dizer? continuou a marquezza rindo-se devéras. Porventura vê alguma cousa? Demais, ainda quando visse, é o marido mais philosopho e mais inoffensivo do mundo; está habituado com isto. Amas-me, creança?

— Oh! muito! muito!...

Amanheceu; a minha amante fugio.

O dia affigurou-se-me horriavelmente comprido, a noite chegou afinal. As cousas passaram-se como na vespera, e a segunda noite nada teve que invejar á primeira. A marquezza estava cada vez mais adoravel. Isso repetiu-se ainda durante muito tempo. Como eu não dormia de noite, tinha de dia somnolencia, que não pareceu de bom agouro a meu tio. Desconfiou de alguma cousa; escutou provavelmente á porta e ouviu tudo; pois uma bella manhã entrou na minha camara tão subitamente, que Antonietta mal teve tempo de subir para o seu logar.

Vinha acompanhado de um armador, com uma torquês e uma escada!

Olhou para mim com ar arrogante e severo, que deu-me a entender que elle de tudo sabia.

— Esta marquezia de T*** é realmente doida; onde diabo tinha ella a cabeça quando se apaixonou por um fedelho desta ordem? resmoneou meu tio; no entanto tinha promettido não fazer das suas! — João, desprega esta tapeceria, enrola-a, e leva-a para as aguas furtadas.

Cada palavra de meu tio era uma punhalada.

João enrolou a minha amante Omphalia, ou a marquezia Antonieta de T***, com Hercules, ou o marquez de T***, e carregou com tudo para as aguas furtadas. Não pude conter as lagrimas.

No dia seguinte meu tio remetteu-me pela diligencia de B*** para a casa de meus respeitaveis paes, a quem, como é facil imaginar, não disse palavra da minha aventura.

Meu tio morreu; venderam-lhe a casa e os moveis; a tapeceria foi provavelmente vendida com o resto.

O que é certo é que ha algum tempo, revolvendo a casa de um belchior para procurar bagatellas, tropecei em um grosso rôlo empoeirado e coberto de teias de aranha.

— Que é isto? perguntei ao auvernhez.

— E' um velho panno de raz que representam os amores da Sra. Omphalia e do Sr. Hercules; é de Beauvais, de sêda e muito bem conservado. Compre-me isto para o seu gabinete; dou barato por ser para o seuhor.

Ao nome de Omphalia, todo o sangue refluiu-me para o coração.

— Desenrolle esta tapeceria, disse eu ao mercador com tom secco e entrecortado, como si estivesse com febre.

Era ella. Pareceu-me que a sua bocca sorrriu-me

graciosamente e que o seu olhar ateou-se ao encontrar
O meu.

— Quanto quer?

— Ah! eu não posso ceder-lhe isto por menos de
quatrocentos francos certinhos.

— Não os tenho aqui, vou buscá-los; antes de uma
hora estou de volta.

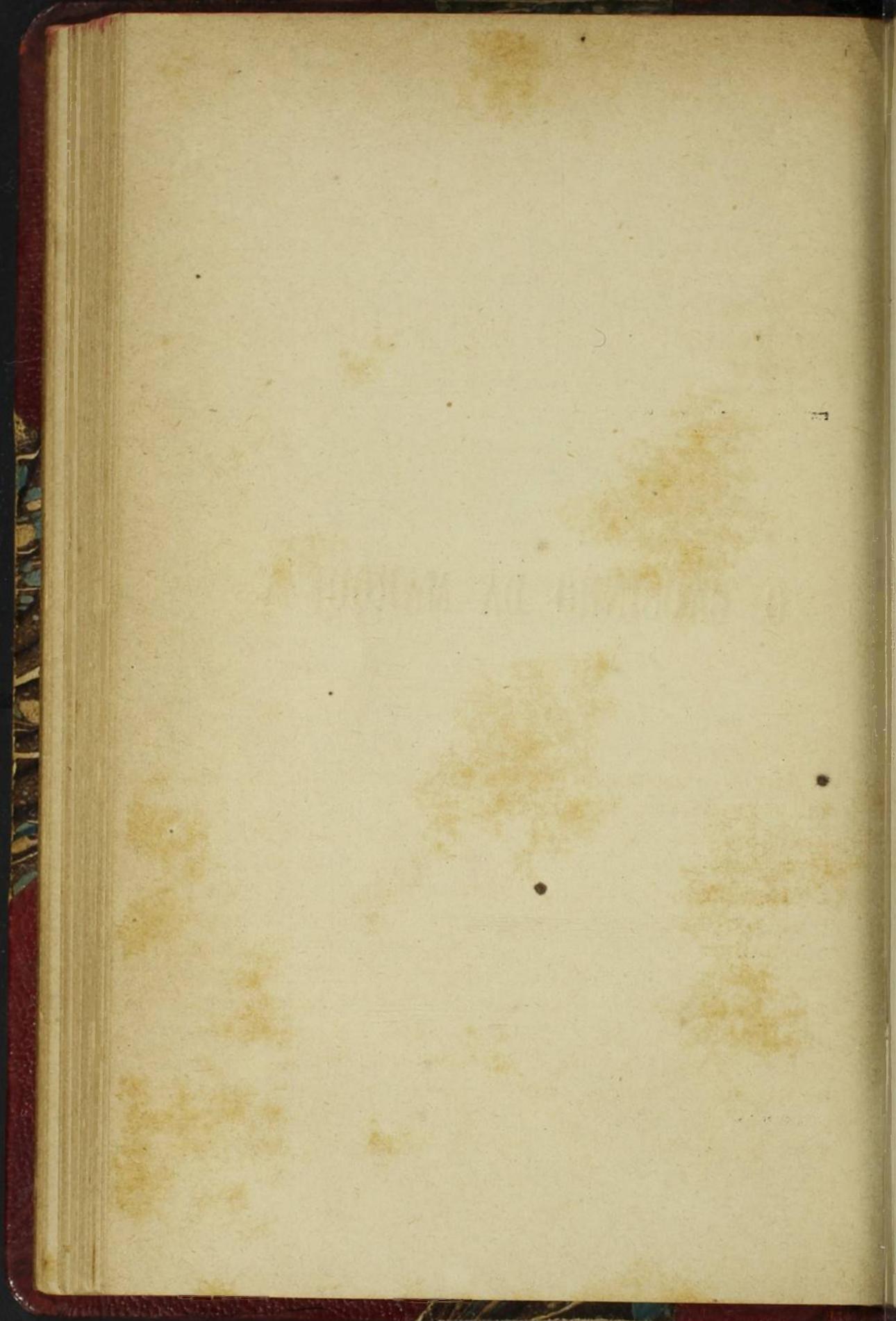
Voltei com o dinheiro; a tapeçeria já lá não estava.
Um inglez comprára-a durante a minha ausencia,
dera por ella seiscentos francos e levára-a.

No fim de contas, talvez fosse melhor que assim
succedesse e que eu tenha conservado intacta essa
deliciosa recordação. Dizem que a gente não deve
voltar aos seus primeiros amores, nem ir vêr a rosa
que admirou na vespera.

E demais, já não estou tão moço nem tão bonito
para que as tapeçerias desçam da parede em honra
minha.

FIM DE OMPHALIA.

O CÃOSINHO DA MARQUEZA



O CÃOSINHO DA MARQUEZA

CAPITULO PRIMEIRO

O DIA SEGUINTE Á CEIA

Ainda não amanheceu em casa de Elianta ; no entanto acaba de dar meio-dia.

Meio-dia, a aurora das moças bonitas ! Mas Elianta fôra convidada a uma ceia em casa da baroneza, onde fizeram mil loucuras ; Elianta só comeu, é verdade, pés e ovos de faisão com varios temperos ; ella só mergulhou os labios rosados na espuma do vinho de Champagne e bebeu dous dedos de crême das Barbadas ; pois Elianta, como toda a casquilha, tem a pretensão de alimentar-se de leite puro e de amor. No entanto está mais cansada que de costume e só receberá visitas ás tres horas.

O abbade M^{***}, que era um dos convidados, mostrou-se de uma extravagancia admiravel, e o cava-

lheiro mystificou a todos no principio do modo mais original; o melhor é que o excellente commendador não quiz acreditar que tinha sido mystificado. Ao amanhecer, foram em carro descoberto comer sôpa de cebola na casa do guarda para recobrem o appetite, e depois do almoço a presidente trouxe em seu carro El'anta, cujo trem não tinha ainda chegado.

Elianta, um tanto fatigada, acaba de entreabrir os lindos olhos levemente languidos e um frouxo sorriso, que degenera em um quasi bocejo, esvoaça-lhe em torno da boquiha em fôrma de coração, que podia ser tomada por uma rosa. Pensa nos despropositos do abbade e nas extravagancias do cavalheiro, no nariz mais rubro da misera presidente, mas estas recordações agradaveis apagam-se para logo e confundem-se em um pensamento unico.

Pois cumpre confessar que, por mais casquilho e galante que se mostrasse o Sr. abbade, e por mais engraçado que estivesse o Sr. cavalheiro, a palma da noite não a ganharam elles.

Outro personagem, que nada disse e a quem acharam mais espirituoso que elles, que nada dispendêra com o vestuario, e que declararam um mimo de graça e de elegancia, reuniu todos os suffragios da assembléa; o proprio abbade, apezar de ter-lhe ciumes, viu-se obrigado a reconhecer esse merito fóra do commum e saudar o astro nascente.

Esse personagem por quem todas as damas estavam apaixonadas e que neste momento occupa o pensamento de Elianta, para que o leitor não gaste em indagações e conjecturas inuteis tempo que póde empregar muito melhor, digo desde já que não é outra cousa mais que o cãosinho da marquezia, animalzinho incomparavel que ella levára no manguito acolchoado.

CAPITULO II

FANFRELUCHE

Para escrever o elogio deste cãesinho maravilhoso, fôra preciso arrancar uma penna á aza do Amor ; só a mão das graças seria bastante leve para traçar-lhe o retrato ; o proprio lapis de Latour não seria demasiado suave.

Chama-se Fanfreluche, lindissimo nome de cachorro, ao qual sabe honrar.

Fanfreluche não é maior que o punho fechado de sua dona, e é sabido que a Sra. marqueira tem a menor mãosinha da terra ; e entretanto parece ter grande volume e assemelha-se quasi cordeirinho, pois tem sedas do comprimento de um pé, tão finas, tão macias, tão brilhantes, que a cauda de Minette parece uma brocha comparada com ellas. Quando dá a pata e que a gente aperta-a, fica admirado de não segurar em cousa alguma. Fanfreluche é antes um flóco de lã e seda em que brilham dous formosos olhos pardos e um narizinho côr de rosa do que um verdadeiro cão. Semelhante animalzinho só póde pertencer á mãe dos amores, que sem duvida o perdeu no caminho de

Cythera, onde a Sra. marquezia, que lá vae algumas vezes, provavelmente o achou.

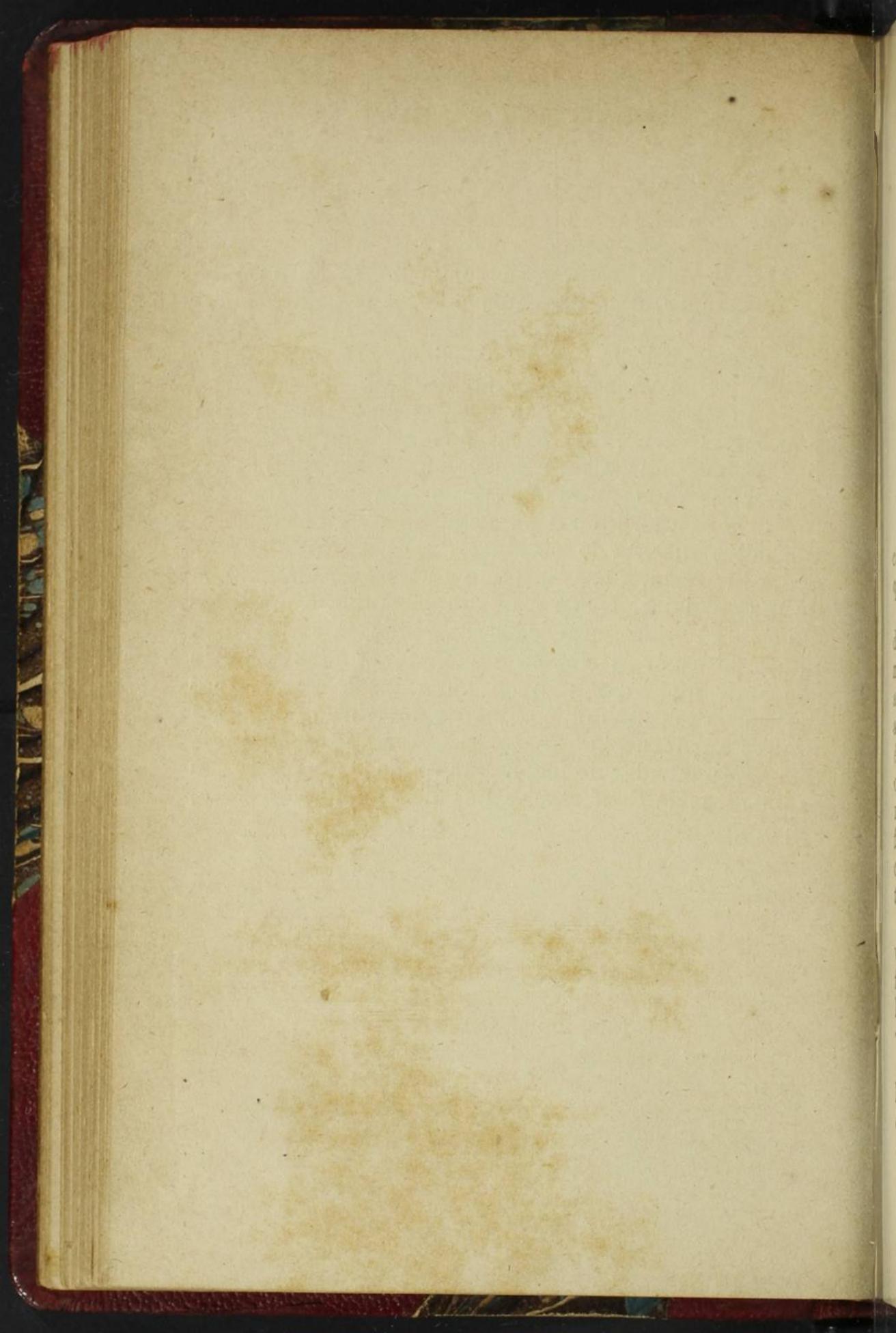
Reparem para essa physiognomia interessante e espirituosa; Rochelana não teria inveja desse nariz delicadamente arrebitado e fendido ao meio por uma pequena depressão como de Anna d'Austria? Essas duas pintas côr de fogo per cima dos olhos não produzirão melhor effeito do que a pinta feita do modo mais seductor?

Que vivacidade nessas pupillas salientes! que duqueza não invejaria a pureza e brilho dessa dupla fila de dentes alvos do tamanho de grãos de arroz, que a menor contrariedade põe a descoberto em todo o seu esplendor? O encantador Fanfreluche, além dos meios plupicos de agradar, possui mil prendas de sociedade: dança o minuete com mais graça que o proprio Marcel, sabe dar a pata e indicar a hora: faz uma cabriola para a rainha e damas da côrte e distingue o seu lado direito do esquerdo. Franfeluche é doutissimo e sabe mais do que os membros da Academia; sinão é academico, é que não quiz sê-lo; pensou, sem duvida, que ahí brilharia pela sua ausencia. O abbade assevera que conhece como um turco as linguas mortas, e que si não falla, é por méra malicia e para enraivecer a dona.

Quanto ao mais, Franfreluche não tem a voracidade animal dos outros cães. E' muito guloso, muito sybarita e difficil de ser alimentado; come apenas um pastel de miolos feito expressamente para elle e só bebe uma canequinha de crême que lhe põem em um pires do Japão. Entretanto, quando a senhora ceia fóra de casa, digna-se chupar uma ponta de aza de franga e comer algum doce á sobremesa; mas é um favor raro que não faz a todos, e é preciso que o cosinheiro lhe agrade. Fanfreluche tem só um pequeno defeito; mas quem é que é perfeito neste mundo? gosta de cerejas

em conserva de aguardente e de tabaco de Hespanha, de que come de tempos a tempos uma pitada ; nessa mania parece-se com o principe de Condé.

Apenas ouve ranger o eixo da boceta de ouro do commendador, é de vêr como põe-se em pé nas patas trazeiras e bate com a cauda no soalho ; e si a marquezia, mergulhada nas delicias do Whist ou do perde ganha, não o vê, salta emcima dos joelhos do abbade, que lhe dá tres ou quatro cerejas em conserva. Com isto Fanfreluche, que não é forte na cabeça, fica bebado como um suisso e dous chantres de egreja ; faz os zigzags mais extravagantes e torna-se de uma ferocidade extraordinaria para com a barriga das pernas um tanto ausente do cavalheiro, que, para conservar o que lhe resta, vê-se obrigado a pôr as pernas emcima de uma cadeira. Não é mais um cãosinho, é um leãozinho, e só a marquoza consegue alguma cousa. São muito para vêr as caretas e momices que faz antes de consentir que o ponham de novo no manguito ou o deitem no seu nicho de páu-rosa acolchoado de setim branco e guarnecido de seda azul. Não se calcula quantas pancadas de barbatana ou de leque produzem as loucuras de Fanfreluche nos dedos do Sr. abbade, seu cumplice.



CAPITULO III

UM PASTEL DE LATOUR

Si não é demasiado brusca a transição de um lindo cãosinho para uma linda mulher, permita o leitor que eu lhe esboce o retrato de Elianta.

Elianta possui incontestavel mocidade; tem ainda dez annos para declarar a idade sem mentir; o numero das suas primaveras não monta a algarismo muito alto. E' este o caso de dizer *aurea mediocritas*. Sabe-se ainda onde estão os pedaços da sua ultima boneca, e é tão notoriamente *creança* que acceita sem hesitação os papeis de velha, de aia e de avó nos proverbios e comedias de salão. Feliz Elianta, que não teme ser confundida com o personagem que representa, e que póde characterisar-se audazmente sem correr perigo de que tomem as rugas pintadas por verdadeiras!

Em compensação, a senhora presidente, cujo nariz vae ficando visivelmente vermelho, com grande satisfação de suas amigas e que começa a tornar-se diabolicamente encarnada, acha os papeis de viuvinha de vinte e cinco annos muito velhos para si.

Elianta, que é de boa familia e só frequenta excellente sociedade, desposou aos quinze annos o conde de***. Sahia do collegio e nunca tinha visto o noivo, que pareceu-lhe muito formoso e muito amavel; era

o primeiro homem que via depois do confessor. Demais a mais, só comprehendia do casamento o carro, os vestidos novos e os brilhantes.

O conde tem já os seus quarenta annos feitos; foi o que se chama um sujeito experimentado, conquistador feliz e amigo de aventuras no reinado precedente. Para a mulher é um homem completo; mas, como elle de mais a mais tinha outra casa posta e um compromisso formal, a sua intimidade com Elianta nunca foi muito grande, e a condessinha goza de inteira liberdade, porisso que o conde não é de fôrma alguma susceptivel de zelos e outros preconceitos gothicos.

O semblante de Elianta não tem a regularidade grega, que já é convencional dizer-se perfeitamente bella, mas que no fundo não seduz a ninguem; tem os mais formosos olhos da terra, e um movimento magnifico de pupillas, sobranceiras delicadamente traçadas, que poderiam ser tomadas pelo arco de Cupido, um narizinho provocador e gracioso, que assenta-lhe ás mil maravilhas; uma boca em que não cabe o dedo minimo: accrescente-se a isto cabellos abundantes e que desatados descem-lhe até a curva das pernas; dentes tão alvos, tão bem feitos, tão bem dispostos que seriam capazes de obrigar a dôr a rir ás gargalhadas para mostrá-los; uma mão fina e carnuda a um tempo, um pé capaz de calçar a chinella da Borrallheira, e ter-se-ha um conjuncto de mimo e delicadeza. Elianta em toda a sua mimosa perfeição só tem grandes os olhos. O principal encanto de Elianta está na sua extrema graça e no modo por que sabe usar as cousas mais simples. O vestuario de grande gala assenta-lhe, mas um vestuario simples assenta-lhe ainda mais. Alguns indiscretos querem dizer que ella ainda é melhor *com a roupa branca*. Esta opinião parece-nos que não deixa de ser acertada.

CAPITULO IV

POMPADOUR

Elianta está apoiado sobre o cotovello meio enterado em um travesseiro do mais fino linho de Hollanda, orlado de renda de ponto de Inglaterra. Medita na perfeição do perfeitissimo Fanfreluchæ; suspira ao pensar na felicidade da marquezia; Elianta daria de bom grado tres mosqueteiros e dous collarinhos em troca do miraculoso animal.

Emquanto ella scisma, lancemos um olhar, para sua camara de dormir, tanto mais que a opportunidade de descrever a camara de dormir de uma bonita mulher desse tempo não se appresentará tão cedo e que o Pompadour está hoje em moda.

O leito de madeira esculpida pintado de branco, realçado de ouro fôsko e de ouro luzente, descança sobre quatro pés torneados com curioso desvelo. As costas de fórmula arqueada ornadas na parte superior por um grupo de pombas a beijarem-se são maciamente estofadas para coitar que a linda dormente

magôe a cabeça quando tiver algum sonho um tanto vivo em que a illusão approxime-se da realidade. Uma cupola ornada com quatro grandes ramos de pennas e suspensa do tecto por um cordão dourado sustém um duplo par de cortinas de estofô côr de côxa de nympha adamascado de prata. No fundo ha um grande espelho de tremó com festões de rosas e margaridas, primorosamente esculpidas; esse espelho reflecte as attitudes graciosas da condessa e trahe-lhe ultimamente os encantos, mostrando o que se não deve deixar vêr. Além disso, ella alegre e ennobrece e alumia esse canto um tanto sombrio. Elianta é tão bem feita que não precisa cercar-se das prudencias do mysterio; para ella não servem o claro-escuro e as tintas amortecidas.

Emcima de um vellador bruxolêa em uma lamparina de velha porcellana de Sèvres uma estrellasinha timida, cuja aureola nocturna foi roubada pelos jubilosos raios do sol coado por entre as aberturas do cortinado das janellas; pois suppunham que a moça voltasse cedo para casa ao sahir da Opera, e os preparativos da sua camara de dormir tinham sido feitos como de costume.

Por cima das portas pinturas a uma só côr, côr de lilaz claro, representam aventuras mythologicas e galantes. O pintor communicou muito fogo e voluptuosidade a essas composições, que inspirariam, pelo modo agradavel e facil com que estão desenhadas, idéas amorosas e risonhas á mulher de mais rijido recato e de mais altos collarinhos.

As tapecerias como as cortinas são presas por pre-silhas, cordas e nós de prata. Essa tapeceria tem a vantagem, pela extrema frescura do seu colorido, de tornar horrendas e abrasadas como Furias todas as pessôas que não têm como Elianta uma tez capaz de

resistir a qualquer aproximação. Essa côr foi maliciosamente escolhida pela condessinha para enfurecer duas das suas melhores amigas, que o abuso do carmim tornou amarellas como marmellos, e a quem gosta de receber sempre nesse aposento.

Espelhos com molduras de conchas enchem os intervallos das janellas; não ha espelhos de mais na camara de uma bonita mulher; mas tambem eu quebraria de bôamente os que estão condemnados a duplicar semblantes parvos. Pois não será bastante vêr uma vez a presidente e a velha e nobre viuva de B***?

A lareira está pejada de bonecos da China, de grupos de massa e porcellana de Saxe. Dous grandes vasos de côr verde-mar esmaltada, com vicos pés, guardam os dous angulos. Um magnifico relógio de Boule, incrustado de tartaruga e cujo ponteiro caminha para as tres horas, repousa emcima de uma peanha de igual magnificencia, que termina em folhagens de ouro. Defronte da lareira, em que brilha uma chamma, um pára-fogo de filagrana prateada, depois de dobrar-se muitas vezes, quebra-se em angulo agudo. Outros pára-fogos de damasco com caixilhos esculpidos, uma duqueza e um bastidor de bordar completam a mobilia desse lado.

Um biombo de verdadeiro lacca da China, todo bordado de garças de longas cristas, dragões alados, palmeiras e pescadores com corvos marinhos no punho, impede o vento perfido de penetrar nesse santuario das graças; um tapete da Turquia, trazido pelo Sr. conde, que foi n'outro tempo embaixador juncto da Sublime Porta, amortece o ruido dos passos, e duplos batentes acolchoados vedam os sons exteriores de penetrar nesse asylo de repouso e de amôr. Tal era a camara de dormir da condessa Elianta.

Esperamos que, por amor da litteratura de official

de justiça em que vivemos, o leitor nos perdoará facilmente esta descripção um tanto longa, attendendo a que só de nós dependia que fosse duas vezes maior, sem que ninguem pudesse porisso metter-nos na cadeia.

CAPITULO V

COLLOQUIO

FANCHONETTE, *creada grave da Sra. Elianta entra nas pontas dos pés, adeanta-se timidamente até juncto do leito e, vendo que Elianta já não dorme:*

Senhora...

ELIANTA

Então, Fanchonette, o que temos? pogoufogo na casa! estás tão esbaforida.

FANCHONETTE

Não, pegou fogo na casa, mas pegou cousa peior: o Sr. duque Alcindor ahi está a pé firme ha duas horas e quer entrar.

ELIANTA

Diga-lhe que não recebo pessôa alguma, que estou com uma enxaqueca horrivel, que não estou em casa.

FANCHONETTE

Já lhe disse tudo isso, elle não se quer ir embora ; diz que si a Sra. sahiu, ha de voltar, e que si está em casa, afinal ha de sahir. Está resolvido a bloqueiar-lhe a porta.

ELIANTA

Que homem terrivel !

FANCHONETTE

Vae mandar trazer uma barraca e viveres para acampar definitivamente no seu salão. A vontade que tem de lhe fallar é tanta que é bem capaz de lhe escallar a janella.

ELIANTA

Que singular mania ! isso é uma loucura sem pés nem cabeça ! O que me quererá ? Fanchonette, como estou hoje ? acho-me horripelmente feia ; creio que estou parecida com a Sra. de B ***.

FANCHONETTE

Pelo contrario, a senhora nunca esteve mais encantadora ; está com a tez admiravelmente fresca.

ELIANTA

Endireita-me um pouco o toucado, e vae dizer ao duque que consinto em recebê-lo.

CAPITULO VI

ENTRE O LEITO E A PAREDE

ELIANTA E O DUQUE ALCINDOR

ALCINDOR

Incomparavel Elianta, tem deante de si o mais humilde dos seus subditos ; o extraordinario desejo de depôr as suas homenagens nos degráus do seu throno impoz a dura necessidade de tornar-se importuno.

ELIANTA

Duque, noto-lhe que estou deitada, e não em um throno, e peço-lhe ao mesmo tempo perdão por não recebê-lo de pé.

ALCINDOR

Pois não é o leito o throno das mulheres bonitas ? Quanto a não receber-me de pé, espero que me dará licença de considerar isso como uma mercè.

ELIANTA

Realmente, o senhor faz-me reflectir; prohibo-lhe, Alcindor, que considere como uma mercê ser recebido no espaço que medeia entre a minha cama e a parede; o senhor é um homem tão sophystico que é preciso andar prevenida.

ALCINDOR

Má! a senhora tem sido sempre para mim ignobilmente virtuosa, e entretanto só Deus sabe que viva chamma tenho eu alimentado em meu peito em honra sua. Faz-me sentir cousas...

ELIANTA

Alcindor, quando fallar na sua chamma, accenda um pouco o olhar e procure dar á voz um tom menos glacial; dir-se-hia que o senhor tem medo de que lhe peguem na palavra.

ALCINDOR

Está dizendo cousas horriveis; Elianta, bastava dez vezes menos para deitar a perder a reputação de um homem. Felizmente, por esse lado, estou resguardado. Hei de mostrar-lhe...

ELIANTA

Não são cousas que se mostrem.

ALCINDOR *tomando um livro de cima da mesa*

O que vem a ser isto? outra producção nova? alguma rhapsodia? Os taes senhores auctores são ver-

dadeiros animaes damninhos. Recebe em sua casa dessa gente?

ELIANTA

Bofé que não! Tenho dous poetas que dormem na estrebaria e comem na copa. Mandam-me estas fraudagens por Fanchonette, a quem chamam de Iris de Venus.

ALCINDOR *approximando-se do leito*

Realmente, o toucado de dormir assenta-lhe as mil maravilhas, e a senhora de penteador é seductora.

ELIANTA

Oh! não! fico feia que metto medo.

ALCINDOR

Peço-lhe um milhão de perdões por desmenti-la, mas isso é uma insigne falsidade. Ainda que tivesse de bater-me em duello com a senhora, não me retractaria.

ELIANTA

Devo ter o semblante transtornado; não preguei olho.

ALCINDOR

Está fresca como uma beata ou uma menina de collegio. Noto-lhe nos olhos um brilho peculiar. Esteve na ceiasinha da baroneza? Dizem que tudo ahi

esteve excellente. O abbade principalmente esteve impagavel ao que dizem. Senti muito não accudir ao convite da querida baroneza, mas a gente não pôde estar em toda a parte. E' incrivel o numero de cavallos que rebento; a minha melhor montaria está morta de canção, e eu não sei realmente como posso resistir. Ah! a Sra. esteve nessa ceia? Palavra de honra, ao sahir d'aqui vou enforcar-me ou deitar-me a afogar por não tê-lo adivinhado.

ELIANTA

A marquezia levou um cãosinho que eu nunca tinha visto, um animal de excellente raça, nunca vi cousa igual! chama-se Fanfreluche. Oh que cãosinho! Duque, porque tinha tanto desejo de fallar-me?

ALCINDOR

Por Deus! queria fazer-lhe a minha declaração em regra constituir-me candidato suspiroso á sua perfeição.

ELIANTA

O senhor delira, duque; sabe tão bem como eu que não está apaixonado.

ALCINDOR

Ah! formosa Elianta, imagine que tenho o coração trespassado de lado a lado; olhe para as minhas costas, ha de vêr a ponta da flecha.

ELIANTA

Que rosto interessante! sedas deste tamanho, pintas

côr de fogo, patas retorcidas. Oh meu Deus! creio que fico doida, sinão conseguir um animalzinho egual; mas não ha segundo.

ALCINDOR

Amo-a com todas as véras.

ELIANTA

Cauda crespa.

ALCINDOR

Adoro-a.

ELIANTA

Orelhas onduladas.

ALCINDOR

Oh mulher divina!

ELIANTA

Oh animal encantador! O abbade diz que elle falla hebreu. Meu Deus! como sou desgraçada! dansa tão bem! Aborreço a marquezia; é uma intrigante e anda com cabellos postiços.

ALCINDOR

O que devo fazer para consolá-la? atravessar o mar, saltar de pés junctos as torres de Nossa Senhora? Fá-lo-hei, falle.

ALCINDOR

Queria vê-la ; não será esta uma excellente rasão ?

ELIANTA

Excellentissima. Mas o senhor não tinha assumpto mais importante em que fallar-me ?

ELIANTA

Só quero Fanfreluche ; só tive em minha vida um desejo ardente, e não posso satisfazê-lo. Creio que isto me porá doente ; ah ! já estou soffrendo horrivelmente dos nervos. Duque, dê-me aquellas gottas do general Lamothe. Este, este frasco que está emcima da mesa... sinto-me fraca.

ALCINDOR *dando-lhe o frasco a cheirar*

Que admiravel collarinho com que está ! si não me engano, é renda de Flandres ou de Bruxellas.

ELIANTA

Alcindor ! acabe com isso ; o senhor impacienta-me horrivelmente. Ah ! déra de bom grado um abraço no diabo, e até em meu marido, si entrasse aqui com Fanfreluche embaixo do braço !

ALCINDOR

Comefeito ! E si eu me achasse nesse caso, seria mais maltractado que o diabo e seu marido ?

ELIANTA

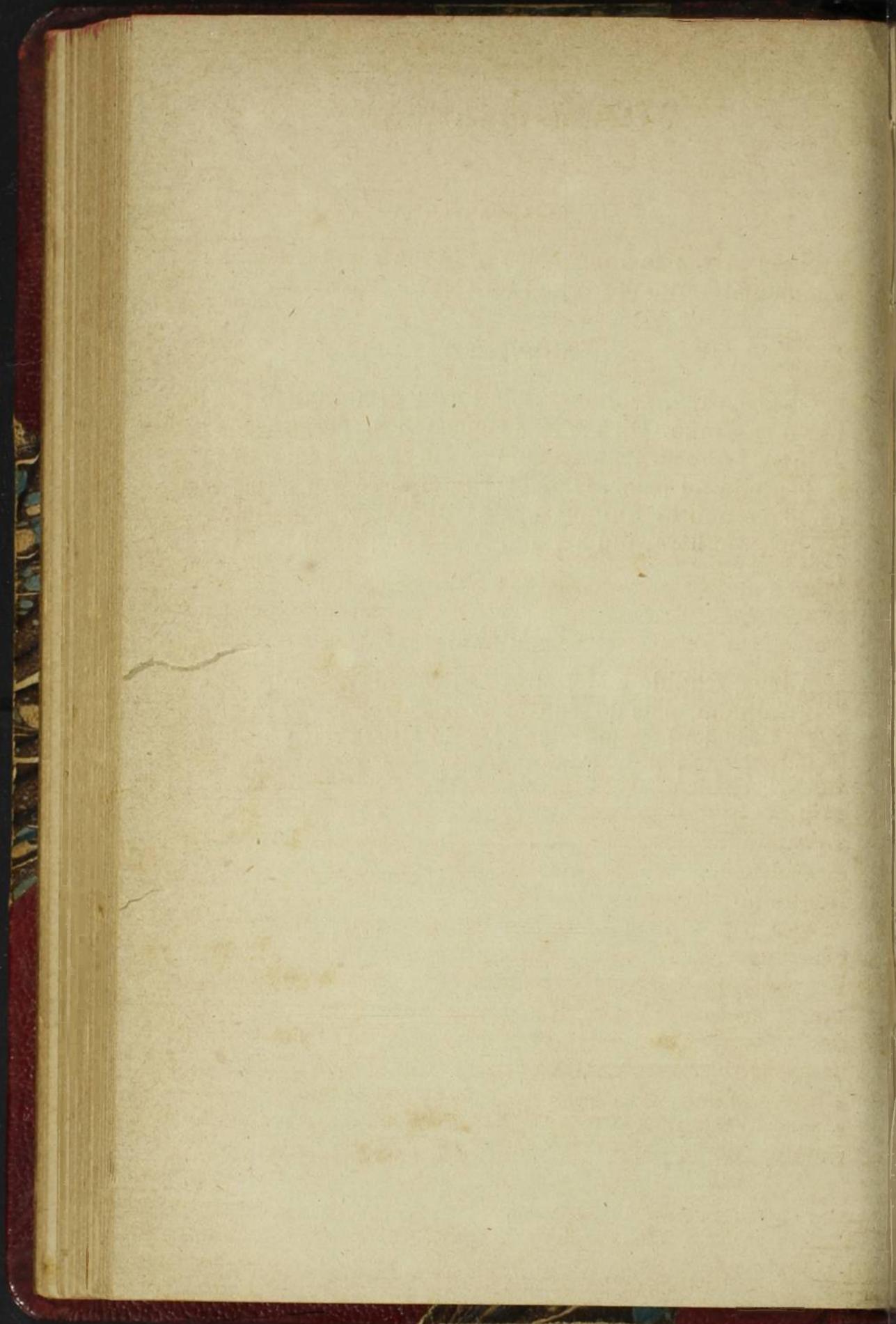
Não ; talvez melhor. Não digo mais nada. Chame Fanchonette que me venha levantar e vestir.

ALCINDOR

Obedeço-lhe, senhora. Bofé ! está dito, mando roubar o cãosinho. Oh meus antepassados, perdoae-me ! Jupiter também transformou-se em cysne e em touro ; isso ainda foi peor. O amor compraz-se em impellir os mais nobres animos a estas duras extremidades. Adeus, senhora, até á vista, vou conquistar o vellocinio.

ELIANTA

Adeus. Cupido e Mercurio o ajudem ! Não volte sem Fanfreluche, pois do contrario digo-lhe desde já que hei de recebê-lo como uma féra da Hyrcania, a unhas e dentes. Ahi está Fanchonette ; boa tardé, duque.



CAPITULO VII

Alcindor, entrando em casa, atirou-se sobre um canapé e soltou um suspiro modulado e aflautado que podia traduzir-se assim: « O diabo carregue todas estas delambidas, affectadas e romanticas com as suas phantasias extravagantes! » Reclinou a cabeça para traz, olhou fixamente para as molduras do tecto e estendeu languidamente a mão para o cordão de sêda de uma campainha. Tocou-a repetidas vezes, mas não appareceu pessoa alguma. Como Alcindor era naturalmente exaltado e não podia supportar a menor demora, pendurou-se ás mãos ambas ao cordão da campainha, que rebentou. Alcindor, privado desse meio de communicacão com a gente da copa e da antesala e resolvido a não levantar-se, poz-se a fazer um barulho de mil peccados.

— Ohlá Goivo, Similor, Marmelada, Galopim, Champagne, alguem! não ha pessoa qualificada em França que seja mais mal servida do que eu! Ohlá marôtos, estupidos, biltres, tractantes, patifes, hão de levar um cento de bastonadas! cuidado com as costas do primeiro que entrar! Ohlá canalha negra e branca, hei de mandá-los todos para as galés, para serem enforcados e amassados vivos como merecem. Deixem estar, hei de recommendá-los ao Sr. preboste.

Arre ! salta ! safa ! irra ! passa-fóra ! estes cachorros afinal são capazes de fazer-me perder o sério. Champagne, Basco, Galopim, Marmelada, Similor, Goivo, ohlá, carrascos ! não posso ! morro ! huff !

O duque Alcindor, suffocado de raiva e estrangulado por novo montão de invectivas que subiam-lhe á guella, cahiu exausto nas costas do canapé.

A porta da camara abriu-se e deu afinal entrada a uma enorme cabeça de negro, redonda, bochechuda, e tanto mais bochechuda quanto tinha as bochechas completamente cheias com uma codorniz tostada, furtada na copa, cuja deglutição fôra interrompida pelos gritos desesperados de Alcindor. Era Similor, o negro predilecto do Sr. duque. Por detraz delle despontava timidamente o nariz agudo de Goivo.

— Parece que senhor branco chama mim negro, disse o negro Similor com tom meio sonso, meio assustado, procurando mover a larga lingua atravez da massa espessa de pão e carne que lhe recheiava a bocca.

— Ah ! suppões, salteador, que eu te estava chamando. Hei de mandar-te esfollar vivo e virar-te do avesso como uma casaca velha, para vêr si o forro de tua pelle é tão preto como estofo. Toma miseravel !... E o duque, cuja colera reanimara-se extravasando-se, agarrou em um castiçal que estava emcima da mesa e atirou-o á cabeça do negro. O castiçal foi direito a um espelho, que partiu em mil pedaços.

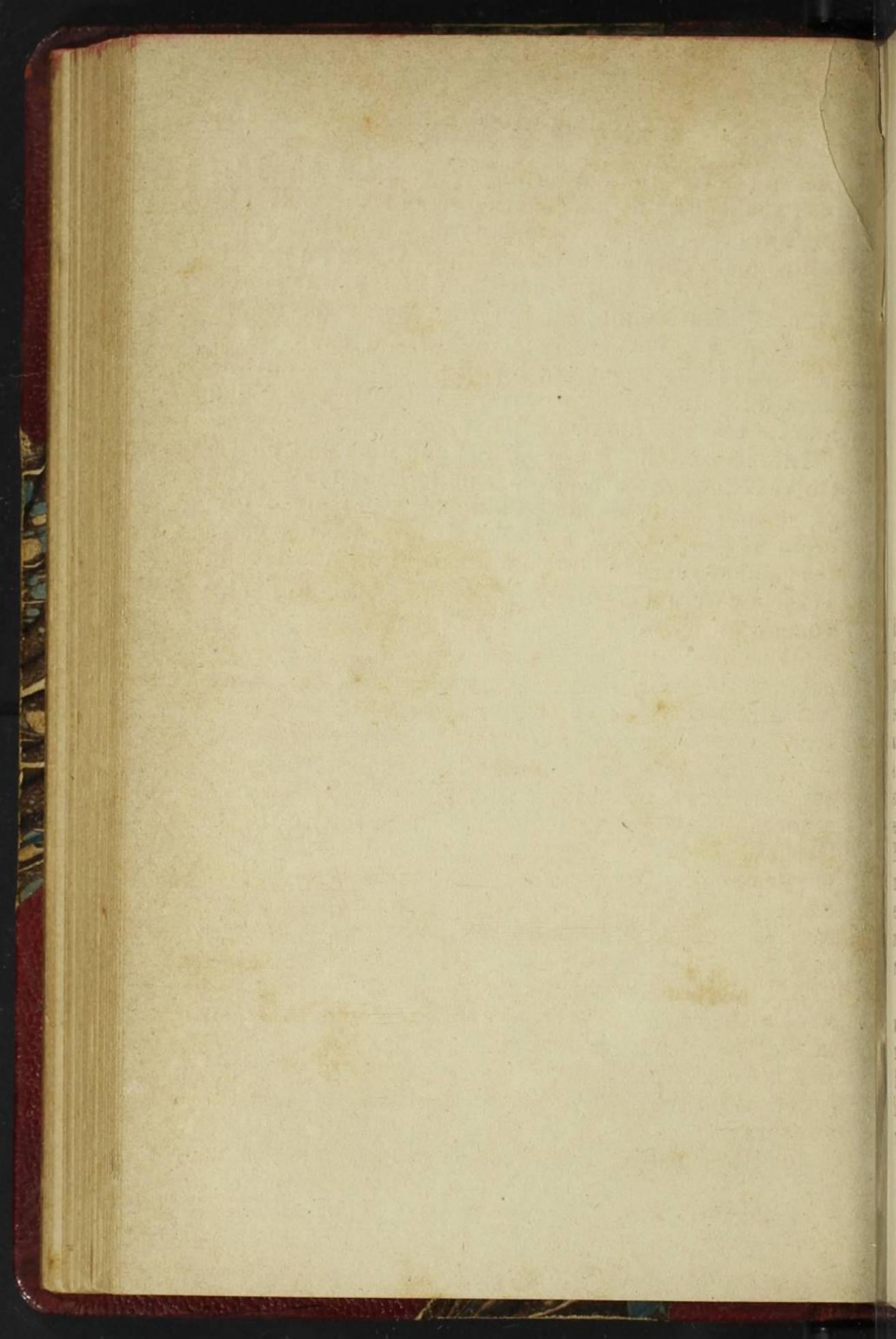
Similor, habituado com tal proceder, deixou-se cahir de barriga para baixo no tapete, gritando tristemente :

— Ai ! ai ! ai ! sinhô, eu está morto ! E, fazendo ridiculas caretas que raro deixavam de produzir effeito : — Castiçá furô minha corpo. Mim está com um buraco, mim está bem morto. Hi !

— Vamos, tractante, disse Alcindor, cuja colera

passára, dando-lhe um formidavel pontapé nas nade-
gas, acaba com as tuas macaquices ; e tu, Goivo, já
que ahí estás, vem accommodar-me, pois já não quero
sahir hoje. Penteia-me para dormir, Goivo ; e tu, Si-
milor, vae pôr-te na porta e não deixes entrar pessoa
alguma. Entretanto, si vier uma dama de manta
preta, pé pequeno e mão alva, deixa-a subir. Mas,
por Deus ! não se enganem e não venha [por ahí El-
mira ou Zulmé, duas pestes que me aborrecem e que
ha oito dias não me têm deixado.

Dito isto, Alcindor estendeu-se em uma poltrona, e
Goivo começava a arranjá-lo. Similor conservava-se de
pé deante d'elle, dando os alfinetes á proporção que
eram precisos, pondo a lingua de fóra, fazendo carê-
tas e puxando a cauda de um macaquinho que de cada
vez soltava um ganido estridente e rangia os dentes
como uma serra.



CAPITULO VIII

PERPLEXIDADE

Devo confessar que o duque Alcindor, apesar de ter duzentas mil libras de renda, pernas bem feitas e bonitos dentes, não descobrira a polvora, e era de uma pobreza de imaginação lamentavel. Não se notava isto á primeira vista: tinha certa giria e verniz; accrescente-se a isto a segurança que dão a quem não é feio uma fortuna de duzentas mil libras de renda em boas terras, um bonito nome, um bello titulo e a esperança de ser nomeado dentro em pouco grande de Hespanha de 1.^a classe, e comprehender-se-ha facilmente que o duque passasse em certa roda por homem em extremo brilhante: mas sob estas bonitas apparencias, occultava-se uma nullidade mais do que real.

Alcindor, que suppunha-se obrigado a conquistar a condessa Elianta porque naturalmente todas as mulheres em voga pertencem aos homens em voga, ficára a principio muito contente por vêr que Fanfruluche tinha sido imposto como condição unica da sua ventura.

Receiára passar por todos os aborrecimentos de

uma campanha em regra e de uma candidatura suspirosa e tivera medo que Elianta, para tornar mais brilhante o seu triumpho, não o dispensasse de nenhuma das gradações do estylo, que o progresso das luzes tem simplificado extraordinariamente desde os nossos gothicos avós, mas que podem ainda durar bem uns oito dias mortaes, quando a divindade a quem se adora empenha-se em passar por mulher de principios elevados e elevados sentimentos.

Demais, o cavalheiro de Versac, rival detestado de Alcindor, pela elegancia da sua fatuidade, bom-gosto de seus trens, riqueza innumera de seus relogios e bocetas de rapé, possuirá a Sra. Elianta antes d'elle e até, dizem, antes de todos. Fôra isso o que levára Alcindor a desejar entrar em relações com Elianta e dedicar-lhe particulares desvelos. Postoque Elianta sempre o recebesse muito favoravelmente, o seu amor não parecia ter de ser corôado dentro em pouco, até a esperança, por assim dizer, positiva que a condessinha lhe déra a proposito do cãozinho Fanfreluche.

Uma bonita mulher por um bonito cão! a principio isto tinha parecido ao duque Alcindor excellente negocio. Nada lhe pareceu mais facil que obter Fanfreluche; mas no fundo nada era mais difficil. Os pomos de ouro do jardim das Hesperides, guardados por dragões, nada eram á vista disso; com menos difficuldade se encontrava um quartão do que se arrancava do precioso vello de Fanfreluche uma unica sêda.

Como approximar-se a gente d'elle? Pedi-lo á marquezia? com mais facilidade renunciára ao carmim e dera os seus brilhantes. Roubá-lo? ella trazia-o sempre no manguito. O misero duque não sabia o que resolver, a sua perplexidade estava no maior auge.

— Ah! por vida minha! vivam as nossas queri-

das cortezãs! não ha nada no mundo como a Opera, quanto á commodidade dos suspiros. Essas raparigas têm muito bom-senso e não dão para gostos extravagantes; querem cousa solida e positiva. Com diamantes, baixella, um carro, ou qualquer outra miseria semelhante está a gente quites. Ora, não me dirão que idéa é esta de querer exactamente o cãosinho da marqueza? Eu lhe daria de bôa vontade, em troca de seus preciosos favores, uma matilha inteira de cãesinhos como Fanfreluche; mas não; o que ella quer é aquelle mesmo. Não que eu esteja muito apaixonado por Elianta; só tem bonitos os olhos e os dentes, é magra e o seu encanto está antes nos modos e no porte. Pela minha parte, prefiro a Rosina e a Desobry; mas devo á minha reputação a conquista e a exhibição de Elianta, pois accusam-me de só andar atraz do que é facil em assumpto de amor, e alguns invejosos meus, á frente dos quaes está Versac, espalham á bocca pequena que eu não tenho persistencia necessaria para obter triumphos de algum valor. Consequentemente, é urgente que eu conquiste Elianta, mas para isso preciso de Fanfreluche. Diabo! diabo! que phantasia transformar um duque e par em ladrão de cachorro!

— O Sr. move-se assim, objectou timidamente Goivo, não posso acabar de penteá-lo.

— Sinhô branco mexe memo muito, accrescentou Similor, puxando a orelha do macaquinho.

— Goivo, meu bom creado, Similor, meu negro predilecto, confesso-lhes que estão penteando um duque muito atrapalhado.

— O que é, senhor duque? perguntou Goivo, enrolando o ultimo cacho; o que poderá atrapalhar um homem como o senhor?

— Vocês, meus birbantes, suppõem que um duque e par está acina dos outros mortaes; isso não deixa

de ser verdade, mas isso também não impede que eu não saiba o que fazer na situação difícil em que me acho. Oh Goivo! oh Similor! vocês estão vendo seu amo querido numa estranha perplexidade.

— Si o senhor se dignasse de abrir-se comigo... disse Goivo, pondo a mão sobre o coração.

— Se abri com tudo dois,... interrompeu Similor, que desejava á fina força entrar na confidencia para participar dos benefícios que inevitavelmente traria.

— E confiar-me,... continuou Goivo.

— E confia a nós... interrompeu de novo Similor.

— O que o afflige...

Similor, tendo-se intromettido na confidencia e sabendo que não era tão grande orador como Goivo, deixou-o acabar tranquillamente a phrase :

— Eu poderia ser-lhe um tanto util e suggerir-lhe algumas idéas. Aproveito aqui a occasião para assegurar a minha dedicação ao senhor duque, e affianço-lhe que, si fosse preciso que o fiel Goivo expuzesse a vida para servi-lo, não hesitaria elle um só instante.

— Nós... nós... accrescentou monosyllabicamente o silencioso Similor, que estava empenhado em estabelecer a dualidade e a quem o egoismo de Goivo inquietava singularmente.

— Está bom, está bom, meus filhos, estão me enternecendo, não continuem. Eis em duas palavras de que se tracta : é preciso roubar Fanfreluche, o cãozinho da marquezia. Dou-lhes cincoenta luizes, si o trouxerem esta semana e vinte e cinco si só o apanharem nestes quinze dias.

Goivo empallideceu de prazer e Similor fez roda, pois roubar um cachorro parecia aos dous emeritos tractantes méra brincadeira. Similor, que era consciencioso, chegou a dizer ao amo :

— Sinhô duque, si sinhô qué, eu furta ainda alguma coisa de quebra.

— Salta! tractante, furtem só o cão, ou quebro-lhes os ossos, accrescentou o duque com reflexão quasi patriarchal; Similor, nem tanto zelo.

Goivo, que era homem de consummada prudencia, tractou de arranjar que o duque adeantasse metade da quantia, dizendo que o dinheiro é o nervo da guerra, e que até para roubar é preciso tê-lo. O duque, cuja confiança na probidade de Goivo não era das mais illimitadas, a principio não lhe deu ouvidos, mas afinal resolveu-se a dar os vinte e cinco luizes. Goivo, para consolá-lo, fez-lhe uma conta admiravelmente circumstanciada, pela qual chegava a parecer que elle tinha de pôr dinheiro de seu bolso.

A CONTA DE GOIVO

Dez luizes para comprar um penteador côr de papo de pombo para M^{lle} Beauveau, creada grave da marquezia e guarda do cãosinho Fanfreluche, afim de dispô-la favoravelmente para com Goivo e facilitar-lhe o accesso na casa.

Dez luizes para dar de beber ao suisso e captar-lhe a confiança, afim de que se não oppuzesse á sahida do sobredito Fanfreluche carregado pelo sobredito Goivo.

Um luiz de rosquinhas, coscorões, caramello, amendoas, confeitos e outros doces destinados a engodar e corromper a probidade do animalzinho.

Mais quatro luizes para uma cadellinha com focinho preto, que auxiliaria consideravelmente Goivo nos seus projectos de seducção.

Nessa conta o dedicado creado grave não mettia o seu tempo, o seu trabalho, tanto espirital como corporal, e o que fazia era apenas por affeição ao Sr. duque, por quem de boamente correria o risco das galés.

Alcindor, commovido com tanta dedicação, não pôde deixar de achar a conta muito rasoavel.

Similar e Goivo, depois de dividirem os vinte e cinco francos, puzeram-se em campo com um ardor tamanho que na primeira esquina sentiram tal sêde que os obrigou a entrar numa taverna para beberem uma garrafa ou duas.

Mas a sêde não se deu por satisfeita e viram-se obrigados a mandar vir outras duas garrafas e assim por deante até ao dia seguinte, de fórma que as pernas lhes tremiam quando sahiram desse logar de delicias, o que não impediu que fizessem nova parada em nova taverna a vinte passos dahi até esgotarem as suas finanças.

Então foram á Ponte Nova comprar um animalzinho muito parecido com Fanfreluche, que lhe custou vinte e quatro soldos e que levaram triumphalmente ao duque Alcindor.

CAPITULO IX

O FALSO FANFRELUCHE

Alcindor ficou muito satisfeito com a celeridade com que tinham andado Similor e Goivo ; possuia, pois, o precioso animalsinho que fazia andar á roda a cabeça de tantas mulheres bonitas, o encantador Fanfreluche, que fizera empallidecer a estrella do abbade de V***, o delicado e curioso animal de que a marquezza tinha mais orgulho do que da sua parelha de cavallos côr de leite, do seu caçador com seis e meio pés de altura e do seu jockey que se podia metter no bolço, de quem gostava mais que de seus amantes, de seu marido e de seus filhos, mais que do whist e do perde-ganha. Qual não ia ser a alegria de Elianta ao receber o amado cãesinho dentro de uma cesta forrada de sêda e atada com fitas côr de rosa ! Que languido requebrar de olhos, que olhares assassinos, que adoraveis sorrisos não iam ser atirados sobre o feliz Alcindor até ao momento, sem duvida mui proximo, em que teria de soar a hora desejada, esperada tão impacientemente ! « Versac vae rebentar de rai-va ; pois, apesar do seu modo indifferente, desconfio que ainda está muito enamorado da condessa Elianta

e que traz seu enredo com ella, » disse consigo Alcindor, fazendo estalar os dedos com satisfação.

O duque, para não perder tempo, resolveu ir levar nessa mesma noite, á linda moça o supposto Fanfreluche, cuja identidade estava longe pôr em duvida; demais, a cara innocente de Similor e de Goivo affastava qualquer idéa de fraude; Alcindor estava muito longe de suppôr que o cão, pelo qual dera vinte e cinco luizes, custava effectivamente vinte e quatro soldos. A semelhança era completa, patas torcidas, nariz arrebitado, pintas emcima dos olhos, cauda crespa; duas gottas d'agua, dous ovos não são mais semelhantes. Alcindor felizmente não se lembrou de fazer dansar o miunete ao Sias de Fanfreluche; o animalzinho da Ponte Nova, completamente estranho ás prendas da alta sociedade, seria trahido pelo desaso e inexperiencia de seus passos.

Alcindor, querendo sustentar vantajosamente a concurrencia com Fanfreluche, tomou um vestuario extraordinario; a casaca era de tela de ouro forrada de prata com botões de diamante dispostos de modo a formar cada botão uma letra de seu nome; uns bofes de renda de Veneza de preço de mil escudos e nobremente salpicado com algumas pitadas de tabaco de Hespanha desabrochavam-lhe magestosamente no peito pela abertura de um collete de velludo pardo avermelhado; as pernas presas em um calção de seda branca bordado de ouro tornavam-se notaveis pela elegante rotundidade da barriga e finura aristocratica dos tornozellos. Sapatos de salto vermelho comprimiam pés já naturalmente pequenos; uma fina espada de barbatana com bainha de velludo branco com guarda de brilhantes, a ponta para cima e o punho para baixo, levantava-lhe nobremente a aba da casaca. Quanto ás calças, confesso com pezar que não pude averiguar com exactidão de que fazenda eram; deve-se

entretanto crêr que fossem de velludo cor de perola, no entanto não quero affirmar cousa alguma.

Quando Goivo acabou de ajunctar com uma faca de marfim o pó que ficára pregado na testa do Sr. duque, sentiu ineffavel orgulho vendo o amo tão bem vestido e tão bem penteado, e correu a buscar um espelho, que collocou defronte do duque.

— Senhor, estou contente comigo mesmo; o senhor está magestoso e creio que não encontrará hoje muita crueldade.

— Si sinhô tinha cara pintada de preto, ainda ficava milhó; mas assim mesmo tá bom, accrescentou Similor, sempre attento a conservar-se nas graças do amo e a não deixar-se exceder em bajulação pelo astucioso Goivo.

— Similor, chama Marmelada, disse o duque.

Marmelada entrou. Era um negro de alto porte.

— Manda pôr o carro.

Prompto o carro, o duque desceu cantarolando uma cançoneta; levava ao pescoço, em uma cestinha, o falso Fanfreluche com a maior tranquillidade. O trem do duque era excellente e conforme o ultimo figurino da moda: cocheiro enorme, com a cara cheia de borbulhas, bebado como um demonio, com um penteado de passaro real, chapéu volumoso, luvas brancas, redeas brancas e uma monstruosa golla de pelles; lacaios de aspecto soffrivelmente insolente, pegando em tochas, dous adeante e tres atraz, tudo de conformidade com as regras mais estrictas. O carro era esculpido e dourado, com as armas do duque nas portinholas e de magnificencia real.

Quatro grandes meckleburguezes baios-queimados, com as crinas trançadas e as pontas atadas com rosetas de fita com as côres do duque, arrastavam a volumosa machina.

Alcindor, encantado de si mesmo e cheio das mais

lisongeiras esperanças, ordenou ao cocheiro que fustigasse os cavallos e fosse a toda a pressa. O cocheiro, que não desejava outra cousa mais do que ir a toda a brida, que não cederia por um imperio o meio da calçada a pessoa alguma, e que passaria por cima do trem de um principe de sangue, tão enfatuado estava com a dignidade do seu cargo, mettu os quatro animaes a galope, apezar dos gritos dos burguezes e outros miseraveis peões, a quem salpicava maliciosamente de lama. Em poucos minutos chegaram á porta do palacio de Elianta.

O duque subiu e mandou que annunciassem: « Il signor Fanfrelucio e o duque Alcindor. » Posto que Elianta não recebesse pessoa alguma porque se estava vestindo para ir á Opera, o nome magico de Fanfreluche, semelhante ao: *Abre te, Sesamo*, dos contos arabes, fez rodar as portas sobre os gonzos e derogar todas as ordens.

Quando Elianta viu na cestinha suspensa ao pescoço de Alcindor o falso Fanfreluche, sentado sobre as pernas trazeiras e estendendo o focinho com gesto soffrivelmente inquieto, soltou um gritinho agudo, e, batendo as palmas de prazer, correu para o duque e disse-lhe:

— Alcindor, o senhor é encantador!

Depois segurou no animalzinho maravilhado com tamanha honra e beijou-o ternamente entre os olhos.

Alcindor não ficou de fôrma alguma sorprendido com a preferencia da condessa pelo animalzinho, e esperou pacientemente a sua vez. Esquecemo-nos de dizer que Elianta levantara-se tão apressada que o seu penteador de cambraia descompuzera-se, de fôrma que Alcindor reconheceu com satisfação que elle cedêra a um movimento de raiva e que Elianta não tinha só bonitos dentes e bonitos olhos.

— Senhora, disse graciosamente o duque Alcindor,

eu não sou o diabo, eu não sou seu marido, sou simplesmente um homem que a adora. Aqui está Fancheluche; lembre-se do que disse.

Elianta deu um beijo franco e leal no duque Alcindor; mas sabe o leitor que em assumpto de beijos com mulheres bonitas cada qual quer ser mais generoso e não conservar o mimo que lhe deram. Alcindor, que não era avaro, restituiu, pois, a Elianta o seu beijo consideravelmente correcto e augmentado. Felizmente Fanchonette entrou muito a tempo.

— Tenha a bondade de conservar-se um pouco por traz daquelle biombo; apenas vestirem-me o collete, chamá-lo-hão.

— Póde sahir, senhor, está acabado, disse Fanchonette.

Alcindor sahiu de traz do biombo.

Elianta estava penteada com os cabellos levemente empoados, tinha dous *repentirs* de cada lado da golla, um ouriço no alto da cabeça com as pontas bem distinctas e riçados cõr de neve que produziam excellente effeito juncto do seu rostinho fresco. Plumas brancas collocadas de traz para deante davam-lhe uma physiognomia provocadora e desinquieta. Consequente-mente estava lindissima.

Enfiaram-lhe o vestido, tinha uma saia regaçada com oito varas de largo. A saia estava presa por laços e borboletas de brilhante; o vestido de seda achamallotada cõr-de-rosa secco, desmaiado, fluctuava-lhe em torno da cintura de vespa em dobras ricas e abundantes; o collete, meio fechado por uma grade de fitas, deixava entrevêr bellezas dignas de principes e de deuses; não tinha, aliás, nem collar nem fio; Elianta sabia perfeitamente que o pescoço distrahiria a attenção do collar, e que cada um delles gritaria aqui-d'elrei pelo menor roubo feito aos olhos; como unico ornato, uma pequenina rosa natural desabrochava á

porta desse alvo paraizo. Os sapatinhos eguaes ao vestido poderiam servir a uma chineza.

— Duque, tem um logar no meu camarote, disse Elianta; virá trazer-me á casa, accrescentou ella rindo-se.

O duque Alcindor inclinou-se respeitoso; Elianta metteu Fanfreluche-sosias no manguito e seguiram para a Opera.

Dansava-se um bailado de um coreographo em voga: a sala estava a deitar fóra; desde os camarotes de bocca até as torrinhãs, todos os logares estavam tomados. O coreographo traduzia de modo admiravel o sentimento do amôr com uma série de posições voluptuosamente escolhidas sem que no entanto offendessem a decencia. A vivacidade do imperioso sentimento que submete os deuses e os homens era traduzidas por passos cheios de animação e attitudes apaixonadas copiadas da natureza. Applaudiam o gracioso Batyllo e a scintillante Euphrosina como mereciam, isto é, ao ponto de magoar mãos; os velhos conhecedores da platea embalde gabavam aos rapazes a graça nobre e as posições magestosas que outr'ora primavam naquella scena, tractavam-nos como tontos e ninguem lhes dava ouvidos.

Alcindor, entusiasmado com a sua conquista, pouca attenção prestava ao que se passava em scena; Elianta estava inebriada com a felicidade de possuir Fanfreluche e com a idéa do desespero da marquezia privada do animalzinho querido.

Entretanto as decorações eram muito bellas e mereciam espectadores mais attentos.

Via-se a gruta do deus do mar com madreporas, coraes, conchas e madreperolas perfeitamente imitados e de singularissimo effeito; um palacio encantado acima de quanto os contos de fada encerram de mais opulento e maravilhoso, descidas com apotheoses e

movimentos de machima admiravelmente executados. Mas Alcindor occupava-se com Elianta, e Elianta occupava-se com Fanfreluche e tambem um pouquinho com Alcindor, cujo aspecto e ricos trajes tinham-na impressionado particularmente nessa tarde.

Quanto ao falso Fanfreluche, fazia muito má figura ; não estava habituado a achar-se em tão boa companhia e, com as duas patas apoiadas no parapeito do camarote, olhava para tudo muito admirado.

Derepente, oh inesperado golpe theatral ! abriu-se a porta de um camarote com um grande ruido. Uma dama, coberta de pedrarias, muito decotada, coberta de carmim como uma princeza, vestida com luxo e graça, senta-se em companhia de dous ou tres cavalleiros : era a marquezia. Um cãosinho põe a cabeça fóra do manguito e deita as patas no parapeito do camarote com uma imprudencia digna de um duque e pae ; era Fanfreluche, o real, o unico, inimitavel Fanfreluche.

Elianta dá com elle, oh revéz da sorte ! deita ao duque estupefacto um olhar fulminante ; depois, suffocada pela emoção, desfallece e desmaia. Levam-na para casa, onde gastam mais de uma hora em fazê-la tornar a si : nem os saes de Inglaterra, nem a Agua do Carmo, nem a da rainha de Hungria, nem as gottas do general Lamothe, nem a penna queimada que lhe passam pelo nariz pôdem tirá-la do desmaio, e si a ameaça de atirarem-lhe com agua ao rosto não a chamasse immediatamente á vida podê-la-hiam suppôr verdadeiramente morta. Alcindor está inconsolavel.

Pois Elianta já não quer recebê-lo, e a unica distracção para a sua dôr é esbordoar duas vezes por dia Goivo e Similor, que só por esta consideração não foram expulsos de casa.

Entretanto dizem que alguns dias depois recebeu de Elianta um bilhetinho assim concebido :

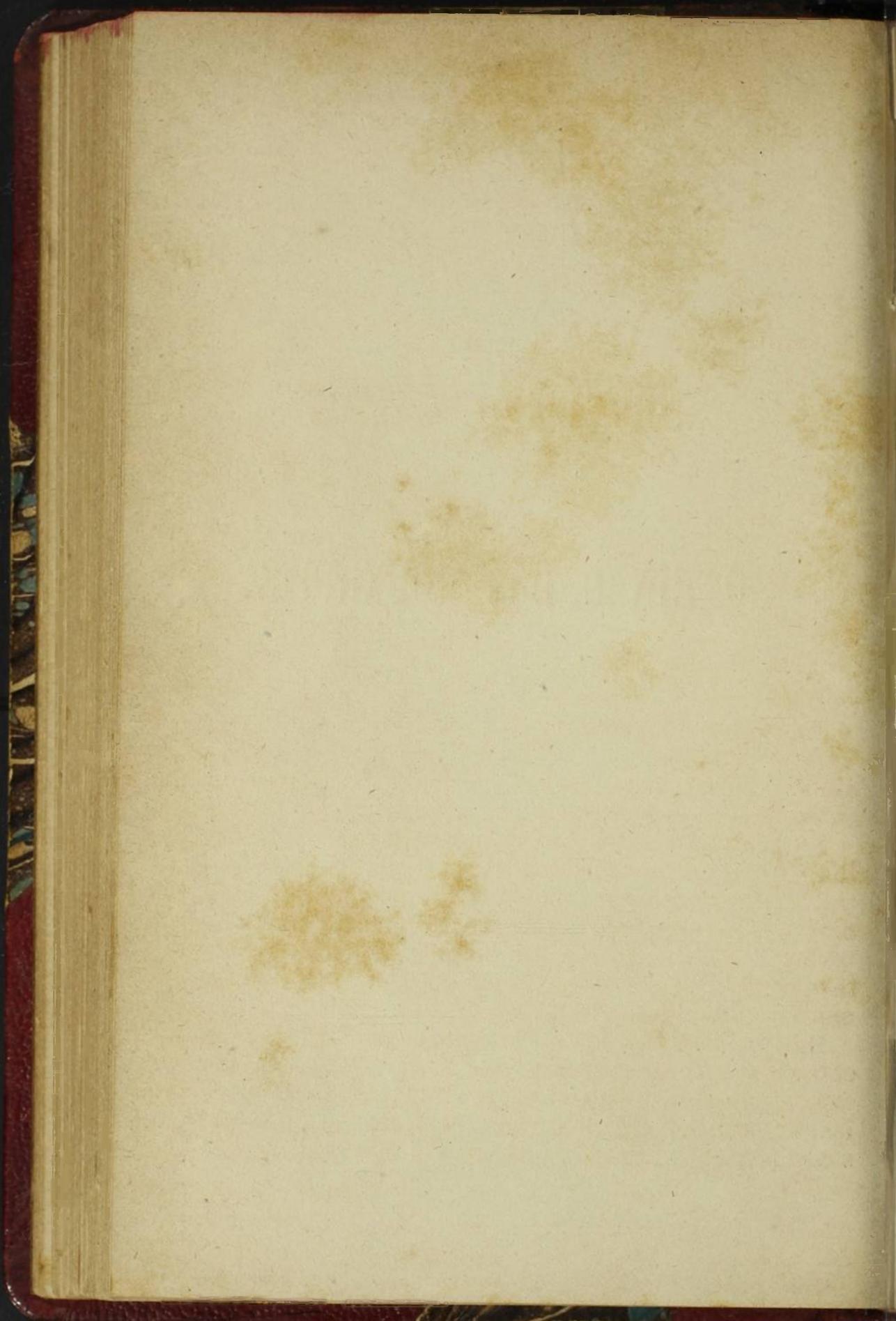
« Meu charo duque, suppoz que o Sr. tinha querido enganar-me scientemente; soube depois que tambem o Sr. tinha sido enganado por Similor e Goivo. O animalzinho que o Sr. me deu não deixa de ter disposições e só precisa ser educado para eclypsar Fanfreluche; o Sr. dança como um anjo, quer ser o seu mestre de dança? Adeus, Alcindor. »

Dous mezes depois, o cãesinho Pistache, mais novo, mais delgado, e mais gracioso, tinha completamente offuscado a gloria do cãesinho Fanfreluche, e Alcindor dera uma bôa estocada no cavalheiro de Versac, que não queria que o imitassem. Versac não tornou a levantar-se desse desastre e Alcindor tornou-se decididamente o leão da moda.

Leitor grave e tristonho, desculpa este suado embroglio a quem recorda-se talvez demasiado de ter lido *Angola* e o *Guizo* e cuja unica pretensão foi dar idéa de um estylo de uma fórma totalmente cahidos no esquecimento.

FIM DO CÃOSINHO DA MARQUEZA.

O NINHO DOS ROUXINOES



O NINHO DOS ROUXINOES

Em torno do castello havia um bonito parque.

No parque havia passaros de toda a especie, rouxinóes, melros, toutinegras; todos os passaros da terra combinaram reunir-se no parque.

Na primavera era um cantar sem termo; cada folha occultava um ninho, cada arvore era uma orchestra. Todos os musicozinhos emplumados cantavam á porfia. Uns chilravam, outros arrulhavam; estes soltavam trillos e cadencias de perolas, aquelles recortavam florituras ou bordavam tenutas: verdadeiros musicos não fariam melhor.

Mas no castello havia duas formosas primas que cantavam ambas sósinhas melhor que todos os passaros do parque; uma chamava-se Florinda, e outra Isabel. Ambas eram formosas, amaveis e seductoras, e aos domingos, quando vestiam as suas bonitas rou-

pas, si as alvas espaduas não mostrassem que eram verdadeiras moças, tomal-as-hiam por anjos; só lhes faltavam as azas. Quando cantavam, o velho castellão de Maulevrier, seu tio segurava-lhes ás vezes na mão, receioso de que não lhes dêsse na phantasia voar.

Imagine o leitor as bellas lançadas que se corriam nas justas e torneios em honra de Florinda e de Isabel.

A fama da sua belleza e talento enchia a Europa e no entanto não tinham disso orgulho; viviam retiradas, não vendo outras pessoas mais do que o pagemzinho Valentim, formosa criança de cabellos louros, e o Sr. de Maulevrier, velho e encanecido, queimado e alquebrado por ter carregado durante sessenta annos o seu arnez de guerra.

As moças viviam a dar comida aos passarinhos, a recitar as suas orações e principalmente a estudar as obras do mestre e a ensaiar juntas algum moteto, madrigal, villancete ou outra qualquer musica: tinham tambem flôres que regavam e cultivavam com as suas proprias mãos. A vida corria-lhes nessas doces e poeticas occupações de moça; conservavam-se na sombra e longe dos olhares do mundo, e no entanto o mundo se occupava com ellas. Nem o rouxinol, nem a rosa podem se occultar; trahem-nos sempre o canto e o perfume. As nossas duas primas eram a um tempo dous rouxinões e duas rosas.

Apresentaram-se duques e principes para pedirem-nas em casamento; o imperador de Trebizonda e o sultão do Egyto mandaram embaixadores para proporem a sua aliança ao Sr. de Maulevrier; as duas primas não se aborreciam de ser solteiras, e não quizeram ouvir falar em casamento. Talvez houvessem percebido, por secreto instinto, que a sua missão na terra era serem moças e cantar, e que degradar-se-hiam fazendo outra cousa.

Tinham vindo pequeninas para o castello. A ja-

nella de sua camara dizia para o parque, e ellas tinham sido emballadas pelo canto dos passaros. Apenas começaram a andar, o velho Blondeau, menestrel do castellão, puzera-lhes as mãosinhas nas teclas de marfim do virginal; não tinham tido outros brincos e aprenderam a cantar antes de fallar; cantavam como os mais respiram: era-lhes isso natural.

Semelhante educação influira singularmente no seu character. A sua infancia harmoniosa separára-as da infancia turbulenta e tagarella. Nunca tinham soltado um grito agudo ou um queixume desafinado: choravam por compasso e gemiam em accorde. O sentimento musical, desenvolvido nellas, á custa dos outros, tornava-as pouco sensiveis a tudo quanto não era musica.

Fluctuavam n'um vácuo melodioso, e quasi que só percebiam o mundo real pelos sons. Comprehendiam admiravelmente o rumor da folhagem, o murmurio das aguas, o bater do relógio, o suspirar do vento na lareira, o zumbir da roda de fiar, o cahir ruidoso da chuva nas janellas, todas as harmonias externas ou internas; mas não experimentavam, cumpre dize-lo, grande enthusiasmo á vista do pôr do sol e apreciavam tão pouco uma pintura como si os seus formosos olhos azues e negros estivessem cobertos com espessa bellida. Tinham a molestia da musica, com ella scismavam, por ella deixavam de beber e comer; não amavam a outra cousa no mundo. E' verdade, amavam tambem a outra cousa, a Valentim e ás suas flores; a Valentim, porque elle parecia-se com as rosas; ás rosas, porque pareciam-se com Valentim. Mas este amor estava completamente no segundo plano.

E' verdade que Valentim apenas tinha treze annos. O maior prazer dellas era cantarem á noite, á janella, a musica que tinham composto durante o dia.

Os mestres mais celebres vinham de mui longe para ouvi-las e competir com ellas. Apenas escutavam um compasso, quebravam os instrumentos e rasgavam as suas partituras, confessando-se vencidos. Realmente era uma musica tão agradavel e tão melodiosa que os cherubins do céo desciam até á janella com os outros musicos e decoravam-na para cantala aos pés de Deus.

Uma noite de Maio, as duas primas cantavam um moteto a duas vozes. Nunca se tinha visto motivo mais feliz, tão felizmente composto e interpretado. Um rouxinol do parque, occulto em uma roseira, ouvira-as attentamente. Quando as moças acabaram, approximou-se da janella e disse-lhes, na sua linguagem de rouxinol:

— Eu tinha vontade de cantar ao desafio com as senhoras.

As duas primas responderam que tambem o desejavam e que elle podia começar.

O rouxinol começou. Era um senhor rouxinol. O pequenino papo entumescia-se-lhe, batia com as azas, tremia-lhe o corpo inteiro; foram trillos que nunca mais acabaram, difficuldades, harpejos, grammas chromaticas, subia e descia, tecia os sons, desfiava as cadencias como um rosario de perolas de uma pureza desesperadora; dir-se-hia que a sua voz tinha azas como o seu corpo. Parou, certo de ter ganho a palma.

As duas primas cantaram então por sua vez; venceram-no. O canto do rouxinol parecia, comparado ao dellas, o chilrar de um pardal.

O virtuoso alado enviou o ultimo esforço: cantou um romance de amor e executou depois um concerto brilhante, coroado por um feixe de notas altas, vibrantes e agudas, fóra do alcance de toda a voz humana.

As duas primas, sem se acobardarem com esta difficuldade vencida, voltaram a folha do seu livro de muzica e replicaram ao rouxinol por tal fórma, que Santa Cecilia, que as ouvia do céo, ficou pallida de ciume e deixou cahir na terra o seu contra baixo.

O rouxinol tentou ainda cantar mas a luta esgotára-lhe completamente as forças : faltava-lhe o alento, tinha as pennas arripiadas, os olhos fechavam-se-lhe apezar seu ; ia morrer.

— As senhoras cantam melhor do que eu, disse ás duas primas, e o orgulho de querer excedel-as custa-me a vida. Peço-lhes uma cousa : tenho um ninho, nesse ninho ha tres filhotes ; é na terceira roseira na grande alameda do lado do tanque ; mandem buscal-os, criem-nos e ensinem-lhes a cantar como as senhoras, porque eu vou morrer.

Tendo dito isto, o rouxinol morreu. As duas primas choraram-no muito, pois elle tinha cantado muito bem. Chamaram Valentim, o pagemzinho de cabellos louros e disseram-lhe onde estava o ninho. Valentim, que era um tratantesinho lepido, achou facilmente o lugar ; pôz o ninho no seio e trouxe-o sem difficuldade. Florinda e Isabel, encostadas ao balcão, esperavam-no impacientes. Valentim chegou dahi a pouco com o ninho na mão. Os tres filhotes estendiam a cabeça e escancaravam o bico. As moças compadeceram-se dos orphãosinhos e deram-lhes de comer cada uma por sua vez.

Quando cresceram mais, encetaram a sua educação musical, como tinham promettido ao rouxinol vencido.

Era uma maravilha ver como estavam domesticados, como cantavam bem. Esvoaçavam pela camara e pousavam, ora na cabeça de Isabel, ora no hombro de Florinda. Pousavam defronte do livro de musica, e dir-se-hia realmente que comprehendiam as notas,

tão intelligentemente olhavam para as brancas e para as pretas. Tinham aprendido todos os canticos de Florinda e de Isabel e já começavam também a improvisar alguns muito bonitos.

As duas primas viviam cada vez mais na solidão e á noite sahiam da sua cama a sons de melodia sobre-natural. Os rouxinóes, perfeitamente ensinados, tomavam parte no concerto e cantavam quasi tão bem como as senhoras, que aliás tinham progredido.

As vozes dellas tomavam cada dia maior brilho e vibravam metallicas e crystallinas acima do registro da voz natural. As moças enmagreciam a olhos vistos ; as bonitas côres fanavam-se-lhes ; tinham-se tornado pallidas como agathas e quasi tão transparentes. O castellão de Maulevrier queria impedil-as de cantar, mas não pôde conseguil-o.

Apenas pronunciavam alguns compassos uma pequena mancha vermelha desenhava-se-lhes nas faces, e augmentava até que as moças acabavam ; então a mancha rosada desaparecia, mas um suor frio corria lhes da pelle, e os labios tremiam-lhes como se tivessem febre.

Quanto ao mais, era o seu canto mais bello do que nunca ; tinha alguma cousa que não era deste mundo, e, ouvindo-se essa voz sonora e potente sahir das duas debeis moças, não era difficil de prever o que succederia, isto é, que a musica quebraria o instrumento.

Ellas proprias o comprehenderam e puzeram-se a tocar no seu virginal, que tinham deixado pela vocalisação. Mas, uma noite, a janella estava aberta, os passaros gorgeiavam no parque, a brisa suspirava harmoniosa ; havia tanta musica no ambiente, que não puderam resistir á tentação de cantar um duo que tinham composto na vespera.

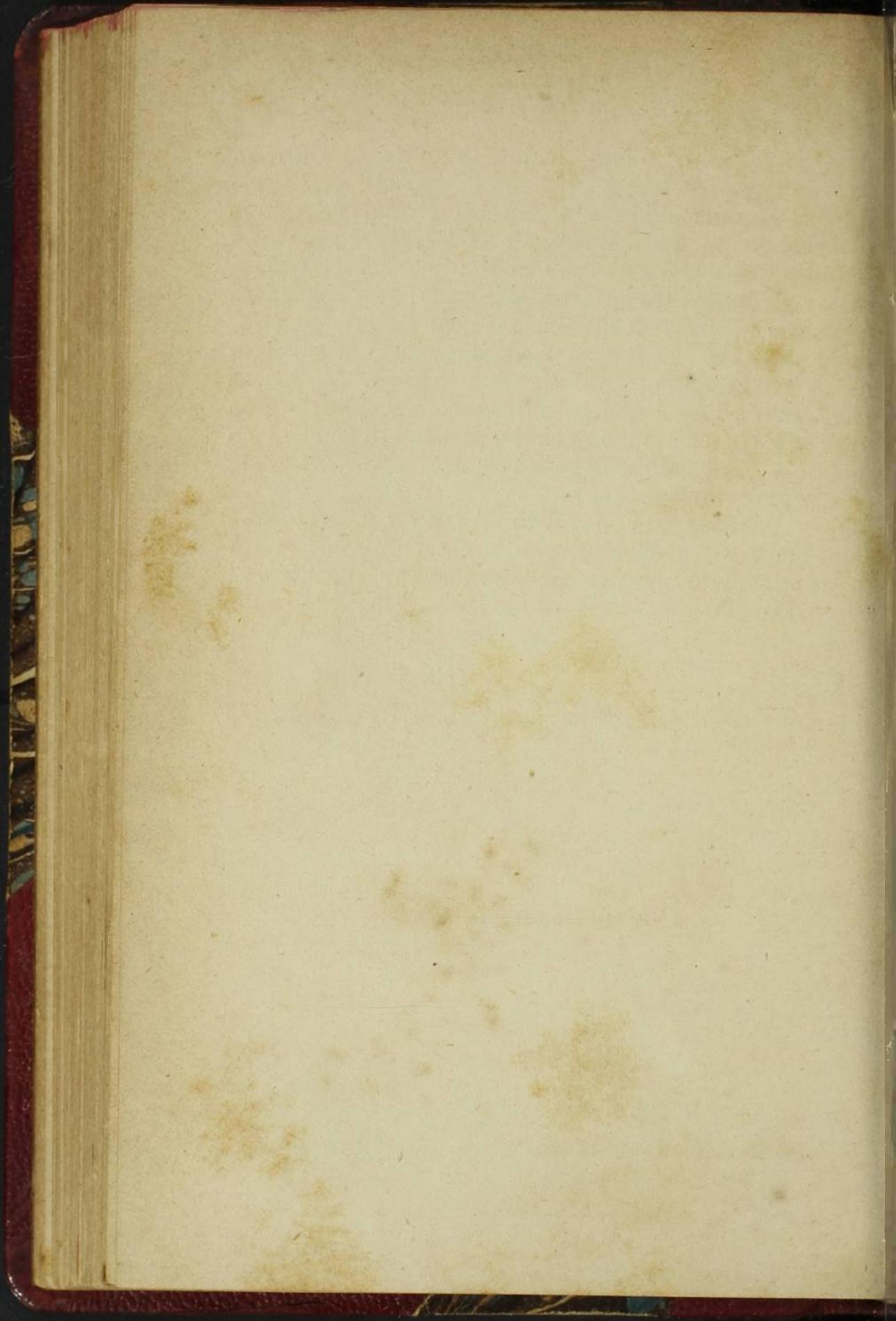
Foi o canto do cysne, maravilhoso, rociado de lagrymas, subindo até ás summidades mais inacessiveis

da gamma e descendo a escala das notas até o ultimo degráo ; alguma cousa brilhante e inaudita, diluvio de trillos, chuva abrazada de notas chromaticas, fogo de artificio musical impossivel de descrever ; mas, no entanto, a nodoazinha vermelha crescia singularmente e cobria-lhes quasi as faces. Os tres rouxinóes contemplavam-nas e ouviam-nas com singular anciedade ; batiam com as azas, andavam de uma para outra parte e não podiam estar quietos. As moças chegaram afinal á ultima phrase da composição ; as suas vozes tomaram tão estranho character de sonoridade que era facil vêr que já não eram creaturas vivas que cantavam.

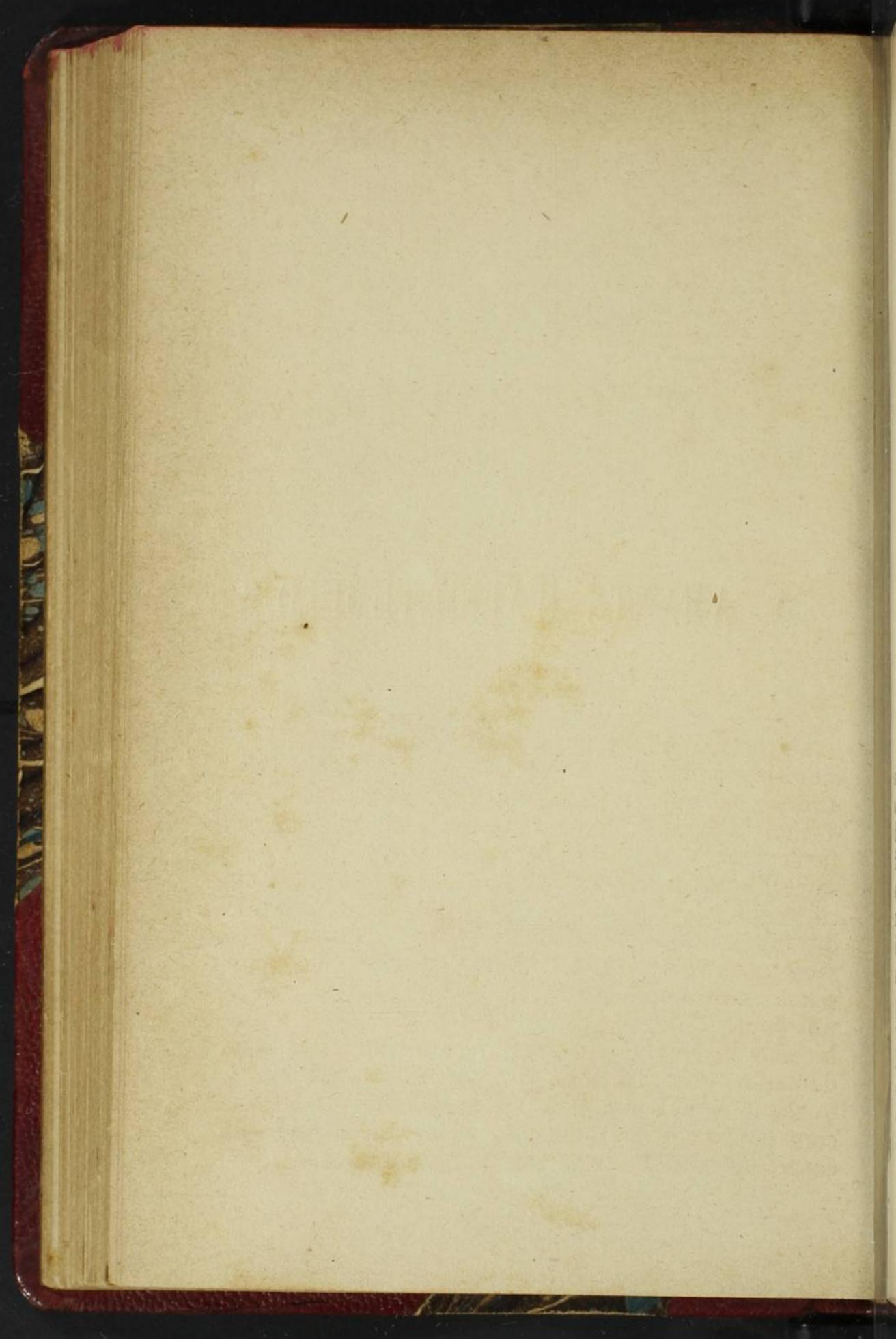
Os rouxinóes tinham voado. As duas primas estavam mortas ; as suas almas haviam fugido com a derradeira nota. Os rouxinóes subiram direitinhos ao céo para levar esse canto supremo a Deus, que conservou-os todos no paraiso para executarem-lhe a musica das duas primas.

Mas tarde, com estes tres rouxinóes Deus fez as almas de Palestrina, de Cimarosa e do cavalheiro Cluck.

FIM DO NINHO DE ROUXINÓES.



A AMANTE D'ALEM-TUMULO



A AMANTE D'ALÉM-TUMULO

Perguntas-me, irmão, si amei ; sim. E' uma historia singular e terrivel, e, apezar de estar com setenta annos, mal me atrevo a revolver as cinzas dessa recordação. Não quero recusar-te cousa alguma, mas não faria a uma alma menos experimentada que a tua semelhante narração. São acontecimentos tão estranhos que não posso crêr que succedessem comigo. Fui durante mais de tres annos o brinco de uma illusão singular e diabolica. Eu, misero sacerdote do campo, passei em souho todas as noites (queira Deus que seja um sonho) ! uma vida de condemnado, uma vida de homem do seculo e de Sardanapalo. Um unico olhar, demasiado complacente, lançado sobre uma mulher quasi que causou a perda de minh'alma ; mas afinal, com o auxilio de Deus e do meu sancto padroeiro, consegui expellir o espirito maligno que apoderára-se

de mim. Minha existencia complicára-se com uma existencia nocturna inteiramente diversa. De dia eu era um sacerdote do Senhor, casto, occupado com a oração e as cousas sanctas; de noite, apenas fechava os olhos, tornava-me um fidalgo moço, grande conhecedor de mulheres, de cães e de cavallos, jogando dados, bebendo e blasphemando; e quando, ao amanhecer, despertava parecia-me ao contrario que adormecia e que sonhava que era padre. Dessa vida somnambula ficaram-me recordações de objectos e palavras a que não posso furtar-me, e, posto que nunca houvesse sahido d'entre as paredes do meu presbyterio, dir-me-hiam, ao ouvir-me, antes um homem fatigado de tudo e cansado do mundo que professa e que quer acabar no seio de Deus dias mui agitados, do que um humilde seminarista que envelheceu n'um curato ignorado, no fundo de um bosque, e sem relação alguma com as cousas do seculo.

Sim, amei como ninguem amou no mundo, com u amor insensato e furioso, tão violento que estou admirado de que não fizesse rebentar o coração. Ah! que noites! que noites!

Desde a mais tenra infancia, sentira-me com vocação para a carreira sacerdotal; porisso todos os meus estudos foram dirigidos nesse intuito e minha vida até os vinte e quatro annos não foi mais do que um longo noviciado. Terminado o meu curso de theologia, percorri successivamente todas as ordens menores, e os meus superiores julgaram-me digno, apesar de muito moço, de transpor o derradeiro e formidavel gráu. Fixou-se o dia da minha ordenação para a paschoa.

Eu nunca frequentára a sociedade; o mundo para mim era o recinto do collegio e do seminario. Eu sabia vagamente que havia alguma cousa que se cha-

mava mulher, mas não tinha nisso o meu pensamento, era completamente innocente. Não via minha mãe velha e enferma sinão duas vezes por anno. Essas eram todas as minhas relações com o mundo externo.

Não tinha saudades de cousa alguma, não experimentava a menor hesitação deante desse passo irrevogavel; estava cheio de jubilo e impaciencia. Nunca houve noivo que contasse as horas com ardor mais febril; eu não dormia, sonhava que dizia missa; ser padre, era para mim a cousa mais bella do mundo: houvera recusado ser rei ou poeta. Minha ambição não concebia cousa alguma acima disso.

O que estou dizendo é para mostrar-te que o que me succedeu não devia succeder-me, e de que fascinação inexplicavel fui victima.

Chegado o grande dia, dirigi-me á egreja com passos tão subtis que parecia-me que sustentava-me no ar ou tinha azas nos hombros. Suppunha-me anjo e admirava-me da physiognomia sombria e preoccupada de meus companheiros; pois eramos muitos. Eu passára a noite em orações, e estava em um estado quasi de extase. O bispo, ancião veneravel, parecia-me Deus padre inclinado sobre a sua eternidade, e eu via o céu atravéz das abobadas do templo.

Conheces as particularidades desta cerimonia; a benção, a communhão sob as duas especies, a unção das palmas das mãos com o oleo dos cathecumenos e enfim o sancto sacrificio offerecido junctamente com o bispo. Não me demorarei nisso. Oh! como Job tem razão e como é imprudente o homem que não faz um pacto com os seus olhos! Ergui por acaso a cabeça, que até então conservára inclinada, e vi deante de mim, tão perto que pudera tocá-la, posto que na realidade ella estivesse a grande distancia e do outro lado da balaustrada, uma moça de rara bel-

leza e vestida com magnificencia real. Foi como si me cabissem as cataractas dos olhos. Tive a sensação de um cego que recobrasse subitamente a vista. O bispo, ainda a pouco tão radiante, desapareceu de subito, as tochas empallideceram nos seus candelabros de ouro como as estrellas da manhã, e estendeu-se por toda a egreja completa escuridão. A encantadora creatura destacava-se nesse fundo sombrio como uma revelação angelica ; parecia alumiar-se a si mesma e antes derramar luz que recebê-la.

Abaixei as palpebras muito resolvido a não erguê-las para subtrahir-me á influencia dos objectos externos ; pois ficava cada vez mais distrahido e mal sabia o que estava fazendo.

Um momento depois tornei a abrir os olhos, pois atravéz dos meus cilios via-a brilhar com as côres do prisma e em pennumbra purpurea como quando se olha para o sol

Oh ! como era formosa ! os maiores pintores quando investigando no céu a belleza ideal, trouxeram á terra o divino retrato da Madona nem siquer se aproximaram dessa fabulosa realidade. Nem os versos do poeta, nem a palheta do pintor podem dar della uma idéa. Era alta, com estatura e porte de deusa ; os cabellos, suavemente louros, separavam-se no alto da cabeça e corriam-lhe sobre as temporas como dous rios de ouro ; dir-se-hia uma rainha com o seu diadema ; a fronte de aloura azulada e transparente estendia-se larga e serena sobre os arcos das duas sobran-celhas quasi negras, singularidade que augmentava ainda o effeito das suas pupillas verde-mar de vivacidade e brilho impossiveis de suster. Que olhos ! com um relampago ducidiam do destino de um homem, tinham uma vida, uma limpidez, um ardor, uma lumidade brilhante como nunca vi em olhos humanos ;

despediam raios semelhantes a flechas, que eu via distinctamente dirigirem-se-me ao coração. Não sei si a chamma que os illuminava vinha do céu ou do inferno, mas tinha certeza de que vinha de um ou de outro. Essa mulher era um anjo ou um demonio, talvez ambas as cousas; não sahia certamente do ventre de Eva, a mãe commum. Dentes alvissimos scintillavam-lhe no seu vermelho sorriso, e cavavam-se lhe covinhas a cada inflexão da bôcca no setim rosado de suas adoraveis faces. Quanto ao nariz era afilado e de altivez real, trahindo a mais nobre origem. Brincos de agatha folgavam-lhe sobre a pelle palida e lustrosa das espaldas meio descobertas, e fios de perolas louras, com um tom quasi igual ao seu pescoço cahiam-lhe sobre o peito. A espaços erguia a cabeça com um movimento ondulado de cobra ou de pavão que entona o collo, e imprimia ligeiro tremor á alta mantilha bordada que cercava como uma grade de prata.

Estava com vestido de velludo nacarado e das amplas mangas forradas de arminho sahiam mãos patricios de extrema delicadeza, com dedos compridos e carnudos e de tão ideal transparencia que coavam a claridade com os dedos da aurora.

Todos estes pormenores tenho-os ainda tão presentes como si datassem de hontem, e, posto que estivesse em extrema perturbação, nada me escapava; o mais leve matiz, a pintinha negra no canto do queixo, o buço imperceptivel na comissura dos labios, o avelludado da fronte, a sombra tremula dos cilios sobre as faces, tudo eu apanhava com uma lucidez admiravel.

A' proporção que eu a contemplava, sentia abrirem-se dentro de mim portas que até então estavam fechadas, respiradouros obstruidos abriram-se em todos os sentidos e deixavam entrever perspectivas desconhecidas; a vida apresentava-se-me sob aspecto

diverso; eu acabava de nascer para uma nova ordem de idéas. Uma angustia horrível cerrava-me o coração; cada minuto que passava affigurava-se-me um segundo e um seculo. A cerimonia continuava entretanto, e eu era levado para bem longe do mundo, cuja entrada os meus desejos nascentes accommettiam furiosamente. Disse no entanto sim quando queria dizer não, quando tudo em mim se revoltava e protestava contra a violencia que a minha lingua fazia á minh'alma: uma força occulta arrancava-me, apesar meu, as palavras da garganta. E' isso talvez o que faz com que tantas moças encaminhem-se para o altar com a resolução firme de recusar de modo peremptorio o esposo que lhes é imposto, e que nem uma só realisa o seu projecto. E' isso, sem duvida, que faz com que tantas miseras noviças tomem o véu, posto que bem resolvidas a despedaçá-lo no momento de pronunciar o voto. Ninguem se atreve a causar tamanha sensação deante de tanta gente, nem illudir-lhes a expectativa; todas essas vontades, todos esses olhares parecem pesar-vos sobre o peito como uma barra de chumbo; e depois as precauções estão tão bem tomadas, tudo está de antemão tão bem regulado, de modo tão evidentemente irrevocavel, que o pensamento cede ao peso do facto e desfallece de todo.

O olhar da bella desconhecida mudava de expressão conforme proseguia a cerimonia. De terno e carinhoso, que era a principio, tornou-se desdenhoso e despeitado como por não ter sido comprehendido.

Fiz um esforço bastante para arrancar uma montanha, para bradar que não queria ser padre; mas não pude consegui-lo; a lingua ficou-me pregada ao palato, e foi-me impossivel traduzir a minha vontade pelo menor movimento negativo. Estava, accordado, em um estado semelhante ao do pesadelo,

durante o qual quer-se soltar uma palavra de que a vida depende, sem poder consegui-lo.

Ella pareceu sentir o martyrio que eu experimentava, e, como para animar-me, lançou-me um olhar cheio de divinas promessas. Seus olhos eram um poema, e cada olhar um canto.

Dizia-me :

« Si queres pertencer-me, far-te-hei mais feliz do que o proprio Deus no seu paraíso; os anjos ter-te-hão inveja. Despedaça esse funebre sudario em que te vaes envolver; eu sou a belleza, eu sou a mocidade, eu sou a vida; vem, seremos o amor. O que te poderia offerecer Jehovah como compensação? A nossa existencia correrá como um sonho e será apenas um beijo eterno.

« Derrama o vinho desse calice e és livre. Levar-te-hei a ilhas desconhecidas; dormirás no meu seio, em um leito d'ouro massisso debaixo de um pavilhão de prata; pois amo-te e quero roubar-te ao teu Deus, ante quem tantos corações nobres derramam ondas de amor que não chegam até elle. »

Parecia-me ouvir taes palavras com um rythmo de doçura infinita, pois o seu olhar quasi tinha sonoridade, e as phrases que seus olhos me enviavam echoavam-me no fundo do coração como si uma bocca invisivel as proferisse dentro de minh'alma. Sentia-me prestes a renunciar a Deus, e no entanto o meu coração cumpria machinalmente as formalidades da cerimonia. A bella lançou-me segundo olhar tão supplicante, tão cheio de desesperação, que laminas aceradas trespassaram-me no peito, e eu senti mais espadas no coração do que a Senhora das Dôres.

Tudo estava acabado, eu era padre. Nunca physionomia humana retratou angustia mais pungente; a moça, que vê cair o desposado morto subitamente ao

seu lado, a mãe juncto do berço vasio do filho, Eva sentada no limiar da porta do paraizo, o avaro que acha uma pedra em logar do seu thesouro, o poeta que deixou rolar até o fogo o manuscripto unico da sua melhor obra, não têm semblante mais aterrado e inconsolavel. O sangue fugiu-lhe completamente do rosto encantador, e a moça tornou-se pallida como o marmore; os formosos braços cahiram-lhe ao longo do corpo, como si os musculos se desatassem, e apoiou-se a um pilar porque as pernas dobravam-se-lhe e se recusavam a sustentar-lhe o corpo. Quanto a mim, livido, com a fronte inundada de suor mais sangrente que o do Calvario, encaminhei-me, vacillando para a porta da igreja; abafava; as abobadas pesavam-me sobre os hombros, e parecia-me que a minha cabeça sustentava sósinha todo o peso da cupola.

Ao transpôr o limiar, uma mão travou da minha; uma mão de mulher! Eu nunca as tocára. Estava fria como a pelle de uma cobra, e o seu vestigio ficou-me ardente como uma marca de ferro em braza. Era ella. « Malaventurado! malaventurado! o que fizeste? » disse-me em voz baixa; depois desapareceu no meio da multidão.

O velho bispo passou; olhou para mim com ar severo. Eu estava com o semblante mais singular da terra; empallidecia, corava, estava hallucinado. Um de meus companheiros teve pena de mim, deu-me o braço e levou-me; eu fôra incapaz de acertar sósinho com o caminho do Seminario. Na volta de uma rua, emquanto o moço sacerdote voltava o rosto para outra parte, um pagem negro, singularmente vestido aproximou-se de mim e entregou-me, sem parar na carreira que levava, uma carteirinha com cantos de ouro cinzelados, fazendo-me signal que a occultasse; metti-a na manga e ahi conservei-a até ficar só na minha cella. Fiz saltar o fecho, continha apenas duas folhas

com estas palavras: « Clarimunda no palacio Concini. » Eu estava então tão pouco ao facto das cousas da vida que não conhecia Clarimunda apesar da sua celebridade e ignorava completamente onde estava situado o palacio Concini. Fiz mil conjecturas, cada qual mais extravagante; mas realmente, comtanto que pudesse tornar a vê-la, bem pouco se me dava do que ella pudesse ser, fidalga ou cortezá.

Esse amôr, nascido havia pouco, estava indestructivelmente arraigado; eu nem sequer pensei em arrancá-lo do coração, tão impossível o achei. Essa mulher havia se apoderado completamente de mim, um só olhar bastára para transformar-me; insuflára-me a sua vontade; eu já não vivia em mim, mas nella e por ella. Commetia mil imprudencias, beijava em minha mão o logar que ella tinha tocado e repetia-lhe o nome horas inteiras. Não tinha mais do que fechar os olhos para vê-la tão distinctamente como si estivesse realmente presente, e repetia comigo as palavras que ella dissera-me á porta da igreja: « Malaventurado! malaventurado! que fizeste! » Comprehendia todo o horror da minha posição e o lado funebre e terrivel da carreira que eu acabava de abraçar revelava-se-me claramente. Ser padre! isto é, ser casto, não amar, não distinguir nem sexo, nem idade, affastar os olhos de toda a formosura, vasá-los, rojar sob a sombra glacial de um claustro ou de uma igreja, vêr apenas moribundos, velar juncto de cadaveres desconhecidos e pôr lucto por si proprio na sotaina negra, de modo que é possível fazer com a propria roupa um lençol para a tumba!

E eu sentia a vida subir dentro de mim como um lago interno que entumece-se e transborda: o sangue batia-me com força nas arterias; a minha mocidade, por tanto tempo comprimida, desabrochava de impro-

viso como o alves que leva cem annos a florescer e que desabrocha como um trovão.

Como tornar a vê Clarimunda? Eu não tinha pretexto algum para sahir do seminario; não conhecia ninguem na cidade; nem devia até permanecer ahi, esperava apenas que me designassem o curato que devia occupar. Tentei arrancar os varões de ferro da janella; mas estava a uma altura formidavel, e, não tendo comigo escada, não devia pensar nisso. E além disso eu não podia descer sinão á noite; e como dirigir-me no inextricavel dedalo das ruas? Todas essas difficuldades, que nada valiam para outros, eram extraordinarias para mim, misero seminarista, enamorado da vespera, sem experiencia, sem dinheiro e sem roupa.

Ah! si eu não fosse padre, poderia vê-la todo os dias; seria seu amante, seu esposo, dizia comigo na minha cegueira; em vez de estar envolvido no meu triste sudario teria roupas de seda e de velludo, cadeias de ouro, uma espada e plumas, como os cavalleiros moços. Os meus cabellos, em lugar de deshonorados por tamanha tonsura, brincar-me-hiam em torno do pescoço em cachos ondulantes. Teria bonitos bigodes retorcidos, seria um homem forte. Mas uma hora passada deante de um altar, algumas palavras mal articuladas riscavam-me para sempre do numero dos vivos, e fôra eu proprio quem scellára a pedra de meu tumulo, quem com minha propria mão corrêra o ferrolho da minha prisão!

Puz-me á janella. O céu estava admiravelmente azul, as arvores tinham vestido a sua roupagem da primavera; a natureza ostentava alegria ironica. A praça estava cheia de gente; uns iam, outros vinham; moços namorados e moças formosas aos pares dirigiam-se para o lado do jardim e dos caramancheis.

Grupos de rapazes passavam e cantavam canções bacchicas, havia um movimento, uma vida, uma animação, uma alegria que mais accentuavam o meu lucto e a minha solidão. Uma mãe ainda moça no limiar da sua porta brincava com o filho; beijava-lhe a boquinha côr de rosa, aljofrada de gottas de leite e fazia-lhe, afagando-o, mil dessas divinas puerilidades que só as mães sabem inventar. O pae, que se conservava de pé alguma distancia, sorria docemente para esse grupo encantador, e com os braços cruzados recalrava o jubilo dentro do coração. Não pude supportar esse espectáculo; fechei a janella e atirei-me encima do leito com raiva e ciume terrível no coração, mordendo os dedos e as cobertas como um tigre tres dias em jejum.

Não sei quantos dias conservei-me assim; mas, voltando-me com um movimento de espasmo furioso, dei com o abbade Serapião, que conservava-se de pé no meio da camara e contemplava-me attentamente. Tive vergonha de mim mesmo, e, deixando cahir a cabeça sobre o peito, veei os olhos com as mãos.

« Romualdo, meu amigo, passa-se alguma coisa extraordinaria no senhor, disse-me Serapião depois de alguns minutos de silencio; o seu proceder é realmente inexplicavel! O senhor tão piedoso, tão calmo, tão meigo, agita-se agora na sua cella como um animal feroz. Acautele-se, meu irmão, não escute as suggestões do diabo; o espirito do mal, irritado porque o senhor consagrou-se para sempre ao Todo Poderoso, segue-o como um lobo cervale e envida o ultimo esforço para chamá-lo a si. Em vez de se deixar succumbir, meu charo Romualdo, tome uma couraça de orações, um escudo de mortificações e combata esforçadamente o inimigo; ha de vencê-lo. A provação é uma coisa necessaria á virtude e o ouro sahe mais puro do cadinho. Não se assuste nem desanime; as almas mais

bem guardadas e mais firmes têm tido momentos desses. Ore, jejue, medite e o espirito do mal fugirá. »

As palavras do abbade Serapião fizeram-me recolher dentro em mim, e tornei-me tanto mais calmo.

« Eu vim annunciar-lhe a sua nomeação para o curato de C***; o cura que o parochiava acaba de morrer, e o senhor bispo incumbiu-me de ir dar-lhe posse; esteja prompto para amanhã. »

Respondi com um signal de cabeça que o estaria, e o abbade retirou-se. Abri o meu missal e comecei a lêr orações; mas as linhas confundiram-se-me dentro em pouco sob os olhos; o fio das idéas emmaranhou-se-me no cerebro e o volume cahiu-me das mãos sem que eu o notasse.

Sahir amanhã sem tê-la tornado a vêr! augmentar mais uma impossibilidade a todas as que já existiam entre nós! perder para sempre a esperança de tornar a encontrá-la, a não ser por um milagre! Escrever-lhe? por quem fazer-lhe chegar a minha carta? Com o sagrado character de que eu estava revestido com quem abrir-me, em quem fiar? soffri uma anciedade terrivel. Depois, o que o abbade Serapião dissera-me, dos artificios do diabo voltava-me á memoria; a singularidade da aventura, a belleza sobrenatural de Clarimunda; o brilho phosphorecente de seus olhos, a impressão abrasadora de sua mão, a perturbação em que ella lançára-me, a mudança subita que se operára em mim, a minha piedade desvanecida em um momento, tudo isso provava claramente a presença do diabo, e essa mão assetinada não passava talvez da luva com que elle cobrira as garras. Estas idéas infundiram-me grande terror, apanhei o missal que dos joelhos cahira-me no chão e puz-me de novo a orar.

No dia seguinte Serapião veio buscar-me; duas

mulas do corpo esperavam-nos á porta carregadas com as nossas esguias malas; elle montou em uma e eu na outra como me foi possivel. Percorrendo as ruas da cidade, olhava para todas as janellas e para todas as sacadas a vêr si depararia Clarimunda; mas era muito cedo e a cidade não tinha ainda aberto os olhos. O meu olhar mergulhava atravéz das venezianas e atravéz das cortinas de todos os palacios deante dos quaes passavamos. Serapião attribuia sem duvida essa curiosidade á admiração que me causava a belleza da architectura, pois demorava o passo do animal para dar-me tempo de vêr. Emfim chegámos á porta da cidade e começámos a subir a collina. Quando cheguei bem ao alto voltei-me para contemplar ainda uma vez os logares em que vivia Clarimunda. A sombra de uma nuvem cobria completamente a cidade; os tectos azues e vermelhos confundiam-se em uma meia tinta geral, em que sobrenadavam aqui e alli, como brancos focos de espuma, os nevoeiros da manhã. Por singular effeito de optica desenhava-se, louro e dourado sob um unico raio de luz, um edificio que excedia em altura as construcções visinhas completamente immersas na sombra; posto que estivesse a mais de uma legua, parecia muito proximo. Distinguiam-se-lhe as menores particularidades, as torrinhas, as platafórnas, as vidracas e até as ventoinhas com feitio de cauda de andorinha.

« Que palacio é aquelle que alli vejo alumiado por um raio do sol? » perguntei a Serapião. Puz a mão por cima dos olhos e, depois de olhar, respondeu-me: « E' o antigo palacio que o principe Concini deu á cortezã Clarimunda; passam-se alli cousas medonhas. »

Nesse momento, não sei ainda si foi uma realidade

ou uma illusão, pareceu-me vêr deslizar no terraço uma fôrma esbelta e branca, que brillou um segundo e apagou-se. Era Clarimunda.

Oh ! saberia ella que a essa hora do alto desse alpestre caminho que affastava-me della, e que eu não devia tornar a descer, ardente e inquieto eu contemplava o palacio que ella habitava e que um movimento ironico de luz parecia approximar de mim como que convidando-me a nelle entrar como senhor? Ella sem duvida o sabia, pois sua alma estava demasiado ligada á minha pela sympathia para não sentir as menores repercussões, e fôra esse sentimento que a impellira, ainda envolvida nos seus véus da noite, a subir ao terraço por entre o orvalho glacial da manhã.

A sombra invadiu o palacio e não vi mais do que um oceano immovel de tectos e cupolas, em que não se distinguia sinão a ondulação montuosa. Serapião tocou a sua mula, cujo passo a minha acompanhou immediatamente, e uma volta da estrada occultou-me para sempre a cidade de S * * *, pois eu não devia voltar a ella. Depois de tres dias de viagem por campos bastante tristes vimos surgir por entre as arvores o gallo do campanario da egreja em que eu devia servir ; e depois de havermos seguido por algumas ruas tortuosas ladeadas de choupanas e hortas, achámo-nos deante da portaria, que não tinha grande magnificencia. Um alpendre ornado com algumas saliencias e dous ou tres pilares de cantaria grosseiramente affeçoada, um telhado e contrafortes da mesma pedra dos pilares, era tudo ; á esquerda o cemiterio cheio de matto crescido com uma grande cruz de ferro no meio ; á direita e á sombra da egreja o presbyterio. Era uma casa de extrema simplicidade e arido aceio. Entrámos ; algumas gallinhas mariscavam no chão raros grãos de areia ; habituadas certamente

com as roupas negras dos ecclesiasticos, não se espantaram com a nossa presença e desviaram-se apenas para deixarem-nos passar. Ouvimos um latido rouco e gutural, e vimos apparecer um velho cão.

Era o cão do meu predecessor. Tinha o olhar amortecido, o pello grisalho e todos os symptomas da maior velhice a que póde attingir um cão. Afaguei-o docemente com a mão, elle poz-se immediatamente a andar a meu lado com ares de inexplicavel satisfação. Uma mulher bastante edosa, que tinha sido creada do antigo cura, veio-nos tambem ao encontro e, depois de me ter feito entrar para uma sala baixa, perguntou-me se tencionava conservá-la. Respondi-lhe que a conservaria a ella e ao cão e tambem ás gallinhas e a todos os moveis, que o amo deixara-lhe em legado e que fê-la entrar em um transporte de alegria, pois o abbade Serapião deu-lhe immediatamente o preço que pedia.

Empossado eu, voltou o abbade Serapião para o seminario. Fiquei, pois, só e sem mais arrimo. A idéa de Clarimunda tornou a appoderar-se de mim e por mais esforços que envidasse para repelli-la, nem sempre o conseguia. Uma uoite, passeiando nas alamedas bordadas de buxo do meu jardimzinho, pareceu-me vêr atravéz da cerca um vulto de mulher que seguia todos os meus movimentos e brilharem entre as folhas duas pupillas verde-mar; mas não passava de uma illusão, passando para o outro lado da alameda apenas encontrei vestigios de uns pés na areia, tão pequenos que dic-se-hiam pés de creança. O jardim era cercado de altos muros; corri todos os cantos e recantos, não havia pessoa alguma. Nunca pude explicar essa circumstancia, que aliás nada era ao lado das cousas estranhas que deviam succeder-me. Vivia eu assim havia um anno desempenhando com exactidão todos os deveres do meu cargo, orando, jejuando, exhortando

e soccorrendo os doentes, dando esmolas tiradas da satisfação das minhas necessidades mais indispensaveis. Mas sentia dentro de mim uma aridez extrema e as fontes da graça me estavam fechadas. Não gozava da felicidade que traz o cumprimento de uma missão sagrada ; o meu pensamento estava em outra parte, e as palavras de Clarimunda voltavam-me frequentemente aos labios como um estribilho involuntario. Oh irmão, medita bem nisto ! Por ter erguido uma unica vez o olhar para uma mulher, por uma falta na apparencia tão leve, experimentei durante muitos annos as mais miseraveis agitações : minha vida foi para sempre perturbação.

Nã te demorarei mais tempo nessas derrotas e nessas victorias inteiras, seguidas sempre de quedas mais fundas e passarei immediatamente a uma circumstancia decisiva. Uma noite bateram violentamente á minha porta. A velha creada foi abrir e um homem de tez cobreada e ricamente vestido, mas com vestes estranhas e com um longo punhal desenhou-se sob os raios da lanterna de Barbara. O primeiro movimento da creada foi de terror ; mas o homem tranquillizou-a e disse-lhe que precisava fallar-me immediatamente por alguma cousa concernente ao meu ministerio. Barbara mandou-o subir. Eu ia deitar-me. O homem disse-me que a ama, uma dama fidalga, estava em artigo de morte e pedia um padre. Respondi que estava prompto a segui-lo ; levei comigo o que era preciso para a extrema unção, e desci a toda pressa. A porta pateavam impacientes dous cavallos negros como a noite, que resfolegando atiravam sobre o peito duas compridas ondas de fumo. Segurou-me no estribo e ajudou-me a montar em um, depois saltou em cima do outro, apoiando apenas a mão na cabeça da sella. Apertou os joelhos e largou as redeas ao cavallo, que sahiu como uma flecha. O

meu, cuja redea elle segurava, sahiu tambem a galope e correu perfeitamente de par com o outro. Devoravamos a estrada ; a terra desapparecia-nos sob os pés pardacenta e listrada, e os vultos negros das arvores fugiam como um exercito derrotado. Atravessámos uma floresta tão escura, tão opaca e tão glacial que senti percorrer-me o corpo um arrepio de supersticioso terror. As faiscas que as ferraduras dos nossos cavallo arrancavam das pedras deixavam sobre a nossa passagem como que um rastro de fogo, e si alguem, a taes deshoras, nos tivesse visto, ao meu conductor e a mim, tomar-nos-hia por dous espectros a cavallo sobre um pesadelo. Fogos fatuos atravessavam o caminho, e as aves nocturnas piavam tristemente na espessura do bosque onde brilhavam de longe os olhos phosphorecentes de alguns gatos selvagens. A crina dos cavallo desgrenhava-se cada vez mais, o suor escorria-lhes pelo corpo e a respiração sahia-lhes ruidosa e comprimida das narinas. Mas quando os via fraquear, o escudeiro, para reanimá-los, soltava um grito gutural, que nada tinha de humano, e a carreira recomeçava com furia. Emfim o turbilhão parou; uma massa negra perfurada por alguns pontos brilhantes ergueu-se subitamente deante de nós ; os passos dos nossos cavallo soaram mais ruidosos sobre uma ponte de ferro, e entrámos sob uma abobada que escancarava a fauce sombria entre duas enormes torres. Grande agitação reinava no castello ; famullos com tochas na mão atravessava n os pateos em todos os sentidos e luzes subiam e desciam de patamar em patamar. Encontrei confusamente uma architectura enormissima, columnas, arcadas, escadarias e corrimões em luxo de construcção completamente real e phantastico. Um pagem negro, o mesmo que entregára-me a carteirinha de Clarimunda e a quem reconheci immediatamente, ajudou-me a apeare e um mordomo vestido de

velludo preto, com uma cadeia de ouro no pescoço, e um bastão de marfim na mão sahiu-me ao encontro. Grossas lagrymas transbordavam-lhe dos olhos e corriam-lhe ao longo das faces sobre a barba branca. « E' tarde ! disse meneando a cabeça, é muito tarde ! seu padre ; mas, si não pôde salvar-lhe a alma, venha guardar o misero corpo. » Tomou-me pelo braço e conduziu-me á sala funebre ; eu chorava tanto como elle, pois comprehendera que a finada era essa Clarimunda tanto e tão loucamente amada. Ao lado do leito estava um genuflexorio ; uma chamma azulada, volitando sobre uma patera de bronze, derramava em toda a camara uma claridade frouxa e duvidosa, e fazia aqui e alli reflectir na sombra alguma aresta saliente de um movel ou da cornija. Em cima da mesa em uma urna cinzelada, estava uma rosa branca já murcha, cujos petalos, á excepção de um unico, que ainda estava preso, tinham cahido todos ao pé do vaso como lagrymas odorificas ; uma mascara negra quebrada, um leque, disfarces de todo o genero estavam estendidos sobre as poltronas, e mostravam que a morte entrára de improviso nessa sumptuosa morada sem mandar-se annunciar. Ajoelhei-me sem atrever-me a lançar os olhos para o leito e puz-me a recitar os psalmos com grande fervor, agradecendo a Deus por haver posto um tumulo entre a idéa dessa mulher e mim, para que pudesse junctar ás minhas orações o nome della agora sanctificado. Mas pouco e pouco esse impulso affrouxou e cahi em uma scisma. A camara nada tinha de camara funebre. Em vez do ar fétido do cadaver que eu estava habituado a respirar nessas vigalias funebres, um languido vapor de essencias orientaes, não sei que amoroso perfume de mulher, pairava docemente no ambiente tepido. O baco clarão parecia antes uma meia claridade propicia á volupia que a lampada de luz amarella a bru-

xolear juncto dos cadaveres. Pensava no singular acaso que fizera-me tornar a encontrar Clarimunda no momento em que a perdia para sempre, e um suspiro lamentoso fugiu-me do peito. Pareceu-me que tinham suspirado por traz de mim e voltei-me involuntariamente. Era o écho. Com esse movimento meus olhos cahiram sobre o leito funerario, que tinham até então evitado. As cortinas de damasco encarnado com grandes flores, regaçadas com cordões de ouro, deixavam vêr a fin da deitada ao comprido e com as mãos postas sobre o peito. Estava coberta com véu de linho de alvura offuscadora, que a cór de purpura sombria da tapeceria mais fazia realçar, e tão fino que nada occultava a fórmula encantadora de seu corpo e deixava seguir as formosas linhas ondulentas como o pescoço de um cysne, que a propria morte não conseguira tornar rijas. Dir-se-hia uma estatua de alabastro feita por algum esculptor habil para pôr sobre um tumulo de rainha ou ainda uma moça adormecida sobre quem houvera cahido neve.

Eu já não podia resistir-lhe; o ar da camara inebriava-me, o perfume febril da rosa emmurchecida subia-me ao cerebro e percorria a largos passos o aposento, parando a cada instante deante do estrade para contemplar a graciosa finada debaixo da transparencia do seu sudario. Estranhos pensamentos atravessavam-me o espirito; imaginava que não estava realmente morta e que empregára essa simulação para attrahir-me ao seu castello e patentear-me o seu amor. Em um momento suppuz até ter visto mover-se-lhe o pé sob os cardidos véus, e desmancharem-se-lhe as dobras direitas do sudario e depois dizia eu comigo: «Será realmente Clarimunda? que prova tenho eu disso? Esse pagem negro não poderá ter passado para o serviço de outra mulher? E' uma loucura affligir-me e agitar-me assim.»

Mas o coração respondia-me a palpitar: E' ella mesma, é ella mesma.» Approximei-me do leito e contemplei com dobrada attenção o objecto da minha incerteza. Devo confessar-to? essa perfeição de fórmãs, posto que purificada e sanctificada pelo pallor da morte, conturbava-me mais voluptuosamente do que devia, e esse repouso parecia-se tanto com o somno que qualquer se houvera enganado. Esquecia-me de que fôra chamado para o officio funebre, e imaginava-me um moço esposo entrando na camara da noiva que occulta o semblante por pudor, e que se não quer deixar vêr. Traspassado de dôr, cego de alegria, tremulo de receio e de prazer, inclinei-me para ella e segurei na ponta da coberta; erguia lentamente, retendo a respiração com medo de acordá-la. As arterias palpitavam-me com tal força que eu sentia-as sibilarem-me nas fontes e a testa escorria-me de suor, como si eu tentasse erguer uma lapida de marmore. Era com effeito Clarimunda, tal como a tinha visto na igreja no dia da minha ordenação; estava tão bella como nesse dia e nella a morte parecia apenas mais uma casquilharia. A pallidez das faces, o rubor menos vivo dos labios, os compridos cilios abaixando e recortando a sua franja negra sobre as faces alvas davam-lhe uma expressão de castidade melancolica e de reflexivo soffrimento inexprimivelmente seductor; os longos cabellos desatados, em que achavam-se ainda espalhadas algumas florinhas azues, serviam-lhê de travesseiro á cabeça e protegiam-lhe com os seus cachos a nudez das espaduas: as formosas mãos, mais puras, mais diaphanas que hostias, estavam cruzadas em uma posição de pio repouso e de tacita prece, que corrigia o que pudessem ter de demasiado seductor mesmo ainda mortos, o torneiado esplendido e o brilho eburneo dos braços nús, que ainda conservavam os seus braceletes de

perolas. Fiquei largo tempo absorvido em muda contemplação, e quanto mais a contemplava menos podia crêr que a vida houvesse para sempre abandonado esse formoso corpo. Não sei si isso era uma illusão ou um reflexo da lampada, mas dir-se-hia que o sangue começava de novo a circular debaixo desse baço pallor; entretanto conservava-se na maior immobillidade. Toquei-lhe levemente no braço; estava frio, mas entretanto não estava mais frio do que a sua mão no dia em que tocára na minha á entrada do templo. Ternei a tomar a posição em que estava, inclinando o meu rosto sobre o seu e espalhando sobre as suas faces o tepido orvalho das minhas lagrymas. Ah! que sentimento acerbo de desesperação e de impotencia! que agonia foi essa vigilia! quizera ter podido resumir minha vida em um momento para dar-lha e soprar-lhe nos gélidos despojos a chamma que me devorava. A noite ia alta, e, sentindo approximar-se o momento da separação eterna, não pude excusar-me á triste e suprema doçura de depôr um beijo nos labios mortos daquella que tivera todo o meu amor. Oh prodigio! um tenue effluvio confundiu-se com a minha respiração, e a bocca de Clarimunda respondeu á pressão de meus labios: os olhos abriram-se-lhe e cobraram algum brilho, deu um suspiro e, desencruzando os braços, passou-mos pelo pescoço com ineffavel ebriedade: « Ah! és tu, Romualdo, disse com voz languida e suave como as ultimas vibrações de uma harpa; então o que fazes? Esperei-te tanto tempo que morri; mas agora somos desposados, posso vêr-te e ir á tua casa. Adeus, Romualdo, adeus! amo-te; é só o que te queria dizer, e restituo-te a vida que me déste um instante com o teu beijo; até breve.» A cabeça reclinou-se-lhe para traz; ella, porém, continuava a cercar me com os braços como si me quizesse reter. Uma furiosa lufada

de vonto empurrou a janella e entrou na camara; o ultimo petalo da rosa branca palpitou algum tempo como uma aza na ponta da haste, depois desprendeuse e voou pela janella aberta levando consigo a alma de Clarimunda. A lampada apagou-se, e eu cahi sem sentidos no seio da formosa finada. Quando voltei a mim estava deitado na minha cama, na minha pequena camara do presbyterio, e o velho cão do antigo cura lambia-me a mão ertendida para fóra das cobertas. Barbara andava pelo quarto com tremor senil, abrindo e fechando gavetas ou mexendo pós dentro de copos. Ao vêr-me abrir os olhos, a velha soltou um grito de alegria, o cão ganiu e agitou a cauda; mas eu estava tão fraco que não pude pronunciar uma só palavra ou fazer o menor movimento. Soube depois que permanecêra assim tres dias, não dando outro signal de vida mais do que a respiração quasi insensivel. Esses tres dias não os vivi e não sei para onde meu espirito tinha ido durante todo esse tempo; não guardei disso a menor memoria. Barbara contou-me que o mesmo homem de tez cobreada que viera buscar-me de noite trouxera-me de manhã em uma liteira fechada e voltara immediatamente. Apenas pude ligar as idéas, recordei comigo mesmo todas as circumstancias dessa noite fatal. A principio suppoz ter sido joguete de alguma illusão magica; mas circumstancias reaes e palpaveis destruíram para logo essa supposição. Não podia crêr que tivesse sonhado, porque Barbara tinha visto como eu o homem dos dous cavallos negros e descrevia-lhe a roupa e o porte com exactidão. Entretanto ninguem conhecia nos arredores castello algum a que se pudesse applicar a descripção do castello em que eu tinha encontrado Clarimunda.

Uma manhã vi entrar o abbade Serapião. Barbara mandára dizer-lhe que eu estava doente e elle accu-

dira a toda a pressa. Posto que essa pressa demonstrasse affeição e interesse por mim, a sua visita não me causou o prazer que me deveria causar. O abbade Serapião tinha no olhar alguma cousa de penetrante e inquisidora que me embarçava. Sentia-me confuso e culpado deante delle. Fôra elle o primeiro a descobrir a minha perturbação, e quiz-lhe mal pela sua perspicacia.

Emquanto informava-se acerca da minha saúde com um tom hypocritamente mellifluo, fixava em mim as suas duas pupillas amarellas de leão e mergulhava como uma sonda os seus olhares em minh'alma. Depois fez-me algumas perguntas acerca do modo por que eu dirigia o meu curato, perguntou-me si me apprazia aquella vida, em que gastava o tempo que me sobrava do meu ministerio, si eu travára algumas relações com os habitantes do logar, quaes eram as minhas leituras predilectas e mil outros pormenores semelhantes. Eu respondia a tudo isso o mais laconicamente possível, e elle tambem, sem esperar que eu acabasse, passava a outra cousa. Essa conversação não tinha evidentemente relação alguma com o que elle queria dizer-me. Depois sem preparo algum, e como uma nova de que se lembrava de improviso e que receiava esquecer em seguida, disse-me com voz clara e vibrante, que souu-me aos ouvidos como a trombeta do juizo final :

« A famosa cortezã Clarimunda morreu ultimamente, em consequencia de uma orgia que durou oito dias e oito noites. Foi uma cousa infernalmente esplendida. Renovavam-se ahi as abominações dos festins de Balthazar e de Cleopatra. Em que seculo vivemos nós, meu Deus! Os convivas eram servidos por escravos de face adusta a fallarem uma linguagem desconhecida e que parecem-me verdadeiros demonios; a libré do mais infimo delles poderia servir de traje

de gala para um imperador. Correram, sempre acerca dessa Clarimunda estranhos boatos, e todos os seus amantes acabaram de modo miseravel e violento. Diziam que ella era uma *goule*, um vampiro feminino ; mas creio que era Belzebuth em pessoa. »

Callou-se e observou-me mais attentamente do que nunca para vêr o effeito que as suas palavras tinham produzido em mim. Eu não pudera furtar-me a um movimento ouvindo pronunciar o nome de Clarimunda, e a noticia da sua morte, além da dôr que me cansava pela singular coincidencia com a scena nocturna que eu presenceára, lançou-me em uma perturbação e terror que transpareceram-me no rosto, por mais que eu fizesse para dominar-me. Serapião deitou-me um olhar inquieto e severo ; depois disse-me : « Meu filho, devo adverti-lo que tem pé erguido sobre o abysmo ; acautelle-se para não cahir nelle. Satanaz tem as garras compridas e nem sempre os tumulos guardam os finados. A lapida sepulchral de Clarimunda devia ser sellada com triplice sello ; pois ao que dizem não é a primeira vez que ella morre. Deus seja contigo, Romualdo ! »

Depois de ter dito estas palavras, Serapião ganhou a porta a passos lentos e não o tornei a vêr ; pois seguiu para S*** quasi immediatamente.

Achava-me completamente restabelecido e tornára a entregar-me ás minhas funcções habituaes. A recordação de Clarimunda e as palavras do velho abbade estavam sempre presentes ao meu espirito ; entretanto nenhum acontecimento extraordinario viera confirmar as previsões funebres de Serapião ; e eu começava a crêr que os seus receios e os meus terrores eram demasiado exaggerados ; mas uma noite sonhei. Tinha apenas bebido os primeiros golles do somno quando ouvi abrir as cortinas do leito e puchar os aneis nos

varões com um ruído extraordinário; levantei-me rápido sobre o cotovello e vi uma sombra de mulher que conservava-se de pé deante de mim. Reconheci immediatamente Clarimunda. Trazia na mão uma lampadasiha da fórma das que se põem nos tumulos, e cuja claridade dava a seus dedes afilados uma transparencia côr de rosa que prolongava-se por uma gradação insensível até a alvura opaca e côr de leite de seu braço nú. Tinha por unicas vestes o sudario de linho que a cobria no leito mortuario, cujas dobras segurava ao peito como envergonhada de achar-se tão pouco vestida, mas a sua mãosinha não era para isso bastante; estava tão alva que a côr do sudario confundia-se com a das carnes ao pallido clarão da lampada. Envolvida nesse fino tecido que trahia-lhe todos os contornos do corpo, assemelhava-se mais com uma estatua de marmore de banhista antiga do que a uma mulher dotada de vida. Morta ou viva, estatua ou mulher, sombra ou corpo, a sua belleza era sempre a mesma; apenas o brilho verde de seus olhos estava um tanto amortecido e a bôcca vermelha outrora, mal tinha uma côr de rosa fraco e desmaiado quasi semelhante ao das faces. As florinhas azues que eu lhe notára nos cabellos estavam completamente seccas e tinham quasi perdido todos os petalos; o que não a impedia de ser encantadora, tão encantadora que, apezar da singularidade da aventura e do modo inexplicavel por que entrára na camara, não tive um momento de terror.

Depoz a lampada sobre a mesa e sentou-se nos pés da minha cama; depois disse-me, inclinando se para mim, com essa voz argentina e avelludada a um tempo, que só nella couheci:

« Fiz me esperar muito tempo, meu charo Romualdo, e devias ter supposto que eu te havia esquecido. Mas venho de muito longe e de um logar donde nin-

guem voltou ainda ; não ha lua nem sol no mundo donde chego ; ha apenas espaços e sombra ; nem caminho, nem senda ; nem terra para os pés, nem ar para as azas ; e no entanto eis-me aqui, pois o amor é mais forte que a morte e acabará por vencê-la. Ah ! quantas faces tristonhas, quantas cousas terriveis vi nesta viagem ! Quanta difficuldade teve minha alma tornando a entrar neste mundo pelo poder da vontade, para tornar a encontrar o seu corpo e nelle reintegrarse ! Quantos esforços foram-me precisos para levantar a lapida com que me tinham coberto ! Olha ! as palmas das minhas miseras mãos estão todas magoadas. Beijas para curá-las, querido amor ! » E applicou-me uma depois da outra as palmas gélidas das mãos sobre a bôcca ; beijei-as com effeito muitas vezes e ella contemplava-me com um sorriso de ineffavel satisfação.

Confesso por minha vergonha, tinha totalmente esquecido as advertencias do abbade Serapião e o character de que eu estava revestido. Entregára-me sem resistencia e ao primeiro assalto. Nem sequer tentára repellir o tentador ; a frescura da pelle de Clarimunda penetrava a minha e eu sentia percorrer-me o corpo voluptuoso tremor. Misera moça ! apesar de quanto tenho visto, custa-me ainda crêr que fosse um demónio ; ao menos não o parecia e nunca Satan escondeu melhor as garras e as pontas. Sentára-se sobre os calcanhares e conservava-se acorada na beira da cama em uma posição cheia de descuidosa graça. A espaços corria a mãosinha pelos meus cabellos e enrolava-os em cachos, como si quizera ensaiar no meu semblante novos penteados. Deixava-a proseguir com a mais culposa complacencia e ella acompanhava tudo isso com o mais encantador gorgoeio. Cosa notavel era que eu não experimentava nenhuma admiração por aventura tão extraordinaria, e, com essa facilidade que se tem em uma visão de admittir como muito

simples os acontecimentos mais extravagantes, achava tudo isso muito natural.

« Amava-te muito tempo antes de te vêr, meu charo Romualdo, e procurava-te por toda a parte. Eras o meu sonho e descobri-te na egreja no momento fatal; disse immediatamente: « E' elle! » Deitei-te um olhar em que puz todo o amor que eu tivera, que tinha e que havia de ter por ti; um olhar capaz de perverter um cardeal e de fazer um rei ajoelhar-se-me aos pés deante de toda a sua côrte. Ficaste impassivel e preferiste o teu Deus.

« Ah! quantos ciumes tenho de Deus, a quem amaste e a quem ainda amas mais do que a mim!

« Malaventurada, malaventura que sou! nunca possuirei sósinha o teu coração, eu a quem resuscitaste com um beijo, Clarimunda a finada, que por tua causa quebra as portas do tumulo e vem consagrar-te a vida que só tornou a tomar para tornar-te feliz! »

Todas estas palavras eram entrecortadas de caricias delirantes, que fascinaram-me os sentidos e a rasão a tal ponto que não receiei, para consolá-la, proferir uma horriavel blasphemia e dizer-lhe que a amava tanto como a Deus.

As pupillas reanimaram-se-lhe e brilharam como crysoprasos. « Deveras! deveras! tanto como a Deus! disse enlaçando-me nos formosos braços. Já que é assim, irás comigo, seguir-me-has para onde eu quiser. Deixarás os teus horrendos habitos negros. Serás o mais altivo e mais invejado dos cavalheiros, serás meu amante. Ser amante confesso de Clarimunda, que rejeitou um papa, é bello! Ah! que vida bem-aventurada, que dourada existencia passaremos! Quando seguiremos, meu cavalheiro? »

« Amanhã! amanhã! » exclamei delirante.

« Amanhã, pois bem! continuou ella. Terei tempo de mudar de roupa porque esta é um tanto succinta e não servem para a viagem. E' preciso tambem que vá avisar aos meus famulos que me suppõem realmente morta e que acham-se tão inconsolaveis quanto lhes é possivel. Dinheiro, roupas, carros, tudo estará prompto. Virei buscar-te a esta mesma hora. Adeus, amado do coração. »

E exflorou-me a fronte com a ponta dos labios, A lampada apagou-se, as cortinas tornaram a fechar-se, e nada mais vi; um somno de chumbo, somno sem sonhos, desceu sobre mim e conservou-me entorpecido até o dia seguinte demachã. Despertei mais tarde que costumava, e a recordação dessa visão singular agitou-me o dia inteiro; acabei por convencer-me que era méra criação da minha imaginação escaldada. Entretanto as sensações tinham sido tão vivas que era difficil suppor que não fossem reaes, e não foi sem alguma apprehensão do que ia succeder que metti-me no leito, depois de ter orado a Deus para que affastasse de mim os máus pensamentos e protegesse a castidade de meu somno.

Adormeci d'ahi a pouco profundamente, e o meu sonho continuou. As cortinas affastaram-se e eu vi Clarimunda, não como da primeira vez, pallida no seu pallido sudario e com as violetas da morte sobre as faces, mas alegre, prompta e jubilosa, com magnificas roupas de viagem de velludo verde ornadas com presilhas de ouro e regaçadas de um lado para deixar ver uma saia de setim. Os cabellos louros escapavam-lhe em abundantes cachos por baixo de um largo chapéu de feltro negro, cheio de plumas brancas caprichosamente voltadas; tinha na mão uma vergastinha que terminava em um apito de ouro. Tocou-me com ella de leve e disse-me: « Então! formoso dorminhoco, é assim que se aprompta? Contava achá-lo

de pé. Levante-se depressa, não temos tempo a perder. » Saltei da cama abaixo.

« Vamos, vista-se e saiamos, disse-me, apontando para um pequeno embrulho que trouxera; os cavallos estão impacientes e roem o freio á porta. Já devíamos estar a dez leguas d'aqui. »

Vesti-me á pressa e ella dava-me por suas proprias mãos a roupa, rindo-se ás gargalhadas do meu desaso e indicando-me como se usavam, quando eu enganava-me. Endireitou-me os cabellos, e, quando acabou, estendeu me um espelho de algibeira de crystal de Veneza bordado com filigrana de prata e disse: « Como te achas? queres tornar-me a teu serviço como creada grave? »

Eu já era outro, e não me reconheci. Parecia comigo mesmo como uma estatua acabada póde parecer-se com uma pedra bruta. Meu primitivo semblante dir-se-hia que não passava do esboço grosseiro do que era reflectido pelo espelho. Estava formoso e a minha vaidade ficou sensivelmente lisonjeada com tal metamorphose. Essas vestes elegantes, o rico roupão bordado, me transformavam em um personagem novo e admirei o poder de algumas varas de estofa cortado de certa fórma. O espirito da roupa que eu vestia penetrava-me a pelle, e ao cabo de dez minutos estava soffrivelmente fátuo.

Dei alguns passos pela camara para desembaraçar-me. Clarimunda contemplava-me com complacencia maternal e parecia muito satisfeita com a sua obra. « Basta de puerilidades; a caminho, meu chato Romualdo! Vamos para longe e não chegaremos. » Travou-me da mão e arrastou-me. Todas as portas abriam-se deante della apenas as tocava, e passámos por deante do cão sem acordá-lo. A' porta encontrámos Margheritone; era o escudeiro que já me tinha con-

duzido; segurava pelas redeas tres cavallos negros como o primeiro: um para mim, um para elle, um para Clarimunda. Esses cavallos deviam ser ginetes hespanhoes nascidos de eguas fecundadas pelo zephyro; porque corriam mais depressa de que o vento, e a lua, que erguêra-se quando sahiramos, para nos alumiar, rolava pelo céu como uma roda desprendida do seu carro; viamo-la á direita saltar de arvore em arvore e esbaforir-se para correr atraz de nós. Chegámos dentro em pouco a uma planicie em que, juncto de um grupo de arvores, esperava-nos um carro tirado por quatro vigorosos animaes; embarcámos, e os postilhões puzeram-os a um galope insensato. Eu passára um dos braços pela cintura de Clarimunda, e uma das suas mãos estava na minha; apoiava a cabeça no meu hombro, e eu sentia-lhe o seio semi-nú roçar-me o braço. Nunca eu experimentára felicidade tamanha. Tinha esquecido tudo nesse momento e lembrava-me tanto de ter sido padre como do que tinha feito no seio de minha mãe, tamanha era a fascinação que o espirito maligno exercia sobre mim. Desde essa noite a minha natureza como que se desdobrou e houve em mim deus homens, um dos quaes não conhecia o outro. Ora suppunha-me um padre que sonhava cada noite que era cavalheiro, ora um cavalheiro que sonhava que era padre. Eu não podia mais distinguir o sonho da vigilia e já não sabia onde começava a realidade e onde acabava a illusão. O cavalheiro fatuo e libertino motejava do padre, o padre detestava o cavalheiro dissoluto. Duas espiraes entrelaçadas uma na outra e confundidas sem nunca se tocarem representam perfeitamente a vida bicephala que eu tinha. Apesar da singularidade dessa posição, creio que um só momento não estive louco. Conservei continuamente mui clara a percepção das minhas duas existencias. Havia apenas um facto absurdo que eu não podia explicar: era que

o sentimento do mesmo eu existisse em dous homens tão diversos. Era uma anomalia de que eu não tinha consciencia, quer acreditasse ser o cura da aldeia de ***, quer *il signor Romualdo*, amante conhecido de Clarimunda.

O que é verdade é que eu estava, ou pelo menos suppunha estar em Veneza; ainda não pude bem destringar o que havia de illusão e de realidade nessa singular aventura. Habitavamos um grande palacio de marmore sobre o Canaleio, cheio de frescos e de estatuas, com dous Ticianos excellentes na camara de dormir de Clarimunda, palacio digno de um rei. Tinhamos cada qual a nossa gondola e as nossas barcarolas para nosso uso, nossa camara de musica e nosso poeta. Clarimunda comprehendia a vida de modo magnifico, e havia o quer que fosse de Cleopatra na sua natureza. Quanto a mim, vivia como um filho de principe, e rodeava-me de tanto esplendor como si fosse da familia de um dos doze apóstolos ou dos quatro evangelistas da serenissima republica; não me affastaria do caminho para deixar passar o doge, e creio que depois que Satan cahiu do céu ninguem foi mais orgulhoso nem mais insolente do que eu. Ia ao Ridotto e jogava como um demonio. Frequentava a melhor sociedade do mundo, filhos-familias arruinados, mulheres do theatro, gatunos, parasitas e espadachins. Entretanto, apesar da dissipação dessa vida, conservei-me fiel a Clarimunda. Amava-a loucamente. Ella era capaz de reanimar a propria sociedade e fixar a inconstancia. Possuir Clarimunda era possuir vinte amantes, era possuir todas as mulheres, tão movel era ella, mudavel, e dissemelhante de si propria; era um verdadeiro camaleão! Far-vos-hia commetter comsigo a infidelidade que houvereis commettido com outras, to-

mando completamente o character, o porte e o genero de belleza da mulher que parecia agradar-vos. Pagava o meu amor centuplo, e embalde os moços patricios anciãos do Conselho dos Dez fizeram-lhe as maiores propostas. Um Foscari chegou a propor-lhe desposá-la; recusou tudo. Tinha ouro bastante; só exigia amor, amor de moço, puro, despertado por ella e que devia ser o primeiro e o ultimo. Eu houvera sido completamente feliz, si não fôra um maldicto pesadello que voltava-me todas as noites e no qual suppunha-me cura de aldeia macerando-se e fazendo penitencia pelos meus desregramentos de cada dia. Tranquillisado pelo habito de estar com ella, quasi que já não pensava no modo singular por que conhecêra Clarimunda. Entretanto, o que dissera o abbade Serapião accudia-me ás vezes á memoria e não deixava de inquietar-me.

Havia algum tempo que a saude de Clarimunda já não era tão bôa, a tez amortecia-se-lhe de dia para dia. Os medicos que foram chamados nada comprehendiam da sua molestia e não sabiam o que fazer. Prescreveram alguns remedios insignificantes e não tornaram a voltar. Entretanto, ia ficando pallida a olhos vistos e tornava-se cada vez mais fria. Estava quasi tão branca e tão morta como na famosa noite no castello desconhecido. Eu estava inconsolavel por vê-la deperecer assim lentamente. Ella, commovida com o meu soffrimento, sorria-me meiga e tristemente com o sorriso fatal de quem sabe que vae morrer.

Uma manhã estava eu assentado perto do seu leito e almoçava em uma mesinha para não deixá-la um minuto. Cortando uma fructa, dei por acaso no dedo um talho profundo. O sangue correu immediatamente

em fios purpurinos e algumas gottas cahiram encima de Clarimunda. Os olhos accenderam-se-lhe, a physiognomia tomou uma expressão de alegria feroz e selvagem, que eu nunca lhe tinha visto. Saltou da cama abaixo com agilidade animal, agilidade de macaco ou de gato, e precipitou-se sobre a minha ferida, que poz-se a sugar com indizivel voluptia. Engolia o sangue em golesinhos lenta e deliciosamente como um conhededor que saborêa vinho de Xerez ou de Syracuse ; cerrava a meio os olhos, e a menina de seus olhos verdes tornára-se oblongo em vez de redondo. A espaços parava para beijar-me a mão, depois tornava a comprimir com os labios os labios do ferimento para d'elle fazer sahir ainda algumas gottas rubras. Quando viu que o sangue já não accudia, levantou-se com os olhos humidos e brilhantes, mais rosada do que uma aurora de Maio, com o rosto cheio, a mão quente e humida, enfim mais bella do que nunca e em estado de perfeita saúde.

« Não morrerei! não morrerei! disse quasi louca de alegria e pendurando-se-me ao pescoço ; poder-te-hei amar ainda muito tempo. Minha vida está contida na tua, e tudo quanto sou vem de ti. Algumas gottas do teu rico e generoso sangue, mais precioso e mais efficaç que todos os elixires do mundo, restituiram-me a vida.

Esta scena preoccupou-me por muito tempo e infundiu-me estranhos receios acerca de Clarimunda, e nessa mesma noite, quando o somno levou-me ao meu presbyterio, vi o abbade Serapião mais grave e mais preocupado do que nunca. Contemplou-me attentamente e disse-me : « Não contente com perder a sua alma, o senhor quer tambem perder o seu corpo. Infortunado mancebo, em que laço cahiu o senhor ! » O tom com que elle disse-me essas poucas palavras

impressionou-me vivamente; mas, apesar de vivaz, essa impressão foi para logo dissipada e mil outros cuidados apagaram-na do meu espirito. Entretanto uma noite vi no meu espelho, cuja perfida posição ella não calculára, Clarimunda a deitar um pó na taça de vinho aromatisado que costumava preparar depois da refeição. Tomei a taça, fingi levá-la aos labios e depu-la em um movel como para acabar de beber mais tarde á minha vontade, e, aproveitando um momento em que a bella voltára as costas, deitei o conteúdo embaixo da mesa; depois do que, retirei-me para minha camara e deitei-me, muito resolvido a não dormir e a vêr em que daria tudo isso. Não esperei muito tempo; Clarimunda entrou vestida para dormir e, desembaraçando-se de seus véus, estendeu-se no leito juncto á mim.

Quando certificou-se bem de que eu dormia, descobriu-me o braço e poz-se a murmurar em voz baixa:

« Uma gotta, uma só gottasinha rubra, um rubim na ponta desta agulha!... Já que ainda me amas, é preciso que eu não morra... Ah! coitado do meu amor! vou beber lhe o formoso sangue côr de purpura tão brilhante. Dorme, meu unico bem, dorme, meu Deus e meu filho; não te causarei damno, só tirarei de tua vida o que fôr necessario para não deixar extinguir-se a minha. Si eu não te amasse tanto, poderia resolver-me a tomar outros amantes cujas veias enxugaria; mas depois que te conheço, tenho horror a todos... Ah! que bonito braço! como é redondo! como é alvo! nunca me atreverei a abrir esta linda veia azul. » E enquanto assim fallava, chorava e eu sentia cahir-lhe as lagrymas no meu braço, que ella segurava. Afinal resolveu-se e fez uma pequena incisão com a agulha e poz-se a sugar o sangue que corria. Posto que tivesse apenas bebido algumas got-

tas, tomada do receio de exaurir-me, pensou me com cuidado o braço com uma atadura, depois de ter passado na cesurá um unguento que fechou-a immediatamente.

Eu já não podia alimentar duvida, o abbade Serapião tinha rasão. No entanto, apesar dessa certeza, não podia deixar de amar Clarimunda e de boamente lhe houvera dado todo o sangue de que ella carecesse para alimentar a sua existencia artificial. Demais, não tinha grande receio; a mulher respondia-me pelo vampiro, e o que eu ouvira e vira tranquillizava-me completamente; tinha então veias abundantes que não se esgotariam tão depressa e não regateava a vida gotta a gotta. Teria por mim mesmo rasgado o braço e dito: « Bebe! e infiltre-se o meu amor em teu corpo com o meu sangue! » Não fiz a menor allusão ao narcotico que ella me déra e á scena da agulha e vivemos no mais perfeito accordo. No entanto os meus escrupulos de sacerdote atormentavam-me mais do que nunca, e eu não sabia que nova maceração inventar para moderar e mortificar a minha carne. Postoque todas essas visões fossem involuntarias e que eu nenhuma parte tomasse nellas, não ousava tocar no Christo com mãos tão impuras e um espirito manchado por taes desregramentos, reaes ou sonhados. Para evitar cahir nessas medonhas hallucinações, tentei não dormir, conservava as palpebras abertas com os dedos e ficava em pé arrimado ás paredes luctando contra o somno com todas as minhas forças; mas a areia da modorra cahia-me para logo nos olhos, e, vendo que toda a lucta era inutil, deixava pender os braços desanimado e inerte, e a torrente arrastava-me para as margens perfidas. Serapião dirigia-me as mais vehementes exhortações e exprobrava-me asperamente a minha fraqueza e o meu pouco fervor.

Um dia em que estivera eu mais agitado que de costume disse-me : « Para forrar-se a essa obsessão, ha só um meio, e, postoque seja extremo, é preciso emprega-lo : para os grandes males grandes remedios. Sei onde Clarimunda foi enterrada; é preciso que a desenterramos e que o senhor veja em que estado miseravel está o objecto de seu amor; não vêr-se-ha mais tentado a perder a sua alma por um cadaver immundo devorado por vermes e prestes a transformar-se em pó; isso sem duvida fá-lo-ha cahir em si. »

Eu estava tão fatigado dessa vida dupla que accitei; querendo em summa saber quem era victima da illusão, si o padre, si o cavalheiro, estava resolvido a matar, em beneficio de um ou de outro, um dos dous homens que existiam em mim, ou a matá-los ambos, pois semelhante vida não podia continuar. O abbade Serapião muniu-se de um alvião, de uma alavanca e de uma lanterna e á meia-noite dirigimo-nos para o cemiterio de***, cujo sitio e disposição elle conhecia perfeitamente. Depois de haver dirigido a luz da lanterna furta-fogo para as inscrições de muitos tumulcs, chegámos emfim a uma pedra quasi occultava pelo matto crescido e devorada pelo musgo e plantas parasitas, em que lemos este começo de inscrição :

Aqui jaz Clarimunda
 Que foi emquanto viva
 Entre ás mais bellas diva

.

« E' aqui mesmo, » disse Serapião, e, depondo no chão a lanterna, introduziu a alavanca no intersticio da pedra e começou a erguê-la. A pedra cedeu e elle empregou o alvião. Eu deixava-o proseguir, mais negro e mais silencioso que a propria noite; quanto a elle, curvado sobre a sua obra funebre, estava lavado em suor, offegava e a respiração oppressa parecia um estertor de agonisante. Era um espectáculo singular e quem nos visse de fóra tomar-nos-hia antes por profanadores e ladrões de sudarios que por sacerdotes de Deus.

O zelo de Serapião tinha alguma cousa de rude e selvagem que fazia-o assemelhar a um demonio mais do que a um apóstolo ou a um anjo, e o seu semblante de feições austeras e profundamente accentuadas pelo reflexo da lanterna não tinha nada de tranquillizador.

Sentia escorrer-me dos membros suor glacial, e os cabellos eriçavam-se-me dolorosamente na cabeça; considerava dentro de mim mesmo a acção do severo Serapião como abominavel sacrilegio, e quizera que do seio das sombrias nuvens que rolavam pesadas por cima de nós sahisse um triangulo de fogo que o reduzisse a pó.

Os mochos, pousados nos cyprestes, e assustados pela luz da lanterna, vinham açoutar-lhe rijamente o vidro com as azas poeirentas, soltando queixosos lamentos; as raposas ganiam distante e mil ruidos sinistros destacavam-se do silencio. Afinal o alvião tocou no caixão cujas taboas soavam com rumor surdo e sonoro, como esse terrivel rumor que produz o nada quando tocam no; arrancou a tampa, e vi Clarimunda pallida como o marmore com as mãos postas; o branco sudario formava uma só dobra da cabeça aos pés. Uma gottasinha

vermelha brilhava-lhe como uma rosa no canto da bocca descorada. Serapião ao vê-la tomou-se de furor :

« Ah ! eis-te ahi, demonio, certezã impudica, bebedora de sangue e de ouro ! »

E aspergiu com agua benta o corpo e a tumba sobre a qual traçou a fórmula de uma cruz com o hysope.

A misera Clarimunda, nem bem havia sido tocada pelo sancto orvalho, e já o formoso corpo dissolvia-se-lhe em pó; não ficou mais do que um montão horriavelmente informe de cinzas e ossos meio calcinados.

« Aqui está a sua amante, Sr. Romualdo, disse o inexoravel sacerdote, mostrando-me os tristes despojos; ainda tem vontade de ir passeiar ao Lido e ao Fusino com a sua beldade? »

Baixei a cabeça; um grande vacuo acabava de operar-se dentro de mim.

Voltei para o meu presbyterio e o cavalheiro Romualdo, amante de Clarimunda, separou-se do malaventurado padre a quem fizera durante tanto tempo tão singular companhia.

Apenas na noite seguinte vi Clarimunda; disse-me como da primeira vez na portaria da egreja :

« Malaventurado ! malaventurado ! o que fizeste ? Porque escutaste esse padre imbecil ? não eras feliz ? o que te fiz eu para violares o meu tumulo e pôr a descoberto as miserias do meu nada ? Toda a comunicação entre nossas almas e nossos corpos este para sempre rôta. Adeus, has de ter saudades dá mim. »

E dissipou-se no ar como o fumo, e não tornei mais a vê-la.

Ai de mim ! disse uma verdade : tenho tido saudades della mais de uma vez e lamento ainda

a sua perda. A paz de minh'alma foi comprada muito caro; o amor de Deus não era demais para substituir o seu.

Eis, irmão, a historia da minha mocidade. Nunca olhes para uma mulher, e caminha e sempre com os olhos no chão; pois, por mais casto e mais calmo que sejas, basta um minuto para fazer perder-te a eternidade.

FIM DA AMANTE D'ALÉM-TUMULO.

A CADEIA DE OURO

A CADEIA DE OURO

Plangon de Mileto foi no seu tempo uma das mulie-
res mais em voga em Athenas. Não se fallava na ci-
dade sinão della ; pontifices, archontes, generaes,
satrapas, regulos, moços patricios, filhos-familias, todos
bebiam por ella os ares. A sua belleza, semelhante á
de Helena amada por Pariz, excitava a admiração e o
desejo de velhos graves e saudosos do tempo passado.
Com effeito nada era mais bello que Plangon, e não
sei porque Venus, que teve ciumes de Psychis, não os
teve da nossa filha de Mileto. E' possivel que as nu-
merosas corôas de rosas e de tilia, os sacrificios de
pombas e de pardaes e as libações de vinho de Creta
offerecidos por Plangon á casquilha deusa apazi-
guassem-lhe a cólera e suspendessem-lhe a vingança;
o que é verdade é que ninguem foi mais feliz em

amôres do que Plangon de Mileto cognominada Papisphila. Só o cinzel de Clcomenes ou o pincel de Apelles, filho de Euphranor, poderiam dar idéa da primorosa perfeição de fórmãs de Plangon. Quem poderá descrever a formosa linha oval do semblante, a fronte estreita e pallida como o marfim, o nariz recto, a bocca redonda e pequena, o queixo redondo, as faces com as maçãs achatadas, os olhos com os cantos alongados, a brilharem como dous astros geineos, entre duas estreitas palpebras, debaixo de sobrance-lhas delicadamente finas para a extremidade? Com que comparar as ondas crespas de seus cabellos sinão ao ouro, rei dos metaes, e ao sol na hora em que os peitos dos seus corceis já se mergulhavam no humido leite do oceano? Que mortal teve nunca pés tão perfeitos? A propria Thetis, a quem o velho Melesigeno deu o epitheto de pés de prata, não podia ser-lhe comparada na pequenez e alvura. Os braços eram torneados e correctos como os de Hebe, a deusa de braços de neve; a taça em que Hebe dá ambrosia aos deuses servira-lhe de molde para os seios, e as mãos tão gabadas da Aurora, ao lado das suas pareciam mãos de alguma escrava empregada em rudes trabalhos.

Depois desta descripção não ficareis sorprendidos com que o limiar de Plangon fosse mais adorado que um altar da grande deusa; todas as noites amantes queixosos vinham ungir as soleiras da porta e os degraus de marmore com as essencias e perfumes mais preciosos; amontoavam-se grinaldas e corôas entretecidas de charpas, rôlos de papyro e taboas de cêra com disticos, elegias e epigrammas. Era preciso todas as manhãs desembaraçar a porta para abri-la, como se faz nas regiões da Scithia quando a neve cahida durante a noite obstrue o limiar das casas.

Plangon no meio de toda essa multidão escolhia

os mais ricos e os mais formosos, os mais formosos de preferencia. Um archonte demorava-se oito dias; um grande pontifice quinze dias; era preciso ser rei, satrapa ou tyranno para ir até o fim do mez. Bebida a sua fortuna, mandava-os deitar fóra empurrados tão mal vestidos e asseados como philosophos cynicos, pois Plangon, esquecemos de dizer, não era nenhuma nobre e casta matrona, nem uma donzella dansando a bibasa nas festas de Diana, mas simplesmente uma escrava liberta exercendo o officio de hetaira.

Havia algum tempo que Plangon apparecia com menos frequencia nas theorias, nas festas publicas e nos passeios. Já se não entregava á ruina dos satrapas com o mesmo encarniçamento, e os daricos de Pharnabazo, de Artabano e de Tissaphernes admiravam-se de permanecer nos cofres de seus senhores. Plangon não sahia mais sinão para ir ao banho n'uma liteira fechada, cuidadosamente velada como uma mulher honesta; Plangon já não ia ceiar com os mancebos desregrados e cantar hymnos a Baccho, pae da alegria, acompanhando com a lyra. Recusára, havia pouco, um convite de Alcibiades. Estavam assustados os elegantes de Athenas. Pois que! Plangon, a formosa Plangon, nosso amor, nosso idolo, rainha das orgias; Plangon que dança tão bem ao som dos crotalos e que torce as cadeiras lascivas com tanta graça e voluptia sob o fogo das lampadas festivas; Plangon, a rapariga de sorriso brilhante e respostas promptas e mordazes; o olho, a flor, a perola das moças; Plangon de Mileto, Plangon desvia-se de nós, não tem mais do que tres amantes de cada vez, permanece em casa e torna-se virtuosa como uma mulher feia! Por Hercules! é singular, e eis o que destroe todas

as conjecturas ! Quem ha de agora dar o tom ? quem ha de legislar acerca da moda ? Deuses immortaes ! quem poderá nunca substituir Plangon, a moça, Plangon, a louca, Plangon, a encantadora ?

Os formosos mancebos de Athenas assim fallavam uns aos outros, passeiando ao longo dos Psopyleus ou recostados indolentemente na balastrada de marmore de Acropole.

— O que vos admira, meus formosos Srs. athenienses, meus admiraveis satrapas de barba frisada, é cousa bem simples ; é que os Srs. aborrecem Plangon que os diverte ; está cançada de dar-lhes amor e alegria em troca de ouro ; ella é a mais prejudicada no negocio, Plangon não quer mais saber dos senhores. Ainda que lhe levassem os daricos e os talentos aos alqueires a sua porta permaneceria surda a todas as supplicas. Alcibiades, Axioco, Callimaco, os mais elegantes e os mais famosos da cidade não conseguiriam mais do que encanecer. Si querem cortezãs, vão á casa de Archenassa, á casa de Flora, ou á casa de Lamia. Plangon já não é uma cortezã ; anda apaixonada.

— Apaixonada ! mas por quem ? Deviamos sabê-lo, andamos sempre informados com oito dias de antecedencia acerca do estado do coração dessas senhoras. Pois não temos a cabeça emcima de todos os travesseiros e os cotovellos emcima de todas as mesas ?

— Meus charos senhores, não é nenhum dos senhores que ella ama, pódem ficar certos ; demasiado os cohece para faze-lo. Não é ao senhor, Cleon dissipador ; ella bem sabe que o senhor apenas gosta dos cães da Laconia, dos parasitas,

dos tocadores de flauta, dos ennuchos, dos anãos e dos papagaios da India; nem o senhor, Hipparcho, que só sabe fallar da sua quadriga de cavallos brancos e dos premios ganhos pelos seus cocheiros nos jogos olympicos; Plangon diverte-se muito pouco com essas particularidades de estrebria que tanto o encantam. Não é tambem ao senhor, Thrasylo, effeminado; a tinta com que pinta as sobrancelhas, o pó com que cobre as faces, o oleo e as essencias com que se cobre desapiadamente, todos esses unguentos, todas essas perfumarias que deixam em duvida si o seu rosto é uma ulcera ou uma face humana, encantam muito pouco a Plangon: ella não é sensivel a todos os seus requintes de elegancia, e embalde para agradar-lhe o senhor enche a sua barba loura com ouro em pó e lentejoulas, deixa crescer desmedidamente as unhas e arrasta pelo chão as mangas da sua tunica persa. Não é Timandro, o patricio grosseiro, nem Glaucion, o imbecil, que hão de roubar o coração de Plangon.

Amaveis representantes da elegancia, e do atticismo de Athenas, moços victoriosos, formosos triumphadores, juro-lhes que nunca foram amados por Plangon e attesto-lhes de mais a mais que o seu amante não é um athleta, um anão corcunda, um philosopho ou um negro como o insinua Axiocho.

Comprehendo que é doloroso vêr a mais formosa filha de Athenas viver recolhida como uma virgem que se prepara para a iniciação dos mysterios de Elensis, e que é desagradavel para os senhores não irem mais a essa casa em que gastavam o tempo de modo tão agradavel, jogando

dados e ossos, e apostando um contra o outro os seus macacos, as suas amantes, as suas casas decampo, os seus grammaticos e os seus poetas. Era encantador vêr como dansavam as esbeltas africanas com os seus agudos pandeiros, ouvir um moço escravo tocar flauta de dous tubos no modo iónio, coroados de hera, reclinados suavemente em leitos com pés de marfim, bebendo em golesinhos vinho de Chipre, refrescado com a neve do Hymetto.

Appraz a Plangon de Mileto não ser mais a mulher em voga, decidiu-se a viver um tanto por sua conta; quer estar alegre ou triste, de pé ou deitada, conforme a sua phantasia. Já de sobejo lhes deu a sua vida. Si pudesse tornar a tomar-lhes os sorrisos, os bons ditos, os olhares e os beijos que lhes prodigalisou a descuidosa hetaira, fá-lo-hia; o brilho de seus olhos, a alvura de suas espaduas, o torneado de seus braços, assumpto constante de suas conversações, quanto não déra ella para apagar-lhes da memoria até a mais remota lembrança! como desejou ardentemente ser-lhes desconhecida! como invejou a sorte dessas raparigas obscuras que desabrocham timidamente á sombra dos charinhos maternos! Lamentem-na, é o seu primeiro amor. Desde esse dia comprehendeu a virgindade e o pudor.

Despediu Pharnabazo, o famoso satrapa, apesar de não lhe ter devorado ainda sinão uma provincia, e recusou peremptoriamente Clearcho, formoso mancebo que acabava de receber uma herança.

Todos os elegantes de Athenas estão revoltados com essa virtude ignobil e monstruosa. Axiocho

pergunta o que vae ser dos filhos-familias e como se hão de haver para arruinarem-se; Alcibiades quer deitar fogo á casa e roubar Plangon á viva força ao dragão egoista que a guarda para si só, pretensão exorbitante; Cleon chama a colera de Venus Pandemos sobre a sua infiel sacerdotisa; Thrasylo vive tão desesperado que já não manda frisar os cabellos sinão duas vezes por dia.

O amante de Plangon é um mancebo tão bello que tomá-lo-hiam por Jacintho, o amigo de Apollo: uma graça divina acompanha todos os seus movimentos como o som de uma lyra; os cabellos negros e cacheados rolam-lhe em ondas luzentes e alvas como o marmore de Paros e cahem-lhe ao longo do semblante encantador, semelhantes a cachos de uvas maduras; uma tunica do mais fino linho cerca-lhe a cintura com dobras flexiveis e leves; fitas brancas entretecidas de fios de ouro sobem, cruzando-se, em torno das pernas redondas e polidas, tão formosas que Diana, a esbelta caçadora, as invejára; o polegar do pé, um tanto afastado dos outros dedos, recorda os pés de marfim dos deuses, que só calcaram o azul do céu ou os focos de lã das nuvens. Está apoiado ás costas da poltrona de Plangon. Plangon se está vestindo; escravas mouras passam-lhe no cabello pentes de buxo de finos dentes, emquanto que creanças de joelhos lhe estão a polir os calcanhares com pedrapomes e burnem-lhe as unhas; um panno de lã branca, negligentemente atirado sobre o seu formoso corpo, bebe as ultimas perolas que a nayade do banho deixou-lhe suspensas aos braços. Bocetas de ouro, taças e frascos de prata, cinzelados por Callimaco e Myron, collocados emcima de mesas de porphyro africano contêm todos os utensis ne-

cessarios para vestir-se: perfumes, essencias, unguentos, ferros para frisar, alfinetes, pós epillatorios e tesourinhas de ouro. No meio da sala um golfinho de bronze montado por um Cupido atira pelas narinas farpadas dous jactos, um de agua fria, outro de agua quente em duas bacias de alabastro oriental, em que as mulheres que a servem vão alternadamente mergulhar as louras esponjas. Pelas janellas, cujas cortinas de purpura voam com o zephyro, vê-se o céu azul fechado e as copas dos grandes loureiros-rosas plantados juncto da muralha.

Plangon, apesar das observações timidas das que a servem, em risco de lançar por terra o edificio já assentado do seu penteado, volta-se a espaços e inclina-se para traz para abraçar o mancebo. E' um grupo de graça admiravel e que está pedindo o cinzel do esculptor.

Ai! formosa Plangon, a tua felicidade não deve durar muito; suppões então que as tuas amigas Archenassa, Thais, Flora e as outras consentirão que sejas feliz sem ellas? Enganas-te, Plangon; farão todos os esforços possiveis para roubar-te essa creança que queres occultar a todos os olhos e que conservas prisioneira no teu amor.

Pela Stygia! é uma insolencia tua, Plangon, ter querido ser feliz a teu modo e dar á cidade o espectaculo assombroso de uma paixão verdadeira.

Um escravo, erguendo um reposteiro, adeanta-se timidamente para Plangon e diz-lhe ao ouvido que Lamia e Archenassa vem visitá-la, e que elle precede-as apenas alguns passos.

— Vae, amigo, disse Plangon ao moço; não

quero que estas mulheres te vejam; não quero que me roubem nada da tua belleza, ainda mesmo a vista; soffro horriavelmente quando uma mulher olha para ti.

O moço obedeceu; mas no entanto não retirou-se tão depressa que Lamia, que entrava nesse momento com Archenassa, lançando para o lado o seu olhar venenoso, não tivesse tempo de vê-lo e reconhecê-lo.

— Oh! bom dia, minha linda pomba; como vamos dessa chara saúde? Está com excellente physiognomia; como diziam, pois, que a senhora tivera uma molestia que a desfigurára e que já não se atrevia a sahir, por se haver tornado excessivamente feia, disse Lamia abraçando Plangon com demonstração de exaggerada alegria.

— Foi Therasylo quem disse isso, disse Archenassa, e convidou-a a puni-lo, pondo-o ainda mais apaixonado do que está, e não lhe concedendo nunca o menor favor. Mas o que lhe estou eu a dizer? a senhora vive na solidão como um sabio que procura o systhema do mundo. Já se não importa com as cousas da terra.

— Quem diria que Plangon havia de tornar-se philosopha?

— Oh! oh! isso não nos impede de sacrificar ao amor e ás graças. Nossa philosophia não tem barbas, não é verdade, Plangon? e acabo de percebê-la a sahir por aquella porta debaixo da fórma de um lindo rapaz. Era, si me não engano, Ctesias de Colophon. Sabes o que quero dizer, Lamia? o amante de Bacchida de Samos.

Plangon mudou de côr, apoiou-se nas costas da cadeira de marfim e desfalleceu.

As duas amigas retiraram-se rindo, satisfeitas por terem deixado cahir na felicidade de Plangon uma pedra que lhe perturbaria por muito tempo a lisa superficie.

Aos gritos das mulheres assustadas, que corriam para juncto da ama, Ctesias entrou na camara e foi grande a sua admiração achando desmaiada uma mulher que acabava de deixar risonha e alegre; banhou-lhe as fontes com agua fria, bateu-lhe nas palmas das mãos, queimou-lhe sob o nariz uma penna de faisão e conseguiu assim fazer com que ella abrisse os olhos. Mas apenas deu com elle, exclamou com um gesto de repulsa:

— Vae-te, miseravel, vae-te, não te torne eu a vêr!

Ctesias, sorprendido ao ultimo ponto por tão duras palavras, não sabendo ao que attribui-las, lançou-se-lhe aos pés e, abraçando-lhe os joelhos, perguntou-lhe em que a offendêra.

Plangon, cujo semblante pallido tornára-se purpurino, e cujos labios tremiam de cólera, desvencilhoun-se do abraço apaixonado do amante e repetiu-lhe a cruel intimação.

Vendo que Ctesias, immerso na sua dôr, não mudava de posição e conservava-se cahido de joelhos, mandou que se approximassem dous escravos scythas, collossos de cabellos vermelhos e pupillas verdes, e apontando-lhes o amante, com um gesto imperioso:

— Ponham-me este homem na rua.

Os dous gigantes ergueram a creança nos bra-

cos cabelludos como si fosse uma penna e carregaram-no por corredores escuros até o recinto exterior, depois puzeram-no delicadamente em pé; e quando Ctesias voltou-se esbarrou-se com uma bonita porta de cedro tanxeada de pregos de bronze mui habilmente cortados como pontas de diamante e dispostos de modo a formar symetrias e desenhos.

A admiração de Ctesias fôra substituída pela cólera mais violenta; atirou-se de encontro á porta como um louco ou como uma féra, mas teria sido preciso um ariete para deitá-la abaixo, e a sua alva e deliciosa espadua, que enrubecia a um beijo de mulher dado com um tanto mais de ardor, ficou para logo magoada com os pregos de seis facetas e a dureza do cedro; viu-se forçado a renunciar á sua tentativa.

O proceder de Plangon parecia-lhe monstruoso e exasperára-o a tal ponto que soltava rugidos como uma panthera ferida e arrancava com as mãos magoadas grandes punhados de cabellos. Choraë, Cupido e Venus! emfim, no ultimo paroxysmo da cólera, apanhou pedras e atirou-as contra a casa da hetaira, dirigindo-as principalmente para as aberturas das janellas, promettendo comsigo mesmo cem vaccas negras aos deuses infernaes, si uma das pedras acertasse nas fontes de Plangon.

Anteros atravessára-lhe de lado a lado o coração com uma de suas flechas de chumbo, e o moço odiava mais do que á morte aquella a quem tanto havia amado: effeito ordinario da injustiça em corações generosos.

Entretanto, vendo que a casa continuava im-

passivel e muda e que os transeuntes, admirados com essas extravagancias, começavam a agrupar-se em torno d'elle, a puxar para elle a lingua e a fazer-lhe orelhas de lebre, affastou-se a passos lentos e foi hospedar-se em um pequeno quarto a pouca distancia do palacio de Plangon.

Atirou-se em uma cama composta de um colchão esguio e uma má coberta e poz-se a chorar acerbamente.

Mil resoluções, cada qual mais desarrasoada, passaram-lhe pela mente. Queria esperar Plangon na passagem e apunhalá-la; um momento occorreu-lhe a idéa de voltar para Colophon, armar os seus escravos e roubá-la á força, depois de deitar-lhe fogo no palacio.

Depois de uma noite de agitações passadas sem que Morpheu, o pallido irmão da Morte, viesse tocar-lhe as palpebras com a ponta do seu caduceu, reconheceu o seguinte, que estava mais apaixonado do que nunca por Plangon e que lhe era impossivel viver sem ella. Embalde interrogava-se a si mesmo em todos os sentidos, com a delicadeza e o escrupulo da consciencia mais timorata, não se achava em falta, e não sabia de que exprobrar-se, de modo a desculpar o proceder de Plangon.

Desde o dia em que a tinha conhecido, ficára-lhe preso aos passos como uma sombra, não fôra mais ao banho, ao gymnasio. á caça, nem ás orgias nocturnas com os mancebos de sua idade: os olhos não se lhe tinham fixado mais em mulher alguma, não tinha vivido sinão para a amante.

Nunca virgem pura e sem mancha tinha sido

adorada como Plangon, a hetaira. Ao que attribuir então essa mudança subita, essa transformação tão completa operada em tão pouco tempo? Proviria de alguma perfidia de Archenassa e de Lamia, ou do simples capricho de Plangon? Que lhe poderiam, pois, ter dito essas mulheres para que o amor mais terno se mudasse em odio e em desdem sem causa apparente? O moço perdia-se em um dedalo de conjecturas e não ia ter a cousa alguma satisfactoria. Mas em todo esse cahos de pensamentos, ao cabo de todas essas encruzilhadas e caminhos sem sahida, levantava-se como tristonha e pallida estatua esta idéa: é preciso que Plangon restitua-me o seu amor ou que eu me mate.

Plangon, pelo seu lado, não era menos infeliz; o jubilo de sua vida estava morto; com Ctesias a alma fugira-lhe, apagára o sol do seu céu; tudo em torno della parecia morto e escuro. Informára-se com Bacchida, e soubera que Ctesias a tinha amado, amado loucamente durante o anno que passára em Samos.

Acreditava ter sido a primeira mulher amada por Ctesias, e a sua iniciadora nos doces mysterios.

O que a encantára nesse mancebo fôra sua innocencia e pureza; encontrava nelle a virginal candura que já não possuia. Elle era para a moça uma cousa como que separada, casta e sancta, um altar desconhecido em que ella derramava os perfumes de sua alma. Uma palavra destruiu essa alegria; o encanto estava quebrado, esse amor tornava-se como todos os outros amor vulgar e banal; esses ditos encantadores, essas divinas e pudicas caricias que suppunha inventadas para si,

tudo isso tinha já servido para outra; não passava de um écho talvez enfraquecido d'outros dictos do mesmo genero, uma manobra sabida, um papel de papagaio aprendido de cor. Plangon cahira do alto da unica illusão que jamais alimentara, e, como estatua impellida do alto de uma columna, quebrára-se na queda. No meio da sua cólera mutilára uma deliciosa figura de Aphrodite, para a qual mandára edificar um pequeno templo de marmore branco no fundo do jardim, em memoria de seus bellos amores; mas a deusa, compadecida da sua desesperação, perdoou-lhe a profanação commettida e não lhe impoz o castigo que teria acarretado de outra divindade mais severa.

Todas as noites Ctesias ia chorar no limiar de Plangon, como um cão fiel que commetteu alguma falta e que o seu senhor enxotou de casa, para onde deseja voltar; beijava a lage em que Plangon puzera o pé encantador; fallava á porta, e dirigia-lhe os mais ternos discursos para commovê-la; perdia a sua eloquencia: a porta era surda e muda.

Emfim conseguiu corromper um dos porteiros e introduzir-se na casa; correu á camara de Plangon, que achou estendida no seu leito de repouso, com o rosto baço e branco, os braços mortos e pendidos em attitude de completo desanimo.

Isso deu-lhe alguma esperanza; disse comsigo: « Ella soffre, amar-me-ha, pois, ainda? » Adeantou-se para ella e ajoelhou-se-lhe ao lado do leito. Plangon, que não o ouvira entrar, fez um gesto brusco de surpresa ao vê-lo e ergueu-se a

meio como para sahir; mas as forças trahiram-na, tornou a deitar-se, fechou os olhos e não deu mais signaes de existencia.

— Oh minha vida, oh meus formosos amores! o que te fiz eu para que me repillas assim? E, dizendo isto, Ctesias beijava-lhe os braços frios e as lindas mãos, que inundava de lagrymas. Plangon deixava-o continuar como si não se dignasse notar a sua presença.

— Plangon, minha amada, minha formosa Plangon, si não queres que eu morra, restitue-me as tuas bôas graças, ama-me como outrora. Juro-te, Plangon, que matar-me-hei a teus pés, si não me ergueres com uma meiga palavra, um sorriso ou um beijo. Como devo comprar meu perdão, implacavel? Sou rico, dar-te-hei vasos cinzelados, roupas de purpura duas vezes tinctas, escravos negros e brancos, collares de ouro, laços de perolas. Falla; como hei de expiar uma falta que não commetti?

— Nada disso quero; traze-me a cadeia de ouro de Bacchida de Samos, disse Plangon com inexprimivel amargura, e restituir-te-hei o meu coração.

Tendo pronunciado estas palavras, escorregou do leitosobre os pés, atravessou a camara e desapareceu por traz de um reposteiro como uma branca visão.

A cadeia de Bacchida de Samos não era, como se poderia suppôr, um simples collar que dêsse duas ou tres voltas em torno do pescoço, e precioso pela elegancia e posição do trabalho; era uma verdadeira cadeia tão grossa como as que ligam os presos condemnados aos trabalhos das

minas, com muitos covados de comprimento e de ouro mais puro.

Bacchida juntava todos os mezes alguns anneis a essa cadeia; depois que acabava de despojar algum rei da Asia Menor, algum nobre da Persia, algum rico proprietario atheniense, mandava fundir o ouro que tinha recebido e augmentava a sua preciosa cadeia. Essa cadeia deve servir para a sua subsistencia quando fôr velha e quando os amantes, assustados com a primeira ruga nascente, com o primeiro cabello branco misturados na trança negra, fôrem levar suas offrendas e seus sester-cios á casa de alguma hetaira menos celebre, porém mais moça e mais fresca. Formiga previdente, Bacchida, através da sua louca vida de cortezã, enquanto canta como as roucas cigarras, calcula com a approximação do hiuverno e junta grãos de ouro para a má estação. Bem sabe que os amantes, que hoje recitam hexametros e pentametros deante do seu portico, mandá-la-hiam expulsar e espancar a páu pelos escravos, si, velha e acurvada á miseria, fosse supplicar-lhes á porta e abraçar-se ao canto do seu altar domestico. Mas com a sua cadeia, de que desprenderá todos os annos certo numero de anneis, viverá livre, obscura e calma em alguma povoação ignorada, onde finará em paz, deixando com que pagar honrosos funeraes e fundar alguma capella a Venus protectora. Taes eram as sábias precauções que Bacchida, a hetaira, julgára dever tomar contra a miseria futura e o desenlace dos seus ultimos annos; pois uma cortezã não tem filhos, parentes, ou amigos, nada que a ella se prenda e de alguma sorte cumpre que ella cerre os seus proprios olhos.

Pedir a cadeia de Bacchida era pedir uma cousa tão impossível como carregar o mar em um cesto; era exigir um pouco de ouro do jardim das Hesperides. A vingativa Plangon bem o sabia; como, com effeito, imaginar que Bacchida se desfizesse, em favor de uma rival, do fructo das economias de toda a sua vida, do seu thesouro unico, do seu unico recurso para os tempos adversos? Porisso fôra uma despedida solemne que Plangon fizera ao nosso mancebo, e estava certa de não tornar a vê-lo.

Entretanto Ctesias não se consolava da perda de Plangon. Todas as suas tentativas para acercar-se-lhe e fallar-lhe tinham sido inuteis, e não podia deixar de errar como uma sombra em torno da casa, apesar das chufas com que os escravos o accabrunhavam e das amphoras de agua servida que despejavam-lhe na cabeça, por mo tejo.

Emfim resolveu tentar um esforço supremo; desceu para o Pireu e viu uma trireme que ia sahir para Samos; chamou o patrão e perguntou-lhe si não podia tomá-lo a bordo. O patrão, impressionado com o seu semblante e ainda mais com tres moedas de ouro que elle introduziu-lhe na mão, accedeu facilmente ao pedido.

Levantaram ferro, os remadores nús e untados de oleo curvaram-se sobre os bancos e a nave moveu-se.

Era uma formosa trireme chamada *Argos*; era construida de cedro que nunca apodrece. O mastro grande fôra tirado de um pinheiro do monte Ida; tinha duas grandes vellas de linho do Egypto, uma quadrada, outra triangular; todo o casco era

pintado a fogo e nas cintas do costado tinham representado aa vivo nereidas e tritões brincando junctos. Era trabalho de um pintor que se tornára depois muito celebre e que estreiára borrando navios.

Os curiosos vinham muitas vezes examinar o costado da *Argos* para comparar as obras-primas do mestre com a sua estréa; mas, posto que Ctesias fosse grande amator de pintura e gostasse de formar collecções, nem siquer lançou os olhos para as pinturas da *Argos*. Não ignorava no entanto essa particularidade, mas não havia logar no seu cerebro sinão para uma idéa, e tudo quanto não fosse Plangon não existia para elle.

A agua azul cortada e alvejada pelos remos espumante, sob o costado polido da trireme. Os perfis vaporosos de algumas ilhas desenhavam-se ao longe e fugiam dentro em pouco para atraz do navio; o vento levantou-se, abriram a vela que bateu incerta alguns momentos e acabou por enfunar-se e arredondar-se como um seio cheio de leite; os remadores offegantes puzeram-se á sombra debaixo dos seus bancos e só ficaram no convéz dous marinheiros, o piloto e Ctesias, que estava sentado juncto do mastro, conservando debaixo do braço uma caixinha em que havia tres bolças de ouro e dous punhaes afiados de novo, seus unicos e derradeiros recursos, si nada conseguisse da sua tentativa desesperada.

Eis o que o mancebo queria fazer: queria ir atirar-se ao pés de Bacchida, banhar-lhe de lagrymas as formosas mãos e supplicar-lhe por todos os deuses do céu e do inferno, pelo amor que lhe tinha, por compaixão para com a sua velha

mãe, a quem a sua morte lançaria no tumulto, por tudo quanto a eloquencia da paixão pudesse evocar tocante e persuasivo, que lhe dêsse a cadeia de ouro que Plangon pedia como uma condição fatal da sua reconciliação com elle.

Bem vêdes que Ctesias de Colophon tinha perdido completamente a cabeça. Entretanto todo o seu destino estava pendente do fragil fio dessa esperança; burlada essa tentativa, só lhe restava abrir com o mais buído dos seus dous punhaes uma bocca vermelha no seu peito alvo para o frio beijo da Parca.

Emquanto o moço de Colophon pensava em tudo isso, o navio continuava a singrar cada vez mais rapido e os ultimos raios do sol poente brincavam ainda no bronze polido dos escudos suspensos á popa, quando o piloto gritou:

— Terra! terra!

Tinham chegado a Samos.

Apenas a loura Aurora levantára com o dedo as cortinas do seu leito assafreado, o moço dirigiu-se para a habitação de Bacchida o mais lentamente que pôde; pois, singularidade notavel, tinha amaldiçoado a noite demasiado lenta, teria sido capaz de ir empurrar com as suas proprias mãos a roda do seu carro na curva do céu, e tinha agora medo de chegar, tomava o caminho mais longo e andava a passos curtos. E' que hesitava em perder a derradeira esperança e recuava no momento de cortar com as suas proprias mãos o nó do seu destino; sabia que não tinha mais do que esse lance de dados a jogar; estava com o copo na mão e não ousava atirar sobre a mesa o cubo fatal.

Chegou no entanto e, pisando o limiar, prometeu vinte vitellas brancas de pontas douradas a Mercurio, deus da eloquencia, e cem casaes de pombas a Venus, que muda os corações.

Uma antiga escrava de Bacchida reconheceu-o. — Pois que ! é o senhor, Ctesias ? Porque a pallidez dos mortos está no seu semblante ? Os seus cabellos espalham-se desordenados ; os seus hombros já não estão ungidos de essencia ; a dobra do seu manto pende ao acaso ; seus braços esuas pernas estão cobertos de cabellos. Traz o vestuario descurado como o filho de um campones ou como um poeta lyrico. Em que miseria cahiu ? que infortunio succedeu-lhe ? O senhor era outrora o modelo da elegancia. Os deuses me perdoem ! a sua tunica está rôta em dous logares.

— Eriphila, não estou na miseria, mas sou infortunado. Toma esta bolça, e faz com que eu falle immediatamente a tua senhora.

A velha escrava, que fôra ama de Bacchida e que, por amor disso, goza da faculdade de entrar livremente na sua camara a qualquer hora do dia, foi procurar a senhora, e pediu a Ctesias que a esperasse no mesmo logar.

— O que ha, Eriphila ? perguntou Bacchida, vendo-a entrar com o rosto reflectido e enrugado, a um tempo cheio de importancia e humildade.

— Alguem que muito a amou pede para vel-a, e está tão impaciente por gozar do brilho de seus olhos que deu-me esta bolça para adeantar as negociações.

— Alguem que muito me amou ? perguntou

Bacchida um tanto commovida. Ora! todos elles dizem isso. Só Ctesias de Colophon amou-me verdadeiramente.

— E é o Sr. Ctesias de Colophon, e não outro.

— Ctesias, dizes tu? Ctesias, o meu amado Ctesias! está ahi e quer fallar-me! Vae, corre tão depressa quanto to permitam as tuas pernas tremulas e tra-ze-mo sem mais demora.

Eriphila sahiu com maior rapidez do que fôra para esperar na sua idade avançada.

Bacchida de Samos é uma belleza de genero totalmente diverso do de Plangon; é alta, esbelta, bem feita; tem os olhos e os cabellos negros, a bocca rasgada, o sorriso brilhante, o olhar humido e luzente, o som da voz encantador, os braços redondos e fortes terminados por mãos de completa delicadeza. A pelle é morena, cheia de fogo e vigor, dourado de reflexos louros como o pescoço de Ceres depois da ceifa; o seio altivo e correcto ergue duas formosas dobras na sua tunica de bysso.

Plangon e Bacchida são incontestavelmente as duas mais adoraveis hetairas de toda a Grecia, e cumpre confessar que Ctesias, que foi amante de Bacchida e de Plangon, tambem foi um mortal muito favorecido dos deuses.

Eriphila voltou com Ctesias.

O mancebo adeantou-se até juncto do leitosinho de repouso em que Bacchida estava sentada, com os pés em um escabello de marfim. A' vista de seus antigos amores Ctesias sentiu dentro de si um movimento singular; uma onda de emoções violentas tumultuou-lhe no coração, e, fraco como

se achava, exausto pelo pranto, pelas insomnias, pela saudade do passado e pela inquietação do futuro, não pôde resistir a essa provação, e cahiu desfallecido de joelhos, com a cabeça pendida para atraz, os cabellos soltos, os olhos cerrados, os braços langues, como se o seu espirito fôra visitar a morada dos manes.

Bacchida assustada ergueu o mancebo nos braços, auxiliada pela ama, e depô-lo em seu leito. Quando Ctesias tornou a abrir os olhos, sentiu na fronte o callor humido dos labios de Bacchida, que rclinava-se sobre elle com a expressão de inquieta ternura.

— Como te achas, alma adorada ? perguntou Bacchida que attribuiria o desfallecimento de Ctesias só á emoção de tornar a vê-la.

— Oh Bacchida ! devo morrer, disse o moço com voz fraca, enlançando o collo da hetaira com os braços emmagrecidos.

— Morrer ! creança, e então porque ? Não és moço, não és amado ? Que mulher, ai de mim ! não te amaria ? Porqu fallar em morrer ? E' uma palavra esta que não assenta em tão formosa bocca. Que esperança illudiu-te ? que infortunio succedeu-te ? Morreu-te tua mãe ? Ceres desviou seus olhos de ouro das tuas searas ? Baccho calcou com pé desdenhoso os cachos de uva ainda não maduros das tuas collinas ? Isso não é possível ; a fortuna, que é mulher, não póde ter rigores contigo.

— Bacchida, só tu pódés salvar-me, tu, a melhor e a mais generosa das mulheres ; mas não, nunca ousarei dizer-to, é uma cousa tão insensata que tornar-me-hias por um louco fugido de Anticyra.

— Falla, creança; tu, a quem tanto amei, a quem ainda amo tanto, bem que me hajas trahido por outra (Venus vingadora cumule-a com a sua colera!), que poderias pedir-me que te não fosse concedido immediatamente, ainda que se tractasse da minha vida?

— Bacchida, preciso da tua cadeia de ouro, disse Ctesias com voz apenas intelligivel.

— Queres a minha cadeia, creança, e para que? E' por isso que queres morrer? E o que significa esse sacrificio? disse Bacchida sorprendida.

— Ouve, oh minha formosa Bacchida! e sê bôa para comigo como sempre foste. Amo Plangon de Mineto, amo-a até á loucura, Bacchida. Um de seus olhares vale mais a meus olhos que o ouro dos reis, mais que o throno dos deuses, mais que a vida; sem ella eu morro; quero-a, é necessaria á minha existencia como o sangue de minhas veias, como a medulla de meus ossos; não posso respirar outro ar sinão aquelle que passou-lhe pelos labios. Para mim está tudo escuro onde ella não está; não tenho outro sol além de seus olhos. Alguma feiticeira da Thessalia poz-me sem duvida encanto. Ai de mim! o que estou dizendo? o unico encanto magico é a sua belleza, que não ha no mundo quem a possua egual. Possuia-a, via-a todos os dias, enebriava-me com a sua presença adorada como com um nectar celeste; ella amava-me como tu me amaste, Bacchida; mas essa ventura era demasiada para que pudesse durar. Os deuses tiveram ciumes de mim. Plangon expulsou-me da sua casa; voltei agachado como um cão, e ella tornou a repellir-me. Plangon, a chamma de minha vida, minha alma, meu bem, Plangon odeia-me, Plangon execra-me; faria pas-

sar os cavallos de seu carro sobre o meu corpo atravessado em sua porta. Ah! sou bem desventurado!

Ctesias, suffocado pelos soluços, apoiou-se ao hombro de Bacchida e poz-se a chorar acerbamente.

— Ah! não seria eu que havia de ter nunca valôr para causar-te tamanha pena, disse Bacchida misturando as suas lagrymas com as do antigo amante; mas que posso eu fazer em teu favor, meu inconsolavel, e que tenho eu de commum com essa odiosa Plangon?

— Não sei, continuou o moço, quem narrou-lhe os nossos amores, mas ella soube-o. Talvez fosse essa venenosa Archenassa que occulta debaixo das suas palavras mellifluas um fel mais amargo do que o das viboras e aspides. Essa nova lançou Plangon em tal accesso de raiva, que nem mais quiz dirigir-me a palavra; está horrivelmente zelosa de ti, Bacchida, e odeia-te por me haveres amado antes della; suppunha-se a primeira em meu coração, e o seu orgulho ferido matou-lhe o amor. Tudo quanto pude fazer para enternecê-la foi inutil. Só me respondeu estas palavras: « Traze-me a cadeia de ouro de Bacchida de Samos, e eu te restituirei as minhas boas graças. Não voltes sem ella, pois ordenarei aos meus escravos scythas que lancem sobre ti os meus molôssos da Laconia para que te devorem. » Eis o que replicou ás minhas supplicas mais instantes, ás minhas adorações mais prosternadas a implacavel Plangon. Eu disse: « Si não puder gozar de meus amores como outr'ora, matar-me-hei. »

E dizendo estas palavras, o moço tirou da dobra da tunica um punhal com cabo de agatha com

que fez menção de ferir-se. Bacchida empallideceu, e segurou-lhe no braço, no momento em que a ponta buida da lamina ia tocar a pelle macia e polida do moço.

Ella abriu-lhe a mão e atirou o punhal ao mar, para o qual dizia a janella de sua camara; depois, cercando o corpo de Ctesias com os seus formosos braços carnudos, disse-lhe:

— Luz de meus olhos, tornarás a vêr a tua Plangon; posto que a tua narração tenha me feito soffrer muito, perdôo-te; Eros é mais forte que a vontade dos simples mortaes, e ninguem póde ordenar ao seu coração. Dou-te a minha cadeia, leva-a á tua amante irritada; sê feliz com ella; e pensa algumas vezes em Bacchida de Samos, a quem tinhas jurado amar para sempre.

Ctesias, conturbado com tamanha generosidade, cobriu a hetaira de beijos, decediu-se a ficar com ella e a não tornar vêr Plangon; mas conheceu dentro em pouco que não teria forças para cumprir o sacrificio e, postoque se increpasse a si mesmo da mais negra ingratidão, sahio levando comsigo a cadeia de Bacchida de Samos.

Apenas desembarcou no Pireu, chamou dous carregadores e, sem tomar tempo para mudar de roupa, correu á casa da hetaira de Plangon.

Vendo-o, os escravos scytas fizeram menção de desatar as cadeias dos seus cães monstruosos; mais Ctesias apaziguou-os, asseverando-lhes que trazia comsigo a famosa cadeia de ouro de Bacchida de Samos.

— Leva-me á tua senhora, disse Ctesias a uma serva de Plangon. A famula introduziu-o com os dous carregadores.

— Plangon, disse Ctesias do limiar da porta, vendo que a filha de Mileto carregava os sobr'olhos, não fique encolerizada, não faça o gesto de expellir-me; cumpri as suas ordens e trago-lhe a cadeia de ouro de Bacchida de Samos.

Abriu o cofre e delle tirou com difficuldade a cadeia de ouro, que era prodigiosamente comprida e pesada.

— Ainda mandará que os seus cães me devam e que os seus scytas me espanquem, ingrata e cruel Plangon?

Plangon ergueu-se, dirigiu-se para elle e, apertando-o estreitamente ao peito:

— Ah! eu fui má, dura, impiedosa; fiz-te soffrer, amado coração. Não sei como me hei de punir de tantas crueldades. Tu amavas Bacchida, e tinhas razão, pois ella valle mais do que eu. O que ella acaba de fazer eu não teria nem força, nem a generosidade de fazer. E' uma grande alma, uma grande alma em um formoso corpo! realmente tu devias adorá-la. E leve rubor, ultimo relampago do ciume que extinguiu-se, luziu no semblante de Plangon.

Desse dia em diante Ctesias vendo cimulados os seus votos, tornou a entrar na posse dos seus privilegios e continuou a viver com Plangon, com grande desprazer de todos os elegantes de Athenas.

Plangon era encantadora para o moço e parecia empenhada em apagar a propria lembrança dos seus passados rigores. Não fallava em Bacchida; no entanto tinha o aspecto mas meditativo que de costume, e parecia agitar no cerebro um projecto importante.

Uma manhã tomou umas taboas de cycomoro cobertas com uma leve camada de cêra, escreveu algumas linhas com a ponta de um estylete, chamou um mensageiro e entregou-lhe as taboas, dizendo-lhe que as levasse o mais depressa que pudesse á ilha de Samos em casa de Bacchida a hetaira.

Alguns dias depois Bacchida recebeu das mãos do fiel mensageiro, que desempenhára a incumbencia, as taboas de cycomoro em uma boceta de madeira preciosa, em que estavam encerrados dous laços de perolas perfeitamente redondas e do melhor Oriente.

Eis o que continha a carta :

« Plangon de Mileto a Bacchida de Samos saúde.

« Tu déste a Ctesias de Colophon a cadeia de ouro que é toda a tua riqueza e isso para satisfazer o capricho de uma rival ; esta acção commoveu-me tanto que transformou em amizade o odio que eu sentia por ti.

« Fizeste-me um presente esplendido ; quero fazer-te outro ainda mais precioso.

« Amas Ctesias ; vende a tua casa, vem para Athenas ; meu palacio será teu, meus escravos obedecer-te-hão, repartimos tudo, sem excepção do proprio Ctesias. Pertence-te tanto a ti como a mim ; nem uma nem outra podemos viver sem elle ; vi-vamos pois, ambas com elle.

« Goza saude e sê formoza ; espero-te. »

Um mez depois Bacchida de Samos entrava em casa de Plangon de Mileto com dous machos carregados de prata.

Plangon beijou-a na frente, tomou-a pela mão e levou-a á camara de Ctesias:

— Ctesias, disse ella com uma voz suave como o som de uma flauta, trago-te aqui uma amiga.

Ctesias voltou-se; desenhou-se-lhe a maior admiração no rosto ao vêr Bacchida.

— Então! disse Plangon, é Bacchida de Samos; não a reconheces? Então é assim tão esquecido? Anda, abraça-a; dir-se-hia que nunca a viste. E ella pô-lo nos braços de Bacchida com um gesto imperioso e zombeteiro de suprema graça.

Explicaram tudo a Ctesias, que ficou encantado, como o leitor pôde imaginar, pois nunca deixára de amar Bacchida e a sua lembrança impedia-o de ser totalmente feliz; por mais bellós que fossem os seus presentes amores, não podia deixar de ter saudades dos seus amores passados., e a idéa de infelicitar uma mulher tão perfeita tornava-o ás vezes summamente triste.

Ctesias, Bacchida e Plangon viveram assim na mais perfeita união e levaram em seu palacio uma vida elysia digna de ser invejada pelos proprios deuses.

Ninguem pôde distinguir qual das duas amantes Ctesias preferia, e fôra tambem difficil dizer si Plangon amava-o mais que Bacchida ou Bacchica mais que Plangon.

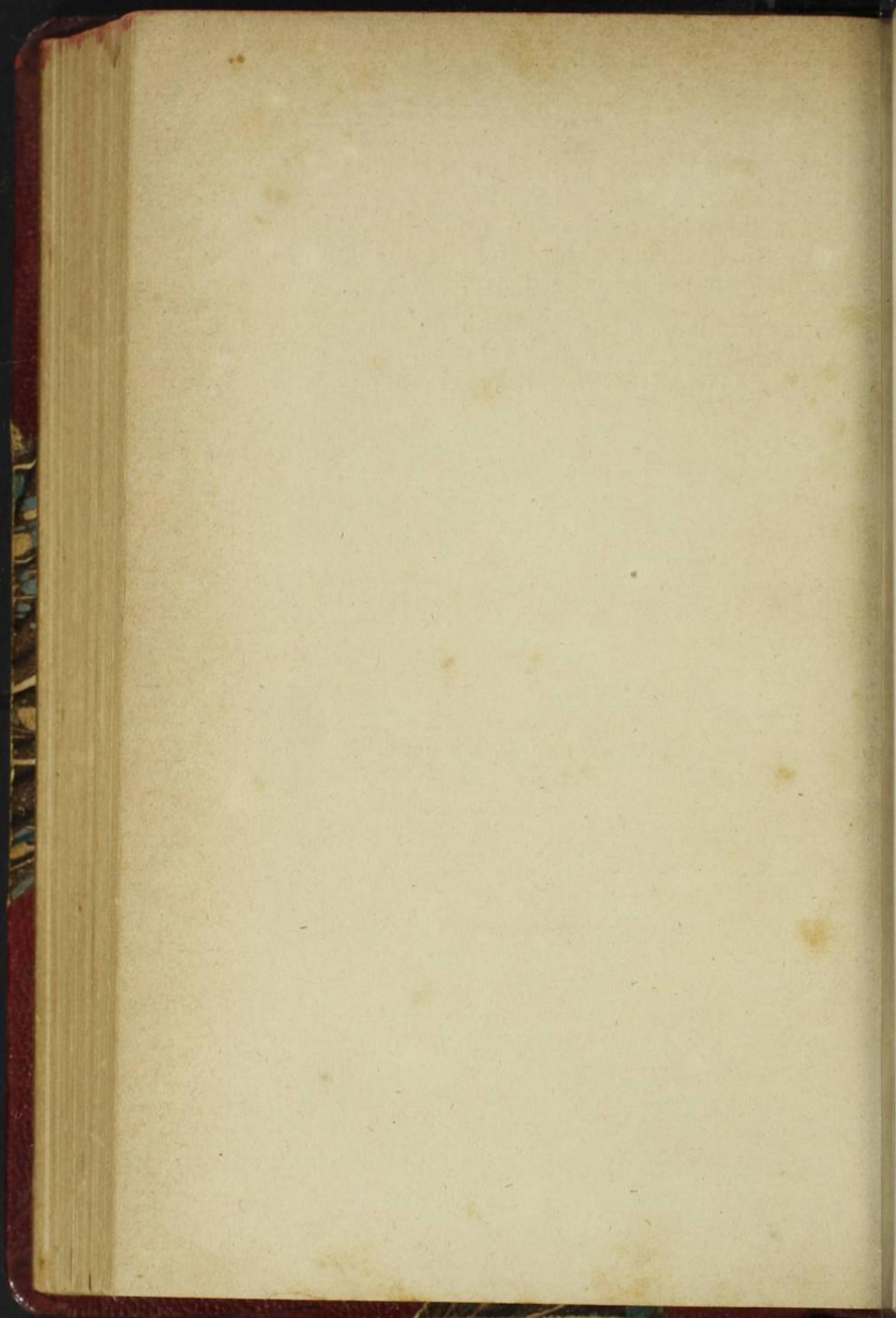
A estatua da Aphrodite foi restaurada na capella do jardim, pintada e dourada de novo. As vinte vitellas brancas de pontas douradas foram religiosamente sacrificadas a Mercurio, deus da eloquencia, e os cem casaes de pombos a Venus, que

muda os corações, segundo a promessa feita por Ctesias.

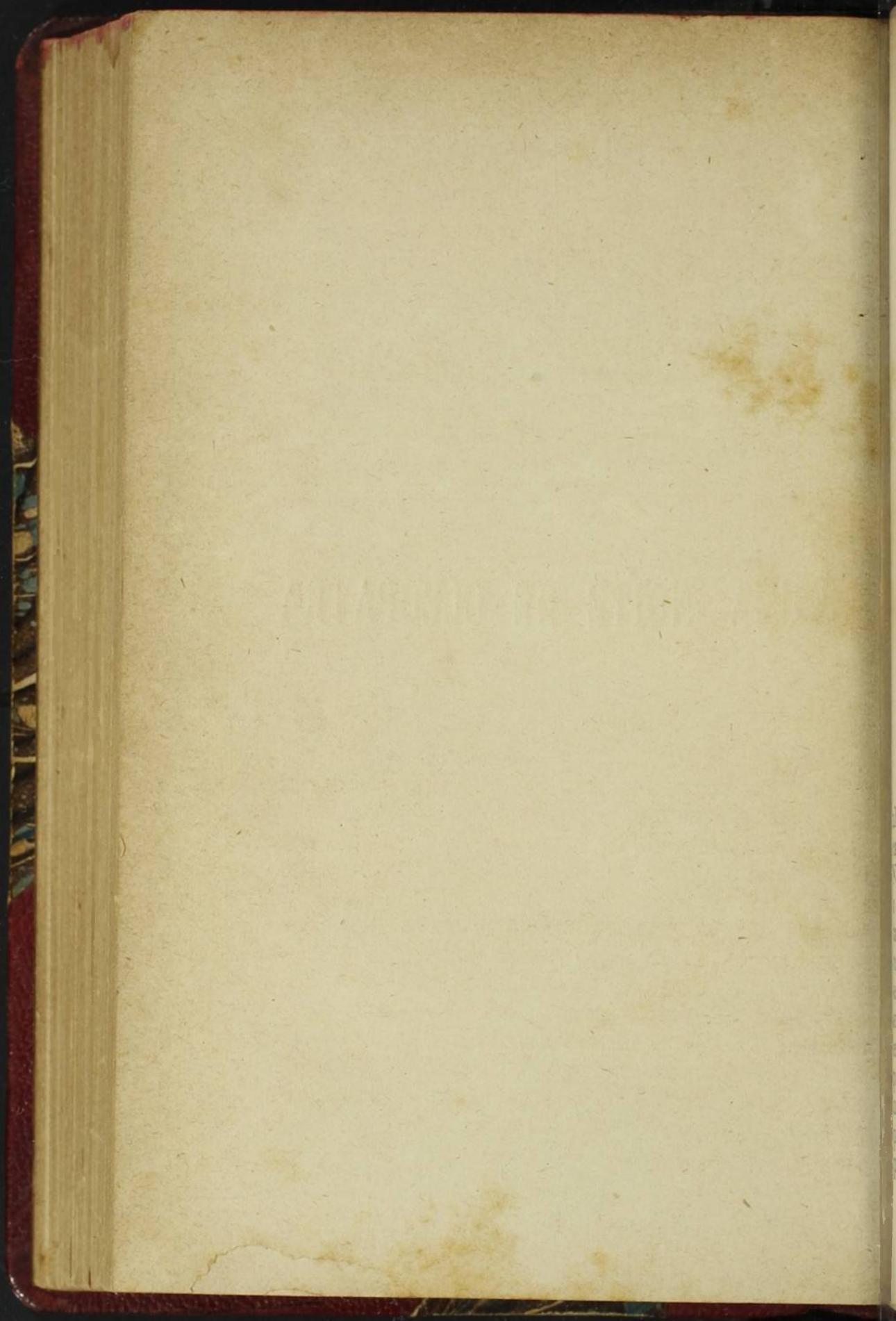
Semelhante aventura deu que fallar, e os gregos, maravilhados com o proceder de Plangon, junctaram-lhe ao nome o de Pasiphila.

Eis a historia de Plangon de Mileto, como a contavam nas ceias de Athenas, no tempo de Pericles. Desculpae as faltas do auctor.

FIM DA CADEIA DE OURO.



UMA NOITE DE CLEOPATRA



UMA NOITE DE CLEOPATRA

CAPITULO PRIMEIRO

Ha, no momento em que escrevemos esta linha, cerca de mil e novecentos annos, que uma cauja magnificamente dourada e pintada descia o Nilo com toda a rapidez que podia imprimir-lhe o impulso de cincoenta remos compridos e achatados, rastejando sobre a agua apenas arranhada, como as patas de um escaravelho. A cauja era estreita, de fórma alongada, formando com as duas extremidades levantadas a figura da lua nova, esbelta em proporções e maravilhosamente talhada para correr; uma cabeça de carneiro corôada com uma bola de ouro decorava a extremidade da prôa e mostrava que a embarcação pertencia a pessoa de raça real.

No meio da barca erguia-se um camarim de tecto raso, uma como que *naos* ou tenda de honra, colorida e dourada, com uma moldura de palmetas e quatro janellinhas quadradas.

Duas camaras igualmente cobertas de hieroglyphos occupavam as extremidades da meia lua; uma dellas, mais vasta que a outra, tinha um andar juxtaposto, de menor altura, semelhante aos castellos de prôa dessas alterosas galeras do seculo XIV desenhadas por Della-Bella; a menor que servia de alojamento ao piloto, terminava n'um frontão triangular.

O leme era feito de dous immensos remos ajustados sobre toletes pintados de varias côres, e estendiam-se n'agua por traz da barca como os pés espalmados do cysne; cabeças toucadas com o *pschent* trazendo na barba a ponta allegorica estavam esculpidas no punho desses compridos remos que o piloto, de pé sobre o tecto do camarim, fazia manobrar.

Era um homem tostado, fulvo como bronze novo, com tons azulados e furta-côres, os olhos levantados nos cantos, os cabellos muito negros e dispostos em pequenas tranças, a bocca rasgada, as maçãs salientes, as orelhas destacadas do craneo, typo egypcio em toda a sua pureza.

Uma estreita tanga cingindo-lhe as coxas e cinco ou seis voltas de missangas e amuletos compunham todo o seu vestuario. Parecia elle o unico homem da equipagem da cauja, pois os remadores, inclinados sobre os remos e escondidos pela plata-fôrma, mostravam apenas existir pelo movimento symetrico dos remos abertos como varetas de leques a cada lado da barca, e tornando a cair no rio depois de uma ligeira pausa.

Nenhuma aragem agitava a atmospherá, e a grande vela triangular da cauja, presa e atada com uma corda de sêda em torno do mastro arriado, indicava que haviam renunciado a toda a esperança de vêr erguer-se o vento.

O sol do meio-dia dardejava as suas flechas de chumbo; a vasa cinzenta das margens do rio lançavam reverberações chammejantes; uma luz forte, scintillante e poeirenta pela força da intensidade, manava em torrentes de chamma; o azul do céu estava brancacento de callor como um metal na fornalha; um nevoeiro ardente e avermelhado erguia-se no horisonte incendiado.

Nem uma só nuvem destacava-se nesse céu invariavel e calmo como a eternidade.

A agua do Nilo, tranquillá e embaciada, parecia adormecer em seu curso e querer mostrar-se em toalhas de estanho fundido. Nenhum sopro rugava-lhe a superficie nem inclinava sobre as hastes os calices do lothus, tão rijos como si fossem esculpidos; quando muito, de longe em longe, o salto de algum bechir ou de algum fahaka, inchando o ventre, nella fazia espelhar-se uma escama prateada, e os remos da cauja pareciam ter difficuldade em romper a pellicula fuliginosa dessa agua condensada. As margens estavam desertas; uma tristeza immensa e solemne pesava sobre essa terra que nunca passou de um grande tumulto e cujos vivos parecem não ter tido outra occupação mais do que embalsamar os mortos. Tristeza arida, secca como pedra-pomes, sem melancholia, sem scisma, sem nuvem côr de perola para seguir-se no horisonte, sem fonte recondita onde banhar-se os pés empoeirados; tristeza de esphyngé aborrecida de contemplar perpetuamente

o deserto e que não póde desprender-se do pedestal de granito em que aguça as garras ha vinte seculos.

O silencio era tão profundo que dir-se-hia que o mundo tornára-se mudo, ou que o ar perdêra a faculdade de conduzir o som. O unico ruido que se ouvia era o cochichar e o rir abafado dos crocodillos, que, embriagados pelo callor, espojavam-se entre os juncos do rio ou algum ibis que, fatigado de estar de pé, com uma pata dobrada para baixo do ventre e o pescoço occulto, deixava a posição immovel e, açoutando de improviso o ar azulado com as azas brancas, ia pou-sar sobre algum obelisco ou sobre uma palmeira; a cauja deslisava como uma flecha sobre a agua do rio, deixando após si um sulco prateado, que se tornava a fechar immediatamente; e alguns globulos de espuma, que vinham rebentar á tona; eram o unico testemunho da passagem da barca já fóra da vista.

As margens do rio cõr de ocre e chumbo desenrolavam-se rapidamente como tiras de papyro entre o duplo azul do céu e da agua, tão semelhantes na cõr que a diminuta lingua de terra que os separava parecia uma calçada feita sobre um immenso lago, sendo difficil dizer si o Nilo reflectia o céu, ou si o céu reflectia o Nilo.

O espectaculo mudava a cada instante: ora eram Propybus gigantes que vinham mirar no rio as muralhas escarpadas revestidas com amplos paineis de figuras extravagantes; pilastras com capiteis abertos, rampas cheias de grandes esphynges acoradas, com o cabelo e a barba canulados e cruzando sobre os agudos seios as patas de basalto negro; palacios desmesurados projec-

tando no horisonte as linhas horisontaes e severas de suas cimalthas, onde o globo emblematico abria as azas mysteriosas como uma aguia desmesurada; templos com columnas enormes, grossas como torres, onde se destacavam sobre um fundo de brilhante alvura procissões de figuras hieroglyphicas; todos os prodigios, emfim, dessa architectura de titães: ora paisagens de aridez desoladora; colinas formadas de pequenos pedaços de pedra tirados de excavações e edificios, migalhas dessa immensa orgia de granito que durou mais de trinta seculos; montanhas lascadas pelo calor, despedaçadas e cortadas com listas negras, semelhantes ás cauterisações de um incendio; cabeços deseguaes e disformes, agachados como o criocephalo dos tumulos e recortando na orla do céu a sua attitude contrafeita; marnes cinzentos, ocas arruivadas, tufos de côr branca farinacea e de tempos a tempos alguma escarpa de marmore côr de rosa secco onde bocejavam os adeptos negros das pedreiras.

Nada mitigava essa aridez immensa: nenhum oasis de frescura refrigerava o olhar; o verde parecia côr desconhecida nessa natureza; apenas de longe em longe uma palmeira descarnada desabrochava no horisonte como um crabe vegetal; um nopal espinhoso brandia as folhas aceradas como alforjes de bronze; um carthamo, que achára um pouco de humidade a sombra de um troço de columna, quebrava com um ponto vermelho a uniformidade geral.

Depois deste rapido olhar sobre o aspecto da paisagem, voltemos á cauja dos cincoenta remos, e, sem nos fazer annunciar, entremos sem mais cerimonia na *naos* de honra.

O interior estava pintado de branco com arabescos verdes, filetes de vermelhão e flôres de ouro de fôrma phantastica; uma esteira de junco extremamente fina forrava o soalho; no fundo erguia-se um leitosinho com pés de grypho, com a cabeceira forrada como um canapé ou uma poltrona moderna, um cabello com quatro degráus para por elle subir-se, e, aperfeiçoamento bastante singular em nossas idéas confortaveis, um como hemicyclo de cedro collocado sobre um pé, destinado a cingir o contorno da nuca e a suster a cabeça da pessoa deitada.

Sobre este estranho travesseiro repousava uma cabeça encantadora, um só olhar da qual deitaria a perder metade do mundo, uma cabeça adorada e divina, a mulher mais perfeita que jámais existiu, a mais mulher e mais rainha, typo admiravel, a que os poetas nada puderam accrescentar e que os sonhadores deparam sempre no fim dos seus sonhos; não ha necessidade de declinar o nome de Cleopatra.

Juncto della Charmion, a escrava predilecta, agitava um amplo leque de pennas de ibis; uma rapariga banhava com agua perfumada as pequenas gelosias de canna que guarneçiam as janellas da *naos*, para que o ar alli chegasse impregnado de frescura e perfumes.

Perto do leito de repouso, em um vaso de alabastro guarnecido de fitas, de fino gargalo, fôrma esguia e esbelta, recordando vagamente o perfil da garça real, estava mergulhado um ramo de flôres de lotus, umas azul celeste, outras côr de rosa claro, como a ponta dos dedos de Isis, a grande deusa.

Cleopatra nesse dia, por capricho ou por poli-

tica, não se havia vestido á grega; acabava de assistir a uma panegyria, e voltava ao seu palacio de estio na cauja, com as roupas egypcias que levára á festa.

Nossas leitoras estarão talvez curiosas por saberem como a rainha Cleopatra estava vestida voltando da Mammisi d'Hermonthis, onde adora-se a triade do deus Mandou, da deusa Ritho e de seu filho Harphreu: é um prazer que lhe podemos dar.

A rainha Cleopatra tinha por toucado um como que capacete de ouro muito leve, feito do corpo e asas do gavião sagrado; as asas, abaixadas em fórma de leque a cada lado da cabeça, cobriam-lhe as temporas, estendiam-se-lhe quasi sobre o pescoço, e deixavam livre por uma pequena abertura uma orelha mais côr de rosa e mais delicadamente enrolada que a concha donde sahiu Venus, a quem os egypcios chamam Hâtor; a cauda do passaro occupava o lugar onde são collocados os postigos das mulheres de nosso tempo; o corpo, coberto de pennas imbricadas e coloridas com varios esmaltes, envolvia-lhe o alto do craneo, e o pescoço, graciosamente dobrado para a frente, compunha com a cabeça uma como que ponta reluzente de pedrarias; uma cimeira symbolica em fórma de torre completava este penteado elegante, postoque singular. Cabellos negros como os de uma noite sem estrellas escapavam-se deste capacete e cahiam em longas tranças sobre louras espaduas, das quaes um collarinho ou gola, ornada de varias guarnições de serpentina, de azerodrack e de chrysoberil, não deixava vêr, oh lastima! sinão o principio; um vestido de linho em tiras diagonaes, — um nevoeiro de panno, ar tecido, *ventus textilis*, como diz Petronio, — ondulava como branca nevoa em redor

do formoso corpo cujos contornos esfumava suavemente. Este vestido tinha meias mangas justas nos hombros, porem abertas na altura dos cotovellos como as nossas mangas, e deixava descobertos braços cingidos por seis argolões de ouro e a mão ornada com um anel representando um escarave-lho. Um cinto, cujas pontas atadas cahiam para deante, assignalava o talho da tunica fluctuante e livre; um mantelete, guarnecido de franjas, completava o adorno, e si algumas palavras barbaras não ferem ouvidos parizienses, accrescentaremos que a tunica chamava-se *schenti* e o mantelete *calasiris*.

Como ultima particularidade digamos que a rainha Cleopatra calçava leves sandalias muito finas, retorcidas em ponta e presas sobre o peito do pé como os sapatos arrebitados das castellães da edade media.

A rainha Cleopatra não tinha entretanto a apparencia de satisfacção da mulher certa de ser perfeitamente bella e estar perfeitamente adornada; voltava-se e agitava-se no seu leitosinho e com os movimentos demasiado frescos, desarranjava a cada momento as dobras do *conopeum* de garça que Charmion concertava com paciencia inexgotavel, sem deixar de agitar o leque.

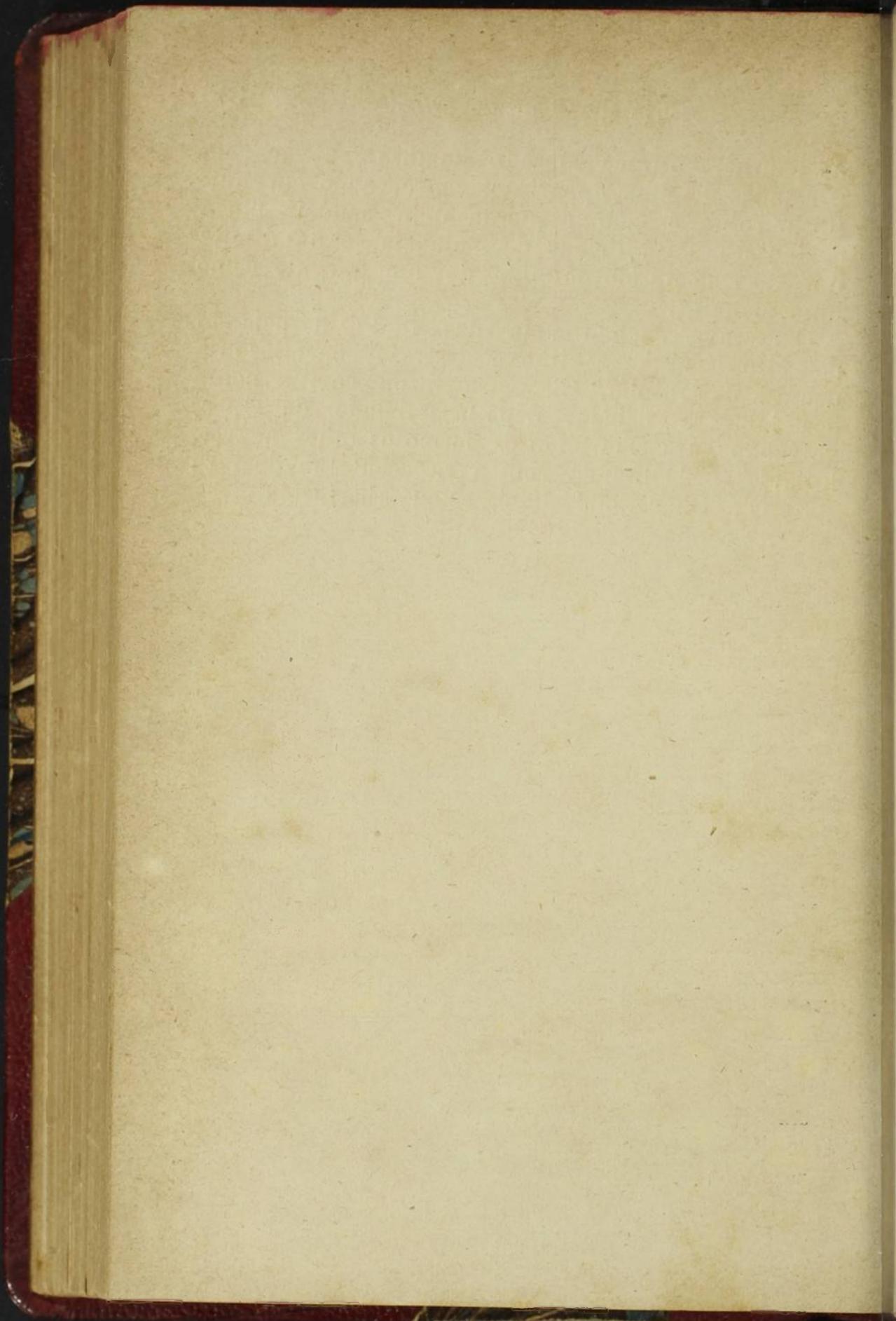
— Abafa-se de calor nesta camara, disse Cleopatra; ainda mesmo que Phtha, deus do fogo, assentasse aqui suas forjas, não faria mais calor; o ar está como uma fornalha. E passou pelos labios a ponta da lingua; depois estendeu a mão como um doente que procura uma taça ausente.

Charmion, de continuo attenta, bateu palmas; um escravo negro, vestido com a fralda talar, franzida como a saia dos albanezes, e com uma pelle

de panthera atirada sobre o hombro, entrou com a rapidez de uma apparição, conservando em equilibrio sobre a mão esquerda uma bandeja cheia de taças e de talhadas de melancia, e na direita um vaso comprido munido de um gargalo como uma chaleira.

O escravo encheu uma das taças, despejando do alto com maravilhosa destreza, e collocou-a deante da rainha. Cleopatra tocou com a ponta dos labios a bebida, depô-la ao lado de si, e, vclvendo para Charmion os formosos olhos negros, humidos e brilhando com viva scintella de luz:

— Oh, Charmion! disse, estou aborrecida.



CAPITULO II

Charmion presentindo uma confidencia, fez um gesto de assentimento pesaroso e approximou-se de sua senhora.

— Estou horrivelmente aborrecida, continuou Cleopatra, deixando pender os braços como que desanimada e vencida, este Egypto anniquila-me e esmaga-me; este céu com o seu azul implacavel, é mais triste que a noite profunda do Erebo; jamais uma nuvem! jamais uma sombra, e sempre este sol vermelho, sanguinolento, a mirar-nos com o seu olhar de cyclope! Olha Charmion, eu daria uma perola por uma gota de chuva! Das palpebras inflammadas deste céu de bronze ainda não cahiu uma só lagrima sobre a desolação desta terra; é uma grande lapida fumular, um zimborio de necropole, um céu morto e resequido como as mumias que cobre; pesa-me sobre os hombros como um manto de chumbo; incommoda-me e inquieta-me; affigura-se-me que não me poderia

levantar sem nelle bater com a fronte; e depois esta terra é realmente medonha; tudo nella é sombrio, enigmatico, incomprehensivel! A imaginação aqui não produz sinão chimeras monstruosas e monumentos desmedidos; esta architectura e esta arte infundem-me terror; estes colossos, cujas pernas presas na pedra os condemnam a permanecer eternamente assentados com as mãos sobre os joelhos, fatigam-me com a sua estúpida immobillidade; fecham-me os olhos e o horisonte. Quando virá, pois, o gigante que deve tomá-los pela mão e rendê-los na sua guarda de vinte seculos? O proprio granito cansa-se por fim! Que soberano, pois, esperam para deixar a montanha que lhe serve de assento e levantar-se em signal de respeito? que rebanho invisivel apascentam estas grandes esphinges agachadas como cães que espreitam, para nunca cerrarem as palpebras e terem sempre as garras promptas? o que tem ellas, pois, para fixarem com tanta pertinacia a eternidade e o infinito com seus olhos de pedra? que estranho segredo os seus labios cerrados retêm nos seios? A' direita, á esquerda, para qualquer lado que a gente se volte, só se vêem monstros medonhos, cães com cabeça humana, homens com cabeça de cão, chimeras nascidas de consorcios hediondos na profundidade tenebrosa das syringes, Anubis, Typhons, Osiris, gaviões de olhos amarellos que parecem devassar-nos com olhares perscrutadores e vêr além da gente cousas que não se podem divulgar; familia de animaes e de deuses horri-veis com asas escamosas, bico adunco, garras cortantes, sempre promptos a vos devorarem, si transpuzerdes o limiar do templo, ou si levantardes a ponta do véu!

« Nas paredes, nas columnas, nos tectos, nos

soalhos, nos palacios e nos templos, nas corredouras e nos poços mais profundos das necropoles, até nas entranhas da terra, onde a luz não penetra, onde os archotes se apagam por falta de ar, por toda parte, e sempre, interminaveis hieroglyphos esculpidos e pintados narrando em linguagem incomprehensivel cousas que já se não sabem e que pertencem sem duvida a creações desaparecidas; prodigiosos trabalhos escondidos onde um povo inteiro consumiu-se a escrever o epitaphio de um rei! Mysterio e granito, eis o Egypto; magnifica terra para uma mulher moça e rainha!

« Só se vêem symbolos ameaçadores e funebres, *pedum*, tau, globos allegoricos, serpentes enroscadas, balanças onde pesam-se as almas, — o desconhecido, a morte, o nada! Como unica vegetação estelas pintadas de characteres extravagantes; em vez de alamedas de arvores, avenidas de obeliscos de granito; em vez de solo, immensas calçadas de granito, do qual cada montanha póde apenas fornecer uma lage; em vez de céu, tectos de granito: — a eternidade palpavel, um acerbo e perpetuo sarcasmo contra a fragilidade e breve duração da vida! — escadarias feitas para as grandes passadas de Titão que o pé humano não poderia galgar e onde é preciso subir com escadas; columnas que cem braços não poderiam abraçar, labyrinthos em que se caminharia um anno sem se encontrar a sahida! — vertigem da enormidade, ebriedade do monstruoso, esforço desordenado do orgulho que quer gravar a todo custo um nome na superficie do mundo!

« E depois, Charmion, eu to digo, tenho um pensamento que me attemorisa; nas outras terras

queimam-se os cadaveres, e as suas cinzas para logo confundem-se com o solo. Dir-se-hia que aqui os vivos não têm outra occupação mais de que conservar os mortos; balsamos poderosos arrancam-os á destruição; todos conservam a fôrma e o aspecto; evaporada a alma, ficam os despojos, debaixo deste povo ha vinte povos; cada cidade tem os pés em cima de vinte camadas de necropoles; cada geração que passa, deixa uma população de mumias em uma cidade tenebrosa: sob o pae encontrareis o avô e o bisavô nos seus sarcophagos pintados e dourados, taes como foram em vida, e cavae sempre que sempre os ireis encontrando!

« Quando penso nessas multidões enfaixadas, nessas myriadas de expectros disseccados que enchem os poços funebres e que ahi se acham ha dous mil annos, face a face, em seu silencio imperturbavel, nem siquer quebrado pelo rumor que faz rojando o verme do sepulchro, e que se acharam ainda intactos depois de outros dous mil annos, com seus gatos, crocodilos, íbis, tudo quanto viveu na mesma época, apossa-se de mim o terror e sinto calafrios correrem-me o corpo. O que dirão uns aos outros, pois que ainda têm labios, e as suas almas, si tivessem a phantasia de voltar. achariam os corpos no estado em que os deixaram?

« Realmente o Egypto é um reino sinistro, e bem pouco feito para mim, risonha e festiva; tudo nelle encerra uma mumia; é o coração e o centro de tudo. Depois de mil voltas, é a isso que se vem ter; as pyramides cobrem um sarcophago. Como tudo isso é inane e louco! Afrontae o céu com enormes triangulos de pedra, não augmentareis uma pollegada ao vosso cadaver. Como folgar-se e viver em semelhante terra,

onde como perfume apenas se respira o cheiro acre da naphtha e do betume que ferve nas caldeiras dos embalsamadores, onde o pavimento da vossa camara tem um som ôco porque os corredores dos hypogens e dos poços mortuarios estendem-se até debaixo do vosso gabinete? Ser rainha de mumias, ter para conversar estas estatuas de posições duras e contrafeitas, é divertido! Ainda si, para disfarçar esta tristeza, eu tivesse no coração alguma paixão, algum incentivo para viver, si eu amasse alguém ou alguma cousa, si fosse amada! mas não o sou.

« Eis porque estou aborrecida, Charmion; com o amor este Egypto arido e carrancudo affigurar-se-me-hia mais encantador que a Grecia com os seus deuses de marfim, os seus templos de marmore branco, os seus bosques de loureiros-rosas e as suas fontes de agua viva. Eu não pensaria no aspecto extravagante de Anubis e nos terrores das cidades subterraneas.»

Charmion sorriu com ares de incredulidade.

— Não deve ser isto grande motivo de pezar para a senhora; pois cada um dos seus olhares traspassa os corações como as flôres de ouro da propria Eros.

— Uma rainha, replicou Cleopatra, póde lá saber si é o diadema ou a fronte que amam nella? Os resplendores da sua corôa sideral deslumbram os olhos e o coração; apeada das alturas do throno, teria eu a celebridade e a fama de Bacchida ou de Archenassa, de qualquer cortezã de Athenas ou de Mileto? Uma rainha é uma cousa que está tão longe dos homens, tão elevada, tão separada, tão impossivel! Que vaidade póde gabar-se de sahir-se bem em semelhan-

te empresa? Não é mais uma mulher, é uma figura augusta e sagrada que não tem sexo, e a quem se adora de joelhos sem amar, como á estatua de uma deusa. Quem jamais apaixonou-se seriamente por Herea de braços de neve, por Pallas de olhos verde-mar? quem tentou jamais beijar os pés de prata de Thetis e os dedos roseos da Aurora? qual o amante das divinas bellezas que tomou azas para voar aos palacios de ouro do céu? O respeito e o terror regelam as almas em nossa presença, e para ser amada por nossos eguaes seria preciso descer ás necropoles de que eu fallava ha pouco.

Postoque não levantasse objecção alguma contra os raciocinios de sua sonhora, vago sorriso, errando nos labios da escrava grega, demonstrava que ella não acreditava muito nessa inviolabilidade da realza.

— Ah! continuou Cleopatra, quizera que me acontecesse alguma cousa, alguma aventura extranha, inesperada! O canto dos poetas, a dança das escravas syrias, os festins coroados de rosas e prolongados até o amanhecer, as correrias nocturnas, os cães da Laconia, os leões domesticados, os anãos corcundas, os membros da confraria dos inimitaveis, os combates do circo, os nossos adornos, os vestidos de bysso, os laços de perolas, os perfumes da Asia, as descobertas mais requintadas, as mais loucas sumptuosidades, nada mais me deleita; tudo me é indifferente, tudo me é insupportavel!

— Vê-se bem, disse Charmion em voz baixa, que a rainha ha um mez não tem amante, nem manda matar pessoa alguma.

Fatigada com tão longo discurso, Cleopatra to-

mou ainda uma vez a taça collocada a seu lado, nella humideceu os labios, e pondo a cabeça debaixo do braço com um movimento de pomba, dispoz-se da melhor maneira para dormir. Charmion desatou-lhe as sandalias e poz-se a affagar-lhe suavemente as plantas dos pés com uma penna de pavão; o somno não tardou a deitar o seu pó de ouro nos formosos olhos da irmã de Ptolomeu.

Agora que Cleopatra dorme, subamos á coberta da cauja e gosemos do admiravel espectaculo do sol poente. Uma larga faixa violeta, fortemente aquecida de tons vermelhos para o lado do occidente, occupa toda parte inferior do céu; encontrando as zonas azues, a côr violeta muda-se em lilaz claro e engolpha-se no azul com uma meia tinta côr de rosa; do lado onde o sol, rubro como um broquel cahido das fornalhas de Vulcano, lança os ardentes raios, o matiz transforma-se em pallida côr de limão e despede coloridos eguaes ao das turquezas. A agua, tocada por um raio obliquo, tem o brilho embaciado de um espelho visto pelo lado do aço, ou de uma lamina adamascada; as sinuosidades da margem, os juncos e todos os accidentes da veiga, alli recortam-se em traços firmes e negros que fazem sobressahir-lhe a reverberação esbranquiçada. Graças a essa claridade crepuscular perceberéis ao longe, como um grão de poeira cahido sobre o mercurio, um pontosinho escuro que treme em uma rede de fios luminosos. Será uma adem que mergulha, uma tartaruga que boia, um crocodillo que levanta, para respirar o ar menos ardente da tarde, a ponta do rosto escamoso, o ventre de algum hypopotamo mostrando-se á flor d'agua? ou será algum rochedo deixado a descoberto pelo descrescimento do rio, pois o velho Hopi-Mon, pae das aguas, tem bas-

tante necessidade de encher a sua urna, exaurida com as chuvas do solsticio nas montanhas da Lua?

Nada disso é. Pelos pedaços de Osiris tão felizmente reunidos! é um homem que parece mover-se e resvalar sobre a agua... póde-se vêr agora a canôa que o sustem, verdadeira casca de noz, peixe ôco com tres tiras de cortiça reunidas, uma no fundo e duas nos bordos, tudo solidamente atado nas duas extremidades com uma corda embebida em betume. Um homem conserva-se de pé, com um pé em cada borda da fragil machina, que dirige com um unico remo, servindo-lhe ao mesmo tempo de leme, e, si bem que a cauja real deslise rapidamente ao impulso dos cincoenta remadores, a barquinha negra vae tomar-lhe visivelmente a deanteira.

Cleopatrâ desejava um incidente extranho, alguma cousa inesperada; a pequena e esguia canôa, de aspecto mysterioso, affigura-se-nos trazer, sinão uma aventura, ao menos um aventureiro. Talvez traga o heroe de nossa historia: a cousa não é impossivel.

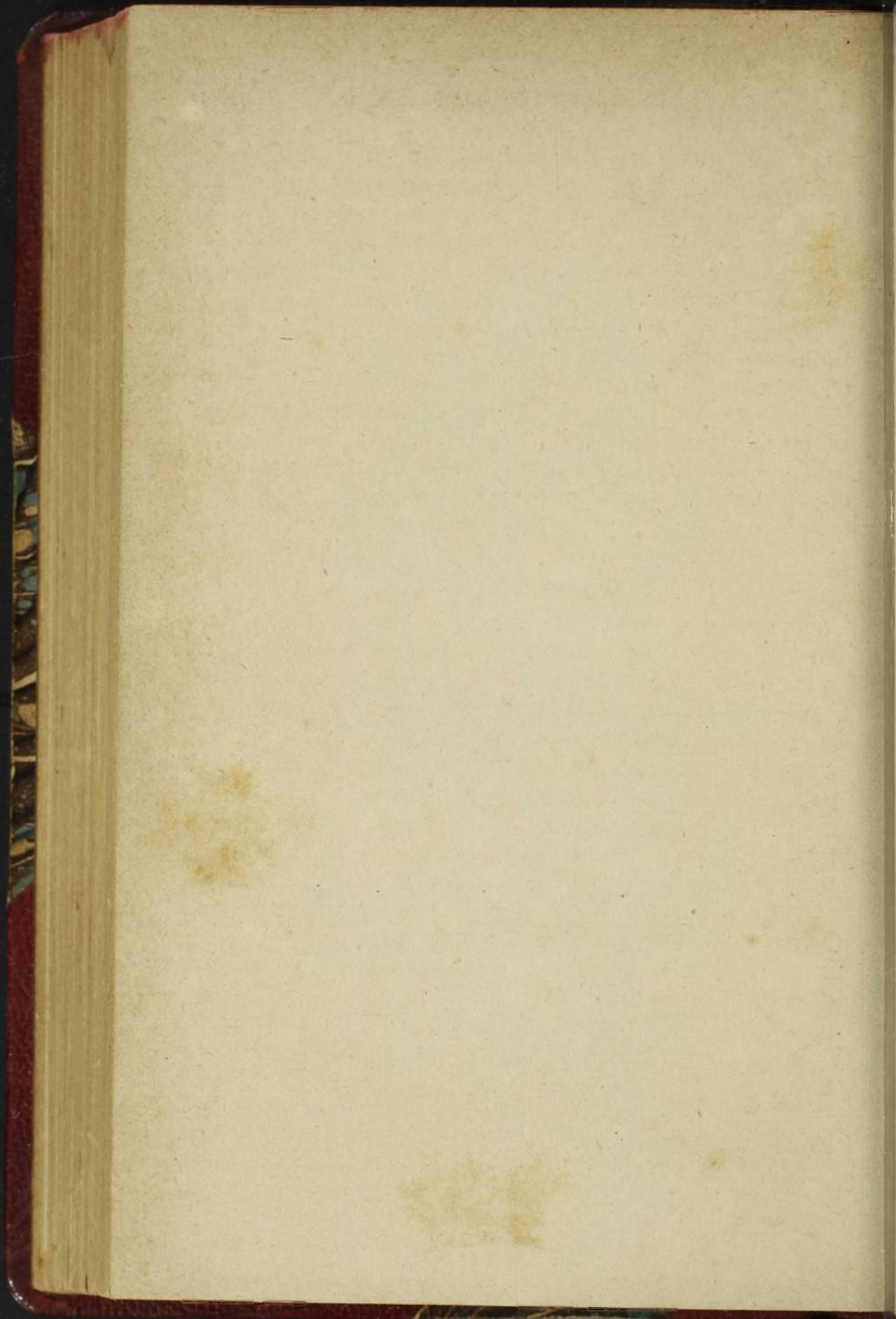
Era em todo caso um formoso mancebo de vinte annos, com cabellos tão negros que pareciam azues, uma pelle loura da côr do ouro, e proporções tão harmonicas que dir-se-hia um bronze de Lysippo; apesar de estar remando ha muito tempo, não denunciava fadiga alguma, e não tinha na frente uma só perola de suor.

O sol escondia-se no horisonte, e sobre o seu disco cortado desenhava-se o perfil sombrio de uma cidade longinqua que a vista não distinguira sem esse accidente de luz; desapareceu de repente, e as estrellas, benignas do céu, abriram os calices

de ouro no azul do firmamento. A cauja real, seguida de perto pela pequena canôa, parou juncto á uma escada de marmore negro, cujos degráus supportavam cada um uma dessas esphinges odiadas por Cleopatra. Era o logar de desembarque do palacio de estio.

Cleopatra, apoiada sobre Charmion, passou rapidamente como uma visão resplandecente, entre dupla ala de escravos com archotes.

O mancebo tirou do fundo da canôa uma grande pelle de leão, collocou-a nos hombros, saltou ligeiro em terra puxou a canôa para a praia e encaminhou-se para o palacio.



CAPITULO III

Quem será esse mancebo que, de pé sobre uma fragil casca, atreve-se a seguir a cauja real, e que póde lutar em velocidade com cincoenta remadores da terra de Kousch, nús até á cintura e untados com oleo de palmeira? Que intento o impelle a assim proceder! Eis o que temos obrigação de saber, como poeta dotado do dom de intuição, e para quem todos os homens e mesmo todas as senhoras, o que é mais difficil, devem ter ao lado a janella que Momo reclamava.

Não é talvez muito facil saber o que pensava ha quasi dous mil annos um mancebo da terra de Kemé, que seguia a barca de Cleopatra, rainha e deusa Evergeto, de volta da Mammisi de D'Hermonthis. No entanto tentaremos.

Meïamoun, filho de Mandouschopsch, era um mancebo de character singular; nada do que é commum nos mortaes causava-lhe impressão; parecia pertencer a uma raça mais elevada e di-

lo-hiam fructo de algum adulterio divino. O seu olhar tinha o brilho e a fixidez do olhar do gavião, e a magestade serena pousava-lhe na frente como sobre um pedestal de marmore; nobre desdem arqueava-lhe o labio superior e entumescia-lhe as narinas como as de um cavallo fogoso; apesar de ter quasi a graça delicada de uma donzella, e posto que Dionysio, o deus effeminado, não tivesse um peito mais redondo e mais polido, occultava sob a delicada apparencia nervos de aço e força herculea; singular prestigio de certas naturezas antigas que reuniam a belleza da mulher á força do homem.

Quanto á sua tez, somos obrigados a confessar que elle era fulvo como uma laranja, côr inversa á idéa branca e rosea que formamos da belleza; o que não obstava que fosse um mancebo muito encantador e pretendido por toda a sorte de mulheres, amarellas, rosadas, cobreadas, morenas, louras, e até por mais de uma alva grega.

Pelo que fica dito não fiquem pensando que Meïamoun fosse algum conquistador: as cinzas do velho Priamo, o gelo do proprio Hyppolito não eram mais insensíveis nem mais frios; o moço neophyto de tunica branca que prepara-se para a iniciação dos mysterios de Isis não passa vida mais casta; a moça que tiritá á sombra glacial da mãe não tem pureza tão tímida.

Os prazeres de Meïamoun, para um mancebo de tão severa apparencia, eram no entanto de natureza singular; sahia tranquillamente pela manhã com um pequeno escudo de couro de hippopotamo, um *harpé* ou sabre de lamina curva, um arco triangular e a competente aljava de pelle de serpente, cheia de flechas farpadas; depois entra-

nhava-se pelo deserto e punha a galope a egua de pernas finas, de cabeça comprida e crinas fluctuantes até encontrar as pégadas de alguma leão: divertia-o muito tirar os cachorrinhos de sob o ventre da mãe. Em tudo elle só amava o perigo ou a impossibilidade; apprazia-se muito em viajar por sendas impracticaveis, em nadar na agua revolta, e teria escolhido para banhar-se no Nilo exactamente o logar das cachoeiras: o abysmo attrahia-o.

Tal era Meïamoun, filho de Mandouschopsch.

Havia algum tempo que o seu character tornára-se ainda mais agreste; internava-se mezes inteiros no oceano de areias, e só apparecia com raros intervallos. Em vão sua mãe, inquieta debruçava-se debalde do alto do seu terrado e interrogava o caminho com olhar infatigavel. Depois de uma longa espera, uma nuvemzinha de poeira torvelinhava no horisonte; d'ahi a pouco a nuvem abria-se e deixava vêr Meïamoun coberto de pó, na sua egua magra como uma loba, os olhos vermelhos e injectados, as narinas entumescidas e cicatrizes nas ancas, cicatrizes que não eram vestigios de acicates.

Depois de haver dependurado em sua camara alguma pelle de hyena ou de leão tornava a sahir.

E no entanto ninguem poderia ser mais feliz do que Meïamoun; era amado por Nephté, a filha do sacerdote Afomonthis, a mais formosa creatura da provincia de Arsinoite. Era necessario ser Meïamoun para não vêr que Nephté tinha olhos encantadores, levantados nos cantos com indizivel expressão de voluptia, bocca em que scintilava rubro sorriso, dentes alvos e transparentes, braços

delicadamente torneados e pés mais perfeitos que os pés de jaspe da estatua de Isis : certamente não havia em todo o Egypto mão mais pequena e cabellos mais compridos. Sómente os encantos de Cleopatra poderiam offuscar os de Nephté. Mas quem poderia lembrar-se de amar Cleopatra ? Ixion, que enamorou se de Juno, apenas apertou uma nuvem nos braços e faz gyrar eternamente a sua roda no inferno.

Era Cleopatra a quem Meïamoun amava !

A principio procurára dominar essa louca paixão luctára corpo a corpo com ella ; mas não se doma o amor com se doma o leão, e os mais vigorosos athletas não o poderiam conseguir. A flecha ficára na ferida e elle levava-a consigo para toda a parte ; a imagem de Cleopatra, radiante e esplendida sob o seu diadema de pontas de ouro, só, de pé, com a sua purpura imperial, no meio de um povo ajoelhado, radiava-lhe durante as suas vigílias ou em seus sonhos ; como o imprudente que contemplou o sol e que vê sempre uma sombra impalpavel pairar deante de si, Meïamoun via continuamente Cleopatra. As aguias pólem contemplar o sol sem que fiquem deslumbradas ; mas qual a pupila de diamante que impunemente se poderia fixar em uma formosa mulher, uma formosa rainha ?

Sua vida era vagar em torno das moradas reaes para respirar o mesmo ar que Cleopatra, para beijar na areia, felicidade, ah ! bem rara, o vestigio quasi apagado de seus pés : assistia ás festas sagradas e as panegyrias, procurando surpreender-lhe um raio do olhar e apoderar-se, na passagem, de um dos mil aspectos de sua belleza. Ás vezes envergonhava-se dessa existencia insen-

sata ; entregava-se á caça com dobrado excesso e procurava minorar com a fadiga o ardor de seu sangue e a impetuosidade de seus desejos.

Fôra á panegyria de Hermonthis, e, na vaga esperança de tornar a vê por um instante a rainha quando desembarcasse no palacio de estio, havia seguido a cauja em sua canôa, sem inquietar-se com os ardentes raios do sol, um calor capaz de fazer derreter em suór de lava as esphyn-ges offegantes sobre os pedestaes esbrazeados.

Demais, comprehendia que chegára ao momento supremo, que a sua vida se ia decidir e que não podia morrer com o seu segredo encerrado no peito.

Singular posição é de amar uma rainha ; é como si se amasse uma estrella, e ainda a estrella vem cada noite brilhar no seu logar no céu, é uma como que entrevista mysteriosa : torná-la-heis a encontrar, vê-la-heis, e não se offenderá com vossos olhares ! Oh miseria ! ser pobre, desconhecido, obscuro, sentado no ultimo degráu da escada, e sentir o coração cheio de amor por algum objecto solemne, resplandecente e esplendido, por uma mulher cuja ultima serva vos desprezaria ! Ter o olhar fatalmente fixo em alguém que não vos vê, que jamais vos verá, para quem não sois mais do que uma onda da multidão egual ás outras, e que vos encontraria cem vezes sem reconhecer-vos ! não ter, si appresentar-se a occasião de fallar-lhe, rasão alguma a dar de tão louca audacia, nem talento de poeta, nem genio sublime, nem dote sobrehumano, nada além do amor ; e em troca da belleza, da nobreza, do poder, de todos os esplendores sonhados, não dar mais do que a paixão ou a mocidade, cousas raras !

Taes idéas atormentavam Meïamoun ; deitado de bruços na areia, com o queixo nas mãos, deixava-se arrebatado e erguer pela onda de inextinguível scisma ; esboçava mil projectos, cada qual mais insensato. Bem conhecia que se dirigia a um escopo impossivel, mas tinha animo de renunciar a elle abertamente, e a pérfida esperança vinha segredar-lhe ao ouvido alguma mentida promessa.

— Hathor, poderosa deusa, dizia o mancebo em voz baixa, o que te fiz eu para tornares-me tão desventurado? vingas-te do desdem que inspira-me Nephté, a filha do sacerdote Afomonthis? queres-me mal por haver repellido Lamia, a hetaira de Athenas, ou Flora, a cortezã romana? Tenho eu culpa de que o meu coração não seja sensível sinão á só belleza de Cleopatra, tua rival? Porque embebeste em minh'aima a flecha envenenada do amor impossivel? Que sacrificio e offrendas exiges? Será preciso erigir-te um templo de marmore-rosa de Syene com columnas de capiteis dourados, tecto inteiriço, hieroglyphos esculpados em baixo relevo pelos melhores artistas de Memphis ou de Thebas? Responde-me.

Como todos os deuses e deusas que a gente invoca, Hathor não respondeu. Meïamoun tomou uma resolução desesperada.

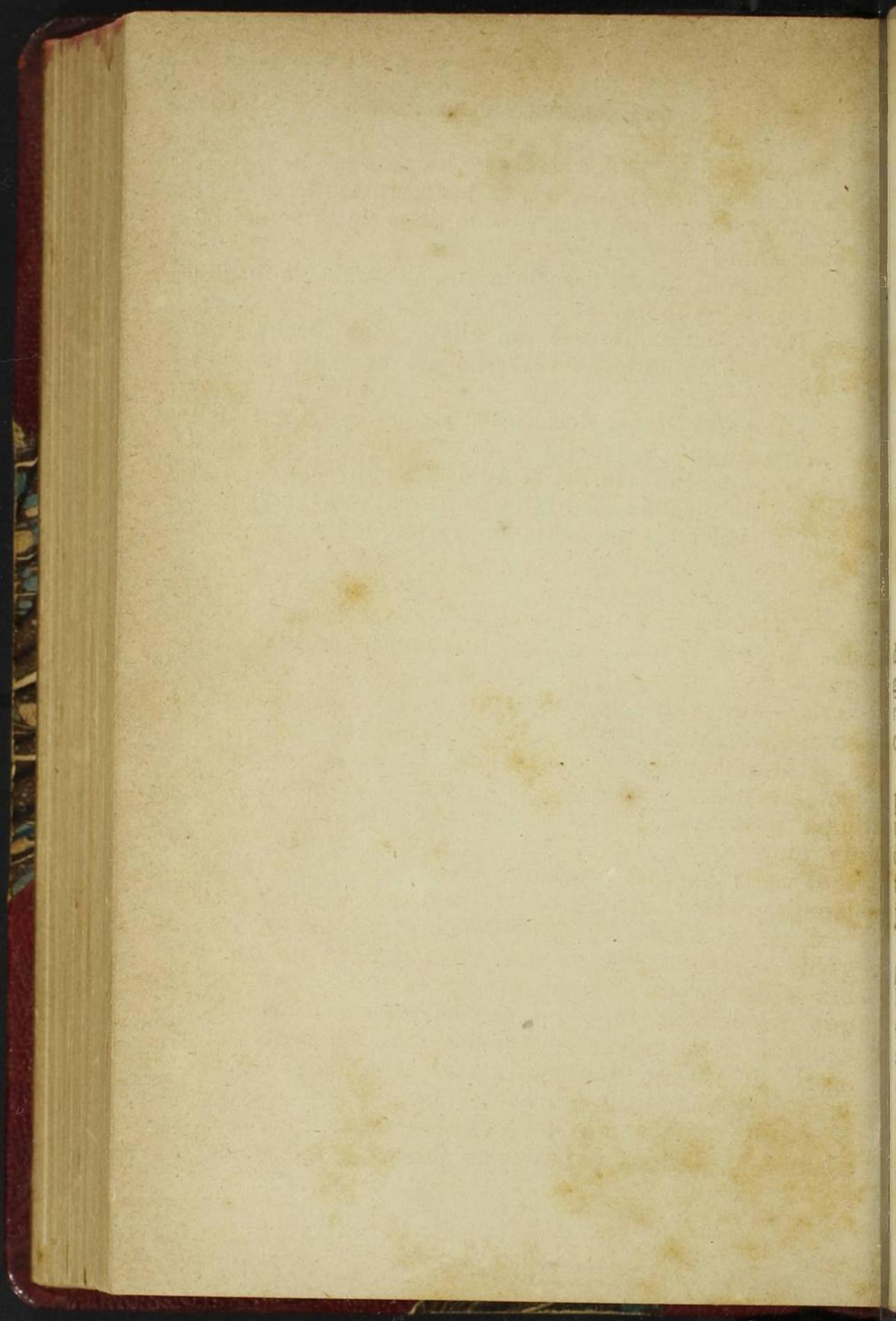
Cleopatra, por, sua parte, invocava tambem a deusa Hathor; pedia-lhe algum prazer novo, alguma sensação desconhecida; languidamente recostada no leito, achava que o numero dos sentidos era muito limitado, que os mais singulares requintes de prazer deixam bem cedo vir o tédio, e que uma rainha tem realmente grande trabalho em prehencher o seu dia. Experimentar venenos

em escravos, mandar combater homens com tigres, ou gladiadores entre si, beber perolas derretidas, devorar uma provincia, tudo isso é insipido e commum !

Charmion nada descobria e não sabia já o que fazer da senhora.

De repente ouviu-se um silvo, uma flecha veio cravar-se tremula no revestimento de cedro da parede.

Cleopatra quasi desfalleceu de susto. Charmion debruçou-se na janella e avistou apenas um flocó de espuma no rio. Um rôlo de papyro vestia a haste da flecha; continha estas palavras escriptas em caracteres phoneticos: « Amo-te! »



CAPITULO IV

— Amo te, repetiu Cleopatra, volvendo nos dedos finos e alvos o pedaço de papyro enrolado á guisa das scytalas, eis a phrase que eu procurava: que alma intelligente, que genio occulto comprehendeu tão bem o meu desejo?

E inteiramente desperta de seu languido torpor, saltou a baixo do leito com a agilidade de uma gata que pressente um rato, metteu os pés de marfim em seus *tatbebs* bordados, deitou uma tunica de byssus sobre as espaduas, e correu á janella pela qual Charmion continuava a espiar.

A noite estava clara e serena; a lua já erguida, desenhava com immensos angulos de sombra e de luz as massas architectonicas do palacio, que destacavam-se vigorosas sobre um fundo de azulada transparencia, e esmaltava de prata as aguas do rio em que seu reflexo estendia-se como uma brilhante columna; um ligeiro effludio da briza, que dir-se-hia a respiração das esphynges adormecidas, fazia palpitar os juncos e murmurar

as campainhas azues dos lotus; os cabos das embarcações, fundeadas na margem do Nilo, gemiam frouxamente, e a agua trazia á praia suas queixas, como uma pomba sem esposo. Um vago perfume de vegetação, mais brando que o dos aromas que são queimados no anschir dos sacerdotes de Anubis, chegava até á camara.

Era uma dessas noites encantadas do Oriente, mais esplendidas que os nossos formosos dias, porque o nosso sol não vale a sua lua.

— Não vês além, em meio do rio, uma cabeça de homem que nada? Olha, atravessa agora a esteira de luz e vae perder-se na sombra; já se não póde distingui-lo.

E, apoiando-se no hombro de Charmion, sãhia a meio com o formoso corpo pela janella, procurando achar de novo o sulco do mysterioso nadador. Mas, um bosque de acacias do Nilo, de palmeiras e de sayalas, lançava nesse logar a sua sombra no rio e protegia a fuga do audacioso. Si Meiamoun houvera tido a boa lembrança de voltar-se, teria visto Cleopatra, a rainha sideral, procurando-o avidamente com os olhos atravez da noite, a elle misero egypcio obscuro, misero caçador de leões.

— Charmion, Charmion, chama Pherhipephbour, o chefe dos remadores, e ponham sem demora duas barcas em busca desse homem, disse Cleopatra, cuja curiosidade havia attingido ao mais alto gráu.

Phrehipephbour appareceu: era um homem da raça Nahasi, de mãos grandes, de braços musculosos, com um barrete de cor vermelha, mui semelhante ao barrete phrygio, e vestido com um calção estreito, listrado diagonalmente de branco e azul.

O busto inteiramente nú, reluzia á claridade da lampada, negra e polida como um globo de azeviche. Recebeu as ordens da rainha e sahiu immediatamente para executá-las.

Duas barcas longas, esguias, tão leves que o menor desequilibrio as faria ir ao fundo, fenderam dentro em pouco a agua do Nilo, voando ao impulso de vinte remadores vigorosos; mas a pesquisa foi baldada. Depois de haver corrido o rio em todos os sentidos, depois de haver examinado a menor mouta de juncos. Phrehiphebour tornou a palacio sem outro resultado mais que fazer voar alguma garça adormecida em pé sobre uma perna, ou perturbar algum crocodillo, em meio da digestão.

Cleopatra ficou tão vivamente contrariada que teve serio desejo de condemnar Phrehiphebour a ser esmagado ou devorado pelas feras. Felizmente, Charmion intercedeu pelo malaventurado que, tremulo e transido, empallidecia de terror debaixo da sua pelle negra. Era a primeira vez em sua vida em que um de seus desejos deixava de ser satisfeito, apenas concebido; por isso experimentava uma suspeita e uma inquietação, uma como que primeira duvida sobre a sua omnipotencia.

Ella, Cleopatra, esposa e irmã de Ptolomeu, proclamada deusa Evergeto, rainha viva das regiões inferiores e superiores, fonte de luz, preferida do sol, como se póde ver nos adornos esculpidos sobre as paredes dos templos, encontrar um obstaculo, querer uma cousa que se não fez, ter fallado e não ter sido obedecida! Equivalia a ser a simples mulher de algum misero ledor e cortador de cadaveres, e derreter o natrum em uma caldeira! Era monstruoso, era revoltante, e pre-

cisava ser em verdade uma rainha muito meiga e clemente, para não mandar crucificar o miseravel Phrehiphebour.

Querieis uma aventura, alguma cousa singular e inesperada; tudo sahe á medida do vosso desejo. Estaes vendo que o vosso reino não está tão morto como pensaveis.

Não foi o braço de pedra de nenhuma estatua que despediu aquella flecha, não foi do coração de nenhuma menina que sahiram aquellas tres palavras que vos commoveram, a vós que vêdes com um sorriso nos labios os vossos escravos envenenados baterem com os pés e com a fronte, nas convulsões da agonia, nos vossos bellos pavimentos de mosaicos e de porphyro, a vós que applaudís o tigre quando elle enterra ferozmente as garras no peito do gladiador vencido.

Tereis tudo quanto desejardes, carros de prata, constellados de esmeraldas, quadrigas de gryphos, tunicas de purpura tinctas por tres vezes, espelhos de aço fundido, cercados de pedras preciosas, tão claros que nelles vos vereis tão bella como a sois; vestes trazidas da nação Sevica, tão finas, de tal textura que passariam pelo anel do vosso dedo minimo; perolas legitimas do Oriente, taças de Lysippo ou pe Miron, papagaios da India que fallam como poetas; tudo podeis obter, ainda quando pedissem o cinto de Venus ou o *pschent* de Isis; mas o que não podereis ter esta noite é o homem que arremessou a flecha que treme ainda no cedro do vosso leito.

As escravas que vos têm de vestir amanhã estão com um difficil encargo; caro lhes ha de custar o menor descuido; os alfinetes de ouro bem podem ter por almofada o pescoço da desasada,

si não correr o risco de ser dependurada do tecto pelos pés.

— Quem terá tido a audacia de arremessar-me esta declaração presa a uma flecha? Será o governador Amoun-Ra que se julga mais bello que o Apollo dos gregos? que suppões, Charmion? quem sabe si será Cheapsiro, o commandante da Hermothylia, tão altivo com os seus combates na terra de Kousch! Não será antes o moço Sexto, esse libertino romano, que pinta-se com carmim, gagueja e usa mangas à moda persa?

— Rainha, não é nenhum delles, posto que se-jaes a mulher mais bella do mundo, toda essa gente vos lisonjeia, mas não vos ama. O governador Amoun-Ra escolheu para si um idolo, ao qual será sempre fiel — sua propria pessôa; o guerreiro Cheapsiro não pensa sinão em narrar suas batalhas; quanto a Sexto, está tão gravemente empenhado em compor um novo cosmetico, que não póde pensar em outra cousa. Demais, acaba de receber vestes da Laconia, tunicas amarellas entretrecidas de ouro, e mancebos asiaticos que absorvem-lhe todo tempo. Nenhum desses altivos senhores arriscariam a cabeça em uma empreza tão ousada e perigosa; não vos amam bastante para isso. Dizeis hontem em vossa cauja que os olhares offuscados não ousavam erguer-se até vós, que apenas sabiam empallidecer e cahir-vos aos pés pedindo perdão, e que vos não restava outro recurso sinão ir despertar em seu sarcophago dourado algum velho pharaó, cheirando a betume. Apparece um coração ardente e joven que vos ama: que fareis d'elle?

Cleopatra nessa noite custou a adormecer; revolveu-se no leito, chamou debalde por Moipheu, irmão da Morte; repetiu muitas vezes que era a

mais infortunada das rainhas, que porfiavam todos em contrariá-la e que a vida lhe era insupportavel; immensos queixumes que tocavam muito pouco Charmion, postoque apparentasse condolencia.

Deixemos por um momento que Cleopatra procure conciliar o somno, que lhe foge, e levar suas conjecturas a todos os personagens da côrte; voltemos a Meïamoun: mais sagazes que Prehipephbour, chefe dos remadores, conseguiremos encontrá-lo.

Aterrado com a propria audacia, Meïamoun lançou-se no Nilo, e ganhára a nado o pequeno bosque de palmeiras antes que Phrehipephbour puzesse as duas barcas no seu encalço.

Quando pôde tomar folego e deitar para traz os longos cabellos negros, embebidos de agua, sentiu-se mais a gosto e mais calmo. Cleopatra tinha alguma cousa que provinha d'elle: Cleopatra pensava em Meïamoun. Era porventura um pensamento de colera, mas, ao menos, conseguira despertar-lhe um movimento qualquer, medo, raiva ou compaixão; fizera-lhe conhecer sua existencia. E' verdade que esquecêra-se de pôr o nome na tira de papyro; mas o que adeantaria a rainha com: *Meïamoun, filho de Mandenschopsch?* Um monarcha ou um escravo são eguaes perante ella. Uma deusa não desce menos tomando por amante um homem do povo do que um patricio ou um rei; de tal altura observa-se apenas no homem o amor.

As palavras que lhe pesavam sobre o peito como o joelho de um colosso de bronze tinham emfim partido; atravessaram os ares, chegaram até á rainha, ponta do triangulo, apice inaccessible!

Nesse coração exaurido acordára a curiosidade, — progresso immenso!

Meïamoun não sabia que se havia sahido tão bem, mas estava mais tranquillo, porque jurára a si proprio pela Bari mystica que transporta as almas a Amenthi, pelas aves sagradas, Buenon e Gheguhen, por Typhon e por Osiris, por tudo quanto a mythologia egypcia tem de aterrador, que seria amante de Cleopatra, embora um dia, uma noite, uma hora, em troca de seu corpo e de sua alma.

Explicar como lhe nascêra este amor por uma mulher que apenas vira de longe, e para a qual apenas atrevia-se a erguer os olhos, elle que os não abaixava diante das amarellas pupillas do leão, e como essa pequena semente, cahida por acaso em sua alma, germinára tão depressa, crescêra e deitára profundas raizes, é mysterio que não explicaremos; dissemo-lo já: o abysmo o attrahia.

Quando certificou-se bem de que Phrehippebour voltára com os remadores, atirou-se segunda vez no Nilo e dirigiu-se de novo para o palacio de Cleopatra, cuja lampada brilhava através da cortina de purpura e parecia um astro enclausurado. Leandro não nadava com mais energia e vigor; e, entretanto, Meïamoun não era esperado por uma Hero prompta a derramar-lhe sobre a cabeça mil perfumes para apagar o odor do mar e os asperos beijos da tormenta.

Tudo quanto lhe podia succeder era receber alguma lançada ou arpoada, e não era isto o que elle receiava.

Prolongou-se algum tempo com as muralhas do palacio cujos pés de marmore banhavam-se no rio, e parou diante de uma passagem submersa, por onde

a agua entrava em rodomoinho. Mergulhou duas ou tres vezes infructiferamente: foi afinal mais feliz, achou a passagem e desapareceu.

Esta entrada era um canal abobadado que ievava a agua do Nilo aos banhos de Cleopatra.

CAPITULO V

Cleopatra só adormeceu de manhã, á hora em que voltam os sonhos que se escapam pela porta de marfim.

A illusão do somno fez-lhe vêr mil amantes atirando-se a nado, escalando as muralhas para chegar até ella, e, recordação da vespera, seus sonhos eram crivados de flechas carregadas de declarações amorosas.

Seus pequenos calcanhares, agitados por estremecimentos nervosos, batiam no peito de Charmion, deitada de travéz no leito, para servir-lhe de almofada.

Quando acordou, um raio alegre do sol brincava nas cortinas da janella, cuja trama perfurava em mil pontos luminosos, e ia familiarmente até o leito adejar, como uma borboleta de ouro, em torno de suas formosas espaduas, que desflorava ao passar, com um osculo luminoso. Feliz raio do sol, que os proprios deuses invejariam.

Cleopatra pedia que a erguessem, com voz tão fraca, que mais parecia a de uma creança doente: duas de suas escravas a levantaram nos braços e puzeram-na cuidadosamente no pavimento sobre uma grande pelle de tigre cujas garras eram de ouro e cujos olhos eram carbunculos. Charmion envolveu-a em uma calasiria de linho mais branco que o leite, prendeu-lhe os cabellos com uma rêde de fios de prata, e meteu-lhe os pés nos *tatbebs* levissimos, em cuja sola, em signal de desdem, estavam desenhadas duas figuras ridiculas, representando dous homens das raças Nahasi e Nahmon, com as mãos e os pés atados, de fórmula que Cleopatra merecia litteralmente o epitheto de *conculcadora dos povos*, que lhe é dado nas inscrições reaes.

Era a hora do banho; Cleopatra desceu com as suas escravas.

Os banhos de Cleopatra eram edificados no meio de vastos jardins cobertos de sensitivas, alfarrobeiras, aloes, cidreiras e macieiras da Persia, cuja luxuriante vegetação estabelecia um precioso contraste com a aridez dos arredores; immensos terraços sustentavam massicos de verdura e levantavam as flores até ao céu por meio de altissimas escadas de granito-rosa; vasos de marmore pentelico abriam-se como immensos lizes á beira de cada rampa, e as plantas que continham

semelhavam pistilos ; chimeras polidas pelo cinzel dos mais habéis esculptores gregos e de physiognomia menos rude que as das esphinges egypcias com o seu aspecto carregado e attitude severa, estavam idolentemente deitadas na relva matizada de flôres, como esbeltas galgas brancas em um tapete de sala, eram encantadoras figuras de mulher, com o nariz direito, fronte liza, a bocca pequena, os braços delicadamente cheios, o peçoço redondo e cerrecto, com seus brincos, collares e adornos adoravelmente caprichosos, bifurcando-se em cauda de peixe, como a mulher de que falla Horacio, desdobrando-se em aza de passaro, arredondando-se em ancas de leôa, contornando-se em voluta de folhagam, segundo a phantasia do artista ou as conveniencias da posição architectonica :— uma dupla fila desses formosos monstros bordava a alameda que conduzia do palacio aos banhos.

No fim dessa alameda havia uma ampla bacia com quatro escadarias de porphyro ; atravéz da transparencia da agua crystallina viam-se os degráus descer até o fundo onde a areia parecia ouro em pó ; mulheres que assemelhavam-se a cariatides faziam saltar dos seios um fio de agua perfumada, que cahia na bacia como um orvalho de prata, e salpicava o liquido espelho com mil perolas.

Além desta applicação, estas cariatides tinham ainda a utilidade de sustentar um entablamento ornado de nereidas e tritões em baixo relevo, e munido do anel de bronze, onde se atavam as cordas de seda do velarium.

Além do portico, distinguíam-se verduras humidas e com tons azulados, frescas sombras, um

pedaço do valledo Tempe transportado para o Egypto. Os famosos jardins de Semiramis nada valiam juncto destes.

Não fallaremos de sete ou oito salas mais de diferentes temperaturas, com seus vapores aquecidos ou resfriados, suas caixas de perfumes, seus cosmeticos, seus oleos, suas pedras-pomes suas luvas de cabello e todos os requintes da arte balneatoria antiga, levada ao mais alto gráu de volupia e perfeição.

Cleopatra chegou, com a mão sobre a espadua de Charmion ; havia dado pelo menos trinta passos sósinha ! immenso esforço ! fadiga enorme ! Um ligeiro tom de rosa, espalhando-se sob a cutis transparente de suas faces, refrescou-lhe a pallidez encantadora ; as fontes, louras como ambar, deixavam vêr uma rêde de veias azues ; a fronte lisa, pouco elevada como as frontes antigas, mas de um oval e fórmula perfectos, unia-se por uma linha correcta ao nariz severo e direito, como o de um camafeu, cortado por narinas roseas e palpitantes á menor emoção, como as narinas da femea do tigre ; a bocca breve, redonda, muito proxima ao nariz, tinha o labio superior desdenhosamente arqueado ; mas uma voluptuosidade desenfreada, um incrível ardor de vida, brilhava no rubor de fogo e no humido luzir do labio inferior. Os olhos tinham palpebras estreitas e sobranceiras finas, quasi sem inflexão.

Não tentaremos dar delles uma idéa ; tinham um fogo, uma languidez, uma limpidez brilhante, capaz de fazer andar á roda a cabeça do cão do proprio Ambis ; cada olhar de taes olhos era um poema superior aos de Homero ou de Mim-

nermo ; um queixo imperial, cheio de força e de dominio, punha condigno remate a esse perfil encantador.

Cleopatra conservava-se de pé sobre o primeiro degráu da ampla bacia, em uma attitude cheia de graça e altivez : ligeiramente inclinada para trás, com o pé suspenso, como uma deusa que vae deixar seu pedestal e cujo olhar está ainda no céu ; duas dobras magestosas da tunica cahiam-lhe do collo até aos pés. Cleomenes, si houvera sido seu contemporaneo e a pudera vêr, teria quebrado a sua Venus despeitado.

Antes de entrar n'agua, por novo capricho, disse a Charmion que lhe mudase o penteado, seguro pela rêde de prata ; preferia uma corôa de flôres de lotus e junco, como uma divindade marinha. Charmion obedeceu ;— os cabellos soltos cahiram-lhes em catadupas e penderam em cachos, como uvas maduras, ao longo de suas formosas faces.

Depois, a tunica de linho, apenas retida por um laço de ouro, despregou-se, correu ao longo do seu corpo de marmore e ficou-lhe aos pés como uma nuvem branca, semelhante ao cysne aos pés de Leda...

E Meïamoun onde estava ?

Oh crueldade da sorte ! tantos objectos insensíveis gozam das graças que enlouqueceriam de jubilo um amante. O vento que brinca com uns cabellos perfumados, ou que dá em formosos labios beijos que não pôde apreciar ; a agua que é indifferente a tamanha belleza e que, em um só affago envolve o peregrino corpo adorado ; o espelho que reflecte tantas imagens encantadoras, o cothurno ou o *talbet* que encerra um pésinho divino ; oh quantas felicidades perdidas !

Cleopatra molhou n'agua o calcanhar vermelho, e desceu alguns degráus: a agua tremula formava-lhe uma cineta e uns braceletes de prata, e rolava-lhe em perolas sobre os seios e espaldas como um collar desmanchado; os compridos cabellos, erguidos pela agua, estendiam-se-lhe por traz como um manto real; ainda no banho era rainha.

Ja de uma para outra parte, mergulhava e trazia do fundo punhados de areia dourada, que atirava rindo-se á alguma das escravas, outras vezes suspendia-se á balaustrada da bacia, occultando-se e descobrindo thesouros, ora deixando apenas vêr as costas polidas e luzentes, ora mostrando-se como Venus Anadvomenes, e variandode continuo os aspectos de sua belleza.

De improviso soltou um grito mais agudo que o de Diana surprehendida por Acteon; é que vira através da folhagem luzir uma pupilla ardente, fulva e phosphorecente como a do crocodillo ou a do leão

Era Meïamoun, que, deitado no chão, por traz de uma moita, mais assustado que um cabrito montez dentro de uma seara, inebriava-se com a perigosa felicidade de vêr a rainha no banho.

Posto que valoroso até a temeridade, o grito de Cleopatra entrou-lhe no coração mais frio que uma lamina de aço; um suor mortal cobriu-lhe todo o corpo; as arterias batiam-lhe nas temporas com um ruido estridente, a mão de ferro da anciedade apertava-lhe a garganta e estrangulava-o.

Os ennuchos accudiram com as lanças em punho; Cleopatra indicou-lhes o grupo de arvores, onde encontraram Meïamoun escondido. A resistencia

era inutil, não tentou resistir, e deixou-se prender.

Disponham-se a matá-lo com a impassibilidade cruel e estúpida que characterisa os ennuchos; mas Cleopatra, que tivera tempo de envolver-se na sua calasiria, fez-lhes com a mão signal de se deterem e de lho trazerem.

Meïamoun não pôde fazer mais do que cahir-lhe aos pés, estendendo para ella as mãos supplicantes, como para o altar dos deuses.

— E' algum assassino pago pelos romanos? o que vinhas fazer nestes logares sagrados, de onde os homens são banidos? perguntou Cleopatra com um gesto imperioso.

— Seja minha alma achada leve na balança de Amenthi, e Imei, filha do sol e deusa da verdade, me castigue, si eu alguma vez, oh rainha! nutri contra vós intenções más, respondeu Meïamoun sempre de joelhos.

A sinceridade e a lealdade brilhavam-lhe no rosto em characteres tão transparentes, que Cleopatra deu de mão a esse pensamento, e fixou no moço egypcio olhares menos severos e menos irritados: achava-o bello.

— Então que motivo te impellia para um logar onde apenas podias encontrar a morte?

— Amo-vos, disse Meïamoun, em voz baixa, mas distincta, pois voltára-lhe o valor, como succede em todas as situações extremas e que se não pôdem tornar peiores do que são.

— Ah! disse Cleopatra, inclinando-se para elle e travando-lhe do braço com um movimento brusco e rapido; foste tu que disparaste a flecha com o rôlo de papyro?! por Oms, cão do inferno, és um miseravel bem audaz!... Reconheço-te agora;

ha muito que vejo-te errar como uma sombra penada em volta dos sitios em que habito... Estavas na procissão de Isis, na panegyria de Hermonthis; seguiste a cauja real. Ah! queres uma rainha!... Não tens ambições pequenas; esperavas, sem duvida, ser correspondido... Pois bem, quero amar-te... Porque não?

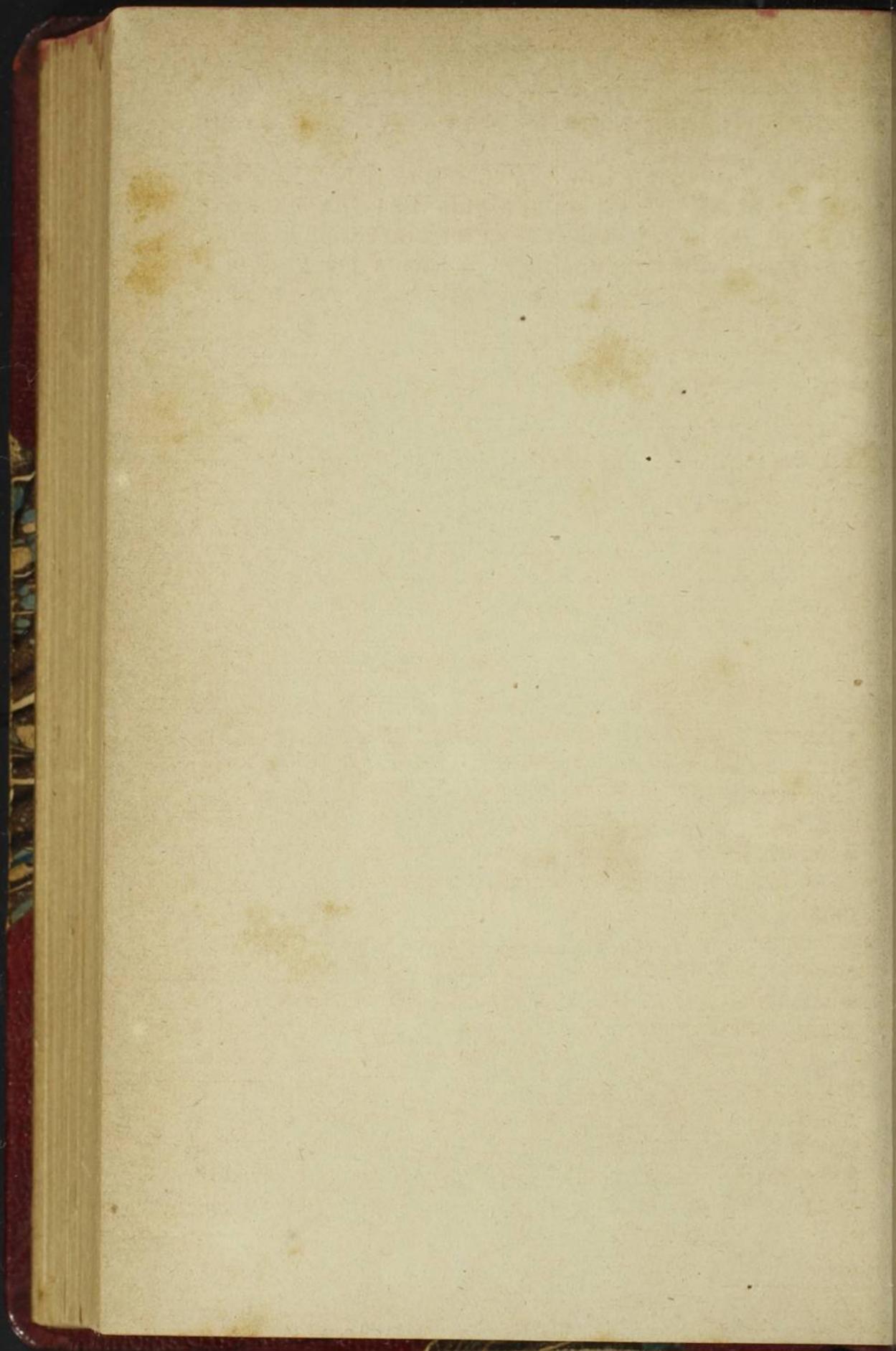
— Rainha, respondeu Meïamoun, com um tom de profunda melancholia, não motejeis. Sou um insensato, é verdade; mereço a morte, é tambem verdade; sêde humana, mandae matar-me.

— Não, entrou-me o capricho de ser hoje clemente; concedo-te a vida.

— O que quereis que eu faça da vida? Amovos.

— Pois bem! serás satisfeito, morrerás, disse Cleopatra; tiveste um sonho estranho, extravagante; teus desejos ultrapassaram em tua imaginação um limiar que não podias transpor,— supuzeste-te Cesar ou Marco Antonio, amaste a rainha! Em certos momentos de delirio, chegaste a crêr que, em virtude de circumstancias que apenas occorrem de mil em mil annos, Cleopatra te amaria um dia. Pois bem, o que julgavas impossivel vae realisar-se, quero tornar o teu sonho em uma realidade; apraz-me, ao menos uma vez, satisfazer uma esperança tresloucada. Quero innundar-te de esplendores, de raios e brilhantismo; quero que a tua fortuna tenha seduccões. Estavas embaixo da roda, quero pôr-te no alto, de improviso, subitamente, sem transição. Tomo-te do nada, faço de ti um homem igual a um deus, e torno a mergulhar-te em o nada; eis tudo; mas não venhas chamar-me cruel, implorar minha compaixão, fraquear quando soar a hora. Sou bôa, presto-me á tua loucura, terei o direito de man-

dar-te matar em um momento: dizes que me amas, mandar-te-hei matar amanhã; tua vida por uma noite. Sou generosa, compro-ta, quando podia tomar-ta. Mas o que fazes a meus pés? levanta-te, e dá-me a mão para entrar-mos no palacio.



CAPITULO VI

A nossa sociedade é muito pequena, ao lado da sociedade antiga; nossas festas são mesquiinhas juncto das assustadoras sumptuosidades dos patricios romanos e dos principes asiaticos; suas refeições ordinarias passariam hoje por loucas orgias, e toda uma cidade moderna viveria durante oito dias com a meza de Lucullo preparada para uma ceia com alguns amigos do peito. Custa-nos a conceber, á vista dos nossos miserimos habitos, essas existencias enormissimas, realizando quanto a imaginação póde inventar de mais ousado, de mais extravagante e de mais monstruosamente fóra do possivel. Nossos palacios são estribarias em que Caligula não metteria o seu cavallo; o mais rico dos reis constitucionaes não tem o tractamento de um pequenino satrapa ou de um proconsul romano. Os sóes radiantes que brilhavam sobre a terra apagaram-se para sempre em

o nada da uniformidade; já se não levantam sobre as negras massas de homens esses colossos de fórmãs titanicas, que percorriam o mundo com meia duzia de passos, semelhantes aos cavallos de Homero;— já não ha torre de Lylacq, já não ha Babel gigante a escalar o céu com as suas espiraes infinitas, já não ha templos desmesurados construidos com pedaços de montanha, com terraços reaes que cada seculo e cada povo não puderam erguer sinão collectivamente, e de onde o principe, recostado e pensativo, podia contemplar a figura do mundo, como em um atlas estendido; já não ha essas cidades desordenadas, feitas com um innextricavel accervo de edificios cyclopicos, com as suas circumvallações profundas, com os seus circos noite e dia ruidosos, com os seus depositos cheios d'agua do mar e povoados de leviathans e baleias, com as suas rampas colossaes, com as suas superposições de terraços, com as suas torres cujos cimos entravam pelas nuvens dentro, com os seus palacios gigantes, com os seus aqueductos; com as suas canalisações subterraneas e suas necropoles tenebrosas! Ah! temos apenas colmeias de barro em um xadrez de calçadas.

Causa admiração que os homens se não tenham revoltado contra esses confiscos de todas as riquezas de todas as forças vivas, em proveito de poucos entes privilegiados, e que tão exorbitantes phantasias não tenham encontrado obstaculos no seu ensanguentado caminho. E' que estas existencias prodigiosas eram a realisação á luz do dia, dos sonhos de cada noite, — personificações do pensamento commum; é que os povos viviam symbolisados sob um desses nomes meteoricos que flammejam

inextinguivelmente na noite dos tempos. Hoje, privado desse spectaculo deslumbrante da vontade onnipotente, dessa profunda contemplação de uma alma humana cujo menor desejo se traduz em acções irauditas, em moles de granito e bronze, o mundo enfastia-se horivelmente e desesperadamente; o homem já não está representado na sua phantasia imperial.

A historia que escrevemos e o grande nome de Cleopatra que nella apparece, levaram-nos a estas reflexões, que soam mal a ouvidos civilisados. Mas o spectaculo do mundo antigo é tão esmagador, tão desanimador para as imaginações que se julgam desenfreadas e para os espiritos que suppõem haver attingido aos ultimos limites da magnificencia phantastica, que não vos podemos furtar a consignar aqui nosso pezar e tristeza por não havermos sido contemporaneos de Sardanapalo, de Teglath Phalazar, de Cleopatra, rainha do Egypto, ou, quando meos, de Helio-gabalo, imperador de Roma e sacerdote do sol.

Temos de descrever uma orgia immensa, um festim capaz de offuscar o de Balthazar, uma noite de Cleopatra. Como, com a lingua franceza, tão casta, tão glacialmente pudica, havemos de traduzir essa impetuosidade phrenetica, esse inaudito e potente desregramento que mistura o sangue e o vinho, essas duas purpuras, e os desenfreados impulsos da voluptuosidade insaciavel arcando com o impossivel, com todo o ardor dos sentidos, que o longo jejum christão ainda não conseguiu minorar?

A noite promettida devia ser esplendida; cumpria que todos os gozos possiveis de uma existencia humana se concentrassem em algumas horas;

cumpria fazer da vida de Meïamoun um elixir poderoso que elle pudesse beber em uma só taça. Cleopatra queria deslumbrar sua victima voluntaria, e mergulhá-la em um turbilhão de volupias vertiginosas, embriagá-la, atordoá-la com o vinho da orgia, para que a morte, acceita de bôa mente, chegasse sem ser vista, nem comprehendida.

Transportemos nossos leitores á sala do banquete.

Nossa architectura actual offerece poucos pontos de comparação com essas construcções immensas, cujas ruinas parecem antes montanhas desmoronadas do que restos de edificios. Era preciso toda a exaggeração da vida antiga, para animar e encher esses prodigiosos palacios, cujas salas eram tão vastas, que não podiam ter outro tecto sinão o céu, tecto magnifico e digno de semelhante architectura!

A sala do festim tinha proporções enormes e babilonicas; a vista não podia penetrar a sua amplidão incommensuravel; columnas monstruosas, curtas, bôtas, capazes de supportar o polo, apoiavam rudemente os fustes gigantes em soccos peçados de hieroglyphos, e sustentavam, nos seus pesados capiteis, enormes arcadas de granito superposto como uma escada invertida. No meio de cada par de columnas uma esphinge colossal de basalto tocada com o *pschent*, estendia a cabeça com olhos obliquos, e queixo saliente, e deitava para a sala um olhar fixo e mysterioso. No segundo andar, como couce do primeiro, os capiteis das columnas, mais esbeltas na fórmula, eram substituidos por quatro cabeças de mulher com barbas canutadas e os cabellos dispostos á moda egypcia; em logar das esphinges, idolos com cabeças de touro, espectadores impassiveis dos delirios noctur-

nos e dos furores das orgias, estavam assentados em thronos de pedra, como hospedes pacientes, que esperam que o convivio comece.

Terceiro andar de ordem differente, com elephantes de bronze, a deitar agua perfumada pela tromba, coroava o edificio; por cima abria-se o céu, como um golpho azul, e as estrellas curiosas debruçavam-se sobre a frisa.

Prodigiosas escadarias de porphyro, tão polidas, que reflectiam os corpos como si foram espelhos, subiam e desciam de toda a parte, e ligavam entre si essas grandes massas de architectura.

Não fazemos mais do que traçar aqui um esboço rapido, para dar a entender a disposição dessa construcção enormissima com proporções fóra de toda a medida humana. Seria preciso o pincel de Martim, o grande pintor das enormidades desaparecidas, e não temos mais do que um tenue traço de penna, em logar da profundidade apocalyptica, negra e fatidica; mas a imaginação tudo supprirá; menos felizes que o pintor e o musico, não podemos appresentar os objectos sinão uns depois de outros. Não fallámos sinão da sala do festim, deixando de parte os convivas; e ainda assim, não fizemos mais do que esboçá-la. Cleopatra e Meïamoun nos esperam; ei-los que se adeantam.

Meïamoun estava vestido com uma tunica de linho constellada de estrellas, com um manto de purpura e fexas pendentes da cabeça, como um rei oriental. Cleopatra trazia uma veste verde-mar, aberta do lado e presa por abelhas de ouro; cingiam-lhe os braços nús duas ordens de grossas perolas; sobre a cabeça resplandecia-lhe a corôa de pontas de ouro. Apezar do sorriso que lhe pai-

rava nos labios, uma nuvem de preocupação sombreava-lhe um pouco a formosa fronte, e as sobrancelhas approximavam-se, ás vezes, uma da outra, com um movimento febril. Alguma cousa póde, portanto, contrariar a poderosa rainha! Quanto a Meïamoun, tinha a tez ardente e luminosa de um homem em extase ou com uma visão; effluvios resplandecentes, partindo-lhe das temporas e da fronte, formavam-lhe em torno da cabeça uma auréola, como si fôra um dos doze grandes deuses do Olympo.

Uma alegria grave e profunda brilhava-lhe em todo o semblante; abraçára uma chimera de azas inquietas, sem que ella voasse; attingira o alvo de sua vida. Vivesse embora a idade de Nestor e de Priamo; visse embora as suas temporas sulcadas de cabellos brancos como os do summo sacerdote de Ammon nada de novo experimentaria, nada de novo conheceria. Conseguira tanto e tão além das suas mais loucas esperanças, que o mundo já não tinha cousa alguma a dar-lhe.

Cleopatra fê-lo sentar-se a seu lado em um throno ladeado de gryphos de ouro, e bateu as mimosas palmas. De improviso, linhas de fogo, cordões scintilantes, desenharam todas as saliencias da architectura; os olhos das esphinges despediram clarões phosphorecentes, um habito inflamado sahiu das narinas dos idolos; os elephantes, em vez de agua perfumada, sopravam uma columna avermelhada; braços de bronze sahiram das paredes com brandões na mão; dós immensos calices esculpturados dos lotus jorraram raios deslumbrantes.

Largas chammaz azuladas erguiam-se das tripodes de bronze, candelabros gigantes sacudiam a cabelleira luminosa no meio de um vapor ardente;

tudo scintillava e resplandecia. Os iris prismáticos cruzavam-se e quebravam-se no ar; as facetas das taças, os ângulos dos marmores e dos jaspes, os labores dos vasos, tudo tremeluzia, brilhava e esclarecia. A claridade jorrava em torrentes, e caía de degráu em degráu, como uma catadupa sobre uma escadaria de porphyro, simulando a reverberação de um incendio na face de um rio; si a rainha de Sabá tivesse subido ao palacio, levantaria a fimbria da veste, suppondo caminhar sobre agua como sobre o assoalho esplendente do rei Salomão. Por entre essa nuvem brilhante as fórmas monstruosas dos colossos, os animaes, os hieroglyphos, pareciam mover-se e viver de uma vida artificial; os cordeiros de granito negro baltavam ironicamente e cruzavam as pontas de ouro, os idolos respiravam ruidosamente pelas narinas inflammadas.

A orgia estava no seu auge; os pratos de linguas de phenicopteros e de figados de scaros, as mureas cevadas com carne humana e preparadas com garum, os miolos de pavão, os javalis cheios de passaros vivos, e todas as maravilhas dos festins antigos decupladas e centuplicadas, accumulavam-se sobre os tres pannos do enorme triclinio. Os vinhos de Creta, de Massico e de Falerno espumavam em taças de ouro corôadas de rosas, cheias pelos servos asiaticos, cujos bellos cabellos fluctuantes serviam para enxugar as mãos dos convivas. Musicos tocavam sistro, psalterio, sambuca e harpa de vinte e uma cordas, enchendo os andares superiores e lançando o seu ruido harmonioso no meio da tempestade de mil rumores que dominava os risos e folgares: o trovão não poderia erguer a voz de sorte a ser ouvido.

Meïamoun, com a caleça pendida sobre a espadua de Cleopatra, sentia escapar-se-lhe a razão; a sala do festim rodoinhava em torno d'elle, como um immenso pesadello architectonico; via, atravez do seu deslumbramento, perspectivas e columnadas sem fim; novas zonas de porticos superpunham-se ás verdadeiras e immergiam-se nos céus em taes alturas quaes nunca attingiram as Babeis. Si não houvera sentido em sua mão a mão meiga e fria de Cleopatra, ter-se-hia acreditado transportado a uma região de encantamentos por algum feiticeiro da Thessalia ou algum mago da Persia.

Quando o banquete tocava o seu termo, anãos corcundas e extravagantes executaram dansas e combates comicos; depois donzellas egypcias e gregas, representando as horas negras e as horas brancas, dansavam, no rythmo ionio uma dansa voluptuosa com perfeição inexcedivel.

A propria Cleopatra levantou-se do throno, tirou o manto real, substituiu o diadema sideral por uma corôa de flôres, tomou nas mãos de alabastro crotalos de ouro, e poz-se a dansar deante de Meïamoun, ébrio de enlevo. Seus formosos braços, arredondados como as azas de um vaso de marmore, desprendiam de cima de sua cabeça cachos de notas brilhantes, emquanto os crotalos balbuciavam com uma volubilidade sempre crescente. Em pé sobre a ponta vermelha dos pequenos pés, adeantava-se rapidamente e vinha desflorar com um beijo a fronte de Meïamoun; recomeçava depois a dansa e voltejava em torno d'elle, ora inclinando-se para traz, com a cabeça pendida, os olhos semi-abertos, os braços estirados e mortos, os cabellos soltos e desgrenhados como uma bac-

chante do monte Menalo, agitada pelo seu deus; ora agil, rapida, risonha, saltitante, infatigavel, e mais caprichosa em seus meandros que a abelha sobre as flôres. Amor do coração, volupia dos sentidos, paixão ardente, mocidade inesgotavel e fresca, promessa da felicidade proxima, ella tudo exprimia.

As estrellas pudicas já não olhavam; suas castas pupillas de ouro macular-se-hiam em semelhante espectaculo; o proprio céu se havia encoberto, e uma abobada de vapor inflammado cobria a sala.

Cleopatra voltou a sentar-se ao lado de Meiamoun. A noite adeantava-se, a ultima das horas negras ia voar; uma claridade azulada entrou a medo no meio desse tumulto de luzes rubras, como um raio de lua que cahe em uma fornalha; as arcadas superiores azularam-se pouco e pouco, e o dia surgiu.

Meiamoun tomou o vaso de chifre que lhe estendeu um escravo ethiope de physiognomia sinistra, e que continha um veneno de tal arte violento, que faria rebentar outro vaso qualquer. Depois de haver atirado sua vida á sua amante em um derradeiro olhar, levou aos labios a taça funesta em que o licor venenoso fervia e silvava.

Cleopatra empallideceu e poz a mão sobre o braço de Meiamoun, para detê-lo. Movia-a o seu valor; ia dizer-lhe: «—Vive ainda para amar-me, eu assim o quero...» quando ouviu-se o som de uma trombeta.

Quatro arautos entraram a cavallo na sala do convivio: eram officiaes de Marco Antonio que apenas de alguns passos precediam seu senhor. Cleopatra deixou silenciosa o braço de Meia-

moun. Um raio do sol veio brincar na fronte da rainha como substituindo o diadema ausente.

— Bem vêdes que o momento é chegado; é já dia, é a hora em que os formosos sonhos voam, disse Meiamoun. Depois hauriu de um gole a taça fatal, e cahiu, como si o fulminára um raio. Cleopatra deixou pender a fronte, e, na sua taça, uma lagryma ardente, a unica que derramou em sua vida, foi junctar-se á perola fundida.

— Por Hercules! minha formosa rainha, debalde foi o meu açodamento, vejo que chego tarde, disse Marco Antonio entrando na sala do festim; a ceia está terminada. Mas o que significa este cadaver cahido sobre a pedra fria?

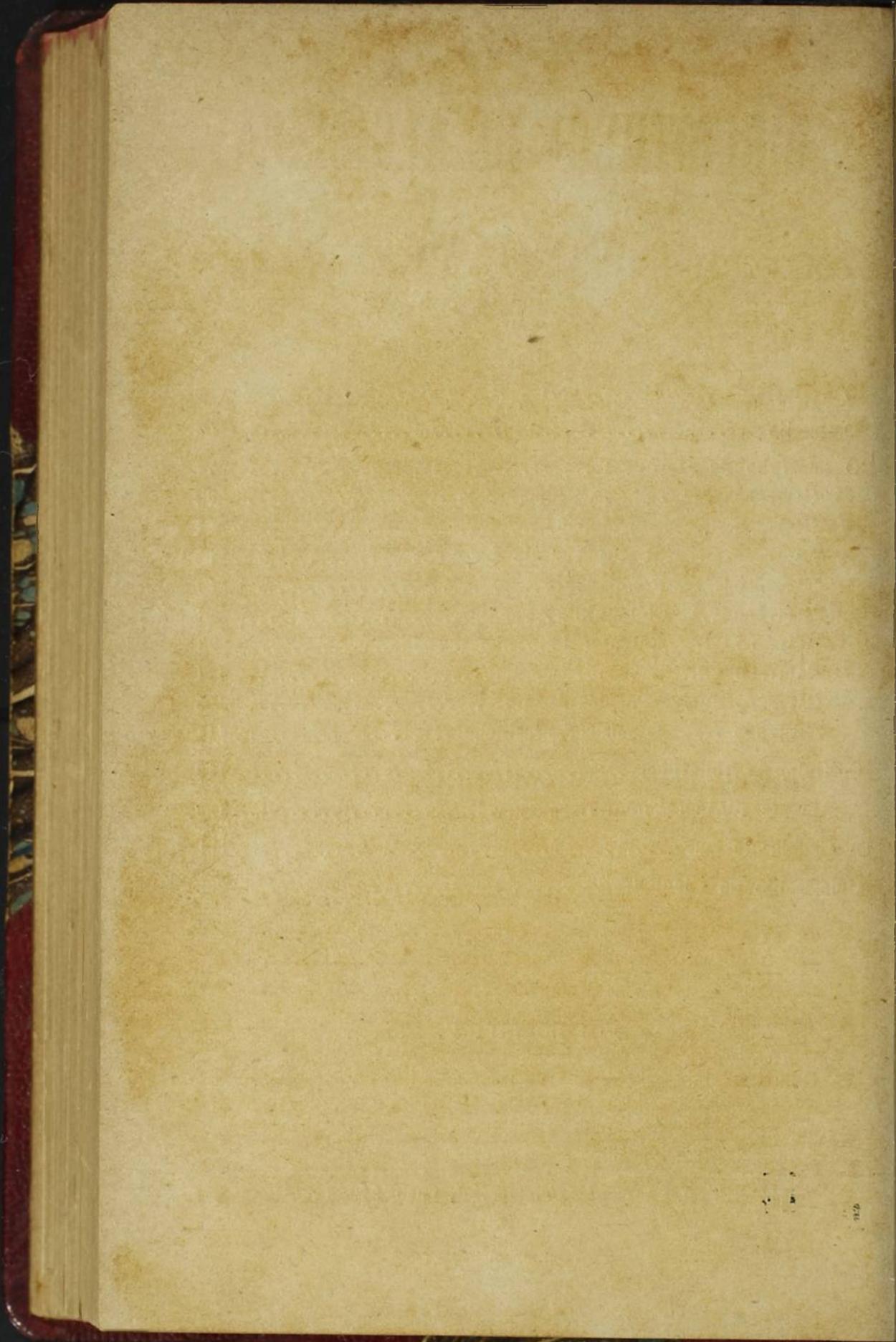
— Oh! nada, disse Cleopatra sorrindo; foi um veneno que experimentei para servir-me delle, si Augusto me aprisionasse. Quereis, meu amado senhor, sentar-vos a meu lado e assistir á dansa destes truões gregos?...

FIM

INDICE

	Pags.
O Vellocinio.....	5
Omphalia.....	63
O Cãosinho da Marqueza.....	77
CAPITULO I. — O dia seguinte á ceia.....	79
CAPITULO II. — Fanfreluche.....	81
CAPITULO III. — Um pastel de Latour.....	85
CAPITULO IV. — Pompadour.....	87
CAPITULO V. — Colloquio.....	91
CAPITULO VI. — Entre o leito e a parede....	93
CAPITULO VII. —	101
CAPITULO VIII. — Perplexidade.....	105
CAPITULO IX. — O falso Fanfreluche.....	111
O Ninho de Rouxinões.....	119
A Amante d'Além Tumulo..	129
A Cadeia de Ouro.....	171
Uma Noite de Cleopatra.....	203

FIM DO INDICE.



BIBLIOTHECA DE ALGIBEIRA

COLLECÇÃO IN-12 A 1\$000 O VOL. BROCHADO

J. DE ALENCAR	— Til	4 v.
BERNARDO GUIMARÃES	— O Indio Affonso.....	1 v.
O. FEUILLET	— Julia.....	1 v.
J. SANDEAU	— João de Thommeray.....	1 v.
FAUSFO	— Um casamento de tirar o chapéo...	1 v.
—	— A' Caça de um Baroneto.....	1 v.
—	— Scenas da Vida Republicana.....	1 v.
—	— Um provinciano ladino.....	1 v.
—	— Dous dias de Felicidade no Campo.	1 v.
KOCK JUNIOR	— Um marido por um pé de meia....	1 v.
—	— O bom do Sr. Leitão.....	1 v.
—	— O Pandego.....	1 v.
A. BELOT	— A Mulher de Fogo.....	2 v.
A. BELOT e J. DAUTIN	— O Matricida.....	2 v.
—	— Dacolard e Lubin.....	2 v.
E. ABOUT	— O Nariz de um Tabellião.....	1 v.
A. DUMAS FILHO	— O Homem-Mulher.....	1 x.
—	— Sophia Printemps.....	2 v.
P. DE KOCK	— Fricquette	2 v.
—	— A Casa Perdailon & Ca.....	2 v.
—	— Memorias.....	2 v.
A. ASSOLANT	— Confissão de um Badense.....	1 v.
—	— O Doutor Judassohn.....	1 v.
E. GABORIAU	— A Vida infernal.....	6 v.
—	— A Corda na Garganta.....	5 v.
MAX VALREY	— Martha.	3 v.
P. FÉVAL	— O Sobrevivente.....	4 v.
E. FEYDEAU	— A Arte de agradar.....	1 v.

A VENDA NA MESMA LIVRARIA

OBRAS DIVERSAS

J. de Alencar

- O GUARANY, rom. brasileiro, 4ª edição, 2 v. in-8º enc. 8\$000
 O DEMONIO FAMILIAR, comedia em 4 actos, 2ª ed. 1 v. br. 1\$500
 MÃI, drama em 4 actos, 2ª edição, 1 v. br. 2\$000
 VERSO E REVERSO, com. em 2 actos, 2ª ed. 1 v. br.. 1\$000
 AS AZAS DE UM ANJO, com. em 1 prologo, 4 actos e 1 eplioço, 2ª edição, 1 v. br... 2\$000

G. M.

- SENHORA, perfil de mulher,
 DIVA, perfil de mulher, 3ª ed.
 1 v., (no prelo).
 LUCIOLA, perfil de mulher, 3º ed.
 1 v. enc..... 3\$000

J. M. de Macedo

- OS QUATRO PONTOS CARDEAES.—
 A MYSTERIOSA. Romances, 1 gr. vol. 8º, enc. 3\$. br. 2\$500
 AS VICTIMAS ALGOZES, quadros da escravidão, 2 v. broch. 5\$, enc 7\$000
 VICENTINA, 3ª edição, 3 v. br. 5\$, enc..... 7\$000
 O FORASTEIRO, romance brasileiro, 2ª ed. 3 v. in-8º, enc. 7\$, br..... 5\$000
 A NEBULOSA, 1 v. enc.. 3\$500
 THEATRO COMPLETO. 3 v. enc. 9\$ encadernação dourada. 12\$000

- CINCINATO QUEBRA LOUÇA, com.
 1 v. in-8º br..... 2\$000
 LUXO E VAIDADE, PRIMO DA CALIFORNIA, AMOR E PATRIA, comedias, 1 v. in-8º br. 2\$000
 LUSBELLA; comedia 1 v. in-8º, br..... 1\$500
 FANTASMA BANCAL, comedia 1 v. in-8º br.. 1\$500
 NOVO OTHELLO, comedia, 1 vol. in-8º br..... \$500
 O PRIMO DA CALIFORNIA, comedia, 1 v. in-8º br..... 1\$000

Bernardo Guimarães

- O ERMITÃO DO MUQUEM, ou a historia da fundação da romaria de Muquem, na provincia de Goyaz, rom. de costumes nacionaes, 1 v. enc..... 3\$000

J. Norberto de S. e S.

- BRAZILEIRAS CELEBRES, 1 v. in-8º enc 2\$000
 FLORES ENTRE ESPINHOS, contos poeticos, 1 v. in-8º enc. 2\$000

Eugenio Sue

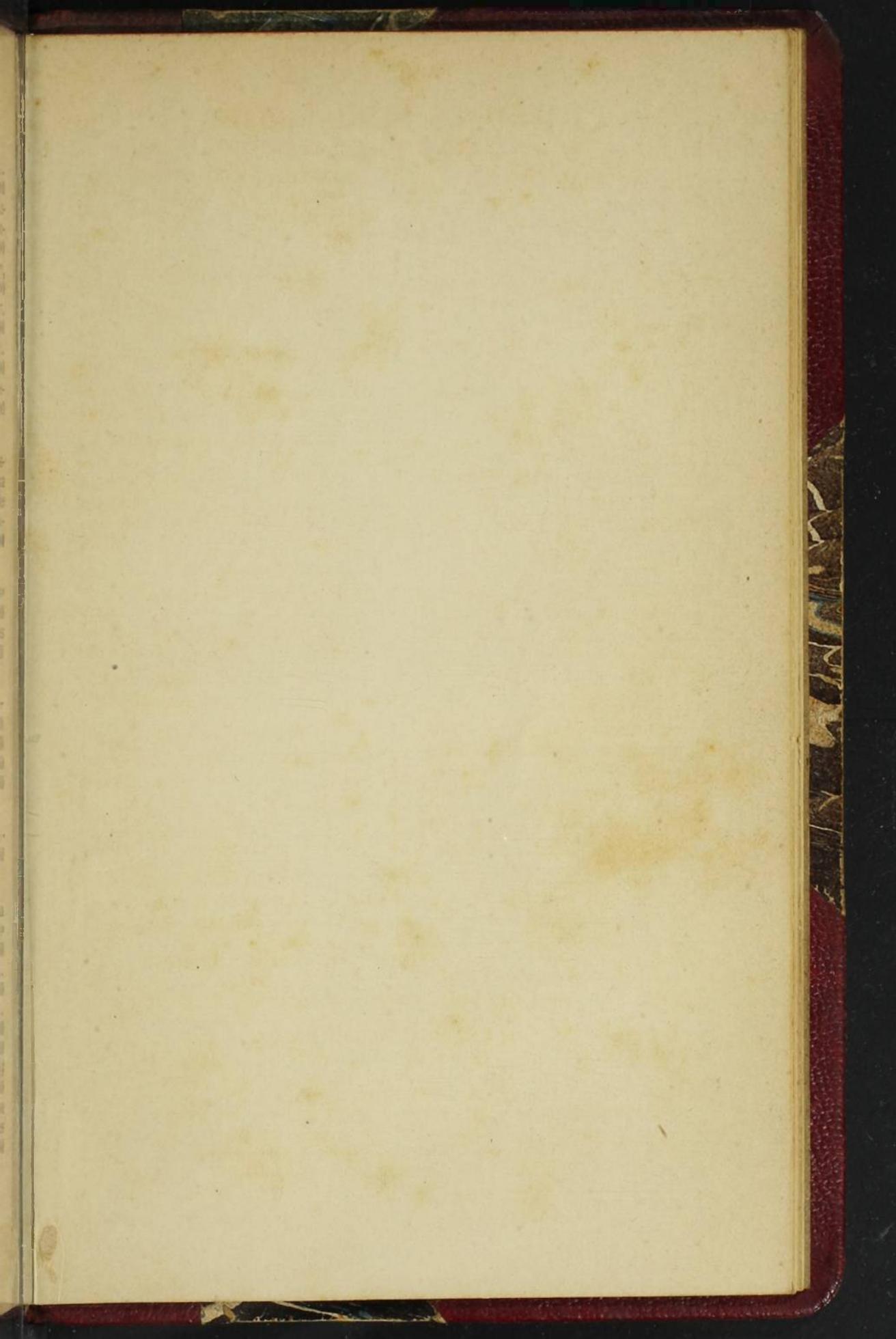
- A INVEJA, 1 v. in-fº enc. 5\$, brochado..... 4\$000
 A IBA, 1 v. in-fº enc. 3\$, b. 2\$000
 A SOBERBA, 1 v. in-4º enc. 8\$000
 br 6\$000

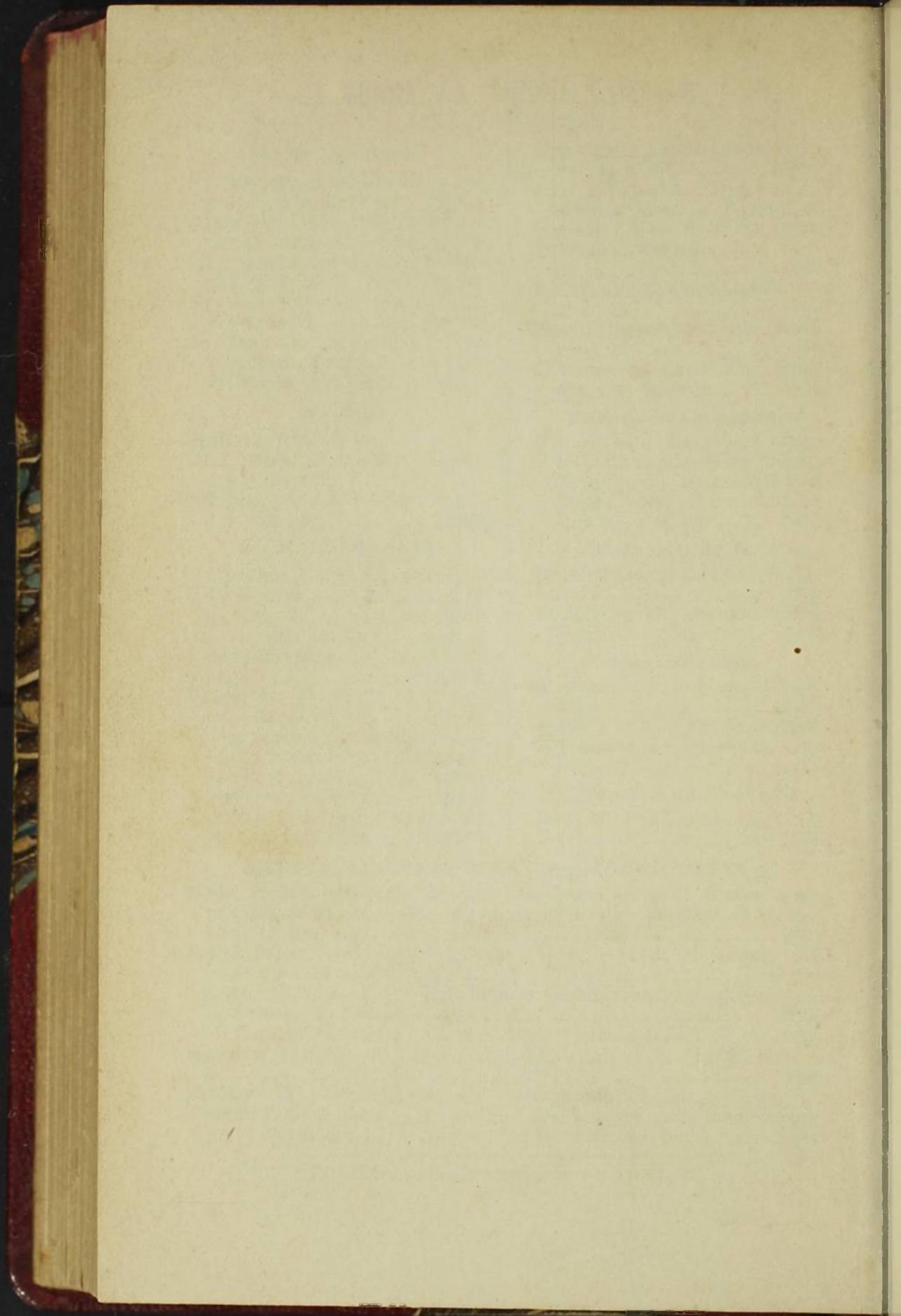
Moreira de Azevedo

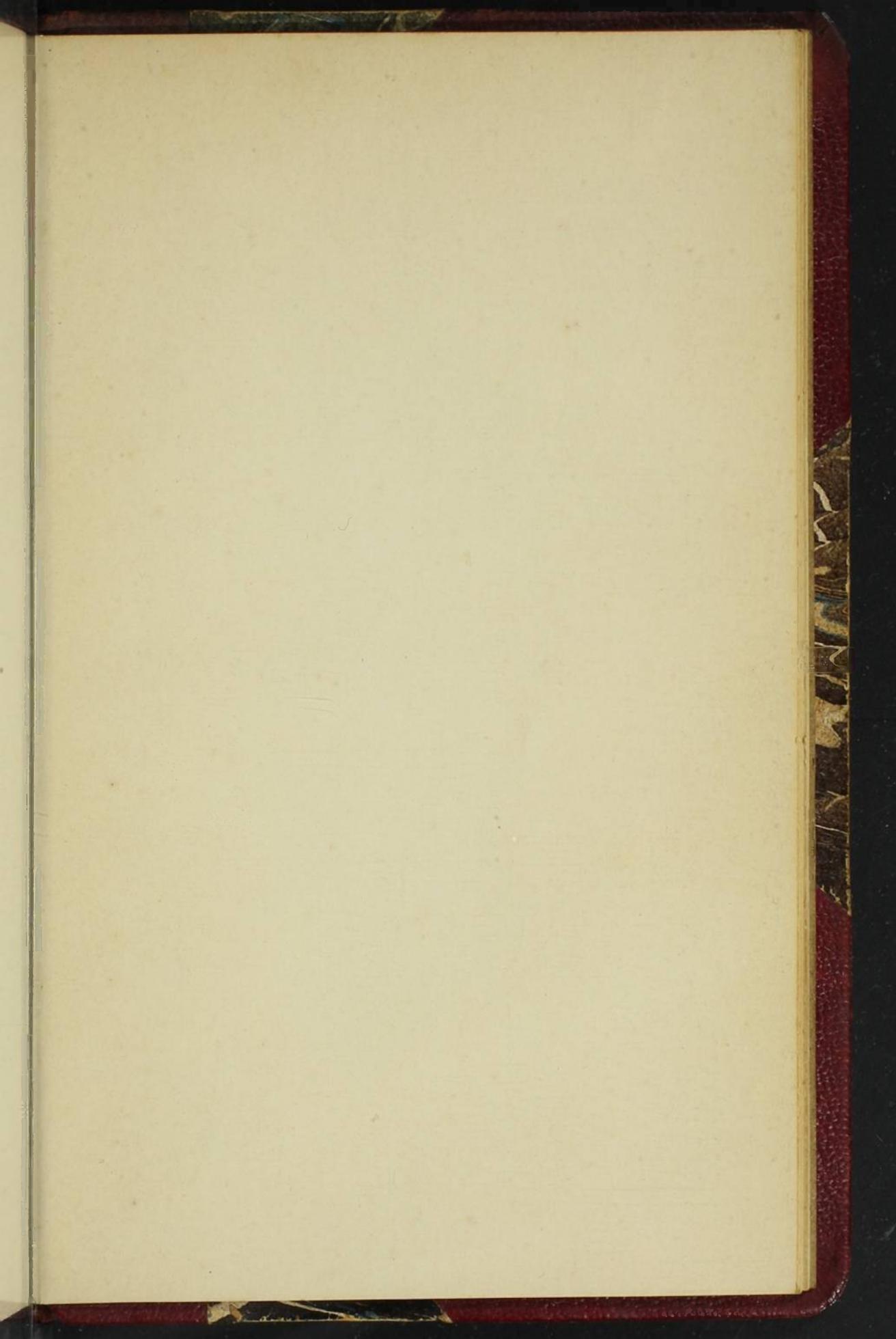
- MOZAICO BRAZILEIRO, 1 v. in-8º enc..... 3\$000

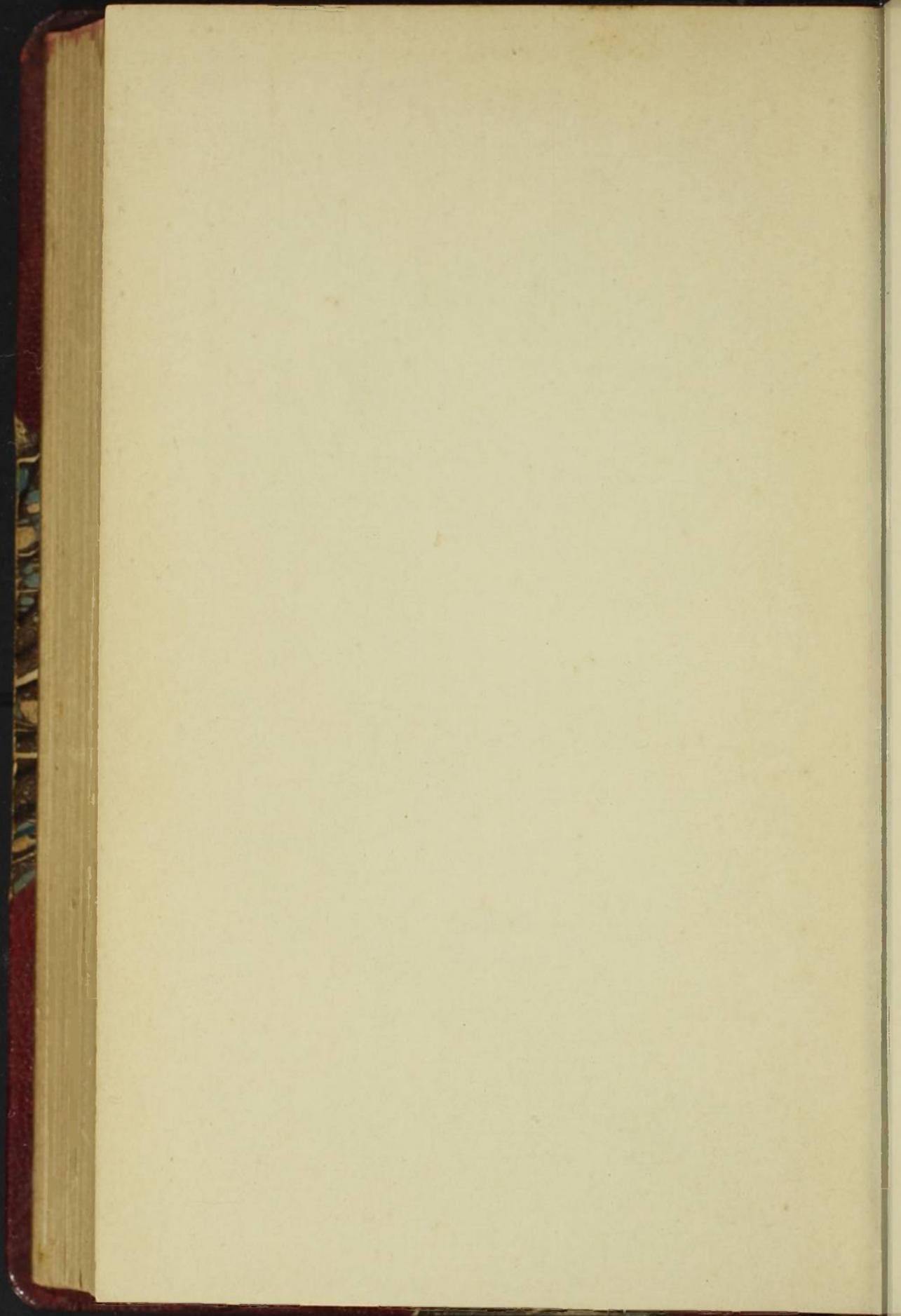
BIBLIOTHECA ESCOLHIDA

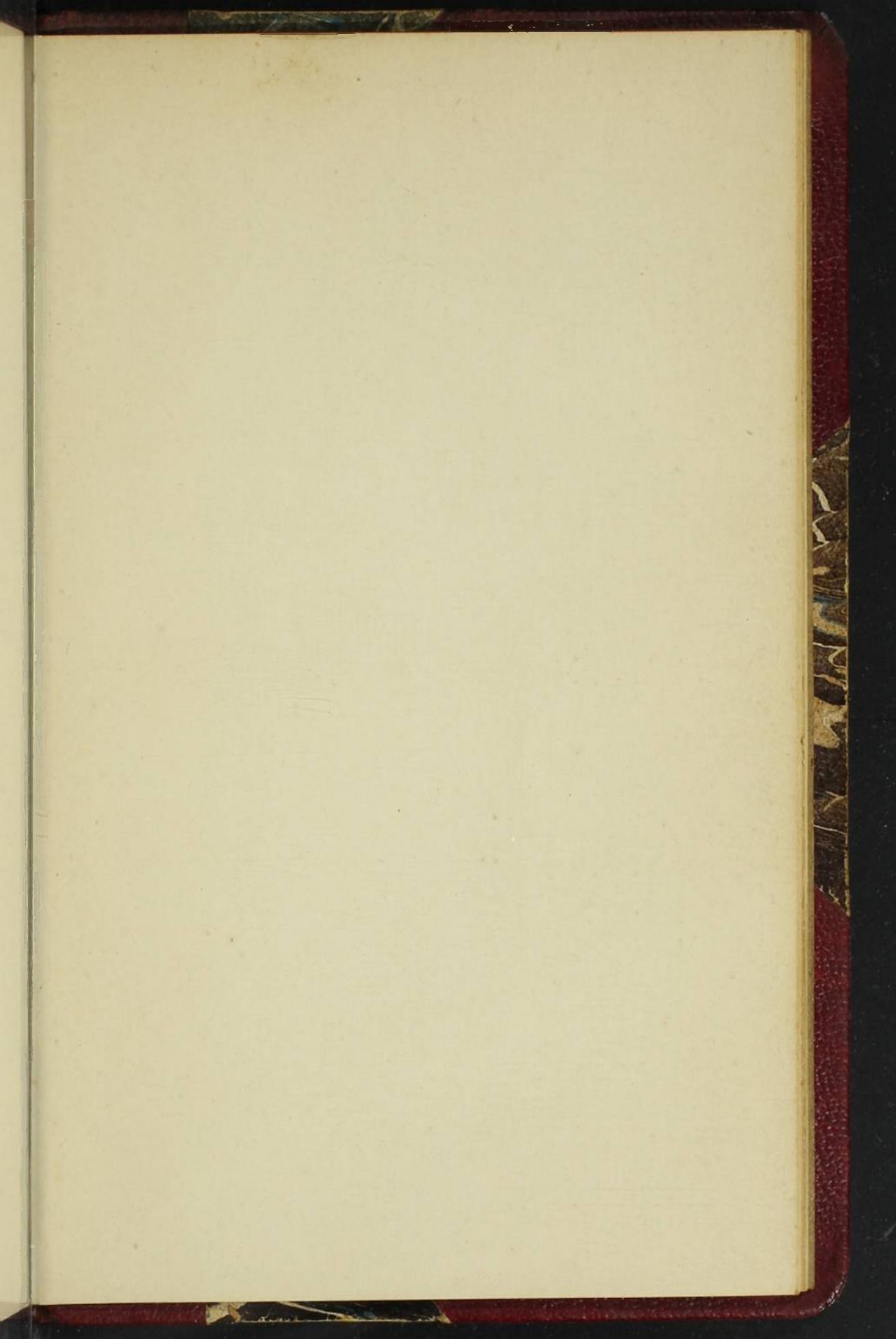
- Macé** (João).—Historia de um bocadinho de pão, cartas a uma menina acerca da vida do homem e dos animaes, 1 v. in-8º enc. 4\$ br. 3\$000
Hugo (Victor).—Noventa e tres, Guerra civil, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Verne (Julio).—Vinte Mil Leguas Submarinas, 1 grosso vol. in-8º enc. 4\$ br 3\$000
 — O Capitão Hatteras, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Kardec (Allan).—O Livro dos Espiritos, 1 v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000
Debay (A).—Phisiologia do Matrimonio, historia natural e medica do homem e da mulher casados nas suas mais curiosas particularidades, 1 grosso v. in-8º enc. 4\$ br..... 3\$000

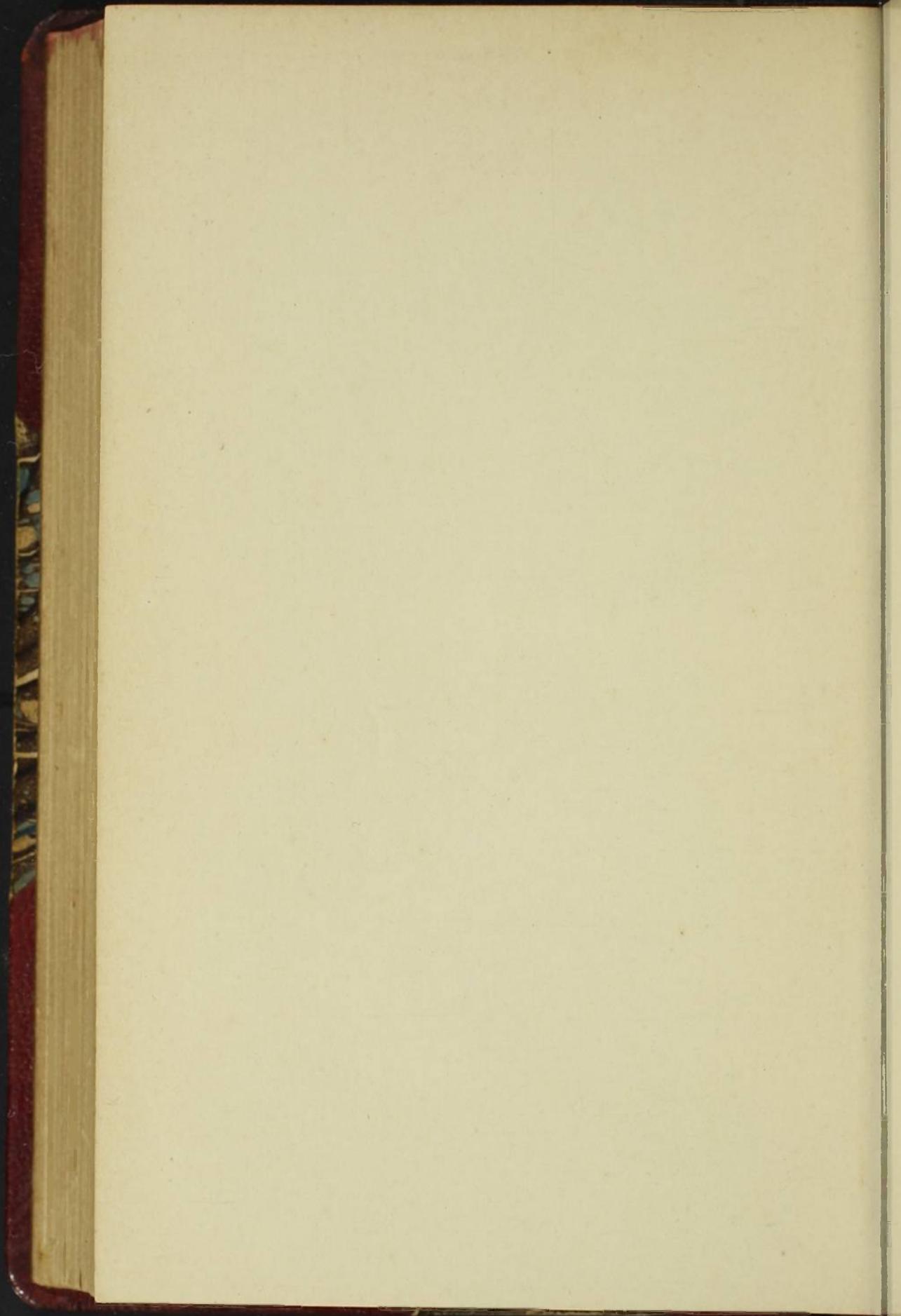


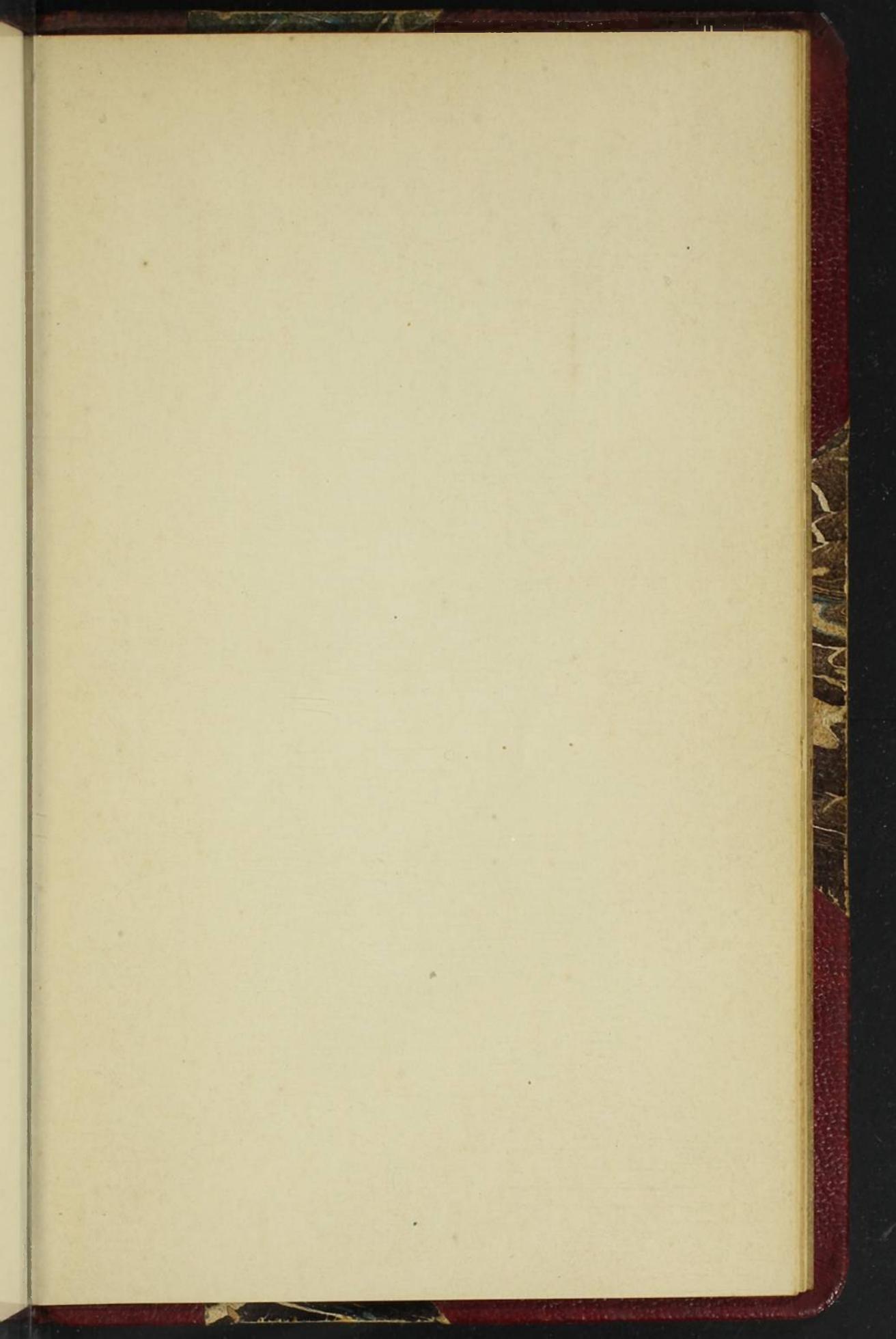


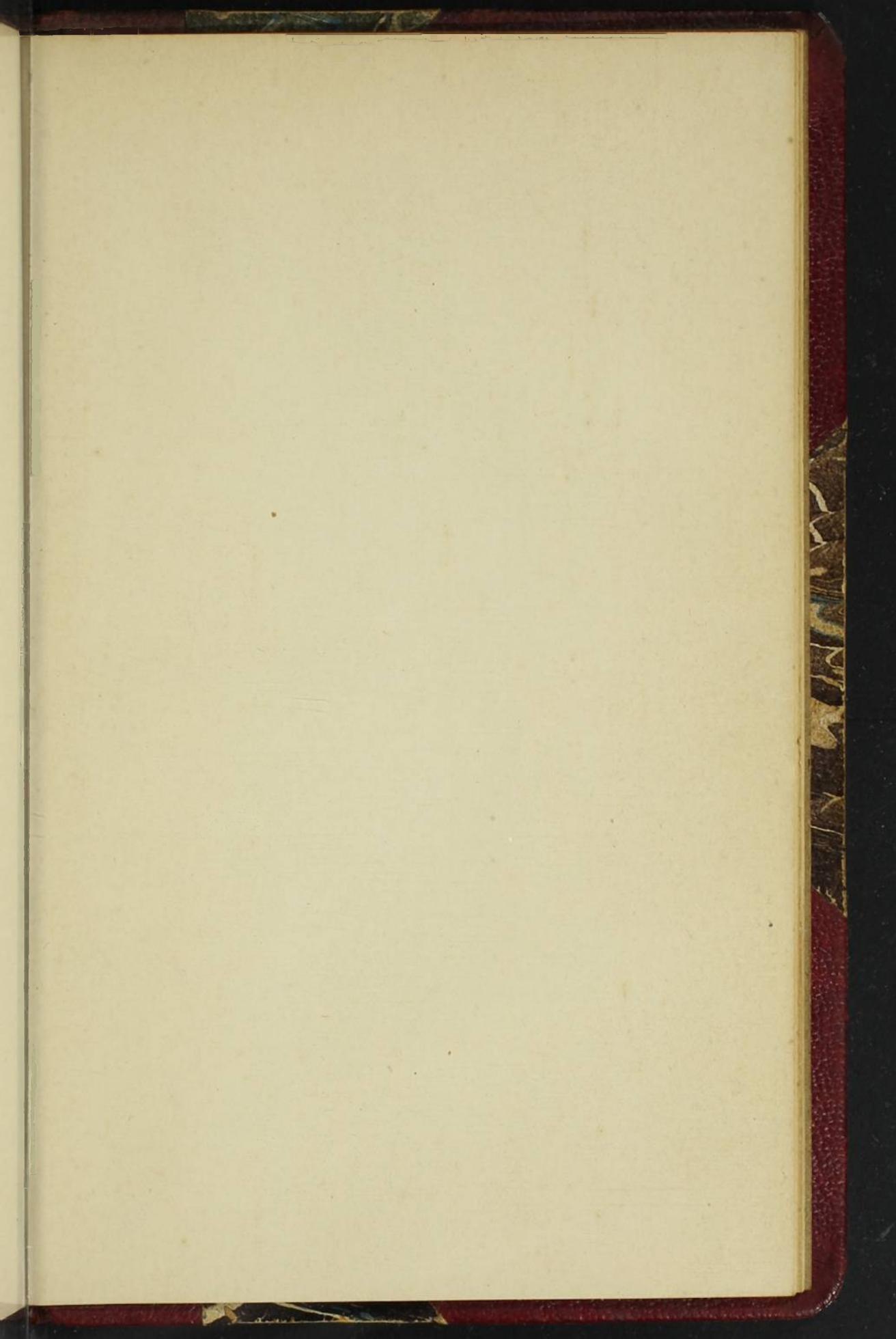


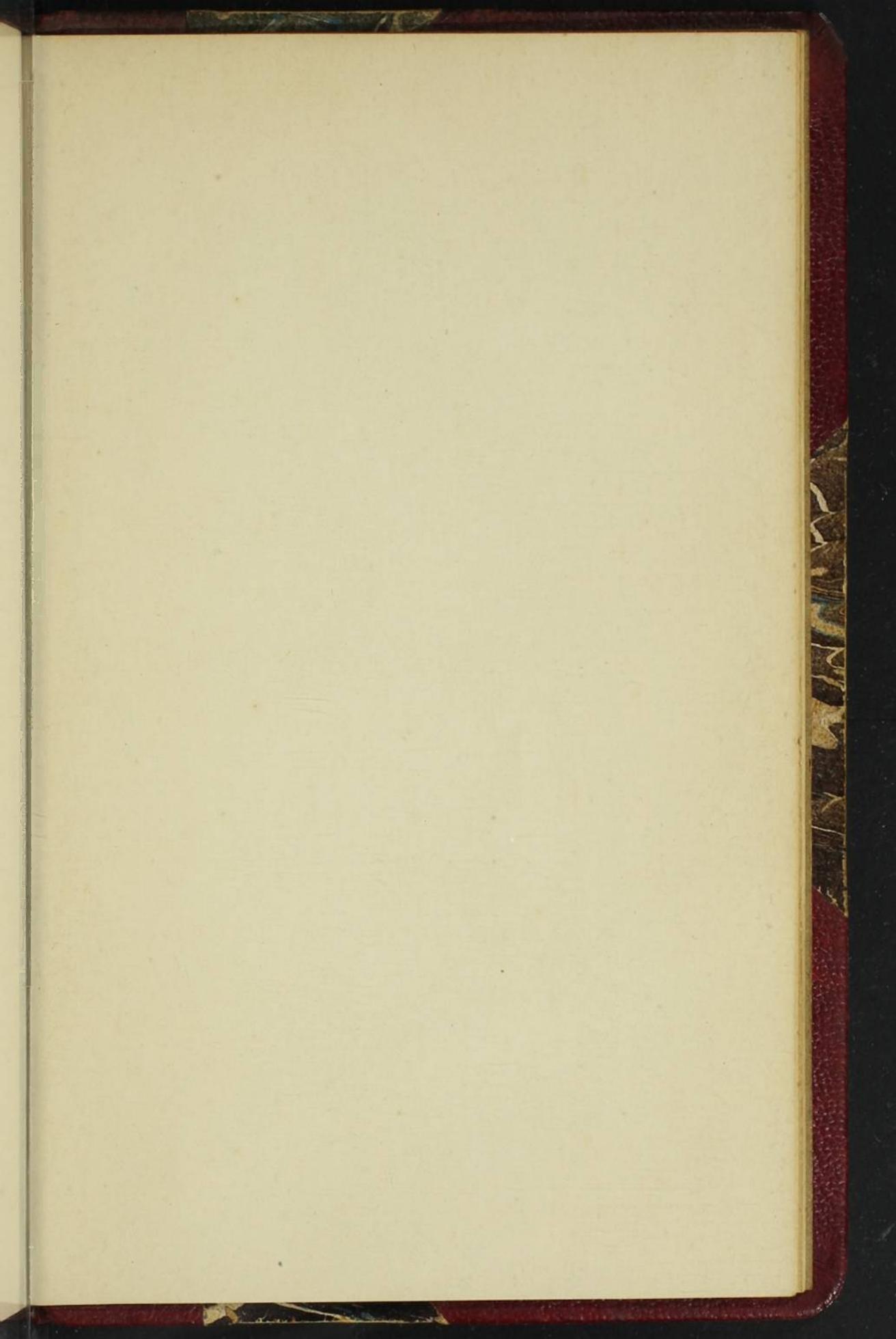


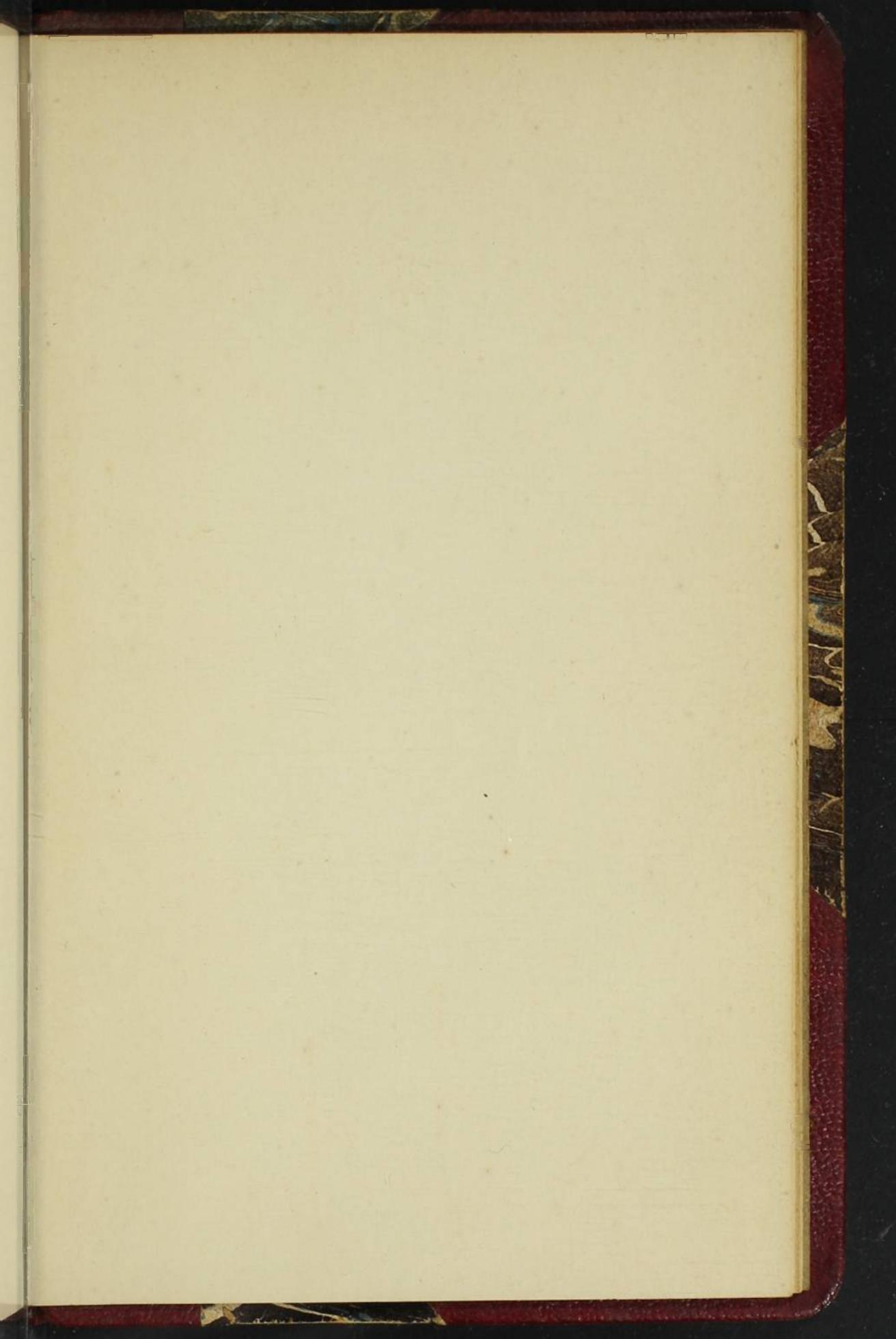


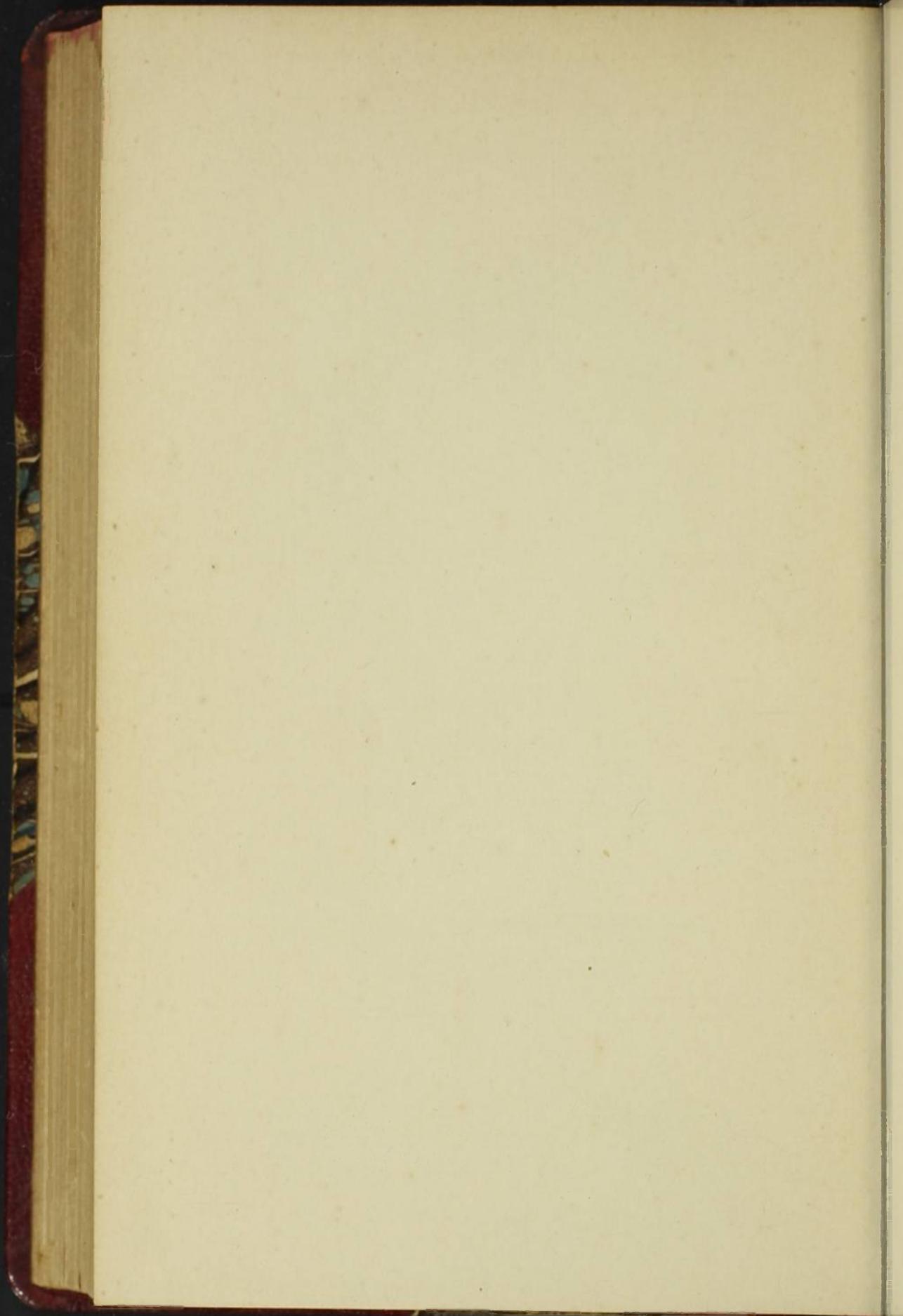


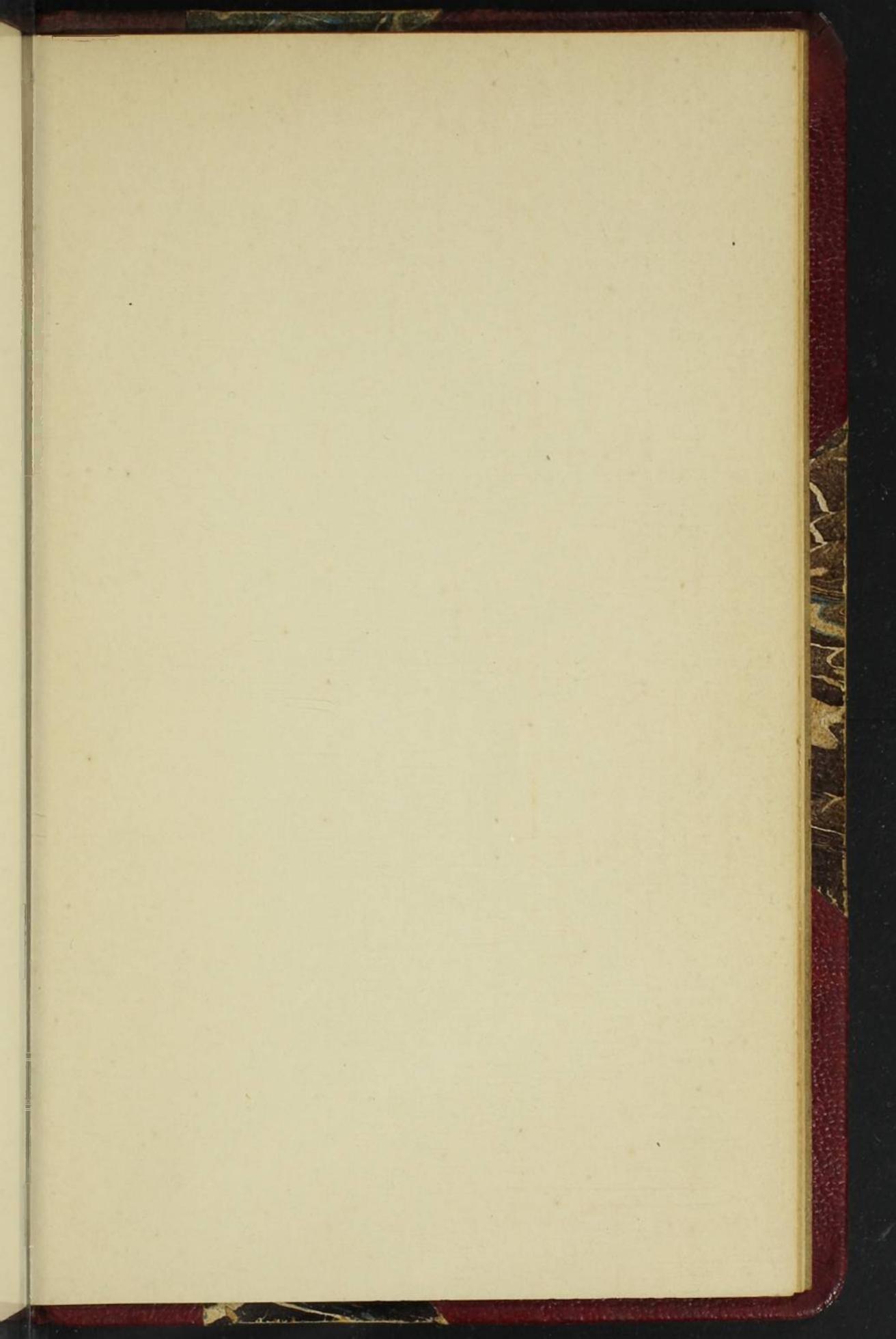


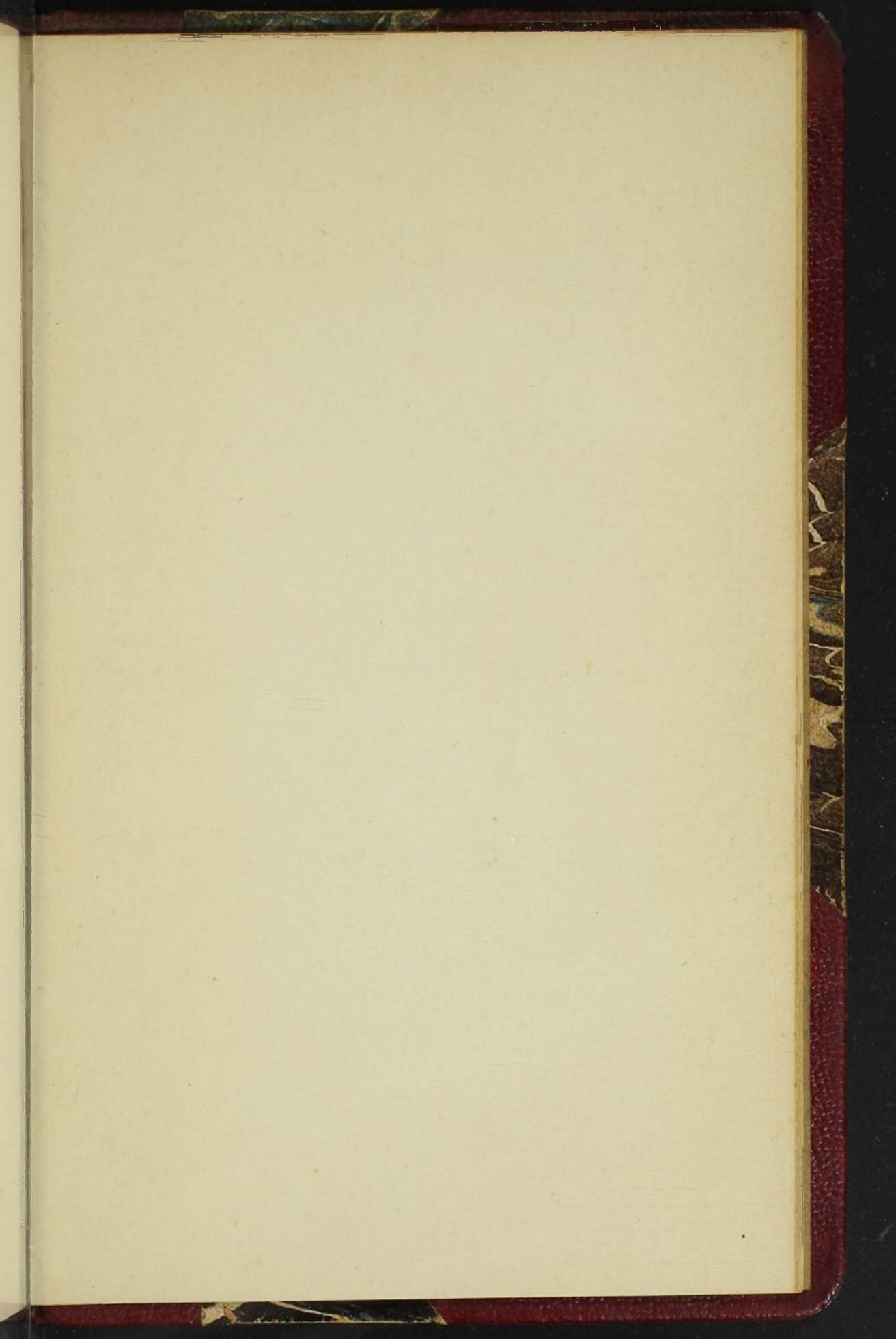


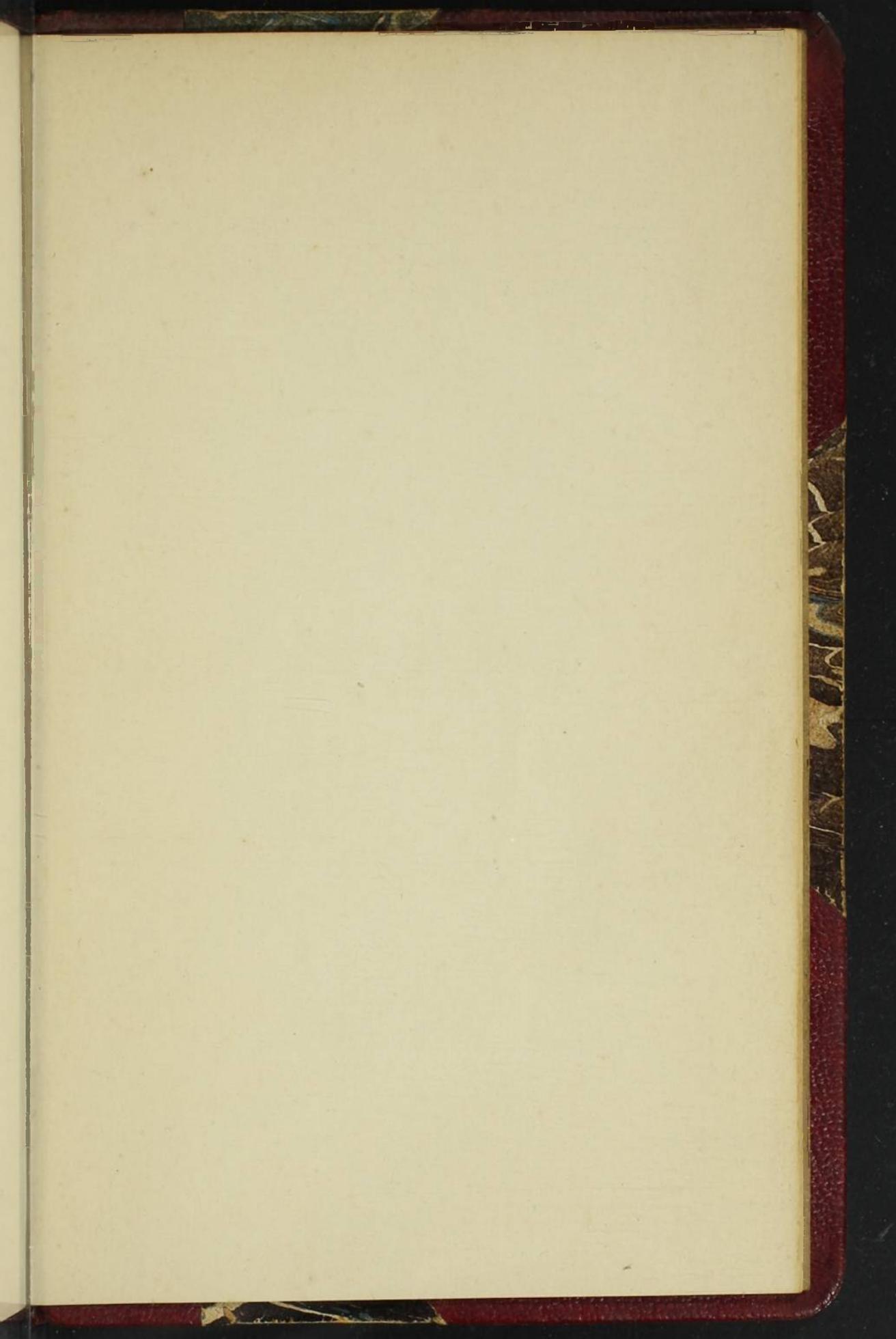


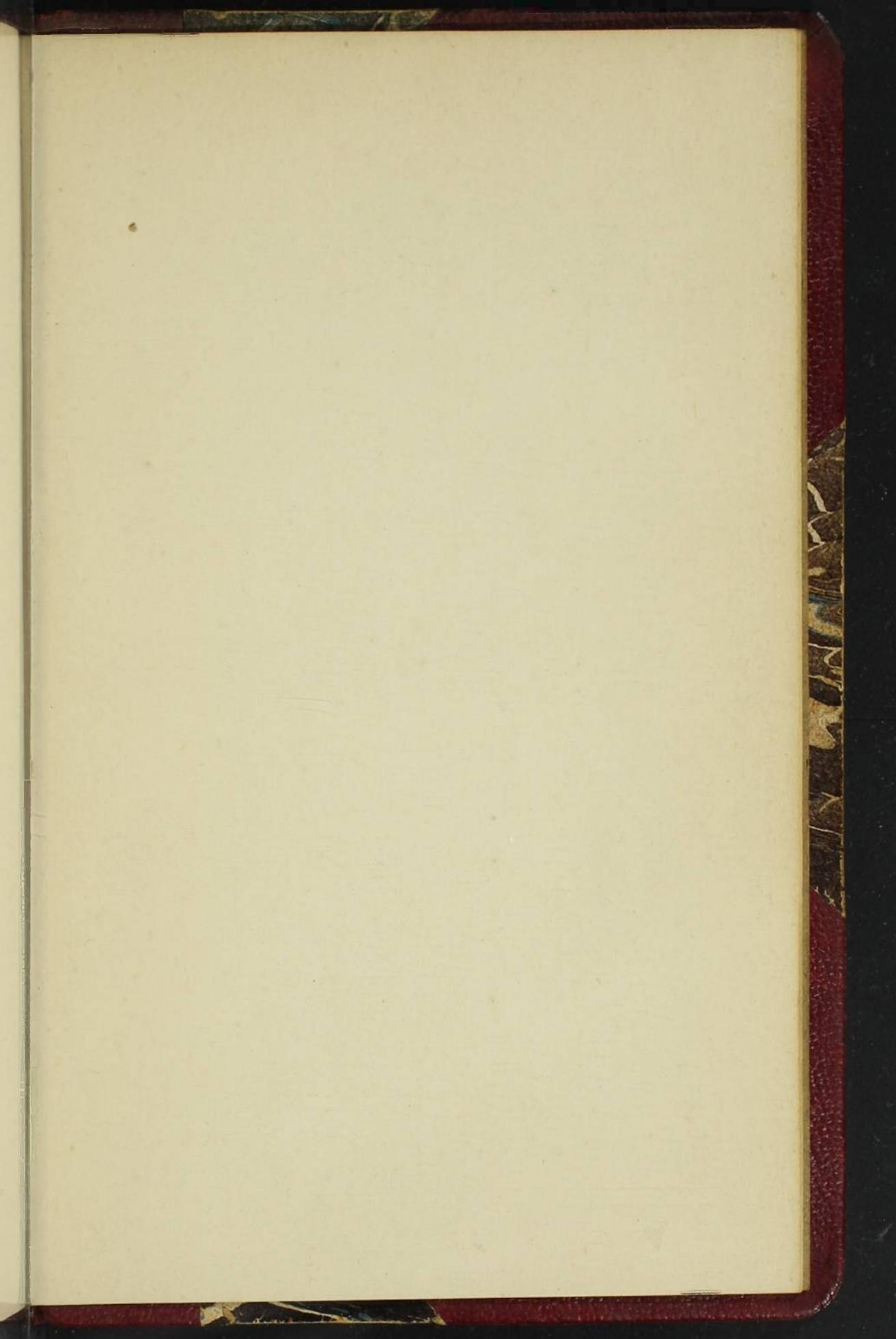


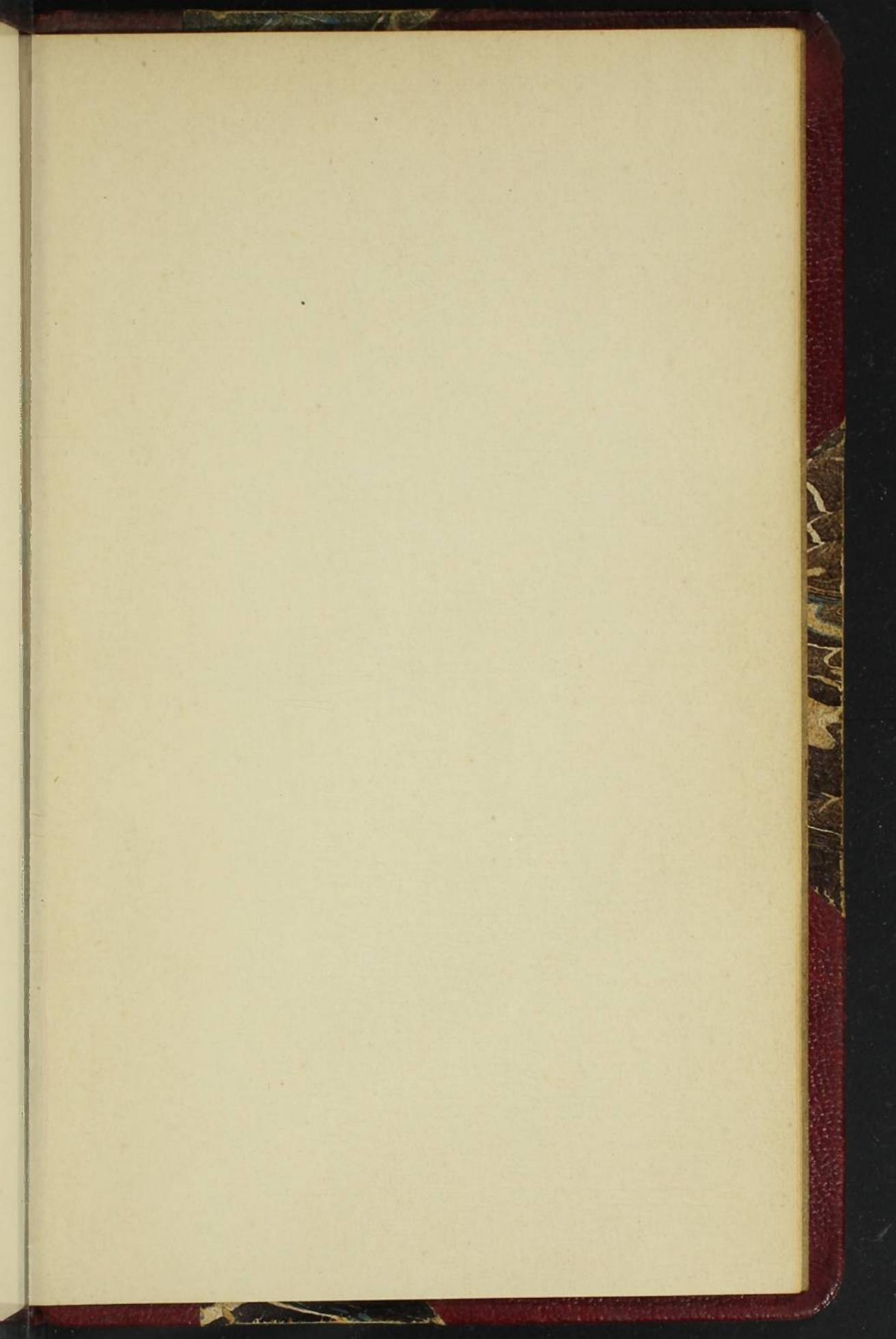


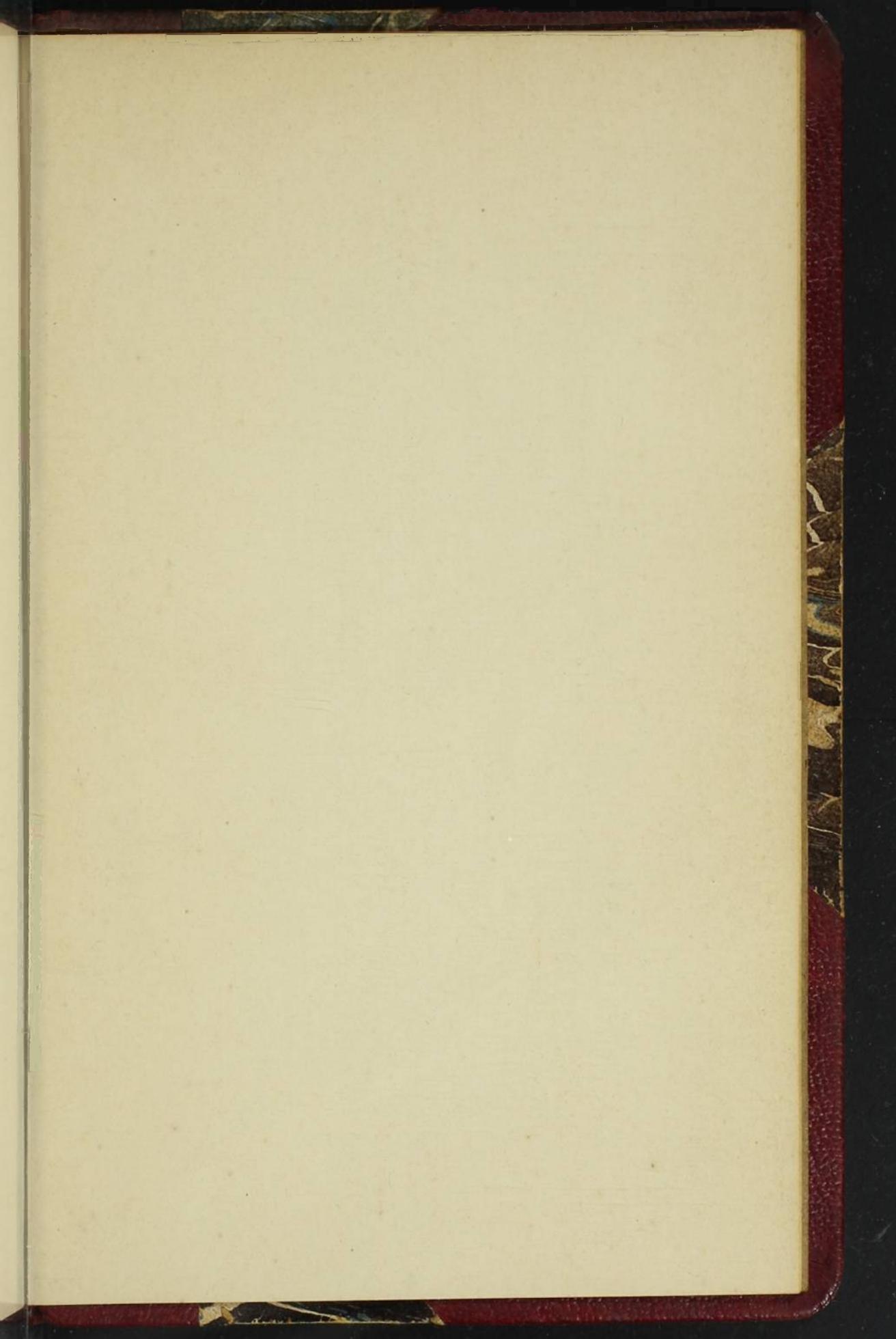


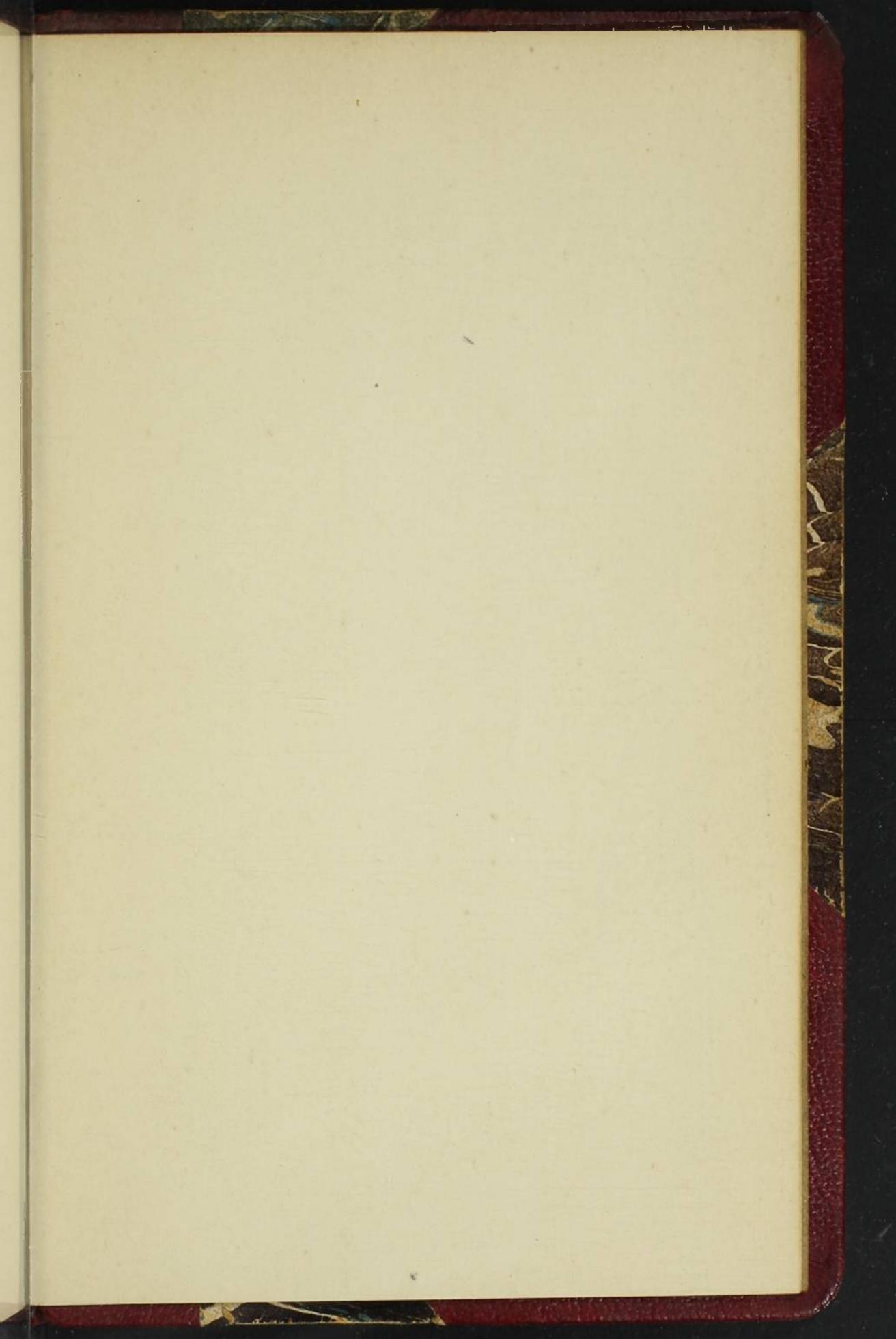


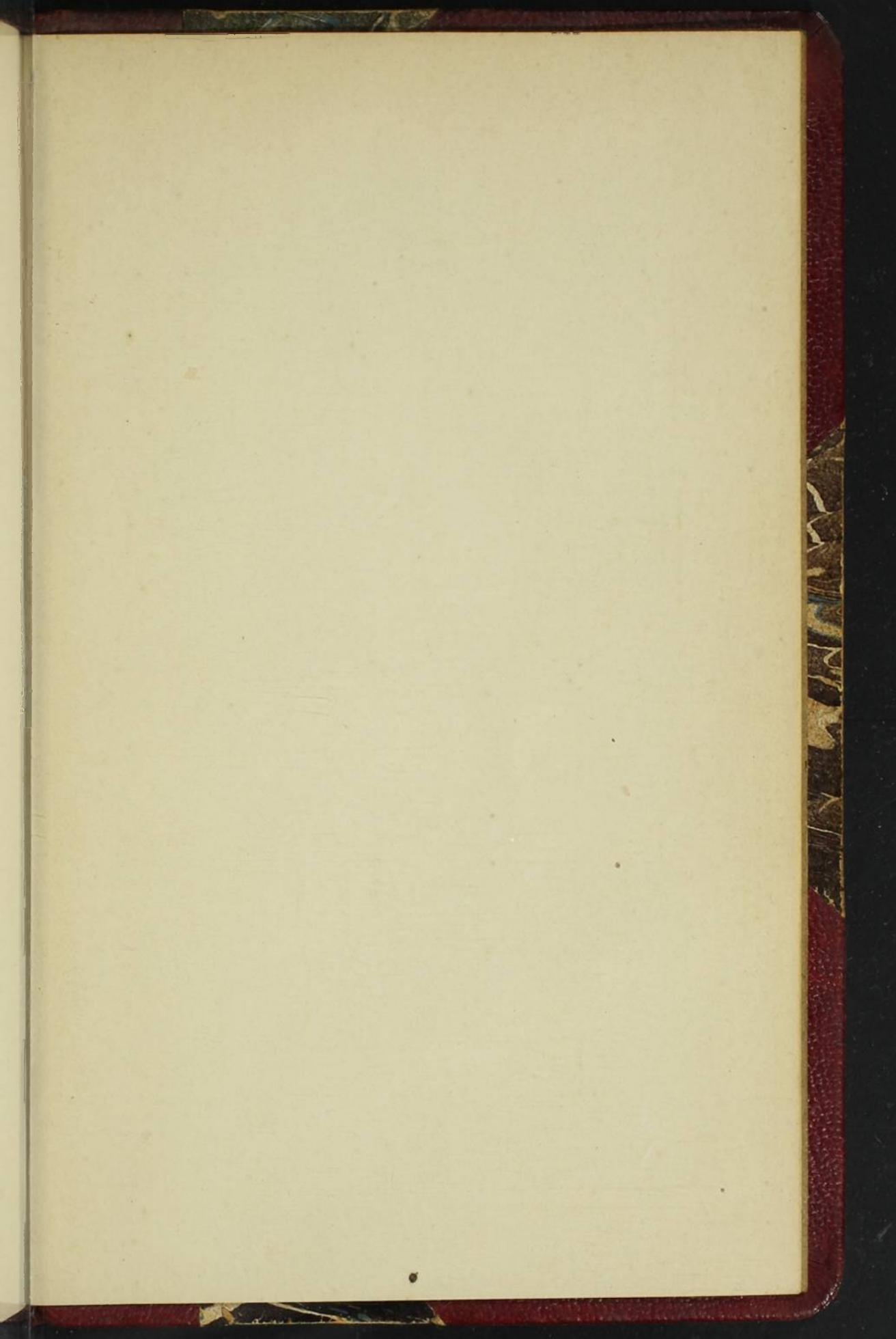


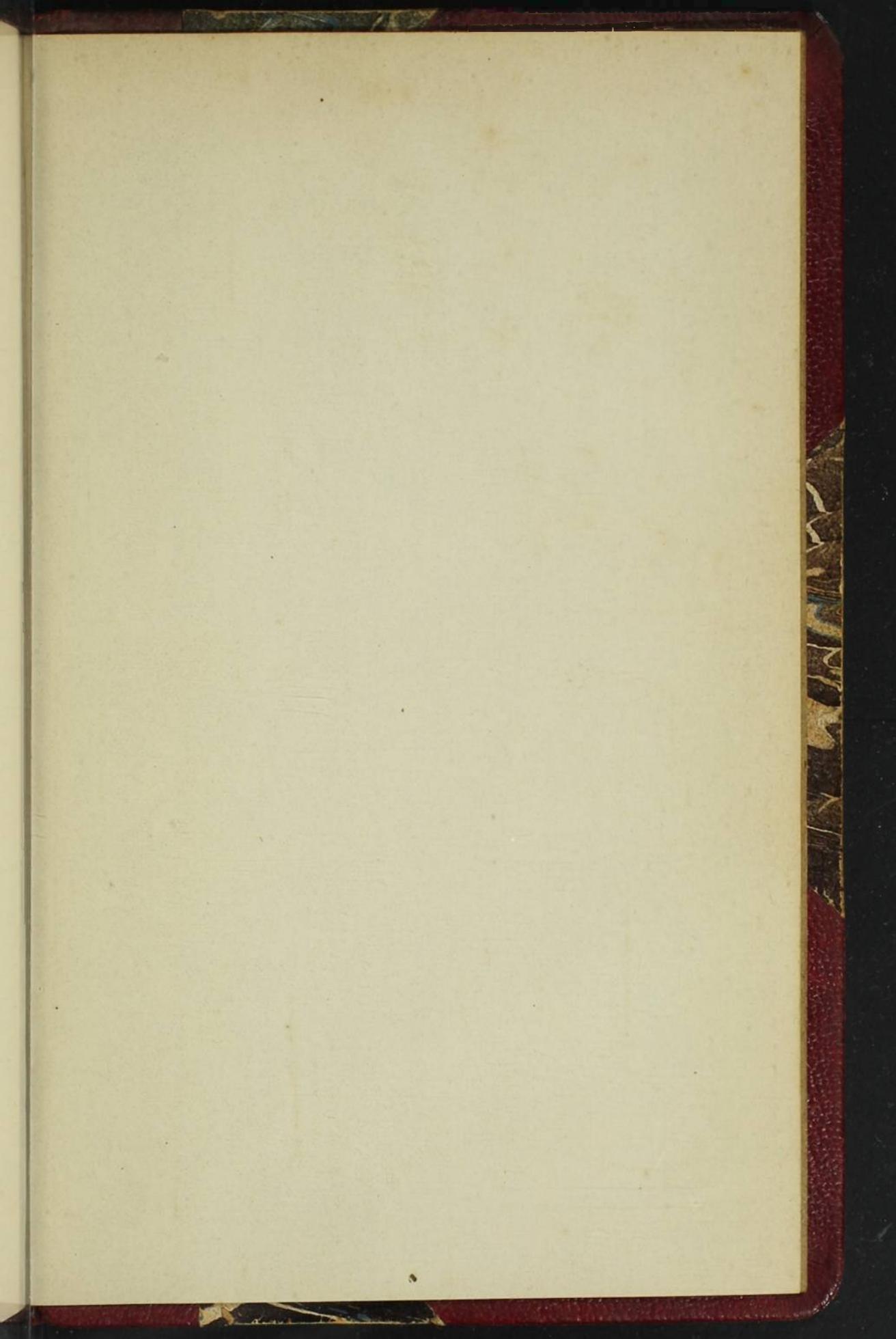




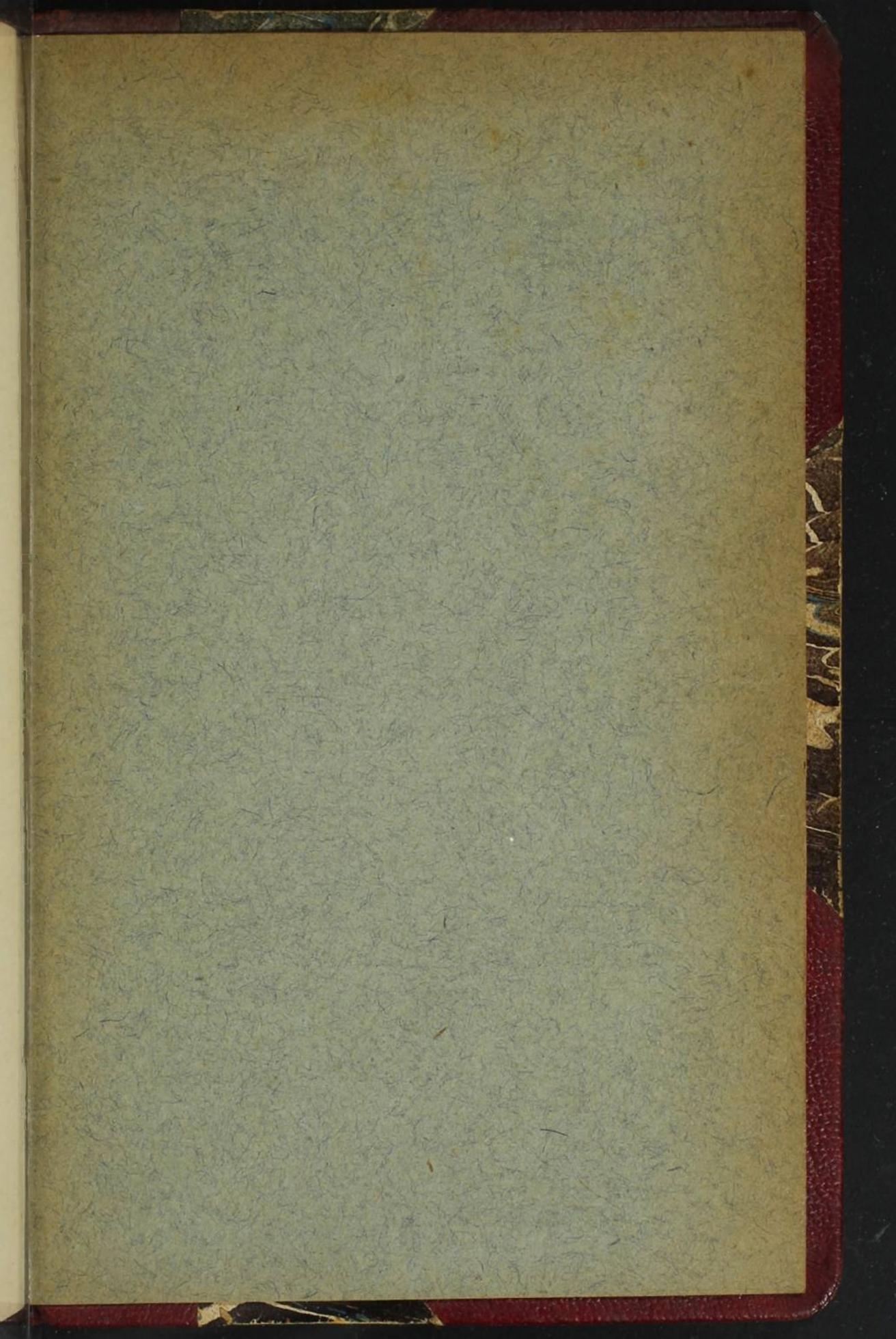








17528



6

